

UNIVERSIDADE DE LISBOA

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO



LISBOA

---

UNIVERSIDADE  
DE LISBOA

Representações dos Professores do Ensino Básico e Secundário  
sobre o Ensino à Distância para a Itinerância: Resultados de uma  
Pesquisa Exploratória

Rosa Maria Vilas Boas Chorão

**DISSERTAÇÃO**

MESTRADO EM EDUCAÇÃO

Área de Especialização em Tecnologias de Informação e  
Comunicação e Educação

2013

UNIVERSIDADE DE LISBOA  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO



Representações dos Professores do Ensino Básico e Secundário  
sobre o Ensino à Distância para a Itinerância: Resultados de uma  
Pesquisa Exploratória

Rosa Maria Vilas Boas Chorão

**DISSERTAÇÃO**

**Orientada pela Professora Doutora Maria Benedita de Lemos Portugal e Melo**

MESTRADO EM EDUCAÇÃO

2013

## **AGRADECIMENTOS**

Começo por afirmar que este trabalho só foi possível em grande parte devido à constante colaboração e apoio concedido pela minha orientadora, Professor Doutora Maria Benedita de Lemos Portugal e Melo. Agradeço a sua enorme disponibilidade e encorajamento constante para orientar este trabalho, bem como as críticas e o rigor exigido e o facto de procurar ter-me colocado no caminho certo sempre que me sentia sem rumo.

Mais pessoas merecem o meu destaque nos agradecimentos, respectivamente, todos os professores que possibilitaram a realização do presente trabalho, em especial a Dr.<sup>a</sup> Patrícia Alves e o Dr. Pedro Ucha por toda a sua disponibilidade e colaboração na disponibilização da informação necessária para a concretização desta investigação.

Agradeço ainda a todos os meus amigos que de alguma forma estiveram presentes durante a elaboração deste trabalho, não só pela amizade demonstrada mas fundamentalmente por me apoiarem de uma forma decisiva nas diversas etapas do seu desenvolvimento.

Para terminar, quero igualmente agradecer à minha querida e estimada família que sempre me incentivou e inspirou a enfrentar este desafio, pois sem o apoio deles a conclusão deste trabalho não seria possível.

## RESUMO

É sobre o Ensino à Distância para a Itinerância (EDI) que incide a presente investigação. A partir da realização de entrevistas semi-directivas a onze dos vinte e dois professores que leccionaram no EDI em 2011/2012, analisámos as percepções destes docentes sobre o seu papel neste contexto virtual de ensino e aprendizagem, procurámos compreender em que medida o modelo pedagógico do EDI fomenta a participação e o envolvimento de professores e alunos no processo de ensino-aprendizagem, comparativamente com o modelo escolar regular e tentámos aferir em que medida as metodologias de ensino utilizadas no ensino à distância reproduzem as práticas do ensino presencial ou, pelo contrário, traduzem uma nova forma de se praticar a profissão docente.

A análise aos resultados obtidos demonstra que o EDI possui características muito diferentes do ensino presencial, sobretudo na forma como se processa a interacção e a comunicação entre os professores e os alunos e na importância que é concedida à avaliação formativa. No entanto, os docentes que participam no EDI tendem a reproduzir as suas metodologias de ensino como se estivessem numa sala de aula convencional, independentemente das particularidades dos ambientes de ensino e aprendizagem à distância. Para a maioria dos professores entrevistados, este projecto, apesar de muito exigente do ponto de vista do exercício da actividade profissional, dada a sobrecarga de trabalho não lectivo que acarreta, constitui uma medida educativa política bastante positiva, pois torna possível aos alunos itinerantes concluírem a escolaridade obrigatória. Esta razão, a par da relação afectiva desenvolvida com os alunos, constituem alguns dos principais motivos que justificam o facto de a generalidade destes professores sentir-se muito gratificada com o exercício da sua actividade “à distância”, apesar de denunciar algum mal-estar perante as condições socioeconómicas e políticas que continuam a marcar o exercício da profissão docente.

**Palavras-Chave** – Ensino à distância para a Itinerância; Profissão docente; Plataformas de gestão do ensino à distância. TIC e educação.

## **ABSTRACT**

The Itinerant Teaching at Distance (ITD) is the subject matter of this case study. We interviewed eleven out of the twenty-two ITD 2011/2012 teachers and we analyzed these teachers' perceptions on their role on the ITD teaching and learning process. We tried to understand in what extent the ITD pedagogical method incentivizes the engagement of both teachers and students in the teaching and learning process by comparing it with the regular school method of teachers and students physically together in a real classroom. We also tried to know if ITD's teaching methods reproduce the ones from a typical classroom or, on the contrary, show how to teach in a different way.

The analysis of the results of this research work shows us that ITD has different characteristics, especially in the way how teachers and students get involved and interact with each other in a virtual context, as well as the importance of formative evaluation. Nevertheless, ITD teachers tend to reproduce their teaching methodologies as if they were physically in the classroom with their students, no matter how particular the ITD environment may be. Although this teaching project is highly ambitious and professionally demanding due to the working hours spent on the preparation of the teaching activities, the majority of the teachers consider it as a very positive one because it allows students to complete their education process. Along with this fact, the affectionate relationship between teachers and students is also one of the main reasons why teachers feel rewarded when teaching at distance in a virtual environment despite the social, economical and political conditions affecting their work as educators.

**Key-words** - Itinerant Teaching at Distance, Teaching, management platforms of teaching at distance, ITC and education.

## RÉSUMÉ

Le sujet de ce travail de recherche est justement l'Enseignement à Distance pour l'Itinérance (EDI). La réalisation d'interviewes semi-dirigées à onze des vingt-deux professeurs qui ont intégré l'EDI en 2011/2012, on a analysé les perceptions des professeurs sur leur rôle dans ce contexte d'enseignement/apprentissage, on a essayé de comprendre comment le modèle pédagogique de l'EDI promeut la participation et l'engagement de professeurs et d'élèves dans le processus d'enseignement/apprentissage, en comparant avec le modèle scolaire régulier, et on a essayé de comprendre si les méthodes d'enseignement utilisés dans l'EDI reproduisent les pratiques de l'enseignement présentiel ou, par contre, s'ils traduisent une nouvelle forme de se pratiquer la profession enseignante.

L'analyse des résultats obtenus nous montre que l'EDI a des caractéristiques très différentes de celles de l'enseignement présentiel, surtout dans la forme d'interaction et de communication entre professeurs et élèves et dans l'importance qui est accordée à l'évaluation formative. Pourtant, les enseignants qui participent à l'EDI reproduisent souvent les méthodes d'enseignement de la salle de classe conventionnelle, indépendamment des spécificités de ces ambiances d'enseignement à distance. D'après la majorité des enseignants interviewés, ce projet, malgré son exigence en ce qui concerne l'exercice de l'activité professionnelle car les professeurs ont une grande surcharge de travail hors les cours, c'est une mesure positive dans le système éducatif portugais parce qu'elle permet la conclusion de la scolarité obligatoire des élèves itinérants. Autre aspect positif est la relation affective développée avec les élèves. C'est pour cela que les professeurs se sentent très gratifiés et enrichis avec le travail développé dans ce type d'enseignement, même s'ils révèlent quelques sentiments d'insatisfaction face aux conditions politiques et socio-économiques associés à l'exercice de la profession enseignante.

**Mots-clés** – Enseignement à distance pour l'itinérance (EDI); profession enseignante; plateformes d'enseignement à distance, TIC et de l'éducation.

# ÍNDICE

Introdução .....	10
<b>Capítulo I</b> - Surgimento e desenvolvimento da “escola para todos” – medidas educativas em análise .....	15
1. O Desenvolvimento da Escola para Todos na Primeira República .....	16
2. O impacto das políticas educativas do Estado Novo no processo de escolarização para todos .....	19
3. Efeitos das políticas educativas no processo de escolarização” para todos” no período pós-25 de Abril de 1974 .....	22
4. A Lei de Bases do Sistema Educativo (Lei nº46/86) no processo de escolarização para todos .....	27
4.1. Projectos específicos que visam dar resposta ao problema do insucesso e abandono escolar .....	30
4.1.1. Territórios Educativos de Intervenção Prioritária (TEIP) .....	30
4.1.2. Currículos Alternativos (CA) .....	31
4.1.3. Programa Integrado de Educação e Formação (PIEF) .....	34
4.1.4. Cursos de Educação e Formação (CEF) .....	35
4.1.5. Outras medidas educativas para o combate ao insucesso escolar .....	37
4.1.6. Percursos Curriculares Alternativos (PCA) .....	30
4.1.7. Experiências escolares inovadoras .....	40
<b>Capítulo II</b> - O Projecto “Escola Móvel” actualmente designado como “Ensino à Distância para a Itinerância (EDI)” .....	45
1. Organização e funcionamento (Modelo pedagógico do EDI) .....	49
2. Utilização da tecnologia como ferramenta de interacção num contexto de ensino à distância .....	54
2.1. O Ensino <i>Online</i> ou <i>E-learning</i> .....	58
2.1.1. Potencial das plataformas de gestão de aprendizagem no ensino à distância... 63	
2.1.1.1. A Plataforma MOODLE .....	64
2.1.1.2. Ambientes e Comunidades Online .....	66
<b>Capítulo III</b> - Ser professor: desafios no processo de escolarização para todos .....	73
1. Como é visto actualmente o “ofício” de professor.....	74
2. Novas exigências no exercício da profissão docente .....	81
3. Impacto destas transformações no desempenho do “ofício” de professor – o mal-estar da classe docente .....	86
<b>Capítulo IV</b> - Abordagem metodológica e caracterização da amostra .....	95
1. Abordagem metodológica da pesquisa .....	96
2. Caracterização da amostra .....	100
<b>Capítulo V</b> - Representações dos docentes do ensino básico e secundário sobre o .....	103

1. Representações dos docentes sobre o ensino à distância e o ensino presencial: vantagens e limites do EDI .....	104
2. Ser professor à distância: concepções dos docentes sobre o exercício da sua profissão ..	119
3. Gestão e implementação do currículo escolar no EDI .....	132
<b>Capítulo VI – Conclusões .....</b>	<b>139</b>
Referências bibliográficas .....	144
<b>ANEXOS .....</b>	<b>150</b>
Anexo I - Guião de entrevista para os professores .....	152
Anexo II - Quadros de análise de conteúdo das entrevistas aos professores do EDI .....	156
Anexo III - Transcrição das entrevistas aos professores do EDI.....	213

## ÍNDICE DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1</b> - Taxa de retenção e desistência no Ensino Básico regular, por ciclo de estudo, em Portugal (%) - (1995/96 – 2007/2008) .....	29
<b>Gráfico 2</b> – Evolução do nº de alunos do EDI .....	47
<b>Gráfico 3</b> – Evolução do nº de alunos que frequentam o ensino à distância .....	47
<b>Gráfico 4</b> – Evolução do nº de professores do EDI .....	52
<b>Gráfico 5</b> – Evolução da Taxa de retenção dos alunos do EDI .....	53
<b>Gráfico 6</b> – Percentagem de professores em exercício contratados por ano lectivos .....	76
<b>Gráfico 7</b> – Percentagem de professores em exercício com formação académica de nível superior .....	77

# Introdução<sup>1</sup>

A escola enquanto organização promotora de igualdade de oportunidades no acesso escolar começa a ser “povoada” por alunos oriundos de grupos sociais que dela têm estado tradicionalmente afastados. Esta escola, caracterizada agora por uma forte heterogeneidade sociocultural, reúne motivações, interesses e capacidades de aprendizagem muito diferenciadas por parte dos alunos e confronta-se com o aparecimento de novos problemas a par das “velhas” questões como o insucesso e abandono escolar precoce.

No entanto, em Portugal, a implementação de políticas educativas conducentes à efectiva democratização do ensino e à “ (...) garantia de igualdade de oportunidades para todos os cidadãos no acesso à educação, permitindo que cada um, de acordo com os seus interesses e aspirações, possa beneficiar dos bens sociais e culturais existentes na sociedade” (Gaspar, 2003, p.19), tem sido marcada por sucessivos avanços e recuos. Aliás, para Lima (citado por Cruz, 2006, p.60), “ (...) a igualdade de acesso é uma condição necessária, mas não suficiente, para a realização da igualdade de oportunidades. Há não somente que assegurar o acesso, mas também que garantir oportunidades idênticas de sucesso (...)”.

Apesar dos inegáveis progressos actualmente registados na expansão da escolarização a todas as camadas da sociedade portuguesa, sustentados pela diversidade de políticas educativas adoptadas desde a implementação da I República (1910), a escola ainda não conseguiu responder de forma equitativa a todos os problemas emergentes da universalização da escolarização, nem assegurar uma efectiva igualdade de oportunidades no acesso e sucesso educativo.

Continua a verificar-se um abandono escolar precoce ao longo da escolaridade obrigatória que, de acordo com estudos efectuados, é resultante “ (...) de uma combinação de

---

<sup>1</sup> O presente texto foi redigido de acordo com as normas APA (2001) quer no que respeita à formatação, tipo e tamanho de letra, quer no que se refere às referências bibliográficas.

factores em que as condições sociais e culturais do meio de origem dos alunos e a dinâmica do mercado de trabalho circundante sobrelevam a lógica propriamente escolar” (Silva, 2003, p.176).

Isso não impede que a escola, compelida pelas diferentes mudanças ocorridas no mundo actual, se veja cada vez mais confrontada com a necessidade de dar resposta à heterogeneidade dos seus alunos, gerindo as diferenças, para que todos, independentemente das suas origens, possam aceder ao sucesso e traçar caminhos e objectivos futuros.

De facto, a heterogeneidade sociocultural dos alunos “ (...) obrigou a escola a pensar em estratégias pedagógicas alternativas para atender a necessidades educativas também elas diversas, no respeito pela singularidade dos alunos, mas também, de uma escolaridade comum e universal “ (Valentim, 1997 citado por Pintassilgo, 2003, p.138). Como afirma Benavente (2001) “a escola é a instituição mais generosa da democracia, capaz de assegurar a qualidade de aprendizagens para todos, de se modernizar e adequar à sociedade de informação e do conhecimento” (p.106).

Ora, os avanços tecnológicos emergentes têm desencadeado mudanças nos mais variados domínios da nossa sociedade, confrontando o sistema educativo com crescentes exigências, nomeadamente na implementação e aplicação de novas estratégias e novos modelos de ensinar e aprender. E a escola não tem ficado à margem do desenvolvimento tecnológico que caracteriza as sociedades actuais. Nesse sentido, as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) têm vindo, progressivamente, a ser incorporadas no processo de organização dos sistemas educativos e no próprio processo de ensino-aprendizagem.

Disso é exemplo concreto a criação, no ano lectivo 2005-2006, da Escola Móvel (projecto pioneiro a nível europeu), actualmente designada como Projecto de Ensino à Distância para a Itinerância (EDI), que foi criada para integrar, nos 2º e 3º ciclos do ensino

básico, uma população que se encontrava em elevado risco de insucesso e abandono escolar precoce: os alunos oriundos de famílias cuja actividade profissional é sujeita a deslocações permanentes, como é o caso da circense e da feirante.

Para Costa e Dias (2012), esta oferta formativa alternativa ao ensino presencial é a resposta a um grupo de alunos que “ (...) saltitavam de escola em escola, chegando a frequentar mais de vinte estabelecimentos de ensino no mesmo ano lectivo, impossibilitando um percurso escolar regular e a criação de laços com uma comunidade educativa (...)”, fruto da mobilidade profissional dos pais ou encarregados de educação (p. 3235).

O EDI integra-se, portanto, no conjunto de medidas desenvolvidas pelo Ministério da Educação e Ciência para dar resposta a grupos em situação de abandono e exclusão escolar, a par de outras medidas como os currículos alternativos, os territórios educativos de intervenção prioritária, os percursos curriculares alternativos, ou os cursos destinados a jovens adolescentes pouco escolarizados (cursos de educação e formação, cursos profissionais).

As mudanças e a implementação de constantes políticas educativas, nomeadamente no plano das diversas reformas do sistema educativo, têm vindo, por outro lado, a exigir aos professores, o exercício do seu “ofício” através de uma participação e intervenção diferenciada e diversificada no processo educativo.

O EDI que tem como principal finalidade assegurar e dar continuidade ao trabalho anteriormente desenvolvido pela Escola Móvel ao utilizar a tecnologia (plataforma de comunicação e interacção *online* - *MOODLE*) como espaço de ensino e aprendizagem à distância (sala de aula virtual) poderá implicar, justamente, um reequacionamento da profissão docente e uma alteração das práticas e metodologias de ensino mais tradicionais.

Pensando nos benefícios de um projecto como o EDI no combate ao insucesso e abandono escolar precoce considerámos, assim, que seria pertinente averiguar qual é a

opinião dos docentes que aí desenvolvem a sua actividade profissional sobre o potencial deste projecto para contribuir para a igualdade de oportunidades no acesso e sucesso escolar.

Para além disso, procurámos também, nesta investigação, analisar como os professores que aí desenvolvem a sua actividade profissional percebem o seu papel como docentes; compreender em que medida o modelo pedagógico do EDI fomenta a participação e o envolvimento de professores e alunos no processo de ensino e aprendizagem em comparação com o modelo regular e, por fim, aferir em que medida as metodologias de ensino utilizadas no ensino à distância reproduzem as práticas do ensino presencial ou traduzem uma nova forma de se praticar a profissão docente.

A presente dissertação, elaborada com o propósito de dar resposta aos objectivos descritos, foi organizada em seis capítulos que passaremos a descrever:

No capítulo I, efectua-se uma breve revisão da literatura sobre o surgimento e desenvolvimento da “escola para todos”, desde a I República até aos dias de hoje. Analisa-se, concretamente, o debate pedagógico que marcou a I república, as medidas educativas implementadas durante o estado novo e as transformações políticas que marcaram o sistema de ensino público entre 1974 e 1986. Centramos depois a nossa atenção nos projectos específicos que têm sido desenvolvidos, desde então, pelo Ministério da Educação com o intuito de dar resposta ao problema do insucesso e abandono escolar como é o caso dos Territórios Educativos de Intervenção Prioritária (TEIP); Currículos Alternativos (CA); Programa Integrado de Educação e Formação (CEF); Percursos Curriculares Alternativos (PCA); Projecto “Turma Mais” e o Projecto “Fénix”.

No capítulo II, apresenta-se o Projecto de Ensino à Distância para a Itinerância (sua organização e funcionamento) e analisa-se em que medida a tecnologia pode ser utilizada como ferramenta de interacção num contexto de ensino à distância. Reflecte-se sobre o potencial das plataformas de gestão de aprendizagem no ensino à distância, salientando

algumas das vantagens e limites da utilização desta tecnologia e apresentam-se os resultados de diversos estudos sobre estas matérias.

No capítulo III, centramo-nos na análise do exercício da profissão docente no actual processo de escolarização para todos e nos desafios e constrangimentos sentidos quotidianamente pelos professores do ensino básico e secundário. Analisando a imagem que actualmente é produzida sobre a profissão docente e os factores que contribuem para o mal-estar desta classe profissional, procuramos caracterizar o “ofício” de professor na contemporaneidade.

O capítulo IV é dedicado às questões metodológicas. Sendo o presente estudo de teor eminentemente qualitativo importou justificar as opções metodológicas adoptadas, bem como os instrumentos utilizados na recolha de dados e a caracterização da amostra.

Já no capítulo V, apresentam-se e analisam-se os resultados obtidos na pesquisa empírica, cruzando-se essa informação com a que foi apresentada nos capítulos anteriores para, no capítulo VI, darmos conta das conclusões obtidas e sugerirmos pistas de análise para investigações futuras.

Para além das referências bibliográficas, apresentam-se ainda, neste trabalho, um conjunto de anexos a saber: Anexo 1 - Guião de entrevista para os professores; Anexo II - Quadros de análise de conteúdo das entrevistas realizadas aos professores do EDI; Anexo III - Transcrição das entrevistas aos professores do EDI.

# **Capítulo I**

**Surgimento e desenvolvimento da “escola para todos” – medidas educativas em análise**

## **1. O Desenvolvimento da Escola para Todos na Primeira República**

A partir da Implantação da República em 1910, o Sistema Educativo Português começa a registar alterações significativas no sentido de se proceder à expansão da escolarização tal como hoje a conhecemos. Este processo trouxe para o debate público expressões como democratização do ensino, escola única, escola para todos, igualdade de oportunidades, escola de massas ou massificação do ensino (Ambrósio, 1981, Pires, 1989, Benavente, 2001, Pintassilgo, 2003), que importa explorar.

Para compreendermos estas expressões, temos de recuar na história e centrarmo-nos no tempo em que estas começaram a entrar no léxico das políticas educativas do país: primeiro na época subsequente à implementação do regime republicano, período em que a conceptualização dessas expressões integrou o debate educativo e, posteriormente, na segunda metade da década de oitenta do século XX – 1986 – data de publicação da Lei de Bases do Sistema Educativo e da instituição de novas medidas educativas no que respeita à efectiva democraticidade do acesso e sucesso educativo.

As primeiras manifestações republicanas no campo educativo são resultantes de um desinteresse da população portuguesa pela frequência escolar, havendo necessidade de actuar: (1) na defesa da escola única, à qual teriam acesso todas as crianças, independentemente da sua origem ou sexo, e da qual seria suprimida a influência da religião, não esquecendo, no entanto, as normas de moral, educação da sensibilidade, educação social, económica e cívica; (2) criação de escolas móveis oficiais nos locais onde não houvesse escolas fixas e no (3) combate ao absentismo construindo cantinas para alimentar os alunos mais carenciados, com o intuito de instituir e alargar a escolaridade básica, obrigatória e gratuita (Abreu e Roldão, 1989, p.46).

Como sublinha Pintassilgo (2003), estas manifestações pretendiam conduzir “ (...) à implementação de medidas conducentes à gratuidade e obrigatoriedade escolares no âmbito

da então chamada instrução primária, consideradas condição necessária à universalização da educação (...) “ (p. 120). Mais se acrescenta que estas transformações tinham como princípios ideológicos, edificar e sedimentar os alicerces do pensamento republicano, mas sobretudo o de alterar as mentalidades das novas gerações na defesa desses princípios.

Para Valentim (1997), apesar da escola republicana pretender formar bons cidadãos, educando-os nas virtudes e valores da república, por razões diversas, como as dificuldades de natureza financeira e a instabilidade política que caracterizaram este período da história, as políticas de alfabetização adoptadas revelaram-se um fracasso, pelo facto de não terem conseguido implementar e desenvolver um projecto educativo estatal (p.16-17).

Para Pintassilgo (2003), a democratização do ensino não fazia parte dos planos da República, mas “ (...) aspirava aquilo que Prost apelidou, pensando no caso francês, de democratização cívica da frequência escolar” (p. 121).

Para um dos pedagogos mais próximos da ideologia republicana, João de Barros, “(...) a escola tinha como função primordial produzir cidadãos esclarecidos e alfabetizados (...)”, concepção contraditória a um “(...) outro grupo de pedagogos e políticos, maioritariamente os adeptos da movimento Escola Nova, que defendiam que democratizar a escola não significava reduzir a função da escola a alfabetizar e socializar politicamente toda a população (Sebastião e Seabra, citados por Sebastião e Correia 2007, p.3).

O pensamento educativo deste período é marcado pelo debate em torno da expressão Escola Única, ideia que se encontrava ligada ao chamado movimento da Escola Nova.

Para Adolfo Lima (citado por Pintassilgo, 2003) o seu propósito é “ (...) prolongar e continuar a escola até ao nível mínimo do saber e educação que todos os seres humanos normais devem possuir” implicando a “(...) unificação do sistema de ensino até uma idade considerada adequada para o aparecimento de quaisquer especializações, designadamente as de natureza profissional” (p.125).

Para outros autores como Bento de Jesus Caraça, Álvaro Sampaio e Amado, a Escola Única consiste, para o primeiro, “ (...) numa reorganização completa dos sistemas educacionais nacionais”, tendo como pressuposto fundamental “ (...) a igualdade de todos perante a escola e também perante a cultura reivindicando uma gratuidade para todos os graus de ensino (...)”; para o segundo, esta escola tem como pressuposto a integração de todas as crianças na escola independentemente das suas condições económicas e sociais (princípio da igualdade de oportunidades). Já o terceiro, assinala que a Escola Única não é partidária de um ensino igualitário para todas as crianças durante todo o percurso escolar, nem no que respeita a dar a todas as crianças os mesmos ensinamentos, mas defende que a conclusão da escolarização não tenha por base as diferentes origens sociais e culturais (Pintassilgo, 2003, p.125-127).

Para Pintassilgo e Mogarro (2003), a Escola Única é conceptualizada como “ (...) uma forma de organização da escola de modo a que ela seja acessível a todos os seus membros em igualdade de condições, segundo as suas aptidões e competências e não segundo a sua situação económica e social”. De acordo ainda com estes autores (2003), a ideologia da Escola Única, apresentava “ (...) uma articulação estreita entre a concepção de igualdade de oportunidades no acesso à educação, mas defendia a selecção meritocrática dos alunos, dos melhores e mais capazes, com o objectivo de constituir uma elite dirigente” (p. 54).

A respeito do princípio de igualdade de oportunidades, Álvaro Sampaio defende que é da competência do Estado “ (...) o garante desse direito, não só através da gratuidade de todo o percurso escolar, mas também da atribuição de pensões especiais, no caso dos alunos capazes mas sem condições económicas”. (Pintassilgo, 2003, p.126).

Mas, “apesar da importância dada à educação na 1ª República, quer em termos ideológicos, quer legislativos (...), não se registam grandes avanços na escolarização durante a sua vigência” (Valentim, 1997, p.47).

Na verdade, durante este período da História, as frequentes quedas e tomadas do poder político dificultaram a prossecução das ideias republicanas no que concerne à democratização de frequência escolar.

## **2. O impacto das políticas educativas do Estado Novo no processo de escolarização para todos**

A política educativa adoptada pelo Estado Novo (1930-1960) irá provocar alterações significativas no sistema de ensino, sobretudo de carácter ideológico. Assim, numa primeira fase (1930-1936), as políticas implementadas pretenderam desmantelar o projecto educativo da escola republicana e, por conseguinte, lançar as bases do novo sistema de ensino, que se consolidaram durante o período em referência: (1) compartimentação do ensino (separação dos sexos e dos grupos sociais); (2) redução da escolaridade obrigatória; dos conteúdos programáticos e do nível de competências dos professores; (3) administração centralista e autoritária do sistema educativo, concretizada por via de um reforço dos mecanismos de inspecção e (4) desprofissionalização dos professores através da desvalorização das bases profissionais e científica da actividade docente. A segunda fase (1936-1947) é caracterizada por uma mudança na política educativa, nomeadamente na “tentativa de edificação da escola nacionalista, baseada numa forte componente de inculcação ideológica e de doutrinação moral” (Nóvoa, 1992, p. 458).

Mas, para fazer face à realidade que se segue ao final da Segunda Guerra Mundial, marcado por um contexto de evolução do sistema económico - terceira fase (1947-1960), período final do Estado Novo -, são tomadas medidas para adaptar o sistema educativo português a essas transformações e responder “ (...) ao aumento da procura da educação, de que são exemplo o alargamento da escolaridade obrigatória de quatro anos para seis anos, e à criação do ciclo preparatório do ensino secundário” (Pintassilgo, 2003, p.129).

Para Nóvoa (1992), esta fase é caracterizada pelas reformas do ensino liceal e do ensino técnico, bem como pelas medidas implementadas no âmbito do Plano de Educação Popular e o alargamento da escolaridade obrigatória, enquadrando esta política educativa em objetivos de crescimento económico e de industrialização do país (p.461).

Em relação à ideologia educativa do Estado Novo podemos inferir sumariamente que este período é caracterizado pela aclamação da “ignorância da população” como uma virtude a valorizar. A este propósito, Teodoro (2001) refere que “a escola, em particular a escola primária, é assumida como um instrumento privilegiado da legitimação da nova ordem social e política” (p.180).

Para Pintassilgo (2003), a adopção das políticas educativas enunciadas representou “(...) um retrocesso no processo de democratização da escola, pelo facto de a política educativa dominante ter assumido um carácter discriminatório da escola” (p.129).

No que diz respeito ao processo de implementação da escolaridade obrigatória, a publicação do Decreto-Lei nº45810, de 9 de Julho de 1964, assinala um momento significativo na consagração desse processo, pelo facto de, pela primeira vez, se instituir legalmente o seu alargamento para seis anos, embora para Abreu e Roldão (1989), seja perceptível que tal medida resulta bem mais de pressões internacionais e de resposta às tensões sectoriais do mercado de trabalho nacional, do que de uma vontade política empenhada e convicta da validade dos seus objetivos, não chegando mesmo a introduzir qualquer medida para reforço do cumprimento da escolaridade (p.49).

Contudo, é neste período em referência, com a chamada Reforma Veiga Simão (Lei nº5/73, de 25 de Julho), que se projecta desenvolver o processo tendente à unificação do ensino (no quadro de uma obrigatoriedade escolar prevista para oito anos) e a realização efectiva do princípio da igualdade de oportunidades (Amado, citado por Pintassilgo e Mogarro, 2003, p.56).

Relativamente a esta reforma, Lopes (2006) refere que esta “ (...) assentou num princípio fundamental que era o de romper com as orientações políticas educativas precedentes, que se fundamentava no postulado do ensino virado para a formação de uma elite dirigente (e das elites), reduzindo a oferta educativa ao escalão básico e dirigido à generalidade da população, tendo por objectivo dotar os cidadãos das competências do saber ler, escrever e contar” (p.39).

Neste quadro, a reforma em referência pretendia provocar alterações significativas no plano do ensino básico, a saber: (1) definia-se a escolaridade como obrigatória por um período de oito anos sem, no entanto, fazer referência à sua gratuidade; (2) estes oito anos subdividiam-se por quatro de ensino primário e quatro anos a serem ministrados em escolas preparatórias; (3) admitia-se a utilização da Telescola, enquanto não fosse possível assegurar a todos o ensino básico (Abreu e Roldão, 1989, p.54).

Para Abreu e Roldão (1989), surgiram vários obstáculos e limitações que impediram a cabal concretização da reforma, respectivamente: (1) a própria objecção ou a receosa reserva do regime, face ao salto qualitativo que o projecto da Reforma do Ensino representava; (2) as dificuldades de meios humanos e materiais para tornar realidade, em tempo útil, a desejada escolaridade de oito anos; (3) a insuficiência de apoios sociais previstos para o acesso de todas as crianças, de todos os meios, à escolaridade; (4) a não revogação de medidas discriminatórias dos alunos portadores de deficiência (p.56).

Convém, igualmente, realçar, que este regime empenhou-se no silenciamento e marginalização de alguns dos mais inovadores pedagogos portugueses e lançou as bases de uma pedagogia nacionalista, apropriando-se de algumas das ideias da Escola Única.

Apesar da implementação de medidas de natureza proibitiva, Émile Planchard, pedagogo de origem belga, “ (...) redige um manifesto em defesa da democratização do ensino, em que reclama o direito à educação a todos os membros da sociedade afirmando que

competia ao Estado a obrigatoriedade de vigiar o cumprimento da escolarização” (Pintassilgo, 2003, p.130). Identificado com a ideologia da Escola Única, Planchard fundamenta igualmente “ (...) a sua posição no direito à educação de todos os membros da colectividade, tendo em conta as suas potencialidades naturais independentemente da classe social de origem”, defendendo que “ (...) a ideia de escola para todos não é contraditória com a necessidade de uma selecção rigorosa ao longo do percurso escolar, selecção essa que teria por finalidade a formação de uma elite preparada para assegurar a direcção do país” (Pintassilgo e Mogarro, 2003, p.57-58).

Será, pois, em tono destes ideais que se verificou um decréscimo da taxa de analfabetismo em Portugal, a partir da década de 1960, materializada sobretudo à custa da redução da escolaridade obrigatória, da desvalorização profissional dos docentes e dos resultados ao nível das taxas de sucesso escolar que revelaram a ineficácia do sistema escolar, pelo facto de se ter procurado alfabetizar a população a baixo custo e nivelando por baixo.

### **3. Efeitos das políticas educativas no processo de escolarização” para todos” no período pós-25 de Abril de 1974**

No período pós-25 de Abril de 1974 irá assistir-se à operacionalização de um conjunto de mudanças na educação, traduzidas na proclamação de novas políticas educativas que contribuiram para uma morfologia diferente do público escolar e uma nova configuração da escola como instituição.

Tal como outros sectores, a educação em geral e a escola em particular não ficou imune à transformação social que ocorreu neste período da História Portuguesa, pretendendo-se, numa primeira fase, proceder a uma ruptura no processo de reforma educativa concebido pelo Ministro Veiga Simão, consagrada na Lei n.º 5/73, de 25 de Julho.

A este respeito, Lopes (2006), caracteriza os primeiros anos da Revolução de Abril, cognominado de período revolucionário, “(...) como uma época de medidas avulsas, unicamente com a preocupação de dotar de legitimidade democrática, pelo acolhimento na letra da lei, das realidades que a imaginação e o voluntarismo dos actores sociais ia trazendo ao contexto organizacional da escola” (p.44).

Passado este período, referenciado por vários autores como dos mais turbulentos períodos de toda a História da Educação em Portugal, verifica-se uma estabilização no sistema educativo resultante da aprovação da nova Constituição da República, em Abril de 1976, e da entrada em funções do I Governo Constitucional que, para Stoer, significou o retorno a uma certa ordem hierárquica nos estabelecimentos de ensino e nas salas de aula assim como à revisão de certos programas e cursos (Igreja, 2004, p.177).

Com efeito, o novo texto constitucional constituiu um referencial significativo no que concerne à consagração de princípios fundamentais do sistema educativo, como o “ (...) direito à educação, ao ensino e à cultura, com base no princípio da liberdade e igualdade de todos, em termos de oportunidade de acesso e de êxito” (Pintassilgo e Mogarro, 2003, p.59-60).

Passados quatro anos sobre Abril de 1974, ainda antes de existirem documentos legislativos sobre a escolaridade obrigatória, Grácio (1995), assinala que foram operacionalizadas transformações observáveis e globalmente positivas no sector educativo, salientando como mais relevantes a: (1) alteração, em todos os graus e ramos de ensino, dos conteúdos da aprendizagem, conformados por valores de modernidade científica e cultural, de pluralismo ideológico de inspiração democrática; (2) dignificação do estatuto pedagógico, social e cívico do professorado; (3) transformações das relações institucionais no aparelho do ensino, liberta de formas repressivas de autoritarismo político, administrativo e pedagógico, como a gestão escolar democrática, liberalização das relações educativas, inovação das

formas de avaliação escolar e prática instituída de diálogo com as autoridades educativas; (4) modificação dos objetivos propostos ao sistema de ensino nas suas relações com a sociedade global, intentando romper-se com o isolamento das escolas relativamente à comunidade envolvente e a subordinação aos interesses das minorias sociais; (5) cooperação do sistema de ensino na democratização da formação social, procurando alterar a sua função de reprodução e legitimação das desigualdades sociais e regionais (p.549-550).

De igual modo, Pintassilgo e Mogarro (2003) referem que foram implementados um conjunto de princípios pedagógicos inovadores, como: (1) transformações na formação de professores e revalorização do estatuto socioprofissional dos docentes; (2) desenvolvimento de planos de combate ao analfabetismo; (3) adopção de medidas de discriminação positiva em relação aos trabalhadores, como o ensino nocturno; a criação, no ensino primário, do regime de fases em substituição das classes; e (5) a unificação do ensino secundário, ambos na perspectiva da promoção de igualdade de oportunidades no sistema escolar (p.61).

Para Abreu e Roldão (1989), as novas concepções de igualdade de oportunidades no acesso à educação e, em particular, de garantia do cumprimento da escolaridade obrigatória, vinham sendo, desde 1974, objecto de inúmeras medidas pontuais. Contudo, só encontram expressão legal nos Decretos-lei n° 538/79 e n° 301/84, em que o primeiro regulamenta aspectos básicos da implementação da escolaridade obrigatória e da acção que compete ao Estado, como: (1) a extensão da responsabilidade do Estado, no que se refere à cultura e língua portuguesa; (2) a garantia de apoio às crianças portadoras de deficiência e do seu direito ao trabalho; (3) as componentes de gratuitidade; (4) as exigências do diploma da escolaridade obrigatória para o desempenho de organismos públicos ou privados; (5) o controlo de frequência escolar dos alunos abrangidos pela escolaridade obrigatória, condicionando-lhes a atribuição do abono de família (p.59-60). O Decreto-lei n° 301/84,

apresenta-se como um diploma regularizador do cumprimento da escolaridade, definindo, com pormenor, o princípio dos deveres dos encarregados de educação e dos alunos.

As mudanças significativas introduzidas no sistema escolar, e que de certa forma contribuíram para a sua democratização, de acordo com Ambrósio (1981) deram-se sobretudo ao nível do pré-escolar e nos ensinos básico e secundário, resumindo-as às seguintes áreas: (1) criação de condições para a não discriminação dos alunos ao nível do ensino primário (criação de fases) e consolidação das medidas conducentes à criação de um tronco comum nos dois primeiros anos do ensino secundário; (2) implantação de métodos pedagógicos, ensino, avaliação, orientação e inovação curricular no ensino primário e ciclo preparatório em concordância com a evolução dos conhecimentos no campo da educação e do saber científico e técnico; (3) medidas conducentes à orientação vocacional e preparação pré-profissional no 9º, 10º e 11º anos, procurando adequar a escola às necessidades de competência necessária ao desenvolvimento e à valorização social das carreiras técnicas; (4) introdução de práticas de gestão pedagógica e administrativa nas escolas com o objectivo de alcançar formas de participação democrática dos professores e alunos; (5) dignificação dos estatutos socioprofissionais dos professores (p.595-596).

No entanto, para Grácio (1995), não basta a criação de uma igualdade de oportunidades no acesso ao sistema de ensino para assegurar a democratização do ensino, mas é igualmente necessário tornar possível uma igualdade de oportunidades de sucesso ao longo do percurso escolar (p.204).

Embora no período em referência, a democratização do ensino tenha sido considerada uma prioridade nacional, Freitas (1998) admite que as importantes sementes dessa democratização foram lançadas mesmo antes da Revolução de Abril, as quais germinaram mal porque o solo não era propício a um bom desenvolvimento (p.36). Mais se acrescenta que a implementação de novas políticas educativas e um maior investimento na educação foram

consideradas “(...) desiguais e assimétricas, partilhando as dinâmicas e as dificuldades de uma democracia recente, procurando dar respostas a problemas de oferta, de acesso e de sucesso educativo sem projectos coerentes e continuados (Benavente, 2001, p.101).

No quadro desta conceptualização, Pinto (1995), refere que a democratização da educação tem sido uma das preocupações que insistentemente se expressam em qualquer sociedade democrática; no entanto, para a democratizar não basta abrir escolas, mas assegurar que todos os cidadãos tenham iguais condições de acesso e de sucesso escolar (p.9).

Apesar do período em referência ter representado o início da instauração em Portugal de um regime democrático e pluralista, foi necessário dar resposta a novos desafios educativos referenciado, em 1984, no relatório nacional elaborado pela Organização para a Cooperação Económica e Desenvolvimento (OCDE) sobre a política educativa, bem como preparar o país para integração na Comunidade Europeia.

Em resposta a esses desafios, Freitas (1998) enumera um conjunto de ideias que movimentaram o aparelho educativo pós-25 de Abril, a saber: (1) a implementação do sistema de fases no ensino primário, como meio privilegiado de combater *handicaps* sociais logo na entrada do primeiro nível escolar; (2) a institucionalização de um modelo de gestão dos estabelecimentos de ensino que assumisse teor participativo de professores, alunos e pessoal não docente; e (3) a abertura das escolas à comunidade (p.37).

Este autor (1998) refere, contudo, que apesar de estas ideias terem sido convertidas em realidades, o sistema educativo português continuou a ser injusto, especialmente porque demonstrava uma incapacidade de criar condições de igualdade no acesso e sucesso a todos os alunos, havendo por isso necessidade de implementar uma reforma da educação, uma vez que a Reforma Veiga Simão, que em momentos cruciais a legislação avulsa ia destruindo, por vezes com pouca coerência, nunca fora revogada (p.38).

Assim, o debate educativo centralizou-se sobretudo em dotar o sistema educativo português de legislação que definisse as grandes orientações da política educativa e procedesse a uma reorganização curricular para enfrentar os desafios da integração na Comunidade Europeia, e os da problemática do insucesso escolar, que acabariam por ser consagrados na Lei de Bases do Sistema Educativo (Lei nº 46/86, de 14 de Outubro), documento resultante de um amplo debate na sociedade portuguesa e aglutinadora da vontade política dos principais partidos com assento na Assembleia da República.

#### **4. A Lei de Bases do Sistema Educativo (Lei nº46/86) no processo de escolarização para todos**

Sem se deter numa análise exaustiva e pormenorizada à Lei supra referida, Carreira (1996) refere que este documento legal define um quadro amplo de princípios gerais e organizativos, ressaltando os seguintes: (1) reconhecimento do direito à educação e à cultura; (2) direito a uma justa e efectiva igualdade de oportunidades no acesso e sucesso escolares; (3) descentralização e diversificação das estruturas e acções educativas; (4) correcção das assimetrias e do desenvolvimento regional e local; (5) coeducação; e (6) contribuição da educação para promover o desenvolvimento do espírito democrático e pluralista, entre outras (p.204).

Para Benavente (2001), este documento legal consagra, igualmente, a obrigatoriedade da escolaridade básica para nove anos, dado revelador do contexto educativo português (p.101).

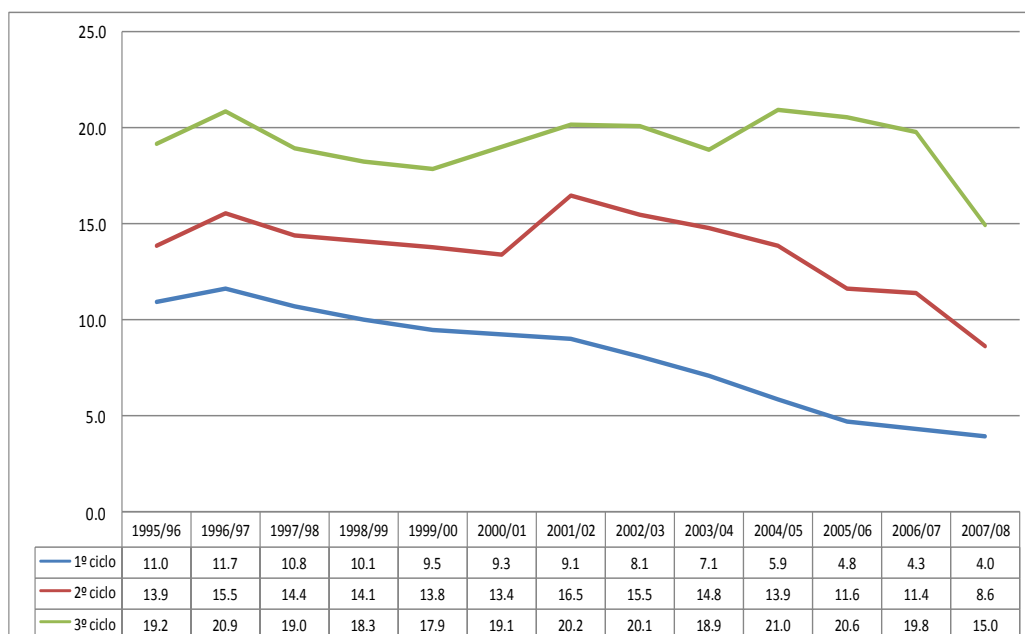
Mas o alargamento da escolaridade obrigatória leva para a escola alunos provenientes de grupos sociais tradicionalmente dela afastada. A heterogeneidade sociocultural do público estudantil e a diversidade de motivações, interesses e capacidades de aprendizagem começam a marcar a agenda dos assuntos educativos.

A este propósito, Branquinho (1999) defende que os problemas desencadeados pelo alargamento da escolaridade obrigatória são acompanhados por duas perspectivas diferentes. A primeira “ (...) considera que a igualdade de oportunidades na educação implica uma mesma escola para todos, com a mesma organização, as mesmas finalidades, os mesmos currículos implementados em escolas com o mesmo tipo de equipamento e leccionados por professores com idêntica formação”, enquanto a outra perspectiva institui “ (...) que a escola deve valorizar os diferentes grupos socioculturais a que pertencem os alunos, desenvolvendo-se de modo a tornar-se numa escola de massas”, organizada com “(...) uma estrutura curricular diversificada, conteúdo, métodos e pedagogias diferenciadas para conduzir ao sucesso escolar, adaptando-se quer às características dos diferentes grupos de alunos, quer mesmo aos diferentes alunos” (p.26).

Para Benavente (2001), a mudança da escola não é operacionalizada pelo facto de se mudar unicamente a legislação, mas pelo facto do Estado: (1) reequacionar o seu papel no que respeita à garantia de condições materiais e organizativas para uma efectiva igualdade de oportunidades; (2) dever estimular a autonomia das escolas e a divulgação de boas práticas, assegurando o suporte e apoio a iniciativas descentralizadas e diversas; e (3) ter que assumir um papel regulador de modo a que a diversidade de projectos de escolas e a sua autonomia não se traduzam em novas desigualdades e assimetrias (p. 108).

Desde a publicação da Lei de Bases do Sistema Educativo, o poder político tem procurado implementar políticas educativas para a prossecução do cumprimento da escolaridade obrigatória como uma das principais linhas de orientação governativa, uma vez que é, justamente, depois deste documento, que o insucesso e abandono escolar precoce adquirem o estatuto de problema educativo e social.

Apesar de nos últimos anos as taxas de insucesso e o abandono escolar terem vindo a decair, tal como se pode constatar pelo gráfico 1, constituem ainda um legado significado do atraso da expansão da escolarização de massas em Portugal.



**Gráfico 1** - Taxa de retenção e desistência no Ensino Básico regular, por ciclo de estudo, em Portugal (%) - (1995/96 – 2007/2008)<sup>2</sup>

De acordo com o Anuário Estatístico de Portugal 2009, no ano lectivo de 2008/2009, a taxa de retenção e desistência no ensino básico foi de 7,8%, sofrendo um decréscimo de 0,1% face ao ano lectivo anterior e de 5,4 %, relativamente ao ano lectivo 1998/1999. É no 3º ciclo do ensino básico que a taxa de retenção e desistência apresenta valores menos favoráveis, à semelhança do que já se verifica nos anos anteriores. No entanto, no ano lectivo 2007/2008 verifica-se uma forte descida dessa taxa (Instituto Nacional de Estatística, 2010, p. 102).

Na tentativa de fazer face a este problema, o Estado Português tem vindo a desenvolver diversas medidas que visam a criação de condições para que os alunos possam

<sup>2</sup>Dados retirados da publicação 50 anos e Estatística da Educação – Volume I – Portugal, 2009. Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação e Instituto Nacional de Estatística. Disponível em [http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine\\_publicacoes&PUBLICACOESpub\\_boui=82890475&PUBLICACOESmodo=2](http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=82890475&PUBLICACOESmodo=2).

acompanhar o quotidiano escolar e possam atingir o sucesso escolar à medida das suas capacidades. Entre estas medidas destacamos a constituição de Territórios Educativos de Intervenção Prioritária (TEIP 1 e TEIP2); a criação de Currículos Alternativos (individuais e para grupos/turmas); a atribuição de apoios pedagógicos individualizados; o Programa Integrado de Educação e Formação (PIEF); os Cursos de Educação e Formação (CEF) e a constituição de turmas com Percursos Curriculares Alternativos (PCA).

Vejamos quais os princípios que orientam a proclamação destas medidas educativas.

#### **4.1. Projectos específicos que visam dar resposta ao problema do insucesso e abandono escolar**

##### **4.1.1. Territórios Educativos de Intervenção Prioritária (TEIP)**

Em 1996 é publicado o Despacho nº147 – B/ME/96, de 8 de Julho que regulamenta a possibilidade de as escolas se associarem com vista à constituição de Territórios Educativos de Intervenção Prioritária. A constituição de escolas TEIP visa a integração social e educativa de alunos oriundos de contextos sociais carenciados, o que se pode constituir como risco de insucesso e de exclusão escolar?

Para Benavente (2001:113), a criação destes territórios educativos pretende: (1) melhorar o ambiente educativo e a qualidade das aprendizagens dos alunos; (2) integrar os três ciclos de escolaridade obrigatória, articulando-as com a educação pré-escolar e com a formação; (3) criar condições para ligar a escola à vida activa e (4) coordenar as políticas educativas numa determinada área geográfica e adequá-la à comunidade.

Em 2008, é publicado o Despacho Normativo nº55/2008, de 28 de Outubro que prevê a criação de um segundo programa de Territórios Educativos de Intervenção Prioritária (TEIP 2), com o objectivo de reforçar e desenvolver novos mecanismos de apoio para combater as desigualdades, de modo a fomentar a ligação da escola à comunidade envolvente.

De acordo com o Despacho Normativo em referência, a criação de TEIP 2 tem por finalidade “ (...) garantir a universalização da educação básica de qualidade e promover o sucesso educativo de todos os alunos e, muito particularmente, das crianças e dos jovens que hoje se encontram em situações de risco de exclusão social e escolar”, através da implementação de um programa que pretende assentar “(...) numa clara afirmação de uma dupla função da escola, por um lado, como entidade directamente responsável pela promoção do sucesso educativo que constitui uma condição básica para a equidade social e, por outro, como instituição central do processo de desenvolvimento comunitário”, bem como a prossecução de um conjunto de objetivos centrais, entre os quais destacaria: “a melhoria da qualidade das aprendizagens traduzida no sucesso educativo dos alunos; o combate ao abandono escolar e às saídas precoces do sistema educativo e a criação de condições que favoreçam a orientação educativa e a transição qualificada da escola para a vida activa”.

Para integrar os Territórios Educativos de Intervenção Prioritária, as escolas devem ter “(...) um elevado número de alunos em risco de exclusão social e escolar, identificados a partir da análise de indicadores de resultados do sistema educativo e de indicadores sociais dos territórios em que as escolas se inserem” (art. 2º do Despacho Normativo nº55/2008, 28 de Outubro).

#### **4.1.2. Currículos Alternativos (CA)**

Na sequência da implementação de medidas educativas de combate ao insucesso e abandono escolar, em 1996 é também publicado o Despacho nº22/SEEI/96, de 19 de Junho, que regulamenta a criação de grupo/ turmas com currículos alternativos, como “uma via inovadora e com inúmeras potencialidades na procura de soluções alternativas à diversidade de casos que não se enquadram quer no ensino regular quer no ensino recorrente”.

De acordo com o Despacho em referência, os Currículos Alternativos pretendem assegurar as aprendizagens fundamentais a alunos em situação de insucesso escolar repetido, problemas de integração na comunidade escolar, em risco de abandono da escolaridade básica e com dificuldades condicionantes de aprendizagem.

Para Santos (1999) este documento legislativo procura criar formas inovadoras de aprendizagem, integrando no plano curricular uma formação prática de âmbito artística, pré-profissional e profissional), “ (...) para que fossem dados a estes alunos possibilidades de sucesso, materializados segundo duas vertentes: por um lado, a conclusão da escolaridade obrigatória e a consequente obtenção de um diploma; por outro lado, o não abandono escolar precoce” (p. 77). Nesta linha de pensamento, Costa (2008), enuncia que a criação dos currículos alternativos é dirigida a “(...) grupos específicos de alunos do ensino básico que se enquadram no perfil dos potenciais casos de abandono, em que é preciso criar ambientes de aprendizagem mais adequados a todos os alunos, facilitadores do desenvolvimento de pedagogias diferenciadas” (p. 12).

Com a publicação do Despacho nº22/SEEI/96, de 19 de Junho, passam a coexistir, no sistema educativo, duas modalidades de currículos alternativos: a que resultou da publicação do Decreto-Lei nº319/91, de 23 de Agosto, e a veiculada no despacho supra mencionado. Ambos os documentos legislativos pretendem a inclusão de públicos de escolarização considerados mais difíceis divergindo, contudo, nos respectivos públicos-alvo e nas formas de aplicação (individual e colectiva). Enquanto o artigo 11º do Decreto-Lei nº319/91, de 23 de Agosto, regulamenta as alterações a fazer em cada caso, consoante as especificidades dos alunos categorizados como apresentando Necessidades Educativas Especiais (NEE), no caso dos currículos alternativos específicos e individualizados, o Despacho (em referência de 96), procura abranger uma população mais vasta, respectivamente, um grupo/turmas com

características específicas, nomeadamente, alunos com insucesso escolar repetido e em risco de concluir a escolaridade obrigatória.

Importa referir, no entanto, que anteriormente à publicação do Despacho em referência, “(...) já haviam experiências deste âmbito ao nível do ensino recorrente para grupos específicos de alunos, regulamentadas pela Portaria 243/88, de 19 de Abril, e pelo Despacho nº12/SEEI/96, de 19 de Junho”, com o intuito de procurar superar dificuldades detectadas nos processos de aprendizagem” (Courela, 2007, p. 185). Neste sentido, o Despacho nº22/SEEI/96, apenas pretendeu conferir enquadramento legal a uma multiplicidade de experiências que estavam a ser desenvolvidas a nível das escolas.

Mas, a criação de turmas de currículos alternativos gerou, aquando da publicação do despacho supra mencionado, uma forte controvérsia entre várias personalidades ligadas ao sector da educação. Os autores Stoer, Cortesão, Azevedo, Niza, Rodrigues, Marchantinho e Pires (citados por Santos, 1999) manifestaram-se contra a criação dos CA defendendo que “a forma de a escola lidar com a heterogeneidade não pode passar pela separação dos alunos ditos ‘diferentes’, dado os riscos de estigmatização e de discriminação por grupos sociais/étnicos que tal envolve e que são claramente contrários ao espírito que a Lei de Base Sistema Educativo (LBSE) atribui à escolaridade básica” (p. 73).

Outro autor com parecer desfavorável à constituição de CA é Pacheco (citado por Courela, 2007) que assinala que os caminhos da diversificação curricular se apresentam consagrados nos documentos legislativos, entendidos como “ (...) formas curriculares orientadas para a discriminação negativa dos alunos e não para a flexibilização dos projectos de formação “ (p. 183).

Já os autores Benavente, Regateiro, Vieira; Vasconcelos e Aurélio, manifestaram-se a favor dos CA, defendendo a ideia de a que organização escolar, tendo em conta a sua diversidade populacional deve considerar “(...) a criação de turmas ou grupos que permitam à

escola um atendimento mais personalizado e que ofereça um currículo que corresponda mais aos interesses e se adapte melhor às suas necessidades”, reconhecendo que “esta solução não é segregadora, na medida em que, sem ela, estes alunos seriam excluídos da escola, o que seria a medida mais segregadora de todas” (citado por Santos, 1999, p. 73). Igualmente a favor da criação de turmas de CA, Quintela (citado por Courela, 2000) defende que estas turmas são maioritariamente constituídas por alunos indisciplinados, “ (...) expulsos, que já abandonaram a escola ou estão prestes a fazê-lo e não tencionam regressar, sendo a oportunidade de frequentarem uma turma com currículo alternativo a última que o sistema educativo lhes oferece” (p. 183-184).

Para Sammer (2000), o que está em causa com a criação de turmas com currículos alternativos “ é a procura de novas formas de organização do currículo, do espaço e do tempo escolar, novas formas de relação com o saber, novas formas de entender a natureza humana dos alunos e, com isto, novas formas de operacionalizar as verdadeiras finalidades do ensino básico” (p. 248).

#### **4.1.3. Programa Integrado de Educação e Formação (PIEF)**

No seguimento da implementação de medidas que visem o cumprimento da escolaridade obrigatória, no ano de 1999 é publicado o Despacho Conjunto nº 882/99, de 28 de Setembro, revisto e reformulado pelo Despacho Conjunto nº 948/2003, de 26 de Setembro, que regulamenta a criação do Programa Integrado de Educação e Formação. De acordo com o Despacho Conjunto nº 948/2003, de 26 de Setembro, ponto 2, “ o PIEF tem como objectivo favorecer o cumprimento da escolaridade obrigatória a menores e a certificação escolar e profissional de menores a partir dos 15 anos, em situação de exploração de trabalho infantil (...)”.

Para Costa (2008), este programa constitui-se “ (...) como uma segunda oportunidade para a escolarização, inserindo-se numa das medidas do programa de eliminação do trabalho infantil” (p. 12).

Considerada como uma medida de inclusão social, o PIEF operacionaliza-se através da elaboração de um Plano de Educação e Formação (PEF) individualizado, constituído por uma componente de escolarização e outra de formação. A primeira pretende assegurar o cumprimento da escolaridade obrigatória e a segunda favorece a orientação vocacional de acordo com os interesses e expectativas dos alunos, desenvolvido em articulação com entidades públicas e privadas da comunidade local, de forma que as actividades da componente de formação sejam consideradas adequadas às aprendizagens que se pretendem assegurar, privilegiando-se os critérios de natureza pedagógica, a integração e a inclusão social.

Este programa é da responsabilidade dos Ministérios da Educação e da Segurança Social e do Trabalho, competindo ao primeiro assegurar a realização das acções de integração em percurso escolar regular ou em percursos de educação e formação profissional inicial. Ao segundo, compete assegurar a realização das acções de integração em percursos formativos ou em percursos de educação e formação profissional inicial. Compete ainda a este Ministério garantir respostas sociais no âmbito sócio-familiar e em equipamentos e serviços de apoio à família, à infância e juventude em articulação com entidades parceiras e o apoio psicossocial a menores e famílias em situação de carência social (Despacho Normativo nº948/2003, de 26 de Setembro, ponto 13).

#### **4.1.4. Cursos de Educação e Formação (CEF)**

Em 2004, é publicado o Despacho Conjunto nº 453/2004, de 27 de Julho, que regulamenta a criação de Cursos de Educação e Formação (CEF), como resposta ao “(...)

elevado número de jovens em situação de abandono escolar e em transição para a vida activa, nomeadamente dos que entram precocemente no mercado de trabalho com níveis insuficientes de formação escolar e de qualificação profissional, (...)”. Assim, e tendo presente o referido despacho, os CEF pretendem ser mais uma oportunidade para a conclusão da escolaridade obrigatória (1º ciclo, ou o 2º ciclo, ou o 3º ciclo do Ensino Básico) e para a obtenção de qualificações profissionais, devidamente certificadas, destinado, preferencialmente, a jovens com idades igual ou superior 15 anos, podendo ainda serem admitidos jovens com idade inferior à referida, desde que autorizada a sua frequência pelo Director Regional de Educação.

Os Cursos de Educação e Formação podem ser ministrado nas escolas básicas e secundárias da rede pública, nas escolas profissionais, nos centros de formação do Instituto do Emprego e Formação Profissional (IEFP) e ainda em entidades privadas acreditadas pelo Instituto para a Qualidade na Formação (IQF).

No que concerne à estrutura curricular, os CEF integram quatro componentes de formação, nomeadamente, a componente de formação sociocultural, científica, tecnológica e prática, privilegiando uma estrutura acentuadamente profissionalizante, bem como os referenciais definidos pelo Ministério da Educação, de acordo com cada tipo de curso.

A conclusão de um CEF, com total aproveitamento, confere uma certificação escolar equivalente ao 6º ano (nível 1), 9ºano (nível 2) ou 12º ano de escolaridade (nível 3) ou ainda um certificado de competências escolares e uma qualificação profissional nos níveis supra mencionados. Caso um aluno no final do 9º ano de escolaridade (nível 2) pretenda frequentar no ensino secundário um curso científico-humanísticos terá de realizar os exames nacionais de língua portuguesa e de matemática. No que respeita ao prosseguimento de estudos para o ensino superior, aos alunos que frequentarem um CEF no nível secundário, é exigido igualmente a realização de exames finais nacionais em condições idênticas às estabelecidas para os cursos profissionais de nível secundário.

#### **4.1.5. Outras medidas educativas para o combate ao insucesso escolar**

Na sequência dos programas aqui referenciados, em 2005 é publicado o Despacho Normativo nº50/2005, de 9 de Novembro, com o intuito de possibilitar às escolas a reorganização do trabalho escolar de modo a otimizar as condições de aprendizagem de todos os alunos do ensino básico. Entre as medidas que visam a criação de condições para reforçar o combate ao insucesso escolar e o abandono precoce do sistema educativo, o referido Despacho preconiza a elaboração, pelas escolas básicas, de planos individualizados de recuperação, de acompanhamento e de desenvolvimento. Para efeitos do presente despacho normativo, art. 2º, o plano de recuperação pressupõe a implementação de um conjunto de actividades concebidas no âmbito curricular e de enriquecimento curricular, como: a) aplicação de uma pedagogia diferenciada na sala de aula; b) programas de tutoria para apoio a estratégias de estudo, orientação e aconselhamento do aluno; c) actividades de compensação em qualquer momento do ano lectivo ou no início de um novo ciclo; d) aulas de recuperação; e e) actividades de ensino específico da língua portuguesa para alunos oriundos de países estrangeiros.

Estas actividades são desenvolvidas na escola ou sob sua orientação, de modo a que contribuam para que os alunos adquiram as aprendizagens e as competências consagradas nos currículos em vigor do ensino básico. A concepção deste plano ocorre quando os alunos, após a avaliação do 1º período lectivo, revelem dificuldades de aprendizagem que possam comprometer o seu sucesso escolar ou que não tenham desenvolvido as competências necessárias no 1º ciclo, ou que tenham obtido três ou mais níveis inferiores a três nos restantes ciclos do ensino básico.

Em relação à implementação do plano de acompanhamento este ocorre aquando da retenção do aluno em resultado da avaliação sumativa final do respectivo ano de escolaridade ou em caso de retenção repetida (Despacho Normativo nº 50/2008, art. 3º). Tal como o plano

de recuperação, o de acompanhamento pode incluir um conjunto diversificado de estratégias pedagógicas, bem como adaptações programáticas das disciplinas em que o aluno tenha revelado dificuldades (Despacho Normativo nº 50/2008, art. 3º, ponto 3). Mais se acrescenta que a elaboração deste tipo de plano é sujeita a aprovação do Conselho Pedagógico para que seja aplicado no ano escolar seguinte.

O plano de desenvolvimento é concebido para alunos que revelem capacidades excepcionais de aprendizagem, podendo integrar as seguintes actividades de âmbito curricular: (1) pedagogia diferenciada na sala de aula; (2) programa de tutoria para apoio a estratégias de estudo, orientação e aconselhamento do aluno e (3) actividades de enriquecimento em qualquer momento do ano lectivo ou no início de um novo ciclo (Despacho Normativo nº 50/2008, art. 5º).

Todos os planos aqui apresentados são planeados, realizados e avaliados, quando necessário, em articulação com outros técnicos de educação, envolvendo os Pais ou Encarregados de Educação e os alunos.

Atendendo ao Relatório Síntese elaborado por Gil (s/d) sobre a aplicação do Despacho Normativo em apreço, elaborado por cada uma das cinco Direcções Regionais de Educação – Direcção Regional de Educação do Norte (DREN), Direcção Regional de Educação do Centro (DREC), Direcção Regional de Educação de Lisboa e Vale do Tejo (DRELVT), Direcção Regional de Educação do Alentejo (DREA) e Direcção Regional de Educação do Algarve (DREALG) – a partir dos dados fornecidos pelas escolas da respectiva região, no ano lectivo 2007-2008, foram aplicados, maioritariamente, planos de recuperação, os quais foram implementados em maior número no 3º ciclo, seguido o 2º ciclo e, por fim, o 1º ciclo do ensino básico. No que concerne aos planos de acompanhamento, a distribuição por ciclo é idêntica ao dos planos de recuperação, verificando-se uma maior incidência no 3º ciclo. Quanto aos planos de desenvolvimento é escasso o número de alunos a que fora aplicado,

sendo, no entanto no 3º ciclo que se verifica um maior número, seguido o 1º ciclo que apresenta um valor ligeiramente superior ao 2º ciclo do ensino básico.

Dos planos de recuperação aplicados é o 2º ciclo que apresenta a taxa de transição mais elevada (77%), sendo os valores do 1º ciclo (74%) e do 3º ciclo (73%) muito próximos. Relativamente aos planos de acompanhamento, o 3º ciclo apresenta a maior taxa de retenções, 30%, seguido do 2º ciclo com uma taxa de 27% e o 1º ciclo com 13%.

Apesar da evolução positiva constatada nos resultados da aplicação do Despacho Normativo nº50/2008, conclui-se, no Relatório Síntese, que os resultados estão muito aquém das expectativas, nomeadamente no que concerne às altas taxas de retenção dos alunos com planos de recuperação e de acompanhamento (p. 18-20).

#### **4.1.6. Percursos Curriculares Alternativos (PCA)**

Dando continuidade à implementação de medidas em prol do princípio da igualdade de oportunidades de acesso e sucesso escolar, em 2006, é publicado o Despacho Normativo nº 1/2006, de 6 de Janeiro, que prossegue uma medida iniciada pelo poder político em 1996 (Despacho nº22/SEEI/96, de 19 de Junho – Currículos Alternativos), com o intuito de permitir às escolas a flexibilização de organização e gestão do currículo para alunos que revelem insucesso escolar repetido ou problemas de integração na comunidade educativa.

Assim, o Despacho Normativo nº 1/2006, de 6 de Janeiro preconiza a constituição a constituição de turmas com Percursos Curriculares Alternativos (PCA). De acordo com a legislação em referência, no ponto nº 2, os PCA “(...) destinam-se aos alunos até aos 15 anos de idade, inclusive, que se encontrem em qualquer das seguintes situações: (a) ocorrência de insucesso escolar repetido; (b) existência de problemas de integração na comunidade escolar; (c) ameaça de risco de marginalização, de exclusão social ou abandono escolar e (d) registo de dificuldades condicionantes de aprendizagem, nomeadamente: forte desmotivação, elevado

índice de abstenção, baixa auto-estima e falta de expectativas relativamente à aprendizagem e ao futuro, bem como o desencontro entre a cultura escolar e a sua cultura de origem”.

Em relação à estrutura curricular dos PCA, esta é praticamente idêntica à estrutura dos percursos curriculares normais, acrescida de uma formação artística, pré-profissional ou profissional que permita uma abordagem no domínio das artes e ofícios, das técnicas ou das tecnologias em geral. Tendo em consideração a especificidade dos alunos que integram os PCA e a necessidade de promover um processo de aprendizagem mais individualizado, a constituição de turmas poderá ter como um número mínimo 10 alunos (Despacho Normativo nº 1/2006, anexo II, ponto 8).

No que respeita ao prosseguimento de estudos, os alunos que no final do 9º ano de escolaridade concluíram com aproveitamento um percurso curricular alternativo organizado ao abrigo do disposto no despacho normativo em referência, podem frequentar um dos cursos de nível secundário de educação. No entanto, se esses alunos pretenderem prosseguir os estudos em cursos científico-humanísticos é exigido a realização de exames nacionais nas disciplinas de Português e Matemática.

Com a publicação do presente despacho é revogado o Despacho nº22/SEEI/96 que durante uma década foi aplicado pelas escolas a alunos mais velhos e, que no momento actual, encontra respostas mais profícuas em cursos que conferem qualificação profissional, tais como os Cursos de Educação e Formação (CEF). Outra das respostas preconizada no presente despacho normativo é a possibilidade de se criarem turmas de PCA numa fase mais precoce do processo de aprendizagem (1º, 2º e 3º ciclos do ensino básico).

#### **4.1.7. Experiências escolares inovadoras**

Independentemente das medidas políticas oficiais, tem-se verificado a mobilização de escolas e dos professores na concepção e implementação de projectos específicos, adequados

aos contextos de aprendizagem e às dificuldades reveladas pelos alunos, como é o caso dos Projectos “Turma Mais” e Projecto Fénix, exemplos de boas práticas para o sucesso escolar dos alunos.

O projecto “TurmaMais” foi lançado em 2002 numa Escola do 3º ciclo e Secundária no Alentejo. A estratégia pedagógica deste projecto assenta na constituição de uma turma sem alunos fixos, mas que integra temporariamente um grupo de alunos provenientes das várias turmas do mesmo ano de escolaridade, que vão circulando entre cinco a seis vezes por ano lectivo. Assim, cada grupo de alunos que integra esta turma, fica sujeito a um tempo de trabalho semelhante ao da sua turma de origem, com a mesma carga horária e o mesmo professor por disciplina. Mais se acresce que cada grupo de alunos continua a trabalhar os conteúdos programáticos desenvolvidos pela sua turma de origem, podendo beneficiar de um apoio mais individualizado, dadas as características relativas à homogeneização do nível de conhecimentos e ao ritmo de aprendizagem do grupo, sem sobrecarga de horas semanais. Pelo facto de ter produzido resultados muito positivos e sustentados ao longo do tempo, mas sobretudo por ter contribuído para reduzir de forma assinalável o insucesso escolar, a estratégia metodológica concebida por este projecto foi alargada a outras escolas do Alentejo<sup>3</sup> (cf. M.E., 2009).

O Projecto Fénix, a funcionar desde 2008, numa Escola Básica sita na Póvoa do Varzim, tem como principal objectivo a conclusão da escolaridade obrigatória, sem retenções e com o menor número de níveis negativos para todos os alunos. Para cumprimento deste objectivo, a escola concebeu um modelo organizacional, em que são criadas duas turmas Fénix, para cada ano de escolaridade dos 2º e 3º ciclos do ensino básico, nas quais são incluídos alunos com maiores dificuldades ao nível da aprendizagem. Para estas turmas, foram definidas três disciplinas a ter intervenção: Língua Portuguesa, Matemática e uma

---

<sup>3</sup> “M.E. (2009). *Boletim dos Professores* (15). Lisboa: Ministério da Educação”.

terceira área curricular disciplinar a ser seleccionada de acordo com as necessidades dos alunos, como a disciplina de Inglês ou de Físico-Química. Os alunos que tenham mais dificuldades nestas disciplinas são apoiados, de acordo com o seu nível de conhecimentos, em grupos de pequena dimensão, denominados de “ninhos”. Se progredirem nas aprendizagens, passam a permanecer na Turma Fénix e, se a melhoria for significativa, podem transitar para outra turma do mesmo ano de escolaridade. Os alunos com um melhor aproveitamento escolar são igualmente contemplados neste projecto, através da criação de um “ninho” de excelência, desenvolvido de acordo com a mesma metodologia utilizada para os outros ninhos. Importa também referir que ambos os projectos são apoiados e monitorizados por Instituições de Ensino Superior<sup>4</sup> (cf. M.E., 2009).

Reconhecendo o interesse e importância deste tipo de projectos, o Ministério da Educação, em Março de 2009, lançou uma iniciativa intitulada “Mais Sucesso Escolar”. De acordo com a informação divulgada no endereço electrónico deste Ministério (<http://www.min-edu.pt>), o “Mais Sucesso Escolar” é um programa de apoio ao desenvolvimento de projectos de escola para a melhoria dos resultados e do sucesso escolares e redução do abandono no ensino básico. Para se candidatarem, as instituições escolares públicas do ensino básico têm de elaborar um projecto de recuperação dos resultados escolares em que deve constar um conjunto de informações, da qual se destacam os objetivos a atingir nas classificações internas no final de cada ano lectivo, nos exames/prova de final de ciclo, bem como a identificação das estratégias de intervenção para cada problema/dificuldade existente (Anexo ao Regulamento dos Projectos, Capítulo II, art. 3º, ponto 2).

Os projectos aprovados têm a duração de quatro anos lectivos e são supervisionados por dois organismos, respectivamente, o Gabinete de Gestão Financeira e o Gabinete de

---

<sup>4</sup>M.E. (2009). *Boletim dos Professores* (15). Lisboa: Ministério da Educação. (*Idem*)

Avaliação Educacional (GAVE) do Ministério da Educação. O primeiro assegura o acompanhamento técnico e pedagógico, bem como o controlo financeiro; o segundo organismo assegura o acompanhamento e aferição da evolução das competências adquiridas e dos resultados escolares dos alunos (Anexo ao Regulamento dos Projectos, Capítulo II, art. 3º, ponto 2)<sup>5</sup>.

Em síntese, com vista a garantir o cumprimento universal da escolaridade obrigatória e o sucesso escolar da população juvenil que está integrada no sistema, o Estado Português, desde a publicação da Lei de Bases do Sistema Educativo em 1986, tem vindo a implementar uma multiplicidade de medidas políticas, como a (1) constituição de Territórios Educativos de Intervenção Prioritária (TEIP); (2) a criação de Currículos Alternativos (individuais e para grupos/turmas); (3) a atribuição de apoios pedagógicos individualizados; (4) o Programa Integrado de Educação e Formação (PIEF); (5) os Cursos de Educação e Formação (CEF); (6) a constituição de turmas com Percursos Curriculares Alternativos (PCA); e (7) a mobilização de escolas e dos professores na concepção e implementação de projectos específicos, adequados aos contextos de aprendizagem e às dificuldades reveladas pelos alunos, como é o caso dos Projectos “Turma Mais” e Fénix, exemplo de boas práticas para o sucesso escolar dos alunos.

No entanto, até 2005 as medidas e iniciativas anteriormente elencadas não tinham ainda conseguido abranger toda a população em idade escolar, em particular os alunos designados como itinerantes, oriundos de famílias cuja actividade profissional é sujeita a deslocações permanentes, como é o caso da circense e da feirante, entre outras. Na sequência dessa mobilidade, crianças e jovens oriundos dessas famílias frequentavam um elevado número de

---

<sup>5</sup>É igualmente importante referenciar a intervenção de outras instituições na implementação de programas de apoio a medidas de combate ao insucesso e abandono escolares, como a Fundação Calouste Gulbenkian que, em 2005, lançou um concurso a nível nacional dedicado à problemática do insucesso e abandono escolares.

escolas ao longo de um mesmo ano lectivo, o que, por si só, constitui uma situação potenciadora de insucesso e abandono escolar precoce.

Ucha (2010, citado em Costa e Dias, 2012), refere que “ (...) estas crianças e jovens saltavam de escola em escola, chegando a frequentar mais de vinte estabelecimentos no mesmo ano lectivo, impossibilitando um percurso escolar regular e a criação de laços com uma comunidade educativa, o que acabava por comprometer o sucesso escolar e traduzir-se em elevadas taxas de abandono” (p. 3235).

Como resposta a esta lacuna e com a finalidade de generalizar o direito de todos os jovens à educação e à igualdade de oportunidades é implementado, em 2005, um projecto de ensino à distância, inicialmente designado como Escola Móvel, actualmente como Ensino à distância para a itinerância (EDI), que visa justamente a integração deste tipo de população escolar na escola.

## **Capítulo II**

**O Projecto “Escola Móvel”  
actualmente designado como “Ensino  
à Distância para a Itinerância (EDI) ”**

Para Costa e Dias (2012), o EDI constitui uma forma de ensino alternativa ao ensino presencial, na medida em que permite ao alunos “(...) ter os mesmos professores e colegas ao longo do ano lectivo, através do acesso a uma plataforma de comunicação e interacção *online*, em tempo real (e diferido), e lhes proporciona o cumprimento da escolaridade obrigatória desde o 5º ano de escolaridade até ao final do ensino secundário, neste caso, através de frequência de cursos profissionais” (p.3235).

Na realidade, o EDI utiliza uma plataforma tecnológica de gestão da aprendizagem (a Moodle) como “sala de aula” que, de acordo com as informações disponibilizadas no sítio da internet do Ministério de Educação, representa “ (...) a resposta possível para garantir o direito de todos os jovens à educação e à igualdade de oportunidades”.

Objecto de estudo desta investigação, o EDI é, pois, suportado por uma metodologia de ensino à distância, utilizando a tecnologia como principal ferramenta de comunicação e interacção, de modo a otimizar mecanismos de aprendizagem e avaliação dos alunos.

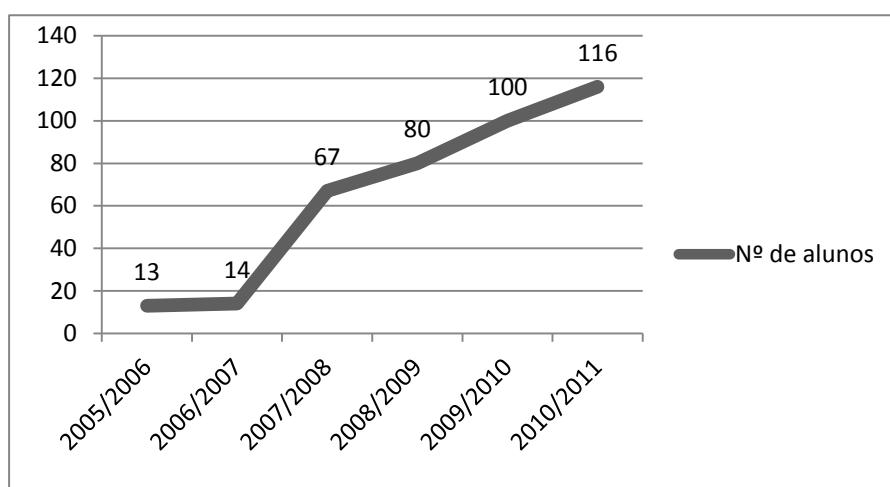
Este projecto iniciou a sua actividade no ano lectivo 2005/2006, apenas com alunos do 3º ciclo do ensino básico, tendo sido alargado ao 2º ciclo e a alunos com mais de 15 anos no ano de 2006/2007. Em 2007/2008, passaram a integrar o projecto, pela primeira vez, as jovens da Instituição Ajuda de Mãe, uma Instituição Particular de Solidariedade Social que surgiu na década de noventa com o objetivo de apoiar mulheres grávidas e mães sós ou em dificuldades<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup>De acordo com a informação divulgada na página eletrónica ([www.ajudademaie.pt/quemsomos/missao](http://www.ajudademaie.pt/quemsomos/missao)), esta instituição tem como missão: (1) informar, encaminhar e acolher grávidas; (2) formar as mães para a concretização de uma maternidade plena, que contribua para um desenvolvimento saudável dos seus filhos; (3) promover a qualificação escolar das mães, de modo a que adquiram pelo menos a escolaridade obrigatória; (4) promover a reinserção social e profissional das mães, tornando possível e mais qualificada a sua entrada no mercado de trabalho e a sua reinserção na sociedade; e (5) apoiar à família.

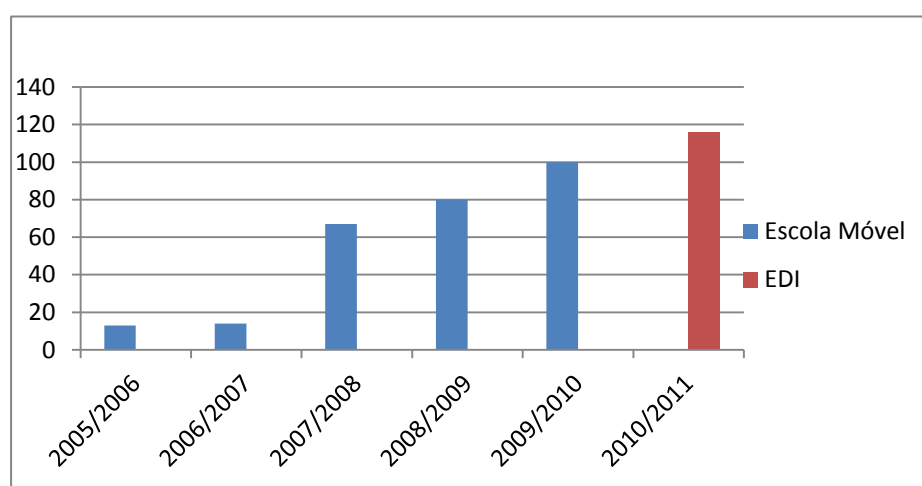
A frequência destas jovens no EDI “tem como objectivo conferir qualificação escolar a jovens grávidas e mães em risco de abandono escolar ou que tenham mesmo abandonado a escola recentemente”.

Conforme se pode observar no gráfico nº 1 e nº 2 em baixo apresentados, podemos constatar uma evolução significativa do número de alunos matriculados neste tipo de ensino entre 2005 (total de 13 alunos) e 2011 (total de 116 alunos) no EDI.



Fonte: DGDIC/ME

**Gráfico 2 – Evolução do nº de alunos do EDI**



Fonte: DGDIC/ME

**Gráfico 3 – Evolução do nº de alunos que frequentam o ensino à distância**

Com a publicação da Portaria nº 835/2009 de 31 de Julho, em 2009, a Escola Móvel passa a ser considerada como estabelecimento público de âmbito nacional que ministra o ensino básico e secundário, em regime de ensino a distância, através de um projecto educativo diferenciado, tendo como referência o currículo nacional em vigor no sistema educativo português. A institucionalização da Escola Móvel enunciada na referida Portaria, assentou na necessidade de enquadrar legalmente uma escola de tipologia específica, que se diferencia das restantes escolas portuguesas ao proporcionar contextos de aprendizagem à distância a um público escolar específico que não encontra no ensino presencial regular (convencional) resposta adequada às características da mobilidade familiar.

Em 2010, sensivelmente um ano depois da publicação da referida Portaria é publicado um novo documento legislativo, a Portaria nº 812/2010 de 26 de Agosto, que extingue a entidade institucional denominada Escola Móvel (que tinha o estatuto de escola pública), mantendo, contudo, a oferta formativa de ensino à distância, a iniciar no ano lectivo 2010/2011, adstrita a um novo projecto chamado agora “Ensino à distância para a itinerância”, sob a responsabilidade da Direcção Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular (DGDIC). Neste projecto, os alunos itinerantes encontram-se veiculados a um conjunto de escolas de referência, em diversos pontos do país, com o intuito de permitir nos momentos presenciais a sua socialização, o acompanhamento dos seus percursos de aprendizagem, a frequência das disciplinas de Educação Física e de Educação Musical, a realização de exames, bem como garantir o acesso a recursos físicos diversificados, como a biblioteca escolar, equipamentos desportivos e tecnológicos, instalados nessas escolas de referência.

Em síntese, o projecto de Ensino à Distância para a Itinerância pretende assegurar a conclusão da escolaridade obrigatória aos alunos itinerantes, sendo

alicerçado na matriz curricular que a Escola Móvel vinha aplicando. Importa, assim, darmos conta do modo como se estrutura o modelo pedagógico do EDI.

## **1. Organização e funcionamento (Modelo pedagógico do EDI)**

O projecto educativo do EDI pretende responder às características da população escolar, nomeadamente as necessidades e expectativas específicas dos alunos e das suas famílias, ao aprofundar formas consistentes de relação entre os planos curriculares e a especificidade dos alunos, através da implementação de um percurso curricular alternativo<sup>7</sup>. Mais se acrescenta que este projecto pretende ser um instrumento de gestão curricular facilitador da introdução de dinâmicas de mudança, que propicie a realização de aprendizagens numa perspectiva de escola de sucesso para todos, respeitando o desenvolvimento das competências essenciais, preconizadas no currículo nacional do Ensino Básico. Em relação à organização e gestão do currículo, o plano curricular do EDI é constituído pelas “ (...) disciplinas vigentes no currículo nacional, à excepção da educação física e educação musical, embora com uma abordagem adequada à especificidade do regime de ensino e aprendizagem a distância e às próprias características da comunidade escolar que abrange” (Costa e Dias, 2012, p. 3236).

Deste modo, o plano curricular do EDI é constituído pelas seguintes disciplinas e domínios de formação: Português, Inglês, Matemática, Passado e Mundo Actual (Geografia e História), Universo e a vida (Ciências da Natureza – 2º ciclo, Ciências Naturais e Físico-Química – 3º ciclo), Espanhol, Comunicação e Expressões (Educação Visual e Tecnológica e Educação Visual) e Ensino Secundário – veja-se **Quadro 1**

---

<sup>7</sup> Portaria nº 835/2009 de 31 de Julho que regulamenta a Escola Móvel como estabelecimento público de ensino de âmbito nacional.

<b>Organização e gestão do currículo</b>	
<b>Ensino à Distância para a Itinerância</b>	<b>Escola Regular</b>
<b>Domínios de formação</b>	<b>Áreas curriculares disciplinares</b>
Português Língua Estrangeira I (Inglês) e II (Espanhol) Passado e Mundo Actual (História e Geografia)	Português Língua Estrangeira I e II História e Geografia de Portugal História Geografia
Matemática O Universo e a Vida (Ciências da Natureza, Ciências Naturais e Físico-Química)	Matemática Ciências da Natureza Ciências Naturais Físico-Química
Comunicação e Expressões (Educação Visual e Tecnológica e Educação Visual)	Educação Musical Educação Visual Educação Tecnológica Educação Física

**Quadro 1 – Planos Curriculares do EDI e escola regular**

Tal como sucede no ensino presencial, no EDI os alunos têm um horário preestabelecido para cada disciplina, atribuído aos alunos no início de cada ano lectivo.

Importa ainda destacar que, em comparação com o desenho curricular da escola presencial, a tutoria é uma área curricular não disciplinar obrigatória do EDI, com o objectivo de acompanhar e orientar a aprendizagem, motivar os alunos no seu percurso escolar e ouvir os alunos em relação a críticas e/ou problemas individuais. Acrescem a estes Objectivos a constituição de espaços de tutoria que pretendem também contribuir para o desenvolvimento pessoal e social numa perspectiva da formação integral do aluno<sup>8</sup>.

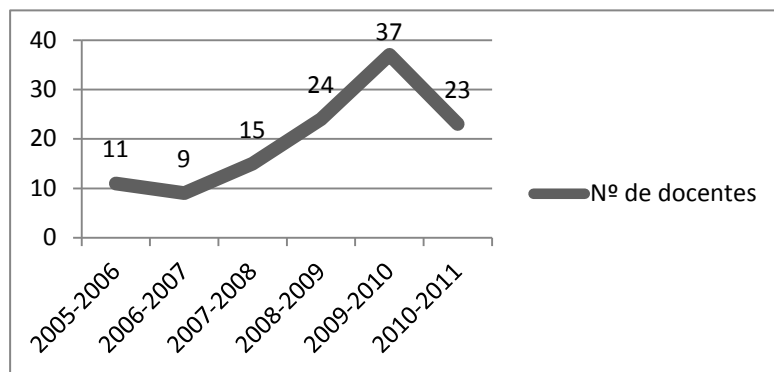
O processo de contratação dos professores que leccionam no EDI é legitimado pelo Decreto-Lei nº 35/2007, de 15 de Fevereiro que regulamenta as alterações introduzidas pelo Decreto-Lei nº 20/2006, de 31 de Janeiro, ao regime jurídico do concurso para selecção e recrutamento do pessoal docente da educação pré-escolar e dos ensinos básicos e secundário. O presente documento legal consagra a possibilidade de

<sup>8</sup> Portaria nº 835/2009 de 31 de Julho, artigo 3º, ponto 4 alínea d).

utilização de outras formas de vinculação para o exercício temporário de funções docentes no desenvolvimento de projectos oficialmente aprovados de enriquecimento curricular ou de combate ao abandono e insucesso escolar e, por conseguinte, a ampliação de situações em que é possível a contratação directa dos docentes, através de um instrumento de recursos mais eficaz e flexível que permita às escolas seleccionar o candidato com perfil ajustado às necessidades ocasionais resultantes do respeito pelo plano de actividades ou projecto educativo. Assim, a contratação destes professores pressupõe que sejam professores de quadro de escola, de agrupamento de escolas ou professores de quadro de zona pedagógica colocados por concurso nacional nas escolas mas requisitados para o exercício de funções docentes para trabalhar no EDI, ao abrigo do regime de mobilidade previsto no Decreto-Lei nº 15/2007, de 19 de Janeiro, Capítulo IX, artigo 67º, ponto 1 – Estatuto da Carreira Docente. Já os professores contratados são colocados através de concurso de contratação local de professores/oferta de escola, ao abrigo do Decreto-Lei nº 35/2007, de 15 de Fevereiro.

De acordo com a legislação que regulamenta o Estatuto da Carreira Docente, estes professores são requisitados, no caso dos primeiros, e destacados, no caso dos segundos, por um ano escolar, eventualmente prorrogáveis até ao limite de quatro anos escolares (artigo 69º, ponto 1), por despacho do membro do governo responsável pela área da educação, autorizando este regime de mobilidade. Este membro é igualmente responsável por fixar o período durante o qual podem, em cada ano escolar, ser requeridos a requisição e o destacamento dos professores (artigo 71º, ponto 3).

Tal como se pode constatar no gráfico 3, desde 2005/2006 que se regista um aumento significativo no recrutamento de professores, factor resultante do aumento do número de alunos matriculados.



Fonte: DGDIC/ME

**Gráfico 4 – Evolução do nº de professores do EDI**

Apesar da frequência das aulas se operacionalizar em contexto à distância, os alunos têm de se deslocar a uma escola diariamente. Regra geral, estes alunos vão para a biblioteca/mediateca da escola situada no local onde se encontram a residir temporariamente e é neste espaço que acedem ao EDI para frequentar as aulas. Durante a sua frequência na escola convencional, o aluno é acompanhado por um professor, designado também como tutor, que é o responsável por o acompanhar e ajudar no trabalho proposto bem como de o integrar no contexto escolar.

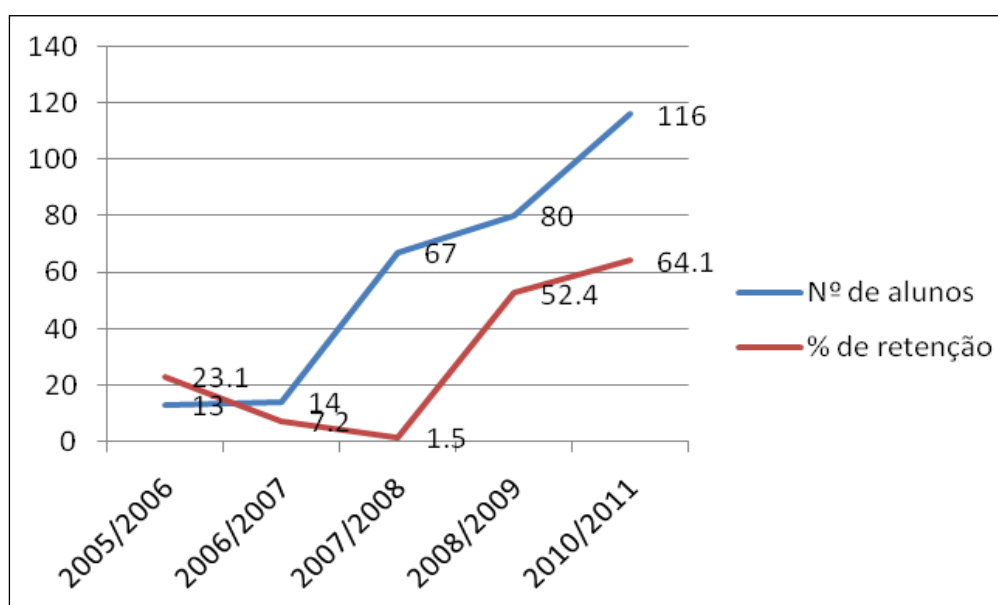
A avaliação destes alunos é operacionalizada no cumprimento da legislação em vigor, tal como os alunos do ensino presencial. Têm, portanto de se submeter à avaliação sumativa interna e à avaliação sumativa externa. O processo de avaliação sumativa interna é da responsabilidade dos professores e dos órgãos de gestão da escola. A avaliação sumativa externa é da responsabilidade do Ministério da Educação e Ciência e compreende a realização de provas finais de ciclo no 6º e 9º ano de escolaridade, nas disciplinas de Português e Matemática e os exames nacionais no secundário<sup>9</sup>. Para a realização destas provas e exames os alunos têm de se deslocar às escolas de referência, em diversos pontos do país, consoante o nível de ensino que estejam a frequentar.

<sup>9</sup>Despacho normativo nº 24-A/2012, de 6 de Dezembro de 2012.

No que concerne aos resultados escolares dos alunos, podemos inferir que a taxa de retenção no EDI tem sofrido alterações desde o ano lectivo 2005/2006. Aliás, como podemos observar no gráfico 5, a taxa de retenções começou por ser de 23,1% no ano lectivo 2005/06, descendo nos dois anos lectivos, 2006/07 e 2007/08, mas subindo novamente nos anos seguintes para valores superiores a 50%.

De acordo com o Relatório de aproveitamento escolar referente ao ano lectivo de 2010/2011<sup>10</sup>, a taxa de retenção do 2º e 3º ciclo do ensino básico deve-se mais à exclusão por faltas dos alunos (29,5%) do que à falta de aproveitamento escolar propriamente dita (34,6%).

A leitura deste relatório permite-nos constatar que dos 29,5% de alunos que ficaram retidos por exclusão de faltas, 25% são alunos itinerantes (circenses e feirantes).



Fonte: DGDIC/ME

**Gráfico 5** – Evolução da Taxa de retenção dos alunos do EDI

<sup>10</sup>Fernando Albuquerque Costa (2012). Relatório de aproveitamento escolar referente ao ano lectivo de 2010/2011

A que se deve esta subida das taxas de retenção? Que estratégias têm sido desenvolvidas neste Projecto para se ultrapassarem estes resultados? Estas questões não são alvo de análise neste estudo, mas consideramos que deveriam ser objecto de uma investigação posterior.

Nesta pesquisa exploratória pretendemos antes responder às seguintes questões:

1. Analisar como os professores que trabalham no EDI percebem o seu papel como docentes neste contexto de aprendizagem;
2. Compreender em que medida o modelo pedagógico do EDI fomenta a participação e o envolvimento de professores e alunos no processo de ensino-aprendizagem em comparação com o modelo convencional;
3. Aferir em que medida as metodologias de ensino utilizadas no ensino à distância reproduzem as práticas do ensino presencial ou traduzem uma nova forma de se praticar a profissão docente.

## **2. Utilização da tecnologia como ferramenta de interacção num contexto de ensino à distância**

Como já foi referido, o EDI é suportado por uma metodologia à distância e utiliza a tecnologia como recurso de interacção e comunicação no contexto de ensino e aprendizagem.

Neste sentido, importa aqui elencar as vantagens e constrangimentos da utilização da tecnologia no contexto escolar convencional, mas sobretudo num contexto à distância, tal como ele é desenvolvido e implementado pelo EDI.

A evolução tecnológica e o advento da Internet, através do seu grande potencial de interacção e comunicação, têm vindo a dar lugar à construção de novos espaços pedagógicos e, portanto, a outras formas de conceber o processo de ensino e

aprendizagem bem como, porventura, a um novo conceito de Escola (Amarante, Quintas-Mendes, Morgado e Pereira, 2008, p. 103).

Solicita-se actualmente à escola que assuma uma nova identidade, integrando gradualmente as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) no contexto de ensino e aprendizagem, através da adopção de práticas diferenciadoras no desenvolvimento de competências e capacidades ligadas ao progresso tecnológico, para que, enquanto organização formativa, possa desenvolver eficazmente a construção de uma sociedade para todos sem lugar à exclusão.

Neste contexto de evolução tecnológica, Miranda, Morais e Dias (2007), observam que o ambiente de aprendizagem “ (...) adquiriu novas dimensões, deixando de estar associado a um intervalo temporal ou a um espaço físico bem definidos, para assumir variáveis novas assentes não só nas características tecnológicas, como também na flexibilidade temporal e espacial”, permitindo a qualquer aluno aprender em qualquer hora e em qualquer local (p. 577).

Também Moran (2005), afirma que “ensinar a aprender está a ser desafiado pela evolução tecnológica, pelo facto de podemos aprender de muitas formas, em lugar diferentes, de formas diferentes” (p. 69).

Deste modo, considera-se que a escola ao ser confrontada com esta realidade, não deve ficar à margem das inovações tecnológicas, a fim de que o seu papel formativo contribua para uma melhor integração dos alunos na sociedade. A este respeito, Morais (2006) sublinha que “(...) a sociedade necessita de uma escola que procure e fomente uma educação moderna apostada na formação de cidadãos autónomos, responsáveis e solidários, na medida em que a educação é crucial na construção de uma sociedade baseada na informação, no conhecimento e na aprendizagem” (p. 53). Nesta linha de pensamento, Flores e Flores (2007), defendem que a escola deve “ (...) procurar novos

modelos de prática pedagógica com recurso às TIC que promovam contextos e competências diversificadas de forma a acompanhar a tendência global da actualidade, de reagir com maior flexibilidade, rapidez e competência a fim de formar gerações capazes de responderem aos desafios de uma sociedade exigente e em constante mudança” (p. 492).

Para Rosa (2000), ensinar com as TIC e com as múltiplas potencialidades que lhes estão associadas, exige à escola uma mudança no processo de ensinar e de aprender, “ (...) renovando as formas de acesso aos conhecimentos e oferecendo novas formas de aprendizagem” com o intuito de formar cidadãos livres, autónomos e responsáveis (secção As TIC na escola: que condições?, par 2).

No que concerne à apropriação das TIC no processo educativo, devem ser consideradas pelos professores como mais um recurso pedagógico, tendo em linha de conta o impacto que começam a ter “ (...) na criação de novos contextos de aprendizagem obrigando a repensar e a redefinir novas metodologias de trabalho, a reinventar a escola” (Flores e Flores, 2007, p. 492).

Para além disso, os professores são confrontados, igualmente, com outros desafios, nomeadamente os relacionados com a aquisição e desenvolvimentos de competências e capacidades ligadas à inovação na construção de materiais pedagógicos; o manancial de fontes de informação disponíveis e o recurso a metodologias mais activas e participativas.

Para Costa (2008), a escola no seu todo e os professores em particular, são hoje chamados a responder aos desafios colocados por uma sociedade em profunda transformação tecnológica e só uma preparação sólida dos agentes educativos poderá ajudar a cumprir com êxito a função social de que estão imbuídos (p. 10)

Perante estes desafios, Rosa (2000) defende que a função do professor terá de ser reestruturada para que “ (...) reconheçam que já não são detentores da transmissão de saberes e aceitem que as novas gerações têm outros modos de aprendizagem, (...)”(secção O novo papel do professor, par. 1). Mais do que um transmissor de saberes, o professor será um facilitador de aprendizagens, um mediador de saberes, praticando uma pedagogia activa centrada no aluno e terá um papel decisivo na construção do cidadão crítico e activo”.

Mas a reutilização de metodologias convencionais no uso de recursos pedagógicos digitais deve ser, igualmente, objecto de uma reestruturação de acordo com as competências a desenvolver pelos alunos na realização de actividades suportadas pelas tecnologias. Assim, para que a escola não se torne numa organização obsoleta em relação às exigências de uma sociedade “tecnológica”, “ (...) os professores e outros agentes educativos devem ser os primeiros a incentivar o uso das TIC nos processos de ensino e na construção das aprendizagens dos alunos” (Moreira, s/d), bem como devem adoptar estratégias metodológicas inovadoras aquando da utilização das tecnologias, pois estas têm fomentado a necessidade de se equacionar não só o que hoje é importante aprender, mas também os modos como se realizam as aprendizagens.

A crescente preocupação que se tem vindo a observar por parte do poder político em equipar as escolas com tecnologias parece estar a dar lugar a mudanças no contexto de ensino e aprendizagem. No entanto, para autores como Paiva (2002), Silva (2005), Piano (2007) e Alves (2008), citados por Lisboa, Varela, Teixeira & Coutinho (2009), estas mudanças não têm provocado alterações significativas “ (...) na forma de ensinar, denunciando que não é a simples introdução do computador na escola que vai provocar uma mudança efectiva” (p. 45).

Apesar de a posição dos autores até aqui referenciados não ser consensual sobre a implementação das TIC no contexto educativo, importa sublinhar que o ensino de hoje já não se limita a um espaço físico fechado, uma vez que tem, desde há poucos anos, um novo concorrente, o ensino não presencial, também denominado como ensino à distância ou *e-learning* (*Electronic Learning*), que viabiliza novos espaços de ensino e aprendizagem disponíveis em qualquer momento e em qualquer lugar.

Para além disso, esta metodologia de ensino começa a ser percebida como um método alternativo ao ensino presencial, no que concerne a uma nova forma de assegurar a conclusão da escolaridade obrigatória ou como uma forma de fomentar a educação contínua.

## **2.1. O Ensino Online ou *E-learning***

O conceito de ensino *online* ou *e-learning* decorre da evolução da concepção de educação a distância, influenciada, por sua vez, pelos avanços tecnológicos. Para Meirinhos (2006) “(...) a evolução tecnológica, ao reduzir as limitações do espaço e do tempo na comunicação humana” (p. 68), operacionalizou uma nova conceptualização no processo de ensino e aprendizagem: o *e-learning*, designado em português como *e-aprendizagem* ou educação *online*.

Pelo facto do conceito em torno da expressão em referência ter sido objecto de conceptualizações diferenciadas na literatura existente, torna-se pertinente enunciar algumas delas, de forma a possibilitar, a seu respeito, uma melhor clarificação e compreensão.

Assim, no quadro desta ideia, Leal e Amaral (s/d), conceptualizam o *e-learning* como um “ (...) processo pelo qual, o aluno aprende através de conteúdos colocados no computador e/ou Internet e em que o professor, se existir, está à distância, utilizando a

Internet como meio de comunicação (síncrono ou assíncrono), podendo existir sessões presenciais intermédias” (p.4).

Para Gomes (2005) o *e-learning* é perspectivado como uma extensão da sala de aula no espaço virtual, podendo integrar “ (...) situações de apoio tutorial ao ensino presencial, em que o professor – formador – tutor disponibiliza materiais, sugere recursos e interage *online* com os alunos”, ou “ (...) estar associado a uma complementaridade entre actividades presenciais e actividades à distância tendo por suporte os serviços e tecnologias disponíveis na internet” (p. 232;234).

Para Costa e Peralta (2001), a expressão em referência tem sido utilizada para significar coisas muito diversificadas, que vão desde a utilização dos computadores como forma de auxiliar a aprendizagem, até à aprendizagem que é possível realizar através da ligação directa e acesso, em tempo real, a materiais ou a um qualquer serviço de formação na rede (p. 489).

No seguimento desta conceptualização, Rodrigues Melo et al. (s/d), defendem que “o ambiente *e-learning*, pela sua facilidade de implementação e pelas suas funcionalidades de comunicação síncrona e assíncrona, possibilita: a disponibilização de conteúdos actualizados, (...), não estando o aluno sujeito a limitações para o seu acesso; trabalho de grupo com *feedback* imediato; e, ainda, a construção do conhecimento ao ritmo do próprio aluno e em função das suas disponibilidades. Estas características tornam este sistema de ensino numa via complementar e alternativa ao ensino tradicional” (p.3).

Porém, importa referir que esta metodologia é baseada em duas modalidades de formação, respectivamente, a modalidade síncrona e assíncrona, para que o processo de comunicação e interacção se realize.

De acordo com Santos (2000, citado por Vidal, 2002), a primeira modalidade corresponde “ (...) a uma componente de formação em tempo real, que promove a interacção através da voz, imagem e dados, entre formandos numa ‘sala de aula virtual’ independente de onde estes se encontram”, enquanto a segunda considera a interacção em tempo indeferido, através de ferramentas como o correio electrónico, fóruns de discussão e/ou acedendo aos conteúdos disponibilizados (p. 16).

Em relação ao “e” no *e-learning*, Masie (citado por Lima e Capitão, 2003), salienta que o “e” designa tudo o que é electrónico, mas também significa a era digital e internet. Sugere três dimensões para o significado da letra “e”: (1) experiência: aumentar o envolvimento e a experiência dos alunos na aprendizagem, disponibilizando opções de aprendizagem independentes do local e do instante, e mecanismos de comunicação em rede; (2) extensão: disponibilizar um conjunto de opções de aprendizagem, a fim de alicerçar a perspectiva do aluno num “processo” e não apenas num “evento” e (3) expansão: oportunidade de expandir a aprendizagem para além das limitações da sala de aula tradicional (acesso global a um número ilimitado de tópicos) (p.35).

Para além das descrições apresentadas em torno do conceito de *e-learning*, importa igualmente assinalar os argumentos positivos e menos positivos da utilização desta metodologia de ensino complementar ou alternativa à do ensino convencional. Como argumentos positivos ou potencialidades, Lima e Capitão (2003), referem: (1) a flexibilidade no acesso à aprendizagem; aprendizagem mais personalizada; (2) controlo e evolução da aprendizagem ao ritmo do aluno (autoformação); (3) optimização da aprendizagem a um número elevado e diversificado de alunos; (4) facilidade de actualizar a informação; (5) reutilização de conteúdos e custos de infra-estrutura física (sala de aula) eliminados ou reduzidos. No que diz respeito às desvantagens ou

argumentos menos positivos, estes autores destacam: (1) os custos de formação mais elevados; (2) mais tempo na elaboração de conteúdos e (3) resistência humana manifestada por alguns professores. Outras das desvantagens referenciadas na utilização deste método reportam-se: (1) à ausência da relação entre professores e alunos; (2) conteúdos mais generalistas; (3) existência de alguns conhecimentos tecnológicos; e (4) reduzida confiança neste tipo de estratégias educativas (p. 65-67).

Para finalizar a conceptualização do conceito em referência, Leal e Amaral (s/d), assinalam que a maior diferença entre o ensino convencional e o *e-learning* são os conteúdos, o seu formato, localização ou tipo de suporte, pois estes deixam de ser utilizados unicamente pelo professor em contexto de sala de aula, para estarem acessíveis aos alunos a qualquer hora ou a qualquer dia da semana (p. 2-3).

Marques (citado por Vidal, 2001), afirma que existe ainda um problema de aceitação social, quando se recorre a soluções de *e-learning* pelo facto de a maioria das pessoas acabar por desistir deste método de ensino passado algum tempo (p. 18).

No entanto, para Fernandes (citado por Brandão, 2004), esta metodologia de ensino não é a solução ideal para a resolução de todos os problemas no processo educativo, mas “ (...) tem-se revelado uma óptima solução em muitos casos” (p. 25).

Importa ainda salientar que este método de ensino, caracterizado pelo uso da Internet, é um processo que aplica o potencial das tecnologias de informação e comunicação ao desenvolvimento do processo de aprendizagem e formação, independentemente do contexto geográfico ou temporal (local ou hora).

Em Portugal, a maioria das experiências baseadas nesta metodologia de ensino ocorreu ao nível do ensino superior e, “têm-se limitado a permitir que em algumas disciplinas do currículo normal, os alunos tenham algumas aulas de *e-learning* como complemento das aulas presenciais” (Brandão, 2004, p. 26).

De forma a compreender o impacto do uso de metodologias baseadas na utilização de ambientes de aprendizagem à distância (*online*) neste nível de ensino, Costa, Cruz e Viana (2001), desenvolveram um estudo exploratório como o propósito de compreender as dificuldades reveladas pelos estudantes quando encorajados a utilizar esses ambientes, constando que as principais dificuldades manifestadas se situam ao nível da participação nas actividades propostas e na concretização das tarefas de aprendizagem. Além disso, observaram que os estudantes não se sentem preparados, necessitando de orientação e acompanhamento do estabelecimento de ensino para o desenvolvimento dos seus trabalhos, para além de reconhecerem que precisam de se sentir “controlados” relativamente ao desenvolvimento das tarefas propostas no ambiente de aprendizagem *online*.

Em síntese, os referidos autores constataram que os estudantes do ensino superior não identificaram vantagens na utilização de ambientes de aprendizagem *online*, tendo revelado dificuldades quando confrontados com metodologias de ensino diferentes daquelas a que estão habituados (p.331).

Pelo facto dessas experiências se terem circunscrito ao nível de ensino superior e terem sucedido como complemento às aulas presenciais, não poderemos generalizar o seu impacto e considerá-lo como um método alternativo ao processo de ensino e aprendizagem presencial no sistema de ensino português. Já no que respeita à implementação do EDI, pensamos que se justifica compreender que vantagens e desvantagens lhe são associadas uma vez que se trata de um projecto que substitui as aulas presenciais de todos os alunos que nele participam.

### **2.1.1. Potencial das plataformas de gestão de aprendizagem no ensino à distância**

A integração e adoção das plataformas de gestão de aprendizagem, também denominadas de LMS (*Learning Management Systems*), enquanto estratégia metodológica de apoio e/ou alternativa ao ensino presencial, é já uma realidade em algumas das nossas escolas, tendo-se assistido, nestes últimos anos, a uma crescente utilização deste recurso tecnológico no processo de ensino e aprendizagem.

A proliferação da utilização destas plataformas no contexto educativo, pela sua facilidade de utilização e pelas possibilidades que proporciona, permite equacioná-la como uma ferramenta alternativa ao processo de ensino e aprendizagem convencional. Importa, por isso, clarificar e explicitar as suas potencialidades em contexto de ensino e aprendizagem.

Brandão (2004), caracteriza este tipo de plataformas como aplicações que disponibilizam um conjunto de recursos diversificados, desde conteúdos interactivos a canais de comunicação síncrona e assíncrona de forma a permitir aos alunos uma gestão flexível e individualizada do seu processo de aprendizagem (p. 44). Ainda segundo este autor, estas plataformas “(...) podem ser um bom complemento às aulas presenciais, nos casos em que exista impossibilidade de assistir às mesmas, constituindo uma ferramenta útil para diversificar o ensino sendo, contudo, necessário garantir uma fácil acessibilidade por parte dos alunos e a sua fácil actualização por parte dos docentes” (p. 49).

Para os autores Flores e Flores (2007) estas plataformas, mediadas por tecnologias, facilitam mudanças no modelo educacional e, por conseguinte, poderão constituir-se no processo de ensino-aprendizagem como um potencial enriquecedor na qualificação de futuras gerações (p. 492).

### 2.1.1.1. A Plataforma MOODLE

A MOODLE, acrónimo de *Modular Object-Oriented Dynamic Learning*, é um ambiente virtual de aprendizagem de utilização livre, que permite gerir actividades educacionais através da criação de cursos *online*, páginas de disciplinas, grupos de trabalho e comunidades de aprendizagem<sup>11</sup>. Desde que foi criado, em 2001, tem sido desenvolvido colaborativamente por uma comunidade virtual que reúne inúmeros profissionais de diversas áreas (programadores, professores, entre outros mais) (Alves e Gomes, 2007, p. 339).

No quadro desta ideia, Flores e Flores (2007), assinalam que a Moodle é “(...) uma ferramenta utilizada para produzir cursos baseados na Internet, páginas WEB que permitem facilmente a comunicação, criar espaços virtuais de trabalho formados por recursos de informação e outros enviados pela Web, ou seja, permite organizar e disponibilizar conteúdos, contribuindo para um padrão de qualidade superior quer em contexto de sala de aula quer à distância” (p. 495).

Pelo facto de ser considerada de “utilização fácil, intuitiva e flexível permite a adaptação a uma enorme variedade de contextos educativos ” (Silva, 2007, p. 39)

A Moodle foi estruturada numa perspectiva socioconstrutivista e pretende simular um espaço de aprendizagem facilitador da construção de espaços de trabalho, de comunicação e de colaboração.

Tendo em consideração que o desenvolvimento da Moodle assenta na perspectiva supra identificada, Valente e Moreira (2007) sugerem uma estrutura organizativa, baseada em quatro conceitos principais: (1) *Construtivismo*, conceito baseado em perspectivas de Piaget e Papert segundo as quais os indivíduos constroem

---

<sup>11</sup> Site Oficial do Moodle(<http://moodle.org/>) - Criado em 2001 por Martin Dougiamas, no âmbito do seu projecto de investigação de doutoramento.

activamente o seu conhecimento; (2) *Construcionismo*, atendendo a que o indivíduo aprende efectivamente quando constrói algo para os outros experimentarem; (3) *Construtivismo social*, conceito que aplica os anteriores a um grupo que cria conhecimento orientado para terceiros baseando-se em conhecimentos mais complexos construindo, de alguma forma, uma cultura de artefactos partilhados com significados também partilhados e (4) *Comportamento Conectado e Separado*, conceito relacionado com as motivações individuais numa discussão (p. 784-785).

Lisboa, Varela, Teixeira & Coutinho (2009) sublinham que “ (...) a plataforma Moodle constitui uma boa ferramenta para o processo de ensino e aprendizagem, quer como complemento às aulas presenciais promovendo a extensão da escola a espaços informais, quer como ferramenta motivadora para a consolidação de conhecimentos e desenvolvimento de competências” (p. 48).

Para Alves e Gomes (2007), as plataformas de gestão de aprendizagens, como a Moodle, incluem um conjunto de funcionalidades que podem ser sistematizadas à luz de quatro dimensões básicas: (1) acesso protegido e gestão de perfis de utilizador; o que permite criar um ambiente *Web* reservado aos participantes num determinado curso e definindo diversos graus de controlo do sistema, nomeadamente ao nível dos professores/formadores e dos alunos/formandos; (2) gestão de acesso a conteúdos, permitindo ao professor/formador colocar conteúdos *online*, em diversos formatos, e definir os momentos e formas de interacção dos alunos/formandos com esses mesmos conteúdos; (3) ferramentas de comunicação síncrona e assíncrona, permitindo a comunicação professor/formador com o aluno/formando ou com grupos de alunos/formandos, bem como destes entre si; (4) sistemas de controlo de actividades, permitindo o registo de todas as actividades realizadas pelos alunos/formandos e professores/formadores.

Para Alves e Brito (2005, citado por Lisboa, Varela, Teixeira & Coutinho, 2009), os pontos fortes da Moodle, quando utilizado para o ensino, são: (1) aumento da motivação dos alunos; (2) maior facilidade na produção e distribuição de conteúdos; (3) partilha de conteúdos entre instituições; (4) gestão total do ambiente virtual de aprendizagem; (5) realização de avaliações de alunos; (6) suporte tecnológico para a disponibilização de conteúdos de acordo com um modelo pedagógico e design institucional; (7) controlo de acessos e (8) atribuição de notas (p. 48).

Para Miranda, Morais e Dias (2007), este tipo de ambientes virtuais são considerados “ (...) como espaços pedagógicos e sociais de comunicação”, suportados na utilização de recursos tecnológicos “(...) nos quais professores e alunos podem aprender individual ou colaborativamente, a partir de uma cultura que valorize o trabalho conjunto, a promoção da discussão e da reflexão (...) na construção do conhecimento” (p. 577).

Por fim, é pertinente sublinhar que embora a implementação e desenvolvimento de espaços de aprendizagem à distância (*online*) tenham sido, no início, estruturados e dinamizados com base em regras e características dos espaços de ensino presencial (sala de aula), não se está perante uma cópia ou uma reprodução desse espaço, mas antes perante a recriação de um contexto com especificidades e características próprias (Morgado, 2005, p. 100).

### **2.1.1.2. Ambientes e Comunidades Online**

Falar-se de plataformas de aprendizagem implica pronunciarmo-nos sobre a importância dos ambientes e comunidades *online* que se constituem e interagem nestas plataformas.

No que respeita aos ambientes de aprendizagem *online*, Wilson (citado por Inácio, 2006), conceptualiza-os como “ (...) um lugar ou espaço onde ocorre a aprendizagem e em que fazem parte dele o aprendente, o espaço em que ele actua e onde interage com os restantes membros, bem como as ferramentas de recolha e partilha de informação” (p. 60).

Para Miranda (2006) “os ambientes *online* constituem espaços educativos flexíveis, sendo, ao mesmo tempo, fontes de informação e fontes de comunicação, que proporcionam a professores e alunos condições para interagirem em diferido ou de imediato, (...), numa sala de aula virtual” dilatando, assim, a concepção de sala de aula tradicional, percebida “(...) pela dinâmica do processo de comunicação face a face entre professores e alunos, com toda a proximidade da comunicação humana” (p. 83).

Ainda a este respeito, Flores e Flores (2007) advogam que a utilização deste tipo de ambiente poderá “ (...) potenciar alterações profundas na optimização do ensino, já que transforma o modelo pedagógico de transmissão de informação para a construção do conhecimento, pela participação activa e responsável no processo de aquisição de conhecimentos e pela interactividade, factor determinante para o sucesso educativo” (p. 500).

Mas, para que estes ambientes possam ter um impacto significativo no processo de ensino e aprendizagem, Inácio (2006), refere que as plataformas devem apresentar um aspecto gráfico simples e apelativo aos seus utilizadores, disponibilizar conteúdos diversificados, bem como proporcionar estratégias metodológicas que promovam e desenvolvam a participação activa e significativa de todos os intervenientes directos e indirectos (alunos-alunos/professor-alunos), tendo em consideração factores como o interesse, a familiaridade com o conteúdo, a estrutura dos conteúdos, a motivação e a criatividade, entre outros (p. 61-62).

Em relação às comunidades de aprendizagem, Dias (citado por Amarante, Quintas-Mendes, Morgado, e Pereira, 2008), afirma que a sua constituição “ (...) envolve uma cultura de participação colectiva, um espaço conjunto de alunos e professor que se orienta para a consecução de objetivos comuns” (p. 106). Com efeito, para este autor, com a massificação da *Web*, “ (...) e a natureza dos processos de interacção que nela têm lugar, há lugar para um contexto especialmente favorável ao desenvolvimento de comunidades de aprendizagem”, designadas como comunidades virtuais de aprendizagem (p. 107).

Embora os objetivos das comunidades de aprendizagem em contexto presencial e *online* sejam análogos, no que respeita ao vínculo social este é constituído de forma diferenciada em ambos os contextos. Assim, numa comunidade virtual, a comunidade de aprendizagem é constituída através da relação com o conhecimento; em contrapartida, numa comunidade presencial a participação de um elemento, apesar de não ser notada, não significa que esse elemento deixe de pertencer ou ser aceite pelo seu grupo/turma, já que existem outros contextos de interacção. Numa comunidade virtual de aprendizagem, a não participação ou uma participação pouco notada pode, por sua vez, significar a não integração ou aceitação naquela comunidade (Lévy citado por Amarante, Quintas-Mendes, Morgado e Pereira, 2008, p. 108).

As potencialidades e funcionalidades oferecidas por estes ambientes de aprendizagem *online* vieram trazer novos desafios à escola, exigindo várias mudanças, desde logo, uma alteração no papel tradicionalmente atribuído ao professor.

A este propósito, Morgado (2005) refere que o professor “(...) tem que agir num contexto social de aprendizagem que o obriga a mobilizar uma série de instrumentos pedagógicos, didácticos e de organização e gestão anteriormente garantidos pelos materiais de ensino, por um lado, e gerir uma interacção que deixa de se ser de um-para-

um para passar a ser de um-para-muitos e de muitos-para-muitos, tendo, portanto, um papel agora investido de maiores responsabilidades e maior raio de acção” (p. 103). Para este autor (2005) embora se assista a uma certa aproximação ao papel do professor em contexto presencial do *online*, existe uma diferença entre ambos, nomeadamente nas “(...) características do contexto de comunicação e na natureza das interacções, como na ausência de elementos adicionais presentes na comunicação presencial (aparência física, tom e timbre de voz, linguagem corporal, raça, etc.), na comunicação textual, que assume características mistas de linguagem escrita e oral e na assincronia (p. 104-105).

No quadro destas conceptualizações, Sangrà (2001, citado por Miranda, 2006) sublinha que a função destes ambientes parece ser tão relevante que “ (...) vê na mudança do meio e no potencial educativo resultante da optimização do uso de cada meio, as diferenças mais importantes entre a educação convencional e a educação considerada virtual” (p. 80).

Contudo, Moran (2005) refere que “embora existem outros espaços de aprendizagem, a escola ainda é organizadora e certificadora principal do processo de ensino-aprendizagem, tal como continúa a ser uma referência fundamental, um espaço necessário” (p. 69).

Ainda assim, parece-nos que a massificação de ambientes virtuais de aprendizagem desenvolvidos em plataformas tecnológicas, como a Moodle, tem potencializado a implementação de metodologias de ensino inovadoras no processo de ensino e aprendizagem, assim como tem vindo a mostrar um enorme potencial, sobretudo ao nível da comunicação e interacção entre professores e alunos, possibilitando a alteração progressiva do contexto educativo convencional.

Para dar conta desta realidade, pode ler-se no relatório do Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação -GEPE (2007) que “ (...) em Portugal se assiste aos

primeiros passos na divulgação e na utilização de plataformas de gestão de aprendizagem com resultados positivos, embora se observem algumas limitações ao nível das funcionalidades disponibilizadas e do tipo de utilização”, nomeadamente no que respeita à utilização deste recurso como repositório de conteúdos e não como espaço de colaboração e partilha em contexto educativo (p. 36).

Em 2008, foi apresentado um estudo sobre “Utilização de plataformas de gestão de aprendizagem em contexto escolar”, a nível nacional no ensino básico e secundário, pelo Centro de Competência da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. De acordo com o estudo, para a proliferação destes ambientes muito contribuiu a iniciativa desenvolvida pela Equipa CRIE (Computadores Redes e Internet nas Escolas) da Direcção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular do Ministério da Educação, (e apoiada pela FCCN- Fundação para a Computação Científica Nacional), durante o ano de 2006, ao disponibilizar a abertura e alojamento de plataformas Moodle para utilização livre por parte das escolas.

Este relatório pretendeu analisar a forma como as plataformas de gestão de aprendizagem eram utilizadas pelas escolas, em particular as funções que serviam, o tipo de actividades (comunicação, colaboração/interacção, disponibilização da informação e recolha de informação) que suportavam e as diferentes funcionalidades da plataforma que são exploradas.

Globalmente, foi constatado que a maioria das escolas participantes utiliza este recurso como um espaço para apoiar actividades não-presenciais de ensino e aprendizagem desenvolvidas entre professores e alunos, como forma de responder a diferentes necessidades e objetivos pedagógicos. Foi, igualmente, constatado como factor favorável este tipo de plataforma possuir um repositório diversificado de actividades integradas num mesmo tipo de espaço. Contudo, os resultados deste estudo

“ (...) demonstram que as plataformas das escolas são, sobretudo, utilizadas como meio de disponibilização da informação, sendo mais escassa a sua utilização para o desenvolvimento de actividades de colaboração/ interacção entre os utilizadores “ (p.38). Como factores menos favoráveis, este relatório destaca o ainda reduzido número de professores e alunos que utilizam estes espaços digitais em contexto de ensino e aprendizagem.

Apesar do acesso a plataformas de aprendizagem poder ser restrito e controlado, é importante sensibilizar todos os seus utilizadores de potenciais perigos, como o de plágio, praticado actualmente por muitos dos nossos alunos. Com o intuito de prevenir a manifestação de atitudes comportamentais eticamente incorrectas, torna-se imperativo definir e implementar um conjunto de princípios básicos, tal como aqueles que foram determinados pelo *Safer Internet Plus Programm* da Comissão Europeia, respectivamente: (1) proteger os cidadãos contra os riscos/perigos da Internet; (2) estimular o uso eficaz da Internet pelos cidadãos europeus; (3) salvaguardar a segurança da informação e das pessoas; (4) responsabilidade partilhada por todos os cidadãos; e (5) protecção das liberdades fundamentais de cidadania.

Embora se enfatize as potencialidades de utilização destas plataformas, não se conhece o seu impacto enquanto utilização prioritária e exclusiva no processo de ensino e aprendizagem, pois os estudos realizados sobre o tema em referência apenas nos têm mostrado as vantagens da sua utilização como apoio ou complemento ao ensino presencial.

Sabe-se, sim, que a utilização deste tipo de plataformas no contexto educativo ainda não conseguiu solucionar uma panóplia de problemas com que a escola de hoje se confronta, como aqueles que se relacionam com o insucesso e abandono escolar precoce. No entanto, podem contribuir para uma nova forma de aprender, mais

individualizada e mais adaptada às necessidades e características de determinados alunos, como é o caso dos estudantes que integram o EDI - os alunos itinerantes.

Pretendemos, por isso, analisar neste trabalho, em que medida a utilização deste tipo de plataforma poderá acrescentar novos significados ao processo de ensino-aprendizagem e contribuir para a abertura de outros horizontes para a distribuição e partilha de conhecimentos, de modo a tornar-se numa forma alternativa efectiva de democratização do ensino.

Considerando a evolução tecnológica e a importância crucial que esta pode potenciar no processo de ensino-aprendizagem pretende-se, igualmente, com este trabalho conhecer as vantagens e desvantagens encontradas pelos professores na utilização de uma plataforma tecnológica como “sala de aula”.

Procurar-se-á, assim, responder às seguintes questões:

- Qual a principal diferença entre leccionar numa escola convencional e através da tecnologia (plataforma Moodle);

- Comparativamente com o ensino convencional, quais são as vantagens e as desvantagens de leccionar através do EDI;

- Como é que se processa a interacção entre professor e alunos e como é que as aprendizagens de competência sócio-afectivas são trabalhadas num contexto em que não são visíveis as reacções, atitudes, gestos, expressões corporais e faciais que marcam as interacções pedagógicas.

## **Capítulo III**

### **Ser professor: desafios no processo de escolarização para todos**

## **1. Como é visto actualmente o “ofício” de professor**

Em Portugal, as sucessivas mudanças implementadas no Sistema Educativo, a partir dos anos 70, têm vindo a influir significativamente no “ofício” de professor, uma vez que estes tem sido confrontados, de modo crescente, com desafios que reclamam o aumento das responsabilidades e a diversificação dos papéis atribuídos em contexto de ensino e aprendizagem. A este respeito, Esteve (1995) assinala que a configuração do contexto educativo nas duas últimas décadas “mudou radicalmente, passando de um ensino de elite, baseado na selecção e competência, para um ensino de massas, muito mais flexível e integrador, mas incapaz de assegurar, em todas as etapas do sistema, um trabalho adequado ao nível do aluno” (p.103). De acordo com o mesmo autor (1995), “ensinar hoje é diferente do que era há vinte anos atrás”, pois trabalhar com um grupo de alunos homogeneizados pela selecção é muito diferente do trabalho solicitado ao professor com um grupo de alunos heterogeneizados social e culturalmente (p.96). Para ilustrar as transformações na profissão docente perante a mudança social, este autor (1995) utiliza a metáfora “de um grupo de actores, vestidos com traje de determinada época, a quem sem prévio aviso se muda o cenário”, deixando a sua representação anterior de ter sentido no novo cenário em que é colocado (p.97).

Rodrigues e Malheiro (2004), enunciam alguns factores que tem vindo a condicionar as constantes mudanças no processo educativo, a saber: (a) a dificuldade de gerir os sistemas educativos como um todo uniforme, dada a enorme diversidade e complexidade de situações e contextos que as sociedades actuais apresentam (culturais, socioeconómicos, étnicos, etc.); (b) pluralidade de saberes e a sua natureza diversificada, acessível por todos os meios e o estatuto provisório destes saberes; (c) massificação do ensino e luta contra o fracasso escolar; (d) crescente inadequação da resposta institucional da escola face às necessidades e à natureza do seu público, o que

implica necessariamente (re) pensar o currículo; e (e) desenvolvimento das novas tecnologias de informação e comunicação (p. 153).

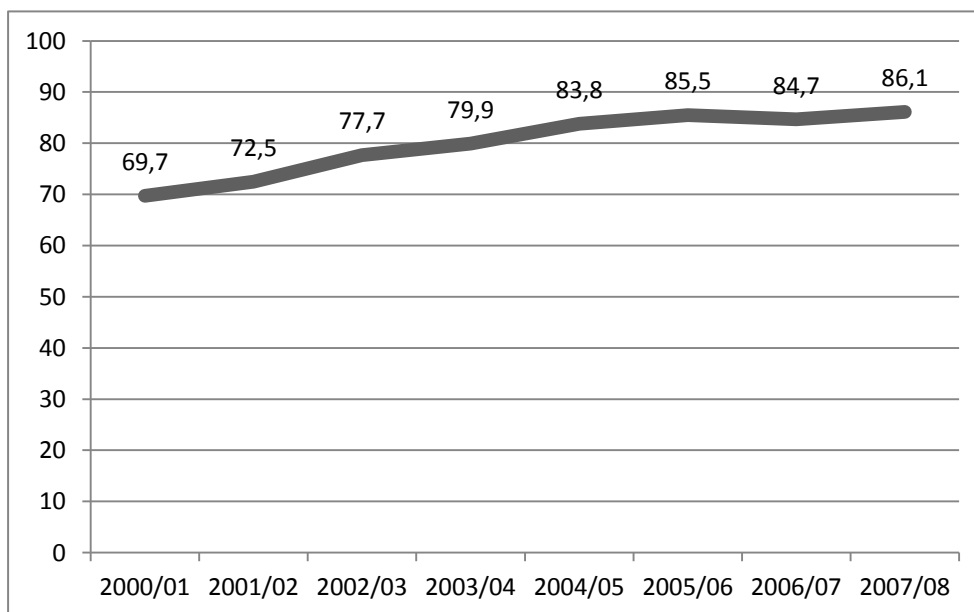
À medida que o processo de escolarização se democratizou, o próprio corpo docente foi-se reconfigurando, “tornando-se mais heterogéneo profissionalmente” (Formosinho, 1997, p.15), em resultado de fenómenos como o de juvenilização; feminização; abaixamento dos níveis de qualificação exigidos para o exercício da docência; “dupla condição de professores e alunos de muitos dos que ingressaram na profissão; carácter transitório do ingresso na profissão; grande mobilidade geográfica e organizacional de muitos professores, dada a sua condição de vínculo precário” (Gomes, 1993, p.45-46).

De acordo com os dados da investigação desenvolvida por Braga da Cruz (1988), (apesar de datar dos finais dos anos oitenta, este é o único estudo representativo a nível nacional sob a classe docente portuguesa), os fenómenos acima referidos contribuíram para que o prestígio da profissão se deteriorasse, a maioria dos professores referia que essa situação se devia a factores como o estatuto remuneratório, a mobilidade geográfica, a diminuição da autoridade nas escolas e as más condições de funcionamento das escolas (p.1259).

Quase vinte anos depois, Fernandes (2006) considera que a problemática em torno da mobilidade geográfica dos professores, para além da implementação de constantes políticas educativas, continua a ser uma das dificuldades mais apontadas pelos professores no exercício da sua actividade, “fruto de um sistema de colocações que os impede de leccionarem próximo da sua área de residência e durante vários seguidos na mesma escola, registando-se uma quebra não só na continuidade do seu trabalho, como também na da relação professor-aluno” (p.96).

Refira-se, no entanto, que para combater alguns desses fenómenos, como o da mobilidade geográfica dos professores, em 2006 foram adoptadas novas medidas políticas (Decreto-Lei nº20/2006, de 31 de Janeiro), com o intuito de favorecer a estabilização do sistema de colocação dos profissionais de educação nas escolas públicas portuguesas. Estas medidas só se aplicam, todavia, aos professores que pertencem aos quadros de nomeação definitiva ou aos do quadro de zona pedagógica.

Quanto aos professores que não detêm os referidos vínculos profissionais - os professores em exercício contratados - de acordo com documento “50 Anos de Estatísticas de Educação, Vol. III”<sup>12</sup>, nos primeiros anos do século XXI, ainda se verifica uma significativa mobilidade geográfica dos professores no exercício da sua actividade profissional, em média, um número superior a 45% por ano lectivo, tal como se pode constatar pelo gráfico seguinte.



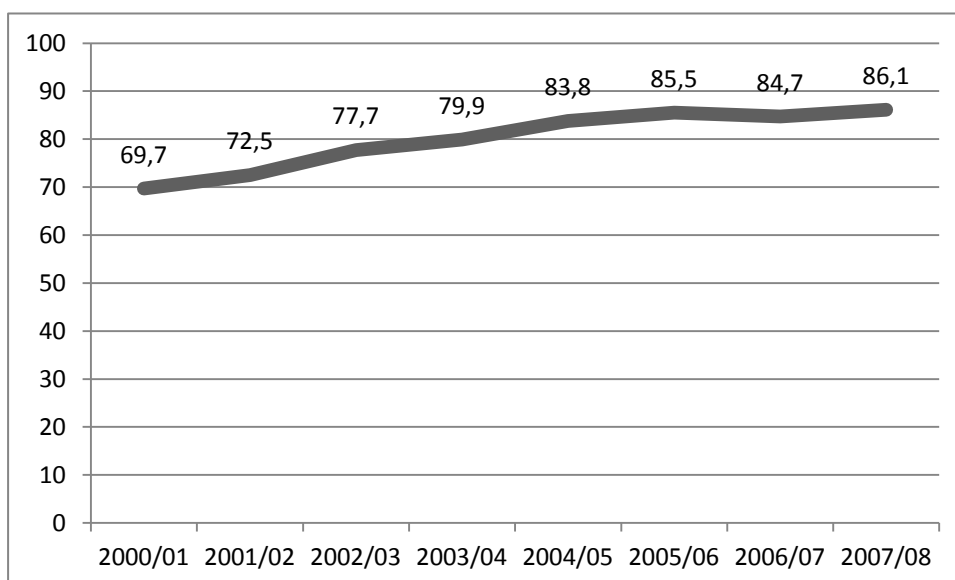
**Gráfico 6** – Percentagem de professores em exercício contratados por ano lectivos

<sup>12</sup>50 Anos de Estatísticas de Educação, Vol. III. Acessível em <http://www.gepe.min-edu.pt/np4/376.html>

Cardoso (2006) defende que “é urgente eliminar essa dança geográfica dos professores e as conseqüentes incertezas e descontinuidades na sua acção, com efeitos na qualidade do seu comprometimento nos projectos educativos da escola e numa efectiva profissionalidade docente, para não falar da angústia pessoal pelo afastamento do seu espaço social, afectivo e familiar” (p.99).

No que respeita aos níveis de qualificação exigidos para o exercício da docência, apesar da Lei de Bases do Sistema Educativo (Lei n.º 46/86 de 14 de Outubro) já consagrar uma formação de nível superior para todos os profissionais nas escolas públicas portuguesas, o documento legal supra identificado, consagra novos critérios para a contratação e selecção dos professores.

Conforme a informação disponibilizada no documento “50 Anos de Estatísticas de Educação, Vol. III, nos primeiros anos do século XXI, cerca de 80% dos professores em exercício possuíam, no mínimo, uma licenciatura como formação académica, tal como podemos observar pelo gráfico seguinte.



**Gráfico 7** – Percentagem de professores em exercício com formação académica de nível superior

Face às novas responsabilidades atribuídas ao professor no exercício do seu “ofício”, Nóvoa (citado por Teodoro, 1994) considera que a diversidade de funções que o professor tem que desempenhar “se traduziu num factor de perturbação, transformando-os em verdadeiros criados para todo o serviço, ao serem chamados a desempenhar funções para os quais não estavam nem preparados nem vocacionados” saindo frequentemente do seu campo de acção a actuação profissional (p. 57).

Apesar do poder político reconhecer que “os professores estão no coração do processo educativo e que quanto maior importância se atribui à educação, maior prioridade se deve atribuir aos professores e à sua situação profissional” (Teodoro, 1994, p. 51), na sequência das constantes mudanças que têm ocorrido no sistema educativo, “os professores acusam a sociedade e o poder político por levarem a cabo reformas no papel sem na prática os dotarem dos meios materiais e condições de trabalho necessários a uma autêntica melhoria da sua actuação quotidiana no ensino” (Esteve, 1992, p. 27).

Santomé (2011), por sua vez, salienta que o pouco envolvimento e participação dos professores nas reformas educativas contribuíram para uma crescente desorientação ou desnorde no exercício da sua actividade profissional (p.40).

Por outro lado, determinados actores sociais, como os pais, o poder político e os meios de comunicação, responsabilizam os professores pela degradação do processo educativo (Esteve, 1995, p. 104). O mesmo autor refere que os pais deixaram de apoiar os professores no processo de aprendizagem e de educação dos filhos, sentindo-se defraudados em relação ao futuro dos mesmos, situação que os tem desapontado e levado a não acreditar na escola como uma promessa de um futuro melhor para os seus filhos (p. 104).

Para muitos pais, a responsabilização dos professores por todos os problemas do processo educativo é consequente da opção profissional destes agentes não ter sido efectuada por vocação mas por ausência de alternativas à profissão docente (Esteve, 1992, p.41). No entanto, curiosamente, a maioria dos professores (63%) inquirida no estudo de Braga da Cruz (1988), afirmou que tinha sido por vocação ou opção inicial a escolha pela profissão docente, “enquanto 15,4% apontaram, sob diversas formas, a ausência de outras alternativas profissionais” (p. 1207).

É também constatado no estudo de Fernandes (2006) que “a maioria dos professores exerce esta profissão por vocação, sublinhando o gosto de ensinar e de trabalhar com crianças” (p.129).

Esteve (1992), a propósito ainda da responsabilização pela degradação do processo educativo, observa que se assiste a uma crispação entre professores e poder político, pelo facto deste último criticar “a falta de renovação metodológica ou a tardia incorporação de novas técnicas numa escola que segue de longe as novas exigências sociais” (p. 56).

Por estas razões, “o julgamento social dos professores tem vindo a generalizar-se” (Esteve, 1995, p. 104) para além dos pais e poder político, os meios de comunicação social têm também dado um contributo significativo na degradação da imagem social do professor, pelo facto de este último só ser objecto de notícia quando realiza algo de forma inadequada ou quando comete erros (Jesus, 1999, p. 11).

Para Esteve (1992) a imagem do professor veiculada pelos meios de comunicação social é apresentada sob duas perspectivas: por um lado, tende a representar a profissão docente como uma imagem conflitual; por outro, como uma actividade ilídia centrada quase exclusivamente na relação interpessoal com os alunos. A imagem conflitual a que se reporta o autor encontra-se associada às notícias que

envolvem o professor em situações de violência nas aulas com os alunos; os despedimentos; os baixos salários dos professores; a falta de recursos materiais; as instalações entre outras, denunciadas na maioria pela televisão e imprensa escrita. Quanto à imagem idílica, observada em filmes e séries de televisão, o professor é mais representado como amigo e conselheiro, do que como alguém que ensina (p.46-48)<sup>13</sup>.

Moreira (2003, citado por Paschoalino, 2009) também defende que o discurso usado nos meios de comunicação social contribui para a degradação da imagem social dos professores, “visível nos programas de televisão (...), que apresentam uma visão muito caricata de professor em sala de aula” (p. 56)

A descoincidência de imagens construídas sobre a profissão docente poderá contribuir para que exista actualmente a crença que muitos professores pretendem abandonar precocemente a profissão e que as gerações futuras já não escolhem esta como saída profissional. Importaria saber se é isto que acontece na verdade.

Seja como for, o que pretendemos salientar é o facto de a multiplicidade de tarefas e responsabilidades dos docentes terem vindo a aumentar substancialmente nas últimas duas décadas.

Perante a multiplicidade de novas funções solicitadas ao professor no exercício do seu “ofício”, tentaremos perceber como os professores do Projecto EDI caracterizam o “ofício” de professor e quais as mudanças mais significativas (positivas e negativas) que, na sua opinião, têm interferido no exercício da sua actividade nas últimas décadas. Neste sentido, tentaremos também perceber o que levou estes professores a optarem por este “ofício” tendo em conta as adversidades, problemas e desafios com que se deparam diariamente.

---

<sup>13</sup>Neste sentido, Esteve (1992) defende que seria fundamental que os média fossem imparciais e justos na divulgação das situações escolares, de modo a contribuírem para a restituição do “orgulho de ser professor e do valor que a profissão docente merece ter ao nível da opinião pública” (p.34).

## **2. Novas exigências no exercício da profissão docente**

Actualmente, o professor desempenha um papel multifacetado no contexto educativo: além da tradicional função educativa – transmissão de saberes – é convidado a gerir uma diversidade de tarefas que transcendem, na maioria das vezes, o seu papel principal – o de ensinar.

Para Teodoro (1994), ao articularem as funções “tradicionais da escola com as necessidades globais da democratização e desenvolvimento da comunidade e ao participarem de maneira activa na correcção das assimetrias sociais (...), os professores acrescentaram – e, em diversos casos substituíram – à sua função tradicional de transmissores de conhecimentos, a de animadores culturais, de assistentes sociais e de responsáveis administrativos e políticos” (p.56).

Estrela (2002), por seu lado, constata que o “ofício” de professor transformou-se significativamente, pois este agente educativo “(...) deixa de ser essencialmente o de transmissor para se tornar o organizador da aprendizagem e o estimulador do desenvolvimento cognitivo e sócio afectivo do aluno” (p. 37). Rodrigues e Malheiro (2004) acrescentam ainda que actualmente o professor deve “aceitar novos desafios, colocando-se como um investigador permanente, que não se limita a transmitir, explicar e impor saberes, mas procura informar-se, apreender ou descobrir novos conhecimentos e reflectir sobre a sua prática” (p.166).

Segundo Flores (citado em Lapo, 2010), o professor trabalha num contexto de ensino diversificado, tendo de se relacionar com uma diversidade cultural de alunos, “com distintas capacidades de aquisição de conhecimentos, o que exige a criação de diversas situações de aprendizagem de forma a responder a diferentes motivações e necessidades e a seleccionar estratégias, que se adivinham cada vez mais complexas dentro do contexto da sala de aula” (p. 26). Assim, e como consequência do acesso à

escolarização por parte de todos os alunos, os “professores são obrigados a repensar a sua atitude em relação à presença nas aulas de alunos que sofreram processos de socialização díspares e claramente divergentes” e “têm de assumir tarefas educativas básicas para compensar as carências do meio social de origem dos alunos, o que configura uma importante diversificação das funções docentes” (Esteve, 1995, p.102).

Neste sentido, Merazzi (citado por Esteve, 1992) observa que a mudança do papel do professor resulta de três factos importantes: o primeiro diz respeito à evolução e transformação dos agentes tradicionais de socialização, como a família, ambiente próximo e grupos sociais organizados, que exigiram à escola a responsabilidade de desempenhar determinadas funções que tradicionalmente lhes competia no âmbito educativo; o segundo reporta-se à entrada de novos agentes de socialização, como os meios de comunicação social, consumos culturais massivos, etc., no processo educativo. Assim, a transmissão do saber deixa de ser unicamente veiculada pelo professor para passar a ser transmitida por ambos – professor e novos agentes. O terceiro facto refere-se à mudança de valores que a escola deve inculcar e ao tipo de função que socialmente se pede que o professor exerça (p.35-36).

Neste cenário, é exigido ao professor que “seja facilitador de aprendizagem, pedagogo eficaz, organizador do trabalho de grupo e que, para além do ensino, cuide do equilíbrio psicológico e afectivo dos alunos” (p.100), deparando-se, deste modo, com a necessidade de “protagonizar papéis contraditórios que o obrigam a manter um equilíbrio instável (...)” como o ter que desempenhar o “papel de amigo, companheiro, (...), o que é incompatível com as funções selectivas e avaliadoras que também lhe pertencem”(Esteve, 1995, p.103).

Como observa Perrenoud (1993), o papel dos professores não se circunscreve exclusiva e unicamente na acção educativa, “ na esperança de que alguns aprendam

muito e outros aprendam o mínimo exigido para votar, consumir e trabalhar”, mas de “colocar o maior número possível em situações que permitam a quase todos aprender de um modo eficaz (p. 140). Para este autor (1993), toda a panóplia de situações com que o professor se confronta no exercício do seu “ofício”, faz lembrar “um maestro que dirige uma orquestra na qual alguns músicos não dominam completamente a partitura ou nem sempre têm vontade de a respeitar. Um maestro que, aliás, deveria por vezes improvisar, devido a não ter uma orquestração acabada. Um maestro que deveria não apenas mandar os músicos tocar em conjunto, mas também convencer alguns deles do interesse da música e da sua pertença à orquestra” (p.62).

Por outro lado, muitas responsabilidades profissionais dos docentes que se prendem com a gestão de reuniões com os encarregados de educação, reuniões de professores, preparação das actividades lectivas ou avaliação dos trabalhos dos alunos, não só são invisíveis, como, na maioria das vezes, são percebidos publicamente como “menos difíceis e menos exigentes do que de facto são” (Hargreaves, 1998, p. 16).

O avolumar de novas funções no exercício da profissão docente pressupõe, em síntese, o desempenho de um trabalho fragmentário, na qual é suposto o docente manter a disciplina sem deixar de ser simpático e afectuoso; atender individualmente aos alunos com mais dificuldades sem deixar de atender de igual modo aos restantes; proporcionar um bom ambiente de aprendizagem; programar; avaliar, orientar, receber os pais e tê-los ao corrente dos progressos dos filhos, organizar actividades diferenciadas e atender a problemas burocráticos (Esteve, 1992, p. 67).

Num esforço de sistematização relativamente às novas funções atribuídas ao professor no processo de ensino-aprendizagem, Patrício (citado em Jesus, 2004), classifica-as do seguinte modo:

- pessoal, que se refere à realização do educando como sujeito;

- social ou de integração do educando na sociedade;
  - cívica, pois deve tornar o educando consciente das estruturas institucionais;
  - profissional ou de orientação para o sistema de ocupações úteis da sociedade;
  - cultural, pois deve integrar o educando no património da comunidade;
  - suplência da família, ao ocupar-se educativamente das crianças e jovens
- (p. 197).

Em suma, entre os factores que contribuíram para as mudanças operadas no exercício da profissão docente, salientam-se: (1) “aumento das exigências em relação ao professor”, em que é exigido a este profissional da educação que “saiba a matéria que lecciona” mas sobretudo que facilite o processo de ensino e aprendizagem de modo a “atender ao equilíbrio psicológico e emocional dos alunos”; (2) “inibição educativa de outros agentes de socialização”, na qual são atribuídos à escola e por inerência aos professores a responsabilidade de transmissão de valores que outrora eram da responsabilidade primária da esfera familiar; (3) “desenvolvimento de fontes de informação alternativas à escola”, na qual se torna emergente a integração dos novos meios de comunicação em contexto de sala de aula, recorrendo a estratégias metodológicas diferenciadas e inovadores “de forma a facilitar não só a aprendizagem, mas também a orientação do aluno”; (4) “ruptura do consenso social sobre educação”, o professor, em virtude de se viver numa sociedade pluralista, multicultural e multilingue, é “forçado a repensar a sua atitude face a alunos diferentes e compensá-los relativamente às suas carências, o que se repercute no aumento das funções do docente”; (5) “aumento das contradições no exercício da docência”, em que a sociedade exige ao professor o desempenho de vários papéis, entre eles, o de amigo ou companheiro, “que

não se coaduna com as funções selectivas e avaliadores que lhe são impostas”; (6) “mudança de expectativas em relação ao sistema educativo”, portanto, com o advento da escola de massas, o ensino “deixou de ser baseada na selecção e competência e passou a ser mais flexível e integrador”, criando novas expectativas a todos os intervenientes directos e indirectos no processo educativo; (7) “modificação do apoio da sociedade ao sistema educativo”, na qual o poder político e a sociedade culpabilizam os professores como os principais responsáveis “pelas múltiplas deficiências e pela degradação em geral do sistema de ensino, sendo o seu trabalho apreciado num sentido negativo”; (8) “menor valorização social do professor”; (9) “mudança dos conteúdos curriculares”, o que tem despertado entre os professores “sentimentos de receio, insegurança e desconfiança” pelo facto de terem de dominar e materializar um número significativo de mudanças curriculares emanadas superiormente em curtos períodos de tempo; (10) “escassez de recursos materiais e deficientes condições de trabalho”; (11) “mudanças nas relações professor - aluno”, na qual outrora a autoridade do professor era soberana e actualmente é subvertida e colocada em causa, assistindo-se a um incumprimento de regras sociais e comportamentais por parte dos alunos e (12) “fragmentação do trabalho de professor”, em que a diversidade do “trabalho dos professores é tão extenso que os impossibilita de cumprirem todos os papéis que lhes são atribuídos” (Lapo, 2010, p. 32-33).

Portanto, ser-se professor no contexto de ensino que tem vindo a ser apresentado – ensino de massas – pressupõe o desempenho de uma multiplicidade e diversidade de papéis que responda de forma eficaz e adequada ao que é exigido actualmente, sendo necessário, nas palavras de Tedesco (2008), operar uma “redefinição do papel do professor na actividade educativa”, para que esta possa corresponder ao exigido pela sociedade (p. 150).

Nesta linha de pensamento, também Blase (1986, citado em Estrela, 2002), observa que essas situações, ao interferirem no normal funcionamento das regras da sala de aula e da escola, afectam não só o processo de aprendizagem dos alunos como a *performance* do trabalho do professor, obrigando-o “a desempenhar papéis que ele não gostaria de desempenhar” (p. 110).

### **3. Impacto destas transformações no desempenho do “ofício” de professor – o mal-estar da classe docente**

Teodoro (2006) observa justamente que o “alargamento desmesurado de funções e responsabilidades pode ser apontado como uma das principais causas dos graves sintomas de crise de identidade e de profundo mal-estar, que afectam importantes sectores do professorado na generalidade dos países que integram a União Europeia” (p. 19-20).

Para este autor (1994), a crise de identidade (sócio) profissional dos professores resulta de factores, que vão desde as condições de exercício e de trabalho à de degradação dos níveis salariais e do estatuto social, à ausência de perspectivas de construção de um projecto de futuro na profissão, à desintegração dos valores dominantes na nossa sociedade, à crise da instituição escolar (... )” (p. 58). O mesmo autor refere que é fundamental inverter essas condições que agravam dia a dia, “o mal-estar dos professores e acentua a sua crise de identidade profissional, até porque está a conduzir, em largas camadas da profissão, a um desinvestimento perceptível na actividade docente e mesmo ao abandono da profissão” (p.62).

Na verdade, o mal-estar docente tem sido objecto de estudo por parte de vários investigadores, pelo facto de interferir gradualmente no contexto de ensino e aprendizagem.

Esteve (1995) utiliza a expressão mal-estar docente “para descrever os efeitos permanentes, de carácter negativo, que afectam a personalidade do professor como resultado das condições psicológicas e sociais em que exerce a docência” (p. 96)

Já Jesus (2004) constata que essa expressão é fruto de “um fenómeno da sociedade actual, estando interligado com as mudanças sociais que ocorreram nas últimas décadas e com implicações no comportamento dos alunos na escola” (p. 83).

Tendo em consideração os estudos realizados sobre a pressão da mudança social no “ofício” de professor, Esteve (1995) assinala dois grupos de factores para explicar as causas do mal-estar na docência: os que “incidem directamente sobre a acção do professor na sala de aula, modificando as condições em que desempenha o seu trabalho e provocando tensões associadas a sentimentos e emoções negativas” e os que se reportam “às condições ambientais, ao contexto em que se exerce a docência”, os quais “têm uma acção indirecta, afectando a motivação e a implicação do professor”. Para este autor, os factores que “influenciam a imagem que o professor tem de si próprio e do seu trabalho profissional, provocando a emergência de uma crise de identidade que pode levar à autodepreciação pessoal e profissional” assumem uma especial relevância (p. 99).

Para Lopes (2004) o mal-estar docente apresenta-se vinculado a um conjunto de causas, associadas ao contexto sócio-educativo, às motivações pessoais e à formação inicial e ainda a causas ligadas ao contexto escolar (p. 96). A autora afirma ainda que nas causas relacionadas com o contexto socioeducativo “assumem relevância as mudanças que dizem respeito à relação da escola com a sociedade (...)”. No que concerne às motivações pessoais e à formação inicial, a autora reporta-as à “(...) pessoa que escolhe ser professor e o que a formação lhe faz, sendo que umas e outras têm por pano de fundo as mudanças socioeducativas” (p.97).

Já para Jesus (2004), a problemática em torno da expressão mal-estar docente é uma realidade consequente de determinadas alterações socioeducativas, a saber: (1) o número excessivo de alunos, originado pelo processo de massificação educativa, “que tem levado a que muitos alunos sintam a escola como uma obrigação, um dever e não um direito (...)”; (2) a excessiva exigência política colocada sobre o trabalho dos professores; (3) as alterações na estrutura familiar; (4) a integração das tecnologias de informação e comunicação no processo de ensino-aprendizagem e (5) a imagem social dos professores transmitidas através dos *mass media* (p. 83-84).

Na sequência de um inquérito efectuado a professores, no ano lectivo de 2002/2003, sobre os motivos de satisfação/insatisfação no ensino e na profissão, Santos (2004) afirma que “predominam como motivos de insatisfação a multiplicidade de papéis atribuídos ao professor, o não reconhecimento da profissão, as deficientes condições de trabalho, (...) a ausência de uma cultura de participação, pouca autonomia das escolas e a falta de interesse dos alunos” (p. 382).

Também no estudo de Fernandes (2006) é constatado que “os sentimentos de insatisfação profissional estão associados fundamentalmente ou a factores contextuais relativos à escola (relações interpessoais com os pares, órgãos de gestão; condições de trabalho) ou a factores relativos à política educativa (como a reforma curricular/programas políticos, mobilidade no trabalho, autonomia e segurança no emprego) ou, ainda, a factores relativos à pessoa do professor (percepções ou crenças sobre o isolamento, os fracassos do aluno, as responsabilidades pessoais sentidas quer didáctica quer educativamente) responsáveis por gerarem, no campo afectivo, sentimentos de medo, frustração, insegurança, isolamento, desânimo e cepticismo” (p.115). Portanto, para este autor, estes sentimentos “podem ser de natureza externa e/ou institucional (processo de colocações, políticas educativas, condições de trabalho entre

outras) ou podem ainda ser de natureza interna e/ou pedagógica (relação pedagógica, relação entre pares, insucesso dos alunos e outros) ” (p. 120).

Para Jesus (2004) a mudança de atitude dos alunos em contexto de aprendizagem é traduzida no facto de muitos deles terem uma percepção divergente e deturpada das finalidades da escola, não a sentindo como “(...) um espaço de desenvolvimento pessoal e interpessoal, mas como uma obrigação, um dever, uma fonte de insatisfação e de incertezas, conseqüentemente, manifestam um desinteresse e comportamentos que dificultam a actividade do professor na sala de aula” (p. 195)<sup>14</sup>.

As situações de conflito com os alunos têm provocado nos professores um desgaste para manter a ordem e disciplina na sala de aula. Para Carita e Fernandes (1997), os comportamentos perturbadores dos alunos afectam muito mais os professores do que os problemas de aprendizagem com que habitualmente se confrontam em contexto de sala de aula (p.15). Estas autoras assinalam ainda que na sequência desta instabilidade e desordem em sala de aula, o professor “sente-se ameaçado e duplamente ameaçado: no seu desempenho profissional e na imagem que deseja para si” (p. 100).

Em relação à crise de identidade profissional dos professores, Teodoro (1994) afirma que esta é resultante de uma série de factores, como “a degradação dos níveis salariais e do estatuto social, com a ausência de perspectivas de construção de futuro na profissão, com a desintegração dos valores dominantes na nossa sociedade, com a crise

---

<sup>14</sup>Num dos estudos realizado por Amado (1991), sobre a indisciplina na sala de aula os factores que são apontados como potenciadores desse comportamento são factores de natureza relacional, assentes em três dimensões importantes, nomeadamente: a) comunicação e motivação para os conteúdos; b) clima relacional e c) ética na gestão pedagógica. O primeiro reporta-se às estratégias e métodos de ensino empregues, portanto, ao modo como se estrutura e se distribui a comunicação na aula, ao modo como se gere a passagem de uma fase da aula, outra, ao modo como se administra o espaço, entre outras. O segundo tem a ver com as expectativas de professores e alunos, portanto com a motivação e com o interesse de ambas as partes e/ou com o entusiasmo do professor. A terceira e última dimensão diz respeito à cultura de escola, isto é, à contínua valorização dos que têm sucesso e a desvalorização ou penalização dos restantes (p. 27- 30).

da instituição escolar e com o carácter fluído e pouco específico da função docente” (p. 58).

Abraham, por seu lado, define a crise de identidade dos professores como “uma contradição entre o *eu* real (o que eles são diariamente nas escolas) e o *eu* ideal (o que eles queriam ser ou pensam que deveriam ser)” (citado em Esteve, 1995, p. 108). Para este autor, existem quatro tipos distintos de reacções dos professores:

- O grupo de professores que aceita a ideia da mudança do sistema educativo como uma necessidade inevitável da mudança social;
- Um segundo grupo que, incapaz de fazer frente à ansiedade que lhes causa a mudança, tem atitudes de inibição.
- Um terceiro grupo de professores que alimentam, face à mudança do sistema de ensino, sentimentos profundamente contraditórios (...).
- Um quarto grupo que tem medo da mudança, ou por se encontrarem em situações instáveis, por falta de habilitações adequadas ou porque pensam que as reformas deixarão a descoberto as suas insuficiências (...), no processo de ensino aprendizagem (p.110).

Outra das causas de mal-estar na docência que têm sido apontadas é a implementação das tecnologias de informação e comunicação no processo educativo, pelo facto do professor já não ser considerado a única fonte de saber, o “único e onnipotente detentor do saber” (Santos, Stobäus, Mosquera & Missel, 2005, p. 344). Para estes autores (2005), na sequência dos avanços tecnológicos, a transmissão de informação e cultura deixou de ser da exclusiva responsabilidade do professor (p. 345).

Todavia, na opinião de Rodrigues e Malheiro (2004) a integração das tecnologias no ensino “não vem diminuir em nada o papel dos professores mas antes modificá-lo profundamente atribuindo-lhes novas competências, ao colocar nas suas

mãos uma potente ferramenta pedagógica que pode contribuir grandemente para otimizar e facilitar as acções pedagógicas” (p. 167). Segundo estes autores, é necessário uma “transformação da mentalidade do professor face à introdução das novas tecnologias de informação e comunicação nas escolas”, para que “passe a tomar consciência do seu papel de agente de mudança” no exercício da sua actividade profissional e assim poder contribuir “para uma reconstrução da sua identidade” (p. 171).

Mas para uma operacionalização eficaz e profícua em contexto escolar, Rodrigues e Malheiro (2004) defendem que deve haver uma intervenção na “formação inicial e contínua dos professores de modo a que aqueles que possam apropriar-se de forma crítica das possibilidades e limites da aplicação das tecnologias nas suas práticas pedagógicas, quebrando resistências injustificadas e assegurando uma integração efectiva das tecnologias nas actividades escolares” (p.167). Santomé (2006) acrescenta ainda que esta condição é fundamental para que no referido contexto, muitos dos professores não se sintam desorientados e, inclusive, resistentes “a conhecê-las e a utilizá-las no seu ambiente e nas rotinas quotidianas” (p. 123).

De acordo com autores anteriormente referenciados, também a formação inicial dos futuros professores é apontada como uma das causas para o mal-estar na docência, pelo facto de esta não os preparar devidamente para o exercício da actividade docente em todas as suas vertentes – pedagógicas, socioeducativas, burocráticas e administrativas.

Com efeito Almeida (citado em Esteve, 1992) observa que o mal-estar docente é potenciado no decorrer da formação inicial “na medida em que condiciona, expectativas e atitudes” nos futuros professores que depois não se materializam, como no caso da

actividade relacional em sala de aula, que os candidatos a professores saem minimamente preparados neste domínio (p. 15).

Para minimizar esta realidade, Jesus (2004) defende que “os professores deveriam ser treinados em competências que permitissem uma melhor gestão do imprevisível ou do espaço de incerteza que é actualmente a sala de aula, nomeadamente em aptidões sociais e assertividade” (p. 84).

Para além de ser necessário proceder a modificações na referida formação, Teodoro (1994), defende que também se devem efectuar alterações de determinadas condições em que o professor exerce a sua profissão, nomeadamente, “a insegurança e a instabilidade do emprego, a precarização dos vínculos laborais, a deslocação compulsiva de milhares de professores para longe das suas áreas de residência, sem apoios de qualquer ordem, o isolamento, as deficientes condições de trabalho, o elevado número de alunos por professor e, a ausência de material didáctico”. Para este autor, estes são factores de repulsa pela profissão docente, responsáveis pela degradação da imagem, do estatuto profissional do professor e da própria qualidade do ensino (p. 67).

As causas e motivos de mal-estar docente, nas palavras de Maples (citado em Pedro e Peixoto, 2006), afectam não só professores, mas sobretudo “o clima vivenciado em sala de aula e, em última instância, cada um dos alunos que com estes interagem, pois o desinvestimento e a falta de motivação dos professores contribuem directamente para o desinteresse dos alunos e, conseqüentemente, para a menor qualidade do processo de ensino-aprendizagem” (p.257).

Face a uma realidade tão generalizada de insatisfação ou mal-estar, o professor enquanto agente de mudança e inovação, confronta-se cada vez mais com um trabalho diversificado, multifacetado e complexo no processo educativo. Torna-se, portanto, urgente definir um novo sentido para a escola e para o trabalho do professor, para que

possam existir condições de trabalho adequadas ao fomento de um ensino de qualidade e excelência e de melhores oportunidades de aprendizagem a todos os alunos.

Muitas das políticas educativas implementadas pelo Ministério da Educação têm, eventualmente, procurado resolver estas questões, muito embora sejam direccionadas para promover o acesso e sucesso escolar dos alunos.

Não deixa, por isso, de ser paradoxal que a implementação destas políticas acabe por contribuir para o mal-estar dos professores, tornando ainda mais visíveis as mudanças que actualmente são exigidas aos professores para que estes exerçam o seu “ofício”.

No caso concreto dos professores que integram o Projecto do Ensino à Distância para a Itinerância(EDI), para além de outras competências, tiveram forçosamente que aprender a trabalhar com as Tecnologias de Informação e Comunicação. Neste caso, podemos estar perante professores que assumiram claramente o desafio de desempenharem um novo papel ao passarem a exercer a sua actividade num contexto de ensino e aprendizagem à distância. Um desses desafios coloca-se no modo como se processa e estabelece a interacção destes professores com os seus alunos. Parece-nos, assim, pertinente perceber como se caracteriza a relação pedagógica que desenvolvem com os alunos e em que medida essa relação poderá diferir daquela que se constrói no ensino regular (presencial).

Terão estes professores consciência do seu papel de agente de mudança, como defendem Rodrigues e Malheiro (2004)? E em que medida o exercício da actividade docente neste contexto educativo específico contribuiu para a reconstrução da sua identidade profissional? Qual o tipo de ensino que consideram mais favorável e compensador: o ensino à distância ou o que ocorre em contexto presencial?

Comparativamente com o ensino presencial, quais as vantagens e desvantagens de leccionarem no Projecto EDI?

Outra das questões que tentaremos perceber é se num contexto de ensino à distância se verificam situações de indisciplina por parte dos alunos e, em caso afirmativo, se estas constituem uma das causas de mal-estar e perturbação no exercício da actividade docente. Caso existam, em que medida é que as mesmas afectam o processo de ensino e aprendizagem em que se desenvolve o Projecto EDI?

Para darmos resposta às questões que orientam esta pesquisa, utilizámos uma abordagem metodológica qualitativa.

## **Capítulo IV**

### **Abordagem Metodológica e Caracterização da Amostra**

## **1. Abordagem metodológica da pesquisa**

A adopção do posicionamento paradigmático é um factor importante, senão decisivo para qualquer investigação e poder-se-á caracterizar pelo paradigma positivista (quantitativo) ou pelo interpretativo (qualitativo).

Considerando as orientações de cada um dos paradigmas, assim como o nosso objecto de estudo (Representações dos docentes sobre o Projecto de Ensino à Distância para a Itinerância) e as respectivas questões teóricas que delineámos para nortear este trabalho, este estudo enquadra-se no paradigma interpretativo (qualitativo), por apresentar características que Bogdan & Biklen (1994) referem como específicas deste tipo de paradigma, nomeadamente, possuir como fonte directa de dados o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal na recolha dos dados (p.47).

De facto, o recurso a esta metodologia permite-nos conhecer e compreender o objecto de estudo para, posteriormente, procedermos à sua interpretação. Bogdan e Biklen (1994) defendem que a “a abordagem qualitativa requer que os investigadores desenvolvam empatia para com as pessoas que fazem parte do estudo e que façam esforços concertados para compreender vários pontos de vista” (p. 287).

Por ser uma investigação de carácter exploratório os seus resultados não poderão ser generalizados, pretendendo-se antes que constituam matéria passível de ser aprofundada em futuras reflexões e investigações. Estudar toda a comunidade escolar (professores e alunos) do EDI constituiria um trabalho deveras moroso e aprofundado que não se enquadra numa dissertação de mestrado, assim, é necessário ter consciência que a dimensão da amostra não poderá ser representativa de toda a diversidade de percursos e realidades vivenciados pelos professores que trabalharam no EDI desde o início deste projecto no sistema educativo português.

Uma vez que o presente estudo pretendeu ser particular e procurou analisar as representações dos professores sobre a sua actividade num contexto de ensino-aprendizagem à distância (EDI), valorizando a sua compreensão, podemos afirmar, no que se refere ao método de investigação, que optámos pelo estudo de caso por possibilitar, com afirmam Bogdan e Biklen (1994), uma análise detalhada de uma situação, sujeito ou acontecimento e, por ser considerada, como afirma Pontes (2004), “uma investigação que se assume como particularística, isto é, que se debruça deliberadamente sobre uma situação específica que se supõe ser única ou especial, pelo menos em certos aspectos, procurando descobrir o que há nela de mais essencial e característico e, desse modo, contribuir para a compreensão global de um certo fenómeno de interesse.” (p.2)

Para procedermos à recolha de dados, uma etapa que o investigador não pode minimizar durante o processo de pesquisa, optámos pela entrevista como instrumento único já que este instrumento permite “ (...) recolher dados descritivos da linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo” (Bogdan & Biklen, 1994, p. 134).

Por outro lado, o facto de pretendermos analisar desenvolvidamente as opiniões e representações de uma amostra reduzida de professores, justificava a opção pela técnica da entrevista em detrimento de outras de recolha mais extensiva de dados como é o caso dos inquéritos por questionário.

O recurso à entrevista prendeu-se ainda com o facto de este instrumento possibilitar “ (...) uma interacção verbal entre, pelo menos, duas pessoas: o entrevistado, que fornece respostas, e o entrevistador, que solicita informação para, a partir de uma sistematização e interpretação adequada, extrair conclusões sobre o estudo

em causa “ (Meirinhos, 2006, p. 200). Deste modo, a entrevista, enquanto método de investigação, pressupõe um processo de participação em que o investigador, por sua iniciativa, explora o diálogo de modo a obter, não uma resposta, mas antes um discurso, recolhendo informação diretamente sobre o acontecimento.

De entre as várias possibilidades de entrevistas (não directiva, semi-directiva e directiva), optámos pela elaboração de entrevistas semi-directivas individuais, com o intuito de recolher dados que nos permitam descrever, analisar e compreender as representações dos docentes sobre o modelo pedagógico do EDI em comparação com o modelo do ensino regular (presencial). Este tipo de entrevista pareceu-nos a melhor opção, quando comparada com as entrevistas directivas e não directivas, uma vez que permite nortear e focalizar as perguntas, evitando, desta forma, desvios em relação aos aspectos ou tópicos sobre os quais se quer obter informação.

Dos vinte e dois professores envolvidos no Ensino à Distância para a Itinerância (EDI), a amostra de professores entrevistados foi constituída por onze professores. Das entrevistas realizadas, oito foram efectuadas presencialmente na Escola Secundária Fonseca Benevides, duas com recurso ao programa informático Sypke e uma delas realizada num espaço público (café). Cada entrevista teve uma duração média de 45 minutos.

Para a realização das entrevistas foi previamente solicitado autorização ao coordenador do projecto EDI e ao director da Escola Secundária Fonseca Benevides, em Lisboa, estabelecimento onde se encontra agregado este projecto, garantindo respeitar os direitos de privacidade, de confidencialidade e anonimato.

Importa sublinhar que oito das entrevistas presenciais ocorreram no final do ano lectivo, em Junho de 2012. O facto de os professores estarem sobrecarregados com as avaliações neste período, impediu que a nossa amostra fosse abrangida por mais

docentes. Com o intuito de alargar a nossa amostra, contactámos com mais professores, entre Setembro e Outubro de 2012, contactos esses efectuados através do correio electrónico (facultados pelo coordenador do projecto EDI), uma vez que a maioria desses professores já não se encontrava a leccionar no EDI.

Dos contactos estabelecidos a mais onze professores, apenas responderam afirmativamente três. Conseguimos, então realizar mais três entrevistas, duas através do programa *Skype* e uma presencialmente num espaço público (café). Em suma, no total foram entrevistados onze professores, nove presencialmente e dois através do recurso às novas tecnologias.

Uma das principais limitações deste estudo reside justamente na dimensão reduzida da amostra, o que nos impede de generalizar os resultados obtidos.

Todas as entrevistas foram realizadas pela investigadora do presente estudo, tendo-se recorrido à gravação áudio e posteriormente transcrito todos os diálogos – Ver anexos.

Antes, porém, de realizarmos as entrevistas semi-directivas, no ano lectivo 2009/10, efectuámos um conjunto de entrevistas exploratórias - três - a professores que leccionaram na extinta Escola Móvel. A realização deste tipo de entrevistas contribuiu para desenvolvermos a problemática deste estudo e recolhermos elementos que consolidassem o guião de entrevistas.

As perguntas constantes no guião de entrevista (ver anexo I), foram elaboradas com o intuito de permitir aos participantes a expressão livre das suas ideias. Para Bogdan e Biklen (1994) as boas entrevistas caracterizam-se pela liberdade que os sujeitos sentem para falarem dos seus pontos de vista. Importa ainda destacar que todas as entrevistas foram marcadas de acordo com a disponibilidade e conveniência dos

entrevistados, por se considerar que desta forma se sentiriam mais disponíveis para serem entrevistados

No guião elaborado tivemos também a preocupação de prever a necessidade de motivar os participantes, nomeadamente, solicitando exemplos e descrições mais precisas.

A análise de conteúdo foi a técnica de investigação adoptada para as transcrições das entrevistas, porque permite “ (...) analisar sobretudo as formas de comunicação verbal, escrita ou não escrita, que se desenvolvem entre os indivíduos” (Inácio, 2006). Bardin (1979) define a análise de conteúdo como: “um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens” (p.42).

Após a realização e transcrição das entrevistas, efectuámos, portanto, uma análise qualitativa ao seu conteúdo, sendo o resultado desta fase de pesquisa apresentado nos quadros nº 1 a 44, em anexo.

## **2. Caracterização sociodemográfica da amostra**

Para realizarmos a caracterização sociodemográfica dos professores entrevistados do EDI, incluímos no guião das entrevistas questões sobre género, idade, habilitações académicas, área de estudos da formação inicial, situação profissional, anos de experiência profissional no ensino, número de anos que lecciona no projecto EDI, disciplinas que lecciona no EDI e processo de selecção para trabalhar no EDI.

Dos onze professores que constituem a amostra deste estudo, dez são do sexo feminino e um do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 31 e 61 anos de

idade. A maioria deles tem entre 5 a 15 anos de experiência profissional (Quadro nº1 em anexo).

No que respeita às habilitações académicas iniciais, todos os professores têm o grau de licenciatura. Relativamente às habilitações académicas complementares, um dos docentes possui uma pós-graduação e dois o grau de mestrado. Já quanto à situação profissional, nove são contratados e dois pertencem ao Quadro de Zona Pedagógica (Quadro nº2 em anexo).

Em relação à área de estudos, três professores pertencem à área de Línguas e Literaturas, três à de Ciências Sociais e Humanas, três à de Ciências Exactas e dois à de Belas Artes (Quadro nº3 em anexo). A maioria dos professores entrevistados lecciona a disciplina de tutoria<sup>15</sup>. É também de destacar que uma parte significativa dos professores lecciona em pelo menos dois ciclos de ensino, no 2º e 3º ciclo do ensino básico ou no 3º ciclo e secundário ou ensino profissional.

Ao nível do serviço lectivo prestado no EDI, sete professores leccionam apenas no ensino à distância e quatro leccionam em regime misto, isto é, no ensino à distância e presencial (Quadro nº 4 em anexo).

Em relação ao processo de selecção dos docentes que integram o EDI, sete foram recrutados através de Concurso Nacional, tendo ficado colocados na Escola Secundária Fonseca Benevides, estabelecimento de ensino onde se encontra agregado o EDI. Foi nesta escola que foram informados que iriam leccionar no EDI, ou seja, que iriam trabalhar numa modalidade de ensino à distância. Quanto aos restantes, dois deles

---

<sup>15</sup>A tutoria é uma área curricular não disciplinar de frequência obrigatória que tem por objectivo desenvolver um acompanhamento individualizado dos alunos por parte do professor-tutor. Para Costa e Dias (2012), as atividades de tutoria, para além do referido acompanhamento, pretendem “(...) *um maior conhecimento das suas dificuldades, um reforço das suas aprendizagens e um contacto mais próximo, quer com os tutorandos e com as suas famílias, quer com as escolas de acolhimento, ou seja, escolas que os alunos podem procurar durante as suas deslocações, para aí realizarem atividades com o apoio directo dos professores disponíveis, em regra, nas bibliotecas escolares ou centros de recursos*” (p.3236).

foram requisitados através da modalidade de oferta de escola e os outros dois em regime de exclusividade. Estes dois últimos professores participaram, durante dois anos, no Projecto da extinta Escola Móvel (Quadro nº 5 em anexo).

A maioria dos professores entrevistados teve uma reacção negativa quando foi informada de que iria leccionar num método de ensino à distância, em particular os professores contratados, já que estes iriam apenas leccionar neste tipo de ensino (Quadro nº 6 em anexo), como o comprovam as suas afirmações.

*“Fiquei apavoradíssima, fiquei assim em estado choque quando me foi comunicado que iria leccionar no ensino a distância”. (E1)*

*“Quando soube que ia leccionar neste método de ensino, confesso que fiquei assustada porque é novidade, a pessoa espera dar aulas aos CEF, EFA, tudo, agora ensino a distância, a pessoa fica, o que é que é isto, (...)”. (E2)*

Porém, apesar dos receios em trabalhar no ensino à distância, sentidos principalmente no início do ano lectivo, a maioria destes docentes afirmou que gostaria de continuar no EDI, pelo menos mais um ano, como se poderá constatar no capítulo seguinte.

## **Capítulo V**

### **Representações dos Docentes do Ensino Básico e Secundário sobre o EDI**

## **1. Representações dos docentes sobre o ensino à distância e o ensino presencial: vantagens e limites do EDI**

Um dos objectivos deste trabalho consistia em analisar as representações que os docentes entrevistados possuíam sobre o ensino à distância e o ensino regular (presencial). Assim, procurámos saber a sua opinião sobre as seguintes questões: (I) diferenças (vantagens e desvantagens) de leccionar no EDI; (ii) facilidade versus dificuldade de ensinar através de um contexto de ensino a distância e (iii) preferência relativamente à modalidade de ensino

No que respeita às diferenças entre leccionar no ensino à distância e presencialmente, a maioria dos professores parece considerar que a principal dissemelhança é a ausência de contacto físico (presencial) com os alunos no ensino à distância, sendo esta sentida como uma desvantagem (Quadro nº 7 em anexo). Vejamos como:

*“(...) como eu gosto do contacto humano, o contacto directo com os alunos, sempre foi a coisa que eu mais gostei, senti eu bocadinho a falta daquele, de mexer com eles, de provocá-los, de lidar com eles.”(E4)*

*“(...) agora para mim é fácil porque eu já tenho a experiência de 4 anos, no início tornou-se um bocadinho complicado porque é mais difícil, porque é assim nós numa sala de aula estamos a leccionar e nós conseguimos ver pela cara do aluno, pelos gestos, ele nem precisa de dizer, nós pelos gestos, pela cara, pela expressão facial nós conseguimos saber se ele está a perceber se não está, aqui não, nós não estamos com eles, portanto temos que deduzir através de outro tipo de situações, portanto no início acaba por ser mais difícil, agora não considero que seja mais difícil porque a experiência também ajuda muito.” (E7)*

Vários estudos (Barrère, s/d; Abrantes, 2003; Borralho e Oliveira, 2010; Connell, 2010), têm mostrado como o papel do professor e a relação afectiva que estes estabelecem e desenvolvem com os alunos são determinantes no sucesso escolar.

Barrère (s/d) considera, muito concretamente, que o sentido e satisfação atribuída ao trabalho escolar está fortemente dependente de um “halo-afectivo” que se estabelece e desenvolve na relação professor-aluno em contexto escolar. Destaca ainda que são os alunos que são inegavelmente tocados por este “halo-afectivo” na relação pedagógica, que, por sua vez, se constrói à volta da necessidade de ser seduzido pela mensagem ou pela maneira de ser do professor mas também de uma motivação na relação com os estudos” (p.55-56).

Borrvalho e Oliveira (2010), entendem, por seu lado, que diversos actos de ensino, como elogiar, encorajar, censurar, criticar e ameaçar, transmitem cargas afectivas fortes significativamente relevantes para a criação de um ambiente favorável e facilitador do processo de ensino e aprendizagem. Em seu entender, o professor deve valorizar a experiência e os sentimentos dos alunos em lugar dos saberes académicos, como requisito determinante e fundamental no sucesso escolar (p. 138).

Já Pallof e Pratt (2002, citado em Bonatto e al., s/d, p. 3) afirmam que “é difícil mas não impossível, comunicar *on-line*”, embora salientem que num contexto de ensino à distância alunos e professores estejam representados por textos num monitor, não sendo possível observar a expressão facial e a linguagem corporal, o que não ajuda a estabelecer vínculos afectivos.

Tendo em consideração que o sentido atribuído ao trabalho escolar depende do estabelecimento e desenvolvimento de um “halo-afectivo” entre professor e aluno que depende de interacções presenciais, pareceu-nos fundamental perceber como se constrói esse “halo” num ensino à distância. Como veremos, os dados obtidos permitem-nos concluir que também nesta modalidade de ensino professores e alunos conseguem construir uma relação significativa que muito contribui para o seu envolvimento na profissão e para o envolvimento no trabalho escolar.

Porém, a dificuldade deste processo é maior do que no ensino presencial pelo que outra das desvantagens apontadas por uma parte significativa dos professores incidiu precisamente na complexidade de criarem laços de afectividade com os alunos (Quadro nº 7, em anexo):

*“É uma grande diferença, (...), nós já adivinhamos muita coisa pela expressão facial dos alunos, pela sua postura, muitas vezes eles dizem que estão a perceber e olhamos para eles e percebemos que não estão. Aqui no ensino à distância isso é impossível, eu dependo da palavra deles e daquilo que eles me vão respondendo, (...), acho que esse feedback é a maior diferença que sinto.” (E3).*

*“É completamente diferente, nós conhecermos os alunos, vê-los à nossa frente, ver as expressões faciais deles, ver a reacção que eles tem aquilo que nós dizemos, é imediato, aqui não, aqui é uma aprendizagem constante e no início é muito assustador porque nós não sabemos, não fazemos a mínima ideia do que é que o aluno está a sentir, do que é que o aluno está a pensar daquilo que nós estamos a dizer. (...). Portanto é o desconhecido, é o total desconhecimento do aluno, e isso é assustador no início.” (E1)*

*“(…). Outra coisa muito diferente, como é óbvio, no ensino à distância é não temos aquela ligação presencial como temos numa sala de aula, não é, portanto, a nossa sala de aula é uma sala de aula virtual e embora estejamos lá todos no chat a conversar, não há aquela proximidade física, o contacto humano que temos, (...)”. (E8)*

*“É o desafio de tentar chegar a alguém que está a uma distância inatingível, é mesmo esse, é o tentar criar num aluno que esta completamente à distância uma empatia, é mesmo o mais difícil, mas é possível.” (E4).*

No entanto, e apesar de referirem a morosidade de estabelecerem uma relação afectiva e de proximidade com os alunos, estes professores entrevistados constataram que no EDI é também possível a inclusão de aprendizagens sócio-afectivas. Um dos professores referia, por exemplo, que terminava sempre as suas aulas despedindo-se afectuosamente dos seus alunos na sala de conversação (chat): *“a nossa aula terminou, gostei muito de estar convosco, podem sair, beijinhos, portem-se bem gostei de estar convosco....* Na sua opinião era desta forma que conseguia ir *“criando estes laços”*.

*Para além disso, esta docente acrescentava ainda: “com as alunas da Ajuda de Mãe, eu não começo a aula sem lhes perguntar pelos bebés, porque é muito importante, com isso vão-se criando aqueles laços, isso é muito importante”. Outro dos professores afirmava que “ conheço melhor estes alunos, até mesmo a nível pessoal que muitos dos alunos que nós temos na nossa sala de aula. É normal. Portanto, conhecemos muito bem os nossos alunos, às vezes até a nível afectivo e pessoal, temos uma relação diferente”.*

Quando os questionámos sobre as reacções, atitudes, gestos, expressões corporais e faciais dos alunos, observáveis numa aula presencial que dão muitas indicações ao professor, constatámos que numa “sala de aula à distância” é possível, em seu entender, perceber *“alterações nos alunos através de mudanças de comportamento, de participação ou ritmo nas aulas. Portanto, é possível perceber a instabilidade emocional dos alunos neste contexto de ensino”*<sup>16</sup>.

Outras limitações apontadas neste tipo de ensino pelos professores entrevistados foram: a necessidade de (re) construir materiais (recursos) pedagógicos em suporte digital, por não existirem manuais escolares tal como no ensino presencial e o facto de o nível de responsabilidade e de atenção dos alunos ter de ser superior ao dos que frequentam o ensino regular (Quadro nº 7 em anexo):

*“A desvantagem é as limitações que tem a distância, que terá para um adulto e muito mais para uma criança de 10 anos, o nível de responsabilidade desses alunos tem de ser muito maior, o nível de atenção, na linguagem escrita perde-se muito da informação, o canal acaba por atrapalhar muito a transmissão de conteúdos, penso que a limitação é essa a nível do canal, (...).” (E5)*

---

<sup>16</sup>A interação entre os alunos é realizada nos intervalos das aulas através do *Google Talk* (sala de conversação). Na relação com os pares, constatamos que os jovens desenvolvem esse relacionamento como tivemos oportunidade de perceber quando conhecemos um deles. *“No GoogleTalk costumo falar com os meus colegas às vezes nos intervalos e depois das aulas. Somos todos amigos porque somos todos do mesmo meio, feirantes e do circo”.*

Mas estes professores não vêem só desvantagens no ensino à distância. Uma das vantagens mais apontadas, em particular pela maioria dos professores que leccionam há um ano neste tipo de ensino, é o menor desgaste físico sentido no exercício da actividade docente (Quadro nº 7 em anexo), um dos factores, que de acordo com autores como Jesus (2004), Lopes (2004) e Santos (2004), mais tem contribuído para o mal-estar na profissão docente e o reconhecimento do seu valor social.

*“É um desgaste físico muito menor, eu venho trabalhar com uma alegria desmesurada, (...). Este tipo de alunos é completamente diferente, tratam-nos como antigamente, o professor ainda continua a ser a autoridade.” (E2)*

Um outro factor que contribui fortemente para o mal-estar docente respeita à indisciplina na escola. Como Carita e Fernandes (1997) salientam, as questões da indisciplina afectam muito mais os professores do que as dificuldades de aprendizagem dos alunos em sala de aula.

Todavia, segundo os entrevistados, no contexto do ensino à distância, as situações de indisciplina apenas ocorrem muito raramente (Quadro nº25 em anexo). Neste sentido, admitimos que o menor desgaste físico sentido pelos professores no exercício da sua actividade profissional resulte, como os próprios entrevistados afirmaram, da quase inexistência de situações de indisciplina em contexto à distância. As afirmações dos docentes a este respeito são particularmente elucidativas:

*“(...) em termos disciplinares é uma aula muito mais sossegada, não temos que estar a controlar enfim o barulho ou a conversa entre eles, mesmo que possa a haver é uma coisa controlada.” (E9)*

*“(...). Até hoje não dei conta de nada muito grave, o afastamento físico eu acho que ajuda também a uma maior disponibilidade e serenidade para resolver e para acalmar os alunos. (...). Como o confronto físico não existe é mais fácil de controlar.” (E1)*

*“(...)claro que não é a indisciplina que existe no ensino presencial nem com a dimensão do ensino presencial, não tem nada a haver, aqui em termos de indisciplina (...), pode surgir o facto de eles não fazerem as tarefas ou o facto de nós estarmos a chamar por eles no chat e eles não nos responderem, tem a ver com essa situação, às vezes alguma resposta mais torta, (...). Depois também têm a ver com outra coisa, a comunicação escrita é mais difícil, não é, nós se tivermos uma intervenção oral, nós pelo tom, até pelo próprio tom, pode ser a mesma frase, mas dito com um tom diferente pode ter outro significado, pronto e aqui a comunicação, (...).” (E7)*

Isso não significa, porém, que não haja desentendimentos entre os professores e os alunos no ensino à distância:

*“ (...) são completamente diferentes dos nossos alunos presenciais. Por exemplo, (...) o aluno não é mal-educado ao nível de asneiras mas ao nível do tratamento é, “não fale assim comigo”, e se eu utilizo as maiúsculas para o chamar à atenção, começa-me logo a dizer “não grite comigo, nem a minha mãe grita comigo”, portanto temos aqui um nível cultural dos alunos que também não é exactamente..., não percebe que eu preciso de gritar com ele, preciso de o chamar à atenção porque ele não está a agir correctamente, tem que trabalhar.” (E3)*

A utilização de expressões menos correctas na sala de conversação (chat – sala de aula) ou ainda falhas na linguagem não verbal (escrita) podem estar na origem de algumas das situações de conflito (Quadro nº 26 em anexo):

*“ (...) eu penso que esta indisciplina também é criada pelas falhas de comunicação que há no chat, porque se nós conversarmos com os nossos amigos e quem usa redes sociais a falar no chat, há sempre mal entendidos porque não há expressividade, uma frase que nós podemos pensar que é ofensiva, que é mais ríspida, se calhar não é, falta uma vírgula, se calhar somos nós a conversar e penso que essas situações também dependem daí, porque há males entendidos (...), tem a haver mesmo com o facto de ser escrito, porque na oralidade nós dizemos uma coisa a um aluno que reage mal e nós dizemos “atenção não era bem isso que eu queria dizer”, pela expressão facial, aqui não, por exemplo, tive uma vez uma aluno que se chateou muito comigo porque eu escrevi em CAPS LOCK (em maiúsculas), eu só escrevi em CAPS LOCK porque a primeira letra ficou em minúscula e o resto ficou tudo em maiúsculas mas ela nem se apercebeu, enganei-me no teclado e ela ficou ofendidíssima porque estava a gritar com ela e eu não estava a gritar, enganei-me a escrever, pronto este tipo de coisas acontece, estes mal entendidos.” (E5)*

Para solucionar as situações que ocorrem em contexto de sala de aula (chat), os professores referem que primeiro tentam resolvê-las em contexto de aula, mas caso não consigam, utilizam o telemóvel para falar, no imediato, com os alunos ou com os pais. Outros dos procedimentos adoptados consiste em comunicar ao tutor a ocorrência para que este informe o encarregado de educação do sucedido (Quadro nº 27 em anexo):

*“Quando se verifica uma situação que o professor não consegue resolver, passa esse papel um bocadinho para o tutor que em princípio falará com o encarregado de educação do aluno e resolverá a situação menos correcta ocorrida em sala de aula.” (E1)*

*“Um bocadinho como no presencial, portanto às apalpadelas, tentando falar com eles no sentido de não permitir esse tipo de conversa em sala de aula. Quando não funciona, ou seja, quando o aluno não acata as ordens do professor, portanto a autoridade do professor é expulso da sala de aula como numa aula normal, portanto é expulso do chat. (...). Primeiro tentamos solucionar a situação de indisciplina no chat e caso não se consiga, por telefone. Quando se telefona, muitas das vezes recorremos aos encarregados de educação para advertir o seu filho, se a situação se justificar é logo na hora, portanto temos a vantagem de telefonar logo aos pais e comunicar-lhes que o filho está a ser mal-educado no chat e o pai pode ver o que aconteceu, a conversa fica registada, tudo o que aconteceu fica registado e pode ser visto posteriormente.” (E4)*

*“Primeiro passa pelo professor em questão e pelo aluno em questão, se se considerar que se deve, que a situação deve ser transmitida aos encarregados de educação, então o professor entre em contacto com o tutor e transmite e diz aquilo que se passou e é o tutor que fala com o encarregado de educação. Sempre que necessário recorremos ao telefone e às vezes até acontece nós recorrermos ao telefone e ligamos directamente ao aluno e puxarmo-los as orelhas.” (E7)*

Apesar das situações de indisciplina terem uma expressão pouco significativa no ensino a distância (EDI), alguns professores consideram que estas situações, tal como no ensino presencial prejudicam o normal funcionamento das aulas, enquanto outros referem que não interferem nem prejudicam esse processo (Quadro nº 28 em anexo):

*“Se numa aula, tal como no presencial, houver casos de indisciplina, vão estar a prejudicar o tempo de aula, vai-se estar a perder tempo com essa situação, prejudica em termos de aproveitamento da aula. O aluno que tiver interessado pode sempre compensar com trabalho fora da aula, mas prejudica também.” (E4)*

*“Não afectam o processo de ensino e aprendizagem”. (E8)*

Em síntese, para a maioria dos professores entrevistados, a reduzida ocorrência de situações de desordem escolar constitui uma vantagem do ensino à distância. Estes docentes também apontaram como aspectos positivos o seu enriquecimento profissional ao nível das competências TIC e a possibilidade de adquirirem novas experiências e ultrapassarem novos desafios. O facto dos alunos conseguirem, através da frequência do EDI, concluir a escolaridade obrigatória e terem a oportunidade de repetir ou observar as aulas o número de vezes que desejarem, são ainda outras das vantagens enaltecidas pelos docentes.

No entanto, enquanto os professores que leccionam há mais tempo no ensino a distância, apontam o seu enriquecimento profissional ao nível das TIC como uma das principais mais-valias desta modalidade de ensino, os docentes que leccionam apenas há um ano, salientam como principal vantagem o menor desgaste físico no exercício da actividade profissional.

Mas, apesar das desvantagens que identificam neste tipo de ensino, os professores que trabalham há mais de um ano no EDI, afirmam que preferem leccionar através desta modalidade de ensino pois não deixam de estabelecer uma relação afectiva com os alunos. Na verdade, estes professores salientam que, apesar da distância, conseguem desenvolver interacções muito positivas com os alunos. Os símbolos, como os “*smiles*”, que os alunos regularmente utilizam nos diálogos escritos em que todos participam na sala de conversação (chat), são muito úteis para os docentes poderem perceber o estado sentimental e emocional em que os estudantes se encontram e, em função disso, gerirem melhor a relação pedagógica (Quadro nº 20 em anexo):

*“É muito engraçado, através de um “smile” que eles utilizam muitíssimo para transmitir a sua tristeza, a sua alegria, a sua satisfação, os seus*

*problemas. Nós professores acabámos também por usar os “smiles” como motivação, para dizer que gostamos do trabalho, que estiveram excelentes. Para os alunos mais introvertidos, muitas vezes, recorreremos ao telefone ou à mensagem interna, ou seja, mensagens na plataforma onde podemos falar com os alunos em particular, digamos assim, e isso às vezes ajuda muito.” (E1)*

*“É a tal linguagem que nós fomos aprendendo ao longo do tempo, ou seja por escrito. Eu sei quando um aluno está contente, há dias em que aquele aluno não está a participar tanto, o aluno não está muito bem, não vale a pena, podemos perguntar e ele responde o essencial mas não está muito efusivo quando não tem o “smile”, (...). Portanto conseguimos perceber o estado emocional dos alunos através dos “smiles” e eventualmente através do tipo de discurso escrito que ele utiliza na aula.” (E2)*

*“Consegue-se mas demora-se um bocadinho mais a perceber-se a personalidade de cada um, como é óbvio, mas consegue-se perceber através da forma como eles me respondem, já diz muito, só que isso apercebemo-nos ao fim de mais tempo do que no presencial. (...). (...) os professores que têm mais experiência nisso (...), os conhecimentos prévios de outros professores são importantíssimos para diminuir este tempo de percepção de como é o aluno, porque acho que é importante nós conseguirmos chegarmos até eles de uma forma eficaz e logo no início, (...).” (E4)*

Estas opiniões permitem-nos concordar com Dorjó (2011) que defende justamente que “(...) a forma como se usa a linguagem e se estrutura a mensagem desperta a afectividade, revela a sensação de estar perto, de poder contar com o outro, de envolver e ser envolvido, de sentir carinho, saudade, amizade, estabelecer fortes laços afectivos” (p. 10). Leffa corrobora esta ideia ao afirmar que por mais formal, fria e até distante de sentimento que pareça, a transmissão de sentimentos e emoções através da comunicação escrita no ensino à distância é carregada de sentimentos e emoções. Os recursos digitais não verbais como os “*emotions*” que se utilizam neste tipo de comunicação têm como intuito desenvolver vínculos afectivos entre professores e alunos (2001, citado em Ribeiro, s/d, p. 794)<sup>17</sup>.

---

<sup>17</sup>Já quanto à interação que se estabelece entre os alunos, ela é igualmente operacionalizada através de um código escrito, seja nos chats das aulas, seja em redes sociais, em particular o *Facebook* (Quadro nº 21, em anexo):

Se parece, pois, ser possível estabelecer vínculos afectivos neste tipo de ensino, este processo é, porém, mais demorado do que o se estabelece no ensino presencial.

*“Acho que sim, é diferente, não há contacto visual mas eu acho que sim, ao fim de algum tempo claro, inicialmente não.” (E9)*

*“Sim. (...) acaba sempre por ser diferente do presencial mas, por exemplo, há uma coisa que eu dou comigo a fazer que é mandar beijinhos para toda a gente no final da aula. (...) É possível mas mais demorado, diferente, com características diferentes mas é possível.” (E4)*

*“(...) é um bocadinho mais demorado no início, mas depois é exactamente igual ao presencial. Pode ser mais difícil chegar a alguns alunos, mas também o é no presencial, temos alunos que durante o ano inteiro entram mudos e saem calados da sala da aula, é a mesma coisa. Acho que é mais demorado no início estabelecer uma relação, haver ali uma empatia, mas não é impossível.” (E1)*

*“A nível da empatia com os miúdos, criam-se sem dúvida alguma mas demora muito mais tempo, e demora mais tempo nós descobrirmos as dificuldades deles, enquanto que no presencial nós basicamente pelo olhar que eles estão a fazer connosco percebemos que eles nunca deram isto, para estes aqui às vezes temos mais dificuldade em perceber isso (...).” (E2).*

Por isso, alguns dos professores que leccionam há menos de um ano neste tipo de ensino valorizam bastante a informação que os colegas mais experientes lhes transmitem sobre os estudantes e consideram que deveria ser garantida a continuidade pedagógica, a par da existência de momentos presenciais com os alunos (Quadro nº 22 em anexo):

*“ (.). Nós neste momento já temos uma relação de proximidade com os alunos, nós já percebemos se um aluno está ou não bem, já contactamos com eles a perguntar o que é que se passa. No início é difícil, mas depois vamos conhecendo os alunos. Mas há uma coisa muito importante, os conhecimentos que os colegas que já cá estavam têm destes alunos é muito importante para nós e, portanto, o feedback que elas nos dão sobre o comportamento daquele aluno, sobre a vida pessoal daquele aluno isso também nos ajuda a compreender o aluno e a aproximarmos deles. É muito*

---

*“(…), para além das conversas que eles vão tendo no chat, eles estão a comunicar em simultâneo no facebook ou noutra rede social.” (E3)*

*importante conhecer o contexto familiar, bem como é importante a continuidade de um professor durante x tempo.” (E1)*

*“Também se estabelece, com a experiência é possível, nota-se logo uma diferença, por exemplo, com a Patrícia e a Andreia que são coordenadoras e que já estão há 4 ou 5 anos neste projecto, conseguem perfeitamente essa relação pedagógica e estimular o aluno a trabalhar, conseguem muito mais que nós, que inicialmente como eles não nos conheciam, era um problema.” (E6)*

*“(…), a relação é um bocado distante porque eles não associam aquela pessoa que fala com eles a uma cara, o professor para eles não tem aquela implicação que tem, (…), é alguém que está ali a falar com eles, e eles aquela empatia pedagógica não a criam até porque eu tenho a experiência de me ter reunido com alunos do projecto presencialmente no Norte, o aluno que esteve comigo uma semana presencialmente tem uma relação completamente diferente comigo da restante turma, era um aluno com muitas dificuldades (…), não conseguia fazer nada, neste momento está um miúdo que interage, quer responder, (…), eu já não sou aquela pessoa que está ali a escrever, ele conhece-me, ele falou comigo, (…), é completamente diferente, (…), tem a ver com essa empatia que ele criou presencialmente.” (E5)*

No que diz respeito às diferenças que existem na relação pedagógica no ensino à distância e no ensino presencial, se para uns professores não existem diferenças significativas, para outros a principal distinção incide, uma vez mais, na questão da proximidade afectiva que (não) se estabelece entre professores e estudantes (Quadro nº 23 e Quadro nº 24, em anexo):

*“No essencial é igual, consegue-se de outra forma mas é igual.” (E2)*

*“Não existe uma grande diferença no presencial e à distância, os mais pequenos são muito mais afectivos, nota-se muito esta ligação porque é muito beijinho, enquanto com os maiores já é diferente.” (E2)*

*“(…) acho que é diferente, (…). Em contexto presencial cria-se uma empatia directa entre professor e aluno, (…) e que aqui é difícil ou pelo menos, eu por mim não sei, porque eu gosto muito de olhar as pessoas nos olhos e aqui não consigo, portanto eu dependo da palavra deles, (…).” (E3)*

Para alguns professores que trabalham há mais de um ano no ensino à distância a relação pedagógica desenvolvida neste tipo de ensino é, inclusivamente, mais próxima daquela que se estabelece no ensino presencial:

*“(...) é mais próximo, porque por exemplo eu não estou só no tempo de aula com os meus alunos, estou com eles, acabou a aula mas entretanto à noite eu estou na plataforma ou fora do meu horário lectivo, eu estou na plataforma e se eles tiveram alguma dúvida eles mandam mensagens e perguntam-me coisas, (...), ora no ensino regular nós acabamos a nossa aula, pronto e vamos para outra turma e cada um segue o seu caminho.” (E7)*

Esta diversidade de opiniões é igualmente visível quando perguntamos aos professores se é “mais fácil ou difícil ensinar num contexto de ensino à distância”. Para os que trabalham há mais de um ano no EDI não é mais fácil nem mais difícil mas é “diferente”: (Quadro nº 8 em anexo):

*“Não vejo as coisas mais fáceis ou mais difíceis, (...), são diferentes, portanto tudo é diferente, pronto no meu caso não tive muita dificuldade porque a minha interacção com o computador, durante a minha vida profissional tive muitos contactos através do computador, (...), portanto não foi nada difícil pelo contrário até foi relativamente fácil adaptar-me a esse tipo de comunicação e comunicar com os meus alunos através do computador, são é formas de comunicação completamente diferentes, na interacção, na forma de expor os assuntos, tudo tem de ser diferente.” (E10)*

*“É diferente, não é mais fácil nem mais difícil, é diferente, os dois tipos de ensinamentos requerem estratégias próprias, adequadas, específicas e quer um quer outro requer muito trabalho do professor, portanto eu não digo que um seja mais difícil do que outro, são diferentes.” (E8)*

Já os docentes que trabalham no EDI há menos de um ano consideram que “é mais difícil”, muito embora a experiência que adquirem neste tipo de ensino pareça contribuir para que esta percepção se vá atenuando:

*“Não consigo responder taxativamente. Se me perguntasse isso em Setembro, Outubro eu diria que isto é muito mais difícil, que o ensino presencial é muito mais fácil, agora nesta altura estou muito dividida, não sei.” (E1)*

*“É muito mais difícil, muito mais difícil.” (E5)*

Quanto à preferência em trabalhar no ensino à distância (EDI) ou no ensino presencial, constatamos que os professores que leccionam há mais de um ano neste tipo de ensino preferem o ensino à distância (EDI), quer por o considerarem um novo desafio profissional, quer por referirem a existência de uma grande envolvência com este processo, quer porque reconhecem como ele é importante para os alunos conseguirem adquirir saberes escolares (Quadro nº 9 em anexo):

*“É assim, eu acho que as duas experiências são válidas, neste momento prefiro leccionar no EDI, porque é um desafio todos os dias.” (E7)*

*“Eu neste momento, ao fim de 4 anos, prefiro leccionar aqui (EDI), porque já há uma envolvência muito grande com isto (...).” (E8)*

*“Ambas compensam, ambas, cada qual tem a sua característica diferente e neste tipo de ensino eu acho que o meu tipo de trabalho é mais compensador porque vejam, se não fosse assim estes miúdos nunca teriam outra forma para aprender.” (E2)*

Os docentes que trabalham há menos tempo no EDI demonstram, por seu lado, preferência pela leccionação no ensino presencial (Quadro nº 9, em anexo), mas isso não invalida que não tenham apreciado bastante a experiência no ensino à distância.

Entre estes, a maioria preferiria leccionar no ensino presencial, justamente pela dificuldade que sente em criar um “halo afectivo” com os alunos:

*“Gosto muito de trabalhar aqui mas tenho doze anos para trás no ensino presencial que também gosto muito, é muito mais fácil interpretar um aluno no contacto directo, é muito mais simples mas depois tem outros problemas, não é.”(E1)*

*“Contacto presencial, físico com os alunos, o olhar, eu sou uma pessoa muito gestual, eu explico muito através dos gestos e basta-me olhar para um aluno e volto-me para o quadro e explico-lhe, faço um desenho, às vezes digo que faço o pino para eles entenderem, aqui obviamente torna-se muito mais complicado fazer isso.” (E2)*

A falta de experiência em trabalhar num contexto de ensino e aprendizagem deste tipo, poderá também contribuir para explicar as suas preferências. Para além destes constrangimentos, os professores entrevistados identificam outros problemas no exercício da sua actividade profissional: a instabilidade do corpo docente e o aumento do trabalho burocrático (Quadro nº 10 em anexo):

*“(…), um deles não depende de nós, nem da resolução, não passa por nós, é um facto do corpo docente não ser o mesmo todos os anos. É mau para nós que já cá estamos, é mau para os alunos porque todos os anos têm que se habituar a professores diferentes, depois são professores que ficam cá colocados mas que não têm experiência neste tipo de ensino que para eles também acaba por ser, têm uma longa fase de aprendizagem (…) a experiência é fundamental, essa é uma das grandes desvantagens.” (E7)*

Como se constata, a problemática em torno da mobilidade geográfica dos professores, já existente nos finais dos anos oitenta (Braga da Cruz, 1988), continua a ser, no início do século XXI, uma preocupação que os afecta no exercício do seu “ofício”, seja ele desempenhado em contexto à distância ou presencialmente.

Um dos entrevistados refere ainda que o ensino profissional é desadequado para os alunos itinerantes, uma vez que a maioria deles já trabalha diariamente:

*“(…) acho que este tipo de ensino não devia ter o ensino profissional ou seja o ensino profissional pretende-se que seja essencialmente prático e presencial, ora estes alunos não estão no presencial, (...). Grande parte destes alunos trabalha efectivamente todo o dia, eles dizem professora eu não vou conseguir fazer o estágio porque eu estou a trabalhar, a professora não percebe, eu não posso estar oito dias a estagiar. Acho que o ensino profissional está desenquadrado para estes alunos que já são trabalhadores.” (E3)*

A dificuldade em resolver problemas técnicos que surgem em situação de aula, sejam eles relacionados com os equipamentos informáticos (computadores) ou com o difícil acesso à internet por parte dos alunos, em função do local onde se encontram, é também apontada por outros docentes como um dos principais constrangimentos sentidos no ensino à distância.

Não é por isso de admirar que estes docentes considerem que um dos principais desafios colocados aos professores a trabalhar no ensino à distância esteja relacionado com o domínio de competências na área das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), (Quadro nº 18 em anexo):

*“Isto é muito conhecimento informático, inicialmente foi o que mais custou durante o 1º e início do 2º período. Acho que agora já consigo fazer as coisas bem, dominar a tecnologia, os programas e esta linguagem que é típica do EDI, aquelas coisas que nunca nos ocorreu, aqui tudo é escrito, foi complicado no início mas agora já está ultrapassado.” (E2)*

*“O desenvolvimento das competências TIC, (...), quem fique aqui colocado que tenha noções muito, muito básicas vai sentir muito mais dificuldades, (...) eu acho que as competências TIC continua a ser o grande desafio, (...).” (E7)*

Para ultrapassar estes constrangimentos, a maioria dos professores entrevistados afirma recorrer ao telefone ou à ajuda dos colegas que leccionam há mais tempo neste tipo de ensino (e, portanto, possuem mais experiência): (Quadro nº 11 em anexo)

*“Recorrer às colegas com mais experiência, com mais conhecimentos para nos ajudarem nessas questões, não existe nenhum técnico para nos ajudar.” (E1)*

*“Às vezes tento telefonar para poder chegar até eles em tempo real com som e tentar desbloquear a situação ou tentar que eles me voltem a colocar a questão e voltar a tentar explicar, porque nem sempre é possível telefonar-lhes, nem sempre é possível estar em tempo real.” (E4)*

*“ (...), é ligando e tentando explicar porque às vezes lá está a linguagem escrita perde-se muito, principalmente com os miúdos. Com os miúdos mais pequenos é muito complicado, o telefone resolve muito das soluções, neste momento a nível do 5º ano estamos a tentar gravar instruções de aulas em vez de escrever as instruções todas, gravar algumas, falado para ver se acaba por ser mais simples.” (E5)*

## 2. Ser professor à distância: concepções dos docentes sobre o exercício da sua profissão

Para além das questões anteriormente mencionadas, procurámos também saber, junto destes docentes, (i) O que é que o(a) levou a ser professor(a); (ii) como caracterizam o “ofício” de professor; (iii) quais as mudanças mais significativas ocorridas nas últimas décadas no exercício da profissão; (iv) se se sentem emocionalmente compensados ou desiludidos no exercício da profissão; (v) se gostariam de exercer outra actividade que não a de professor; e (vi) que imagens têm de si próprio como professores.

Sobre o que os levou a ser professor, constatamos que a maioria indicou a vocação como razão principal para a sua opção profissional (Quadro nº 12, em anexo).

Vejamos como:

*“Eu costumo dizer que as meninas passam por uma fase que querem ser bailarinas mas eu nunca passei por isso, desde os meus 2 anos que quis ser professora (...). E, até agora não estou desiludida, faço isto porque gosto, porque realmente contratada com 12 anos de serviço, a andar de um lado para o outro como eu já ando, que é uma coisa louca, se não gostasse mesmo disto já não estaria a fazê-lo com certeza.” (E2)*

*“Eu venho de uma família de classe média/baixa e não tinha contacto nenhum com o sistema de ensino de parte nenhuma da família, mas segundo me recordo e a minha mãe confirma, eu desde que entrei para o 1º ano decidi que queria ser professora de matemática, a minha mãe costuma dizer que eu cheguei à escola, olhei para o quadro e apaixonei-me pelos números, (...). Não consigo neste momento ver-me noutra profissão onde me sinta tão satisfeita.” (E4)*

*“Sempre gostei, assim naquelas brincadeiras era sempre “o que é que vais seres? Vou ser professora” e ficou, foi por vocação.” (E7)*

É interessante constatar que, tal como os professores que participaram nos estudos de Braga da Cruz (1988) e de Fernandes (2006), a maioria destes professores, apesar das dificuldades sentidas, afirmam exercer esta profissão por vocação e não por ausência de outras alternativas profissionais.

A maioria dos professores entrevistados considera que o professor deve ser um transmissor de conhecimentos e valores devendo ser também um educador, um amigo ou um confidente (Quadro nº 13, em anexo). Nesta diversidade de representações sobre o seu papel, a transmissão de conhecimentos parece ser a função mais valorizada, como podemos constatar pelas opiniões que recolhemos:

*“O professor acima de tudo é a pessoa que deve transmitir conhecimentos da melhor forma possível, tentando muitas vezes e acho que essa é a nossa maior dificuldade é baixar o nosso nível de conhecimentos ao patamar onde se encontra o aluno e saber transmitir para aquele aluno que não está, que não consegue acompanhar, (...).” (E1)*

*“O que caracteriza, o que devia caracterizar, eu acho que o professor tem de ensinar, o professor não tem de educar, o professor não é um educador, pode obviamente fazê-lo pronto, mas a sua principal função é ensinar, transmitir conhecimentos, abrir-lhes este mundo, ensinar-lhes coisas mas não é isto que acontece, nós sabemos.” (E2)*

*“Neste momento é muito difícil, é uma fase difícil de caracterizar, eu penso que em princípio o professor devia ser um transmissor antes de mais (...) não pelo estatuto social lá fora mas como formar gerações futuras. (...) neste momento eu penso que os professores deviam ser a base de uma sociedade porque são quem transmite os pilares para se constituir seres humanos, não sei se será bem o que se passa hoje em dia.” (E5)*

No entanto, autores como Esteve (1995) e Formosinho (1997), defendem que ser professor sempre foi mais educar do que instruir, e que a sua tarefa não se reduz apenas ao domínio cognitivo, implicando também o desenvolvimento socio-afectivo e a integração social dos alunos.

Sobre as mudanças que ocorreram nas últimas décadas no exercício do “ofício” do professor, a maioria dos professores identificou um conjunto de aspectos negativos, que têm sido, aliás, salientados em vários estudos (Teodoro, 1994; Esteve, 1995; Lopes, 2004 e Jesus, 2004): perda de autoridade dos professores; constantes alterações das políticas educativas, indisciplina em sala de aula; imagem negativa do professor perante

a sociedade; diminuição do envolvimento familiar na escola; o excesso de burocracia e mobilidade anual do corpo docente (Quadro nº 14, em anexo):

*“Constantes mudanças e reviravoltas que regem no fundo o ensino, estas mudanças de estratégias ao nível do ministério da educação são horríveis, medidas que tem sido desastrosas (...), é complicado porque quando nós não temos segurança nenhuma, quando andamos na corda bamba durante não sei quantos anos, isso influencia-nos obviamente. “ (E1)*

*“(...) a imagem do professor foi descredibilizada completamente, o professor neste momento não tem autoridade, a educação passou para as escolas e não para as famílias, deixou de estar na família e passou para as escolas quase completamente e, o professor neste momento é quase um entertainer.” (E4)*

*“(...) é a burocracia, (...), há muito papel para preencher, muito papel, muito papel, chegamos ao final do ano e estamos atulhados em papel e durante o ano aquilo que nós queríamos é ter tempo para fazer, que é preparar as nossas aulas, fazer materiais diversificados e que sejam motivadores para os alunos, é aquilo porque nós acabamos por ter menos tempo, porque depois é tanto papel, tanto documento que nos vão pedindo ao longo do ano que aquilo que nós gostamos, que é ensinar, acabamos por não ter tempo.” (E7)*

*“Tem havido uma crescente falta de respeito pelo professor e situações de indisciplina, foi havendo uma desautorização da profissão de professor. Outro aspecto é a instabilidade profissional.” (E9)*

Para os professores que leccionam há mais de um ano no ensino à distância, a instabilidade do corpo docente no sistema educativo em geral e em particular no ensino a distância é apontada como a contrariedade mais significativa neste tipo de ensino.

Apesar de terem sido adoptadas novas medidas políticas, como aquelas que se encontram consagradas no Decreto-Lei nº20/2006, de 31 de Janeiro, continua a verificar-se no nosso sistema educativo uma dança geográfica na mobilidade dos professores (Teodoro, 2006) que muito provavelmente tem vindo a interferir no processo de ensino e aprendizagem dos alunos, independentemente da modalidade de ensino em causa.

Mas estes professores não identificam só aspectos negativos nas mudanças que ocorreram nas últimas décadas no sistema de ensino. A maioria deles também aponta aspectos positivos, como a diversificação das ofertas educativas no sistema educativo português (percursos curriculares alternativos - PCA, cursos de educação e formação - CEF, novas oportunidades e o ensino à distância), assim como a implementação e utilização das novas tecnologias no processo de ensino e aprendizagem (Quadro nº 14 em anexo):

*“(...) o aspecto mais positivo que eu considero é as ofertas educativas, (...) as respostas que a escola pública têm dado nos últimos anos, eu acho que é de louvar, apesar de todas as dificuldades, apesar de tudo, antigamente era impensável existirem, sabe eu quando comecei a leccionar a única coisa que existia era os chamados currículos alternativos e desde essa altura até agora que há tanta coisa que já foi feita, desde CEF (Cursos de Educação e Formação), novas oportunidades, (...), tanta, tanta coisa e isso para mim foi muito bom, este ensino à distância, esta modalidade que é uma medida inovadora, o procurar dar a escolaridade a um público que à partida não quer por diversas razões, que se afastam o mais cedo possível da escola e a resposta que a escola deu, eu acho que é uma medida muito positiva.” (E8)*

*“(...) não havia outra hipótese dos alunos terem acesso ao computador e à Internet se não fosse na escola, e isso é uma vantagem muito grande, porque hoje no nosso mundo, no mundo em que vivemos alguém que não saiba trabalhar com a Internet é um infoexcluído.” (E1)*

Quando questionados sobre as situações que consideram mais negativas para o exercício do seu “ofício” de professor, a maioria deles refere justamente algumas das mudanças que ocorreram nas últimas décadas no sistema educativo português (Quadro nº 15 em anexo):

*“(…), das novas políticas da educação acima de tudo, apesar de os alunos serem difíceis, apesar de serem mal-educados, terem falhas gravíssimas ao nível da falta de respeito pelos professores, acho que o que realmente mais me entristece é o não ver o reconhecimento a nível superior, é mais por aí.” (E4)*

*Questões disciplinares, (...) é uma dificuldade e esta turbulência que existe no sistema educativo que ninguém consegue pensar em ensinar se todos os dias tem uma grande turbulência à volta da profissão.”(E5)*

*“É a instabilidade profissional, a indisciplina, tanta coisa...as turmas muito grandes.” (E10)*

Mas, apesar das dificuldades sentidas, a maioria dos professores entrevistados continuaria a exercer esta actividade profissional, pois ainda encontra factores compensadores para o seu exercício, como o interesse manifestado pelos alunos na aquisição de aprendizagens/saberes escolares e a relação afectiva que estabelecem e desenvolvem com os alunos (Quadro nº 16 em anexo):

*“É a relação que se tem com os miúdos (...), pode ser sempre horrível mas há um miúdo que compensa ao fim do dia, é reconfortante até porque nós sabemos que há miúdos que no fundo nós somos importantes na vida deles (...), isso e é reconfortante saber que somos importantes na vida de alguém”. (E5)*

*“(...) o relacionamento com os alunos, porque eu acho que nós conseguimos sempre aprender alguma coisa, chegamos sempre ao final do ano e eu gosto muito desse contacto com os alunos, seja a distância seja no presencial, acho que isso continua a ser o que é mais compensador.” (E7)*

*“Os resultados, como é que hei-de explicar, a satisfação que eu sinto quando percebo que os alunos, que consegui chegar aos alunos, eles aprenderam alguma coisa, conseguimos transmitir aquilo que eu queria, a minha mensagem. É aquilo que me permite continuar.” (E9)*

*“A relação de empatia que se desenvolve com os jovens é o que compensa no exercício da profissão”. (E11)*

A importância da questão relacional no processo de ensino e aprendizagem, salientada por Barrére (s.d) e Connell (2010), parece, assim, ser uma das principais razões que justificam o investimento destes docentes na sua actividade profissional.

Na verdade, a maioria deles afirma que continuaria a exercer o “ofício” de professor, sendo pouco significativo o número de professores que reconheceram que gostariam de exercer outra profissão, não por não possuírem vocação mas devido,

essencialmente, à constante dança geográfica a que têm sido sujeitos ao longo da sua actividade profissional (Quadro nº 17, em anexo).

*“Eu acho que neste momento não era capaz, eu escolhi ser professora porque gosto de ensinar, tive outras oportunidades nos primeiros cinco anos de profissão para mudar e não mudei.” (E1)*

*“Sim, eu se calhar actualmente não teria ido para o ensino provavelmente, agora o quê não sei, (...). Eu gosto muito de dar aulas mas só mudaria devido à instabilidade que se verifica na profissão docente.” (E6)*

*“Sim principalmente nesta altura que é tão difícil ficar colocada”. (E9)*

*“Não, apesar das alterações políticas prefiro continuar a desempenhar esta actividade”. (E11)*

Quanto à imagem que têm de si próprio como professores, esta associa a exigência e a autoridade à afectividade, o que nos parece muito coerente com a importância atribuída por estes entrevistados à componente relacional do trabalho pedagógico (Quadro nº 19, em anexo):

*“Eu acho que sou exigente, (...), não sou uma professora completamente liberal, não sou, eu acho que há regras que tem de ser cumpridas, acho que sou um bocadinho exigente e rígida mas também sou muito coração mole, (...), eu acho que tenho muito para aprender ainda mas eu dou o meu melhor todos os dias.” (E1)*

*“Eu sou um bocado exigente e autoritária (...) sou muito exigente em determinadas coisas, não abduco de determinadas coisas a nível disciplinar e sou muito exigente mas depois acho que também consigo passar daí, do castigo, da exigência para ser afectuosa com eles (...).” (E5)*

*“ Considero-me uma professora competente que gosta muito de ensinar, que gosta muito de aprender com os seus alunos e gosto muito de desafios e de procurar sempre conseguir ser melhor, (...). Eu sou exigente, autoritária qb, (...) consigo exercer a minha autoridade, eles sabem qual o limite deles e essas coisas ficam definidas, (...).” (E7)*

Esta componente afectiva e relacional do trabalho escolar não é apenas promovida por estes docentes no tempo destinado às aulas curriculares.

As aulas de tutoria – consideradas fundamentais no ensino à distância – constituem espaços privilegiados para se dialogar com os alunos sobre assuntos relacionados com a escola ou sobre outros de natureza mais pessoal que, eventualmente, possam também envolver a família (Quadro nº 37 em anexo):

*“No ensino à distância é fundamental a tutoria, sem tutoria eu acho que era impensável existir ensino à distância. As aulas de tutoria são aquelas aulas em que não é só colocar materiais da disciplina para os alunos trabalharem, por exemplo, naquelas que têm em atraso, (...) mas, mais importante do que isso, é aquele espaço em que há conversa com o tutor e isso é que é muito importante, é aquele espaço em que os outros tutorandos não os ouvem, é conversa entre tutor e tutorando, que há ali aquele espaço só nosso em que cada um geralmente tem um conjunto de sete, cinco, sete tutorandos em que há um espaço em que falamos todos e conversamos todos, dizemos o que é que se passa, se está tudo a correr bem, mas depois há aquele espaço em que o tutor só está com cada um deles individualmente e eles aí sentem-se muito mais à vontade.” (E8)*

As aulas de tutoria servem também para os alunos realizarem o trabalho escolar em atraso nas várias disciplinas ou para a resolução de situações de indisciplina ou conflituosas entre alunos/alunos ou professores/alunos:

*“ A tutoria é o espaço privilegiado para eles puderem recuperar as tarefas que eles não conseguiram fazer ou porque faltaram ou porque até estiveram na aula mas se calhar não conseguiram terminar as tarefas todas e portanto na tutoria é aquilo que nós fazemos, portanto é a realização de tarefas em atraso, cada professor vai enviando frequentemente as tarefas que quer que aqueles alunos façam, em relação aos alunos nem todos têm as mesmas tarefas na tutoria, portanto as tarefas são diferenciadas (...) o tutor vai fazendo a gestão dessas tarefas, (...). Dar os apoios e depois por outro lado, outra coisa também muito importante é que aí nós conseguimos estabelecer um relacionamento muito mais próximo com aqueles alunos, conseguimos com os outros mas com estes em particular, porque também conversamos muito com eles, tentamos perceber o que é que se está a passar (...).” (E7)*

Para Machado e Machado (2004), a tutoria “é necessário para orientar, dirigir e supervisionar os alunos no processo de ensino e aprendizagem. Os autores referem ainda que a tutoria “é o método mais utilizado para efectivar a interacção pedagógica e é

de grande importância na avaliação do sistema de ensino à distância” (p. 11). Da mesma opinião parecem ser Costa e Dias (2012), quando afirmam, num estudo sobre “Ensino à distância para a itinerância em Portugal: práticas de estudo e representações dos alunos”, que nas aulas de tutoria se pretende desenvolver um “acompanhamento mais individualizado dos alunos por parte do professor – tutor, um maior conhecimento das suas dificuldades, um reforço das suas aprendizagens e um contacto mais próximo com os tutorandos e com as famílias (...)”. (p. 3236)

Por outro lado, na tentativa de superar a ausência física do professor, o tutor desempenha um papel fundamental junto dos estudantes, tanto ao nível do trabalho escolar como em termos de promoção da interação familiar. Segundo a maioria dos entrevistados, o tutor orienta os alunos no seu percurso escolar, ajuda-os na resolução de problemas que surjam ao nível técnico ou pessoal e promove a ligação entre a escola e a família (comunicando ao encarregado de educação informações sobre o aproveitamento e comportamento escolar do seu educando) (Quadro nº 38, em anexo). Um dos professores acrescenta ainda que *“os tutores têm no espaço da tutoria um fórum só para contactar com cada um dos Encarregados de Educação. Portanto, se um Encarregado de Educação quiser falar através do fórum com o tutor, pode fazê-lo, mas geralmente e regra geral é por telefone. Mas quando o assunto é demasiado sério, os pais são chamados a vir cá (EDI)”*.

*E1 – “É fundamental, não consigo imaginar isto sem o tutor.”*

*E2 – “(...) o tutor para além de ajudar os alunos no cumprimento dos trabalhos em atraso é também um conselheiro, mesmo também para os pais porque caso tenham alguma dúvida os pais ligam sempre para nós. O tutor resolve desde problemas técnicos a problemas relacionados com o trabalho escolar.”*

*E6 – “Muito importante aqui neste tipo de ensino, é imprescindível (...), se ele não for um aluno assíduo e responsável, a maior parte dos adolescentes não o são, muitos deles aqui não o são porque tem outro trabalho, o trabalho deles do circo ou da feira e, se o tutor não estiver lá atrás deles*

*para o informar do que tem que fazer a tal tarefa, estudar e às vezes falar com os pais (...), neste caso o tutor tem um papel muito importante.*

*E7 – “É fundamental, eu acho que sem a tutoria não há ensino a distância, porque é assim, estes miúdos estão sozinhos com o computador, se não houver alguém que lhes dê um acompanhamento mais individualizado e mais próximo com eles, é impossível.”*

A importância da figura do tutor surge reforçada pelo facto de um número significativo de alunos os contactar depois das aulas, quer para tirarem dúvidas, quer para solicitar ajudar na realização de trabalhos, quer ainda para desabafarem (Quadro nº 39 em anexo), utilizando para isso a plataforma Moodle ou o telefone (dependendo do assunto que pretendem abordar) (Quadro nº 40 em anexo):

*“Sim, [os alunos contactam o tutor] com muita frequência. Enquanto que no presencial a nossa hora acaba e é muito raro eles irem ter connosco, aqui não, como nós para trabalharmos precisamos de estar sempre ligados à plataforma, seja sábado, domingo ou feriado, os alunos pedem ajuda para lhes tirar dúvidas que tenham, alunos que sejam ou não meus.” (E2)*

*“Sim para desabafarem, ou porque estão chateados ou porque tiveram uma situação complicada numa aula. Cada tutor tem um telefone para que em qualquer altura os tuturandos possam comunicar com ele. A comunicação entre tutor e tutorando é feita por telefone, mensagens internas ou no fórum da tutoria (plataforma) para cada um dos alunos em particular.” (E4)*

*“Sim, muitas vezes telefonam aos tutores para tratar, resolver algum tipo de problema, mesmo fora do espaço da tutoria, ou seja fora daquele tempo. (...) se houvesse dúvidas específicas eram direccionados para o próprio professor.” (E10)*

Estes depoimentos permitem-nos admitir que, à semelhança do que sucede com os docentes, muitos dos alunos do EDI também atribuirão um sentido e importância ao trabalho escolar devido à relação afectiva que estabelecem com os seus tutores.

Para Connell (2010), este tipo de relação reveste-se de uma diversidade de sentimentos e emoções, tanto da parte do professor como dos alunos, “desde simpatias e

antipatias até entusiasmo, ansiedade, tédio, alegria, medo esperança” competindo ao professor o desafio de ser capaz de lidar com os mesmos, de modo a que o trabalho escolar seja atractivo e motivador (p.173).

Nesta linha de pensamento, Abrantes (2003) considera que o estabelecimento deste tipo de relação é determinante nas vivências escolares e nos sentidos que professores e alunos atribuem ao processo educativo, em particular nos alunos com menos recursos culturais e económicos (p. 100), como é o caso dos jovens que frequentam o EDI. Parece ser esta uma das funções principais do tutor, sendo, porventura, por isso mesmo que o seu papel é tão valorizado pelos entrevistados.

Os contactos muito regulares que os tutores desenvolvem com os encarregados de educação destes alunos, poderão, também, contribuir para o fortalecimento dos laços e da confiança entre tutor e estudantes. Na verdade, segundo os docentes entrevistados, é comum o professor- tutor telefonar aos encarregados de educação (Quadro nº 42 e Quadro nº 43, em anexo) para conversarem sobre a situação escolar dos alunos (assiduidade, comportamento, motivação, progressão nas aprendizagens) ou por questões de ordem técnica – problemas que surgem no computador (Quadro nº 44 em anexo):

*“Sempre que necessário, pode ser na mesma semana, podemos entrar 20 vezes ou duas, depende. Aqui o contacto entre o tutor e o encarregado de educação acontece com uma maior frequência do que no presencial porque estes miúdos precisam de um acompanhamento maior, porque eles estão sozinhos na maior parte dos casos do outro lado, no computador, portanto é muito mais fácil arranjam coisas para saírem da aula, para não fazerem aquilo que é pedido. O contacto telefónico efectuado pelo tutor também serve de incentivo ao aluno para a realização do trabalho escolar pedido, porque eles precisam de alguém, os pais a maior parte dos casos encontram-se a trabalhar, portanto eles estão ali em frente ao computador sozinhos. Imaginemos se os alunos dentro da sala de aula já têm dificuldade em concentrar-se geralmente, imaginemos sozinhos, este contacto telefónico é fundamental.” (E1)*

*“Sempre que se justifica, pronto, há aqueles alunos que não temos problemas nenhuns, os que estão bem em termos de desempenho ou em*

*termos de actividades, obviamente os contactos são muito diminutos, não é, acabamos por telefonar quando é para dar informações que precisamos ou sobre a avaliação, ou a avisar que enviamos por correio os documentos relativos à avaliação. Aqui não há reuniões de avaliação com os pais como no presencial, aqui a seguir às reuniões nós telefonamos, (...).” (E7)*

*“Questões relacionadas com a assiduidade, motivação dos alunos para o estudo e as informações normais (...). Às vezes o contacto telefónico também pode acontecer por questões técnicas, acontece-me muitas vezes, porque nem todos os alunos têm telefone, às vezes falamos directamente com o aluno mas outras vezes temos de passar pelo encarregado de educação e este passa o telefone ao aluno para resolver aquele problema.” (E1)*

*“Por problemas técnicos, para saber se está tudo a correr bem ou não, por dúvidas que tenham (...).” Obviamente que temos outros pais menos interessados, é como tudo, temos que apertar e temos quase que dizer “ou fala comigo ou mando um relatório para a CPCJ (Comissão de Protecção de Jovens e Crianças)”, pronto para eles mudarem um bocadinho, e temos esses pais.” (E8)*

Estes depoimentos revelam, tal como Abrantes (2003) salientava, que nem os pais nem os jovens vivem todos a escola da mesma forma: se alguns empenham-se arduamente no trabalho escolar, com o intuito de conseguir uma mobilidade social ou um meio de ascensão profissional, outros incorporam a escola como forma de valorização pessoal, através da manutenção de uma relação de proximidade, afectiva ou amistosa com professores e funcionários (p. 100).

Será isto que sucede com os estudantes do EDI? Em que medida consideram que desenvolvem afinidades e relações de sociabilidade e de convivialidade com os colegas/alunos que frequentam a escola para onde se deslocam frequentemente para assistirem às aulas através do Moodle? Como é que se processa a sua socialização com os alunos do ensino regular e com os seus pares do ensino à distância? O que significa para eles a escola e por que motivo a frequentam? Qual é, por outro lado, o apoio que as suas famílias lhes prestam para frequentarem com sucesso esta modalidade de ensino?

Que relação é desenvolvida pelos seus pais com a escola? Estas são algumas questões que gostaríamos de ver respondidas numa futura investigação.

Para já, através das afirmações dos professores entrevistados é possível concluirmos que os encarregados de educação dos alunos do EDI *“não são muito diferentes dos pais da escola dita normal, porque lembro-me que um dos nossos problemas era a ausência dos pais na escola”*; *“há de tudo, ou seja, não considero que existam situações muito diferentes da escola presencial. Portanto, há o pai preocupado com os estudos do filho e que está sempre em cima e há pais despreocupados. Importa referir que muitos dos pais passaram por um processo educativo muito idêntico aos dos seus filhos durante a primária, chegavam a frequentar mais de trinta escolas todos os anos”*.

Das opiniões recolhidas, é também possível constatar que são os professores que, maioritariamente, tomam a iniciativa para contactar os encarregados de educação, apesar de pontualmente poder suceder o contrário (Quadro nº 43 em anexo):

*“Sempre que for necessário, para além daquela informação que é dada trimestralmente sobre as notas de avaliação. (...). Há semanas em que não é necessário ligar para ninguém, há outras semanas que ligamos para toda a gente e às vezes dois dias seguidos ou duas vezes no mesmo dia.” (E2)*

*“Sempre que necessário, aqui não existem reuniões presenciais mas há uma comunicação regular ao encarregado de educação e acaba até por ser mais próximo porque o encarregado de educação telefona a dizer o que se passa com o seu filho, como por exemplo, a justificação da ausência do seu filho às aulas, contrariamente ao meio usado no ensino presencial que normalmente é através da caderneta do aluno. Portanto, nós estamos mais próximo do encarregado de educação. A avaliação dos alunos é comunicada, preferencialmente por telefone apesar de ser igualmente enviada por escrito, estando estes pais mais cientes da situação escolar do aluno, (...). Mas acaba sempre por estar mais próximo, é mais imediato o aluno falta, nós telefonamos logo a perguntar o porquê da ausência do filho à escola.” (E4)*

*“Sempre que se justifica, pronto, há aqueles alunos que não temos problemas nenhuns, os que estão bem em termos de desempenho ou em termos de actividades, obviamente os contactos são muito diminutos, não é, acabamos por telefonar quando é para dar informações que precisamos ou*

*sobre a avaliação, ou a avisar que enviamos por correio os documentos relativos à avaliação. Aqui não há reuniões de avaliação com os pais como no presencial, aqui a seguir às reuniões nós telefonamos, (...).” (E7)*

Este contacto regular dos tutores com as famílias contribuirá para implicar os pais no processo de escolarização dos filhos e responsabilizá-los relativamente aos resultados dos seus progenitores, pois se haverá famílias que efectuem um acompanhamento atento e regular do quotidiano escolar dos seus filhos, outras parecem ser bem menos empenhadas (Quadro nº 44 em anexo):

*“De um modo geral é porque ou o aluno não está na aula e não avisou, que é raro mas que não avisou onde é que está, ou o que é que se passa, (...), portanto por questões técnicas, faltas. Às vezes os pais também tomam a iniciativa de ligar para a escola, principalmente por questões técnicas, ou avisar que o aluno não vai à escola por ir viajar.” (E2)*

*“(...) para saber da situação escolar do aluno. Acho que tal como no presencial é difícil, a não ser que seja um pai muito preocupado, mas temos poucos casos desses.” (E4)*

*“Por problemas técnicos, para saber se está tudo a correr bem ou não, por dúvidas que tenham (...)” Obviamente que temos outros pais menos interessados, é como tudo, temos que apertar e temos quase que dizer “ou fala comigo ou mando um relatório para a CPCJ”, pronto para eles mudarem um bocadinho, e temos esses pais.” (E8)*

Diogo (2008) tem demonstrado que a relação escola-família faz-se hoje de uma forma diferente da do passado, uma vez que actualmente a maioria das famílias, independentemente da sua condição sociocultural, valoriza bastante a educação formal e considera importante a conclusão de percursos escolares prolongados. Mas, para além da mobilização das famílias, a autora observa que é igualmente importante o investimento dos jovens na forma como desempenham o “ofício” de aluno para o seu sucesso escolar (p. 218-221).

De acordo com Zago (2011), o modo como as famílias, independentemente das suas condições socioculturais, se mobilizam e participam no processo de escolarização

dos seus filhos é muito importante para o sucesso escolar (p. 79). Viana (2011) entende identicamente que a “dimensão comportamental e disposicional do bom desempenho escolar”, como o desejo de aprender, a dedicação, a disciplina e o empenho no trabalho escolar, remetem para as “práticas socializadoras familiares e podem pesar mais do que a herança cultural” (p. 14). Poderão ser justamente estes factores que contribuem para explicar o sucesso escolar dos alunos que frequentam o EDI. Recordamos que apesar das taxas de insucesso terem subido nos últimos anos, estas parecem dever-se sobretudo às situações de abandono ou absentismo escolar. Neste sentido, pensamos que valeria a pena aprofundar estas questões numa pesquisa posterior.

Para já, é nossa intenção concentrarmo-nos, para terminar, no modo como os docentes do EDI percebem a gestão e implementação do currículo escolar.

### **3. Gestão e implementação do currículo escolar no EDI**

Com este trabalho procurámos também conhecer os constrangimentos e dificuldades sentidas pelos docentes ao nível da implementação do currículo; as alterações realizadas em termos de estratégias e práticas metodológicas; o tipo de trabalho desenvolvido na componente não lectiva; as estratégias específicas de aprendizagem adoptadas para estes alunos e as modalidades de avaliação utilizadas.

Em relação às dificuldades sentidas na implementação do currículo, segundo as opiniões dos professores, estas variaram em função da disciplina leccionada. Assim, ao nível das Línguas, a dificuldade mais apontada foi o desenvolvimento da expressão oral (oralidade), enquanto ao nível das Expressões, da Matemática e das Ciências Físico Naturais o constrangimento mais forte residiu no trabalho prático e experimental que os alunos deveriam desenvolver de acordo com as orientações previstas no Currículo Nacional (Quadro nº 29, em anexo):

*“(...) na área da gramática é um bocadinho mais difícil de explicar, faz-se, tenta-se com as apresentações, com exemplos claro e consegue-se mas também é um bocadinho mais difícil sobretudo quando uma pessoa não está habituada, enfim, (...), faz-se mas é complicado, pomos a ouvir um texto e eles tem que responder a um questionário sobre o texto que apenas podem ouvir, portanto, que tem apenas a componente oral mas também podemos fazer exercícios de leitura porque eles gravam os textos e depois enviam, é possível mas é mais difícil.” (E1)*

*“(...)em termos do Português, (...) aquilo que me oferece mais dificuldades é eu conseguir, porque uma das competências é a expressão oral, pronto é aquilo que me oferece mais dificuldades (...), toda a nossa comunicação é escrita, aquilo que eu posso pedir como expressão oral é para eles fazerem gravações, mas não há interacção, não é, portanto eles fazem por exemplo uma leitura de um texto e enviam-me ou eu faço por exemplo uma perguntas no fórum e em vez de eu dizer para eles escreverem as respostas digo para eles a dizerem, pronto é aquilo que acaba por ser mais difícil de trabalhar com eles (...)”. (E7)*

A falta de percepção imediata da aquisição das aprendizagens por parte dos alunos, o facto de os alunos terem de trabalhar de forma muito mais autónoma e a necessidade de transformarem em suporte digital todos os recursos (materiais) pedagógicos constituíram outras dificuldades apontadas pelos docentes:

*“(...), eu acho que aqui, pronto, as dificuldades passaram obviamente por transformar tudo aquilo que eu tinha em materiais interactivos e que pudessem ser utilizados na plataforma (...)” (E7)*

*““(...) é preciso mais tempo, é preciso dar-lhes mais tempo e acaba por não haver forma de eles trabalharem tanto, como é à distância o tempo de chegada da informação, quer queiramos quer não, o aluno tem que trabalhar sozinho e por mais que o professor esteja lá para apoiar, há coisas que o aluno tem que fazer sozinho e este processo demora mais tempo a ser executado, logo se demora mais tempo é difícil de cumprir o programa, (...). Tudo demora mais tempo porque tudo depende do aluno, a bola está mais do lado do aluno, o aluno tem de trabalhar mais, de forma mais autónoma, tem de ter um empenho maior do que o do presencial. “ (E4)*

Já quanto às potencialidades sentidas no contexto de ensino e aprendizagem à distância, os professores entrevistados salientaram sobretudo a frequência e conclusão da escolaridade obrigatória por parte deste tipo de população escolar (alunos itinerantes)

e a possibilidade de os alunos acederem aos conteúdos das aulas em qualquer hora ou momento (Quadro nº 30 em anexo):

*“Um das vantagens são estes alunos poderem frequentar a escola.” (E2)*

*“Uma das potencialidades é mesmo o aluno ter a aula disponível a qualquer hora e em qualquer momento, pode fazer a aula em qualquer momento, refazer a aula as vezes que forem necessárias, (...) até conseguir perceber e, se ainda não perceber pode comunicar ao professor de uma forma mais eficiente do que no presencial, (...) aqui pode mandar uma mensagem a qualquer hora do dia ou a qualquer hora da noite e expor as suas dúvidas e como nós temos que fazer muito trabalho fora do tempo de aula (plataforma), acabamos por estar mais disponível para os alunos (...).” (E4)*

Em relação às estratégias metodológicas adoptadas no ensino à distância, a maioria dos professores refere que são muito diferentes das usadas no presencial, pois enquanto o ensino presencial é centrado na figura do professor, no ensino à distância é centrado nos recursos digitais. Alguns professores entendem, no entanto, que as diferenças são pouco significativas entre ambos os ensinamentos, uma vez que no ensino presencial já se recorre cada vez mais às novas tecnologias.

Pelas opiniões que recolhemos, podemos perceber que as estratégias adoptadas no ensino à distância (EDI) são diversificadas e diferenciadas em função de cada área disciplinar. Assim, nas Línguas Estrangeiras, ao nível da oralidade, os professores recorrem às gravações áudio para conseguirem ultrapassar o facto de este processo de ensino e aprendizagem assentar apenas na comunicação escrita. As outras áreas disciplinares utilizam regularmente vídeos e apresentações eletrónicas (Quadro nº31 e nº 34 em anexo)

*“Obrigatoriamente tem que ser, são muito diferentes das do presencial, porque nas línguas estrangeiras a oralidade, que é uma coisa muito importantíssima, aqui perde-se um bocadinho, consegue-se avaliar mas é diferente da forma como é avaliada no ensino presencial, embora a oralidade seja trabalhada, mas é de outra forma, é através da gravação,*

*mas não é o imediato, a pessoa não corrige de imediato. Ouvir o professor a falar em inglês é completamente diferente do que estar a ler o escrito.” (E2)*

*“São um bocadinho adaptadas porque são mais com recurso às novas tecnologias, por exemplo, eu não pensava no presencial colocar um vídeo numa resolução de um exercício, eu explico o exercício na hora, é o que acontece, essa minha explicação é na hora e passa, mas à distância nós utilizamos uma metodologia diferente que é pôr uma apresentação com a resolução, pôr um vídeo se for necessário e o aluno revê o vídeo, pára e volta atrás, portanto uma metodologia mais baseada nas novas tecnologias enquanto que na outra é mais baseada na figura do professor.” (E4)*

*Como um dos professores sistematizou, uma aula típica é suportada por um conjunto de guiões que estão organizados por semanas, portanto, há um guião de cada sala e por conseguinte a realização de um projecto semanal. Assim, começamos a aula pelo recurso chat para nos cumprimentar, dizer “bom dia, olá está tudo bem”. A sensibilização a um novo conteúdo, dependendo da disciplina, normalmente é efectuado através de apresentações eletrónicas em PowerPoint ou filmes retirados do Youtube. Em seguida, normalmente uns têm um conjunto de actividades ou fichas de trabalho para realizarem; outros têm de ir ao fórum para responder a várias questões. Depende de cada disciplina a planificação e organização da sua aula. O fórum, talvez seja o recurso rainha porque é o local onde professores e alunos estão ali a desenvolver actividades, portanto, no fundo, é como uma sala de aula. Em Comunicações e Expressões funciona muito como uma zona de atelier, ou seja, onde alunos e professores discutem, colocam ou simplesmente falam sobre o projecto a desenvolver”.*

Para a maioria dos professores, o EDI implica muito mais trabalho na componente não lectiva, apesar de terem, em teoria, as mesmas obrigações que no ensino presencial, como a planificação das actividades, a definição de critérios de avaliação, a participação nas reuniões de departamento ou, reuniões de directores de

turma e de disporem de três horas semanais para construir e preparar recursos digitais:

*“(...). As planificações foram feitas normalmente como no ensino regular, foram entregues ao departamento e estão cá, depois o trabalho que tenho é mesmo de preparação de aulas. (...), ao nível de preparação de aulas é muito mais exigente.” (E3)*

*“(...) Para mim é muito mais trabalhoso aqui, (...). Nós temos algumas horas durante a semana para fazer um trabalho assíncrono, portanto uma preparação, correcção, etc., depois tudo o resto tem que ser feito extraordinariamente, portanto é muito mais trabalhoso” (E1).*

Relativamente aos procedimentos avaliativos utilizados no ensino à distância (EDI), a maioria dos professores refere que são semelhantes aos usados no ensino presencial, consistindo estes na realização de fichas sumativas e fichas de trabalho, embora o valor percentual atribuído a cada um deles seja diferente em função do tipo de ensino a que nos reportamos. Assim, no ensino à distância são atribuídas às fichas sumativas um valor percentual inferior ao que é atribuído no ensino presencial; e, além disso, é muito mais valorizada a participação e todo o trabalho realizado e desenvolvido pelos alunos (Quadro nº 35 em anexo):

*“Existe uma grande diferença, (...) o teste é aquilo que vale menos, tem muito menos percentagem na avaliação, porque num teste presencial o aluno é desprovido de todos os materiais onde estará a matéria, é impossível nós fazermos aquilo aqui, porque os alunos têm acesso à matéria através das apresentações. Se eles quiserem eles vão à procura da resposta, como é óbvio, para além de que podem ter ajuda que nós não vemos. (...) nós o que avaliamos mais é a aula, o trabalho feito em aula, a continuidade do trabalho desenvolvido pelo aluno. Se realiza geralmente os trabalhos pedidos, se normalmente não os realiza na aula (...), se os faz com cuidado ou se faz assim um bocadinho a despacharem.” (E1)*

*“Da mesma forma dos outros, se bem que temos critérios específicos como é óbvio, os testes valem menos, damos muito mais valor ao trabalho do dia-a-dia, às tarefas, à participação, ao comportamento, damos valor a outras coisas que obviamente não damos no presencial.” (E2)*

Atendendo ao tipo de ensino praticado no ensino à distância (EDI), constatamos que a maioria dos professores utiliza a avaliação formativa como estratégias específicas de avaliação, em vez da avaliação sumativa, pelos motivos que os próprios invocam (Quadro nº 36 em anexo):

*“São avaliados da mesma forma que são avaliados no ensino presencial, têm os seus momentos de avaliação, sabem quando tem os testes de avaliação, se tiverem as provas a nível externo também as vão fazer, portanto, seguimos aquilo que fazemos no ensino presencial, testes, avaliação formativa, é a participação, os trabalhos obviamente que em termos de peso na avaliação os trabalhos que eles vão fazendo ao longo do período tem muito mais peso do que os testes, porque é assim, os testes são feitos na plataforma e nós não estamos com eles, não sabemos quem, eventualmente pode haver outra pessoa ali a ajudar, portanto os testes tem de ter um peso muito relativo nesta avaliação.” (E7)*

*“São avaliados como os alunos no presencial, são avaliados, têm os chamados testes, aqui é muito feita uma avaliação formativa, nós aqui incidimos muito na avaliação formativa (...). “ (E8)*

Apesar de os docentes que leccionam no ensino à distância (EDI) considerarem que passaram a desempenhar um novo papel ao trabalhar neste tipo de ensino, reconhecem claramente, quando se trata de alterarem as práticas pedagógicas, que afinal alteraram apenas os recursos pedagógicos (Quadro nº 32 em anexo):

*“a criação de materiais de raiz, tinha fichas mas não era para este tipo de ensino, apesar de já existir material de anos anteriores, em que podíamos consultar para ver a tipologia, obrigatoriamente, mas tive de criar materiais tendo em conta a forma como eu ensino.” (E2)*

*“Não, o que mudou foi a operacionalização das coisas agora a metodologia não.” (E10)*

Neste sentido, os nossos resultados vão ao encontro de vários estudos que têm salientado como os professores que trabalham em ambientes de ensino e aprendizagem à distância tendem a reproduzir as suas práticas como se estivessem numa sala de aula

convencional, esquecendo-se das particularidades desses ambientes (Machado e Machado, 2004, p.4).

Em síntese, da análise ao conjunto dos resultados obtidos, poderemos concluir que para a maioria dos professores entrevistados trabalhar num contexto de ensino à distância constitui uma experiência inovadora e interessante, muito embora alguns a considerem difícil e com características muito diferentes do ensino presencial, sobretudo pela forma como professores e alunos interagem, pelo peso do trabalho não lectivo e pela importância atribuída à avaliação formativa.

No que concerne à relação com a profissão docente, a maioria dos professores, refere que a alteração das políticas educativas no sistema educativo português nos últimos anos tem dificultado e perturbado o exercício da actividade docente. No entanto, não pretendem exercer outra actividade profissional, pois consideram-se professores “por vocação”. Apesar do seu descontentamento com as sucessivas reformas no sistema educativo, com a sobrecarga de trabalho burocrático e com a mobilidade geográfica a que estão sujeitos anualmente, muitos destes docentes parecem ainda conseguir obter satisfação com o desempenho do seu ofício, precisamente porque o exercem à distância.

O que poderia parecer um enorme paradoxo poderá ser explicado pelo facto de grande parte destes docentes conseguirem assegurar a componente relacional do trabalho pedagógico sem sentirem o desgaste físico que a comunicação face-a-face, desenvolvida quotidianamente no ensino presencial, acarreta.

Por outro lado, o facto de se sentirem reconhecidos e valorizados simbolicamente pelas famílias e alunos com os quais trabalham e simultaneamente constatarem a utilidade da sua actividade na promoção dos desígnios da democratização escolar, permite-nos compreender por que motivo estes docentes parecem fortemente implicados no desenvolvimento do projecto EDI e a ele desejem continuar vinculados.

# **Capítulo VI**

## **Conclusões**

O Estado Português, desde a I República até aos dias de hoje, tem adoptado um conjunto de políticas educativas no sentido de universalizar a escola para todos, com o intuito de garantir o acesso e sucesso escolar de todas as crianças e jovens com idade para frequentar o sistema de ensino público. No entanto, até 2005, essas políticas não tinham ainda conseguido abranger toda a população, em particular os alunos designados como itinerantes, oriundos de famílias cuja actividade profissional está sujeita a deslocações permanentes, como é o caso da circense e da feirante.

O Projecto de Ensino à Distância para a Itinerância (EDI) visa justamente a integração deste tipo de população na escola. Neste projecto, o processo de ensino e aprendizagem é realizado num contexto à distância, sendo a Internet a ferramenta de comunicação e interacção que permite o acesso a uma plataforma tecnológica, a Moodle, de modo a criar uma “sala de aula” virtual, onde os alunos trabalham em conjunto com professores e tutores.

As actividades pedagógicas desenvolvidas são asseguradas, essencialmente, por recursos digitais elaborados, na sua grande maioria, pelos respectivos professores. No que respeita à gestão e implementação do currículo no EDI, podemos perceber pelas opiniões dos professores, que as dificuldades sentidas são variadas, dependendo da disciplina que leccionam. Assim, se para uns os obstáculos encontram-se relacionadas com o desenvolvimento da expressão oral, para outros as limitações residem na impossibilidade de os alunos efectuarem trabalho prático e experimental. O peso atribuído à avaliação formativa e o modo como se processa a interacção entre professores e alunos no contexto virtual de sala de aula constituem, por outro lado, as características mais distintivas do ensino à distância relativamente ao ensino presencial.

No entanto, e ao invés do recomendado pela literatura especializada (cf, por exemplo, Machado e Machado (2004), parece possível concluir que as estratégias de

ensino-aprendizagem adoptadas pelos docentes não diferem substancialmente das que por eles são utilizadas no ensino presencial, apesar da diversidade de recursos digitais empregues nas aulas. Na verdade, os testemunhos dos professores revelam que estes tendem a reproduzir as práticas e os processos pedagógicos usados no ensino presencial, o que confirma os resultados dos estudos que salientam como os professores tendem a ignorar as particularidades dos contextos de ensino à distância, não redefinindo substancialmente o seu papel.

Não é, por isso, surpreendente que a generalidade destes inquiridos demonstre um mal-estar comum a muitos outros professores, quando denuncia a sua insatisfação perante a “dança” geográfica a que os docentes do ensino básico e secundário continuam sujeitos, as constantes alterações das políticas educativas e o modo como a imagem da profissão docente tem sido depreciada em termos de opinião pública.

Em contrapartida, parece-nos bastante relevante o facto de estes docentes valorizarem o desempenho do seu ofício no contexto de ensino à distância, apesar daquele mal-estar. Alguns dos professores entrevistados afirmaram, inclusivamente, sentir-se muito gratificados com a sua actividade profissional, porventura por considerarem poder desempenhar a função mais tradicional do papel do professor – ensinar – sem que isso anule a dimensão afectiva e relacional inerente a esta actividade.

Com efeito, a importância da relação afectiva estabelecida entre docentes e alunos para o bom desenvolvimento do trabalho escolar, salientada por vários autores (Barrère, s/d; Abrantes, 2003; Borralho e Oliveira, 2010; Connell, 2010), é reconhecida por todos os inquiridos. A maioria considera, aliás, que é possível desenvolver esta relação no ensino à distância, embora saliente a morosidade da sua concretização comparativamente com o ensino presencial.

Porém, entre os professores que leccionam há menos tempo no EDI predominam as opiniões dos que preferem leccionar no ensino presencial, justamente pela dificuldade que sentiram em criar um “halo-afectivo” com os alunos. A ausência de contacto físico com os alunos foi, inclusivamente, um dos principais constrangimentos do projecto EDI apontados pelos professores.

Compreende-se, por isso, que tenham sido estes os docentes que evidenciaram sentimentos de apreensão e receio ao saberem que passariam a trabalhar num contexto diferente do presencial.

Ainda assim, para muitos desses professores, trabalhar no EDI constituiu uma prática inovadora, positiva e enriquecedora do seu percurso profissional. Aliás, a grande maioria dos docentes que desenvolve a sua actividade profissional no EDI enalteceu a existência deste projecto e o facto de este constituir uma oferta alternativa ao ensino presencial. O seu impacto significativo na conclusão da escolaridade obrigatória dos alunos itinerantes constitui, para alguns, um motivo suficiente de gratificação profissional.

Para outros docentes, sobretudo para os professores que leccionam há menos tempo neste tipo de ensino, o menor desgaste físico sentido no exercício da actividade docente constitui a principal vantagem de estarem inseridos no EDI. Este menor desgaste físico resultará, em grande medida, da quase inexistência de situações de indisciplina no ensino em contexto à distância (EDI). Se tivermos em conta que a indisciplina afecta muito mais os professores do que as dificuldades de aprendizagem dos alunos em sala de aula (Carita e Fernandes, 2007), não nos surpreende que este constitua um facto tão valorizado pelos inquiridos.

É igualmente compreensível que no ensino à distância os professores desenvolvam um acompanhamento dos alunos mais personalizado e tutorial do que é

realizado no ensino presencial. Os dados obtidos permitem-nos concluir que o professor-tutor desempenha um papel fundamental neste projecto, quer em termos de incentivo e ajuda aos alunos do ponto de vista do trabalho escolar, quer ao nível da promoção dos contactos com a família.

Em síntese, ser professor no ensino à distância consiste, para muitos dos docentes que integram o EDI, um desafio e uma experiência gratificante, tanto pelo facto de se sentirem reconhecidos e valorizados pelos alunos e respectivas famílias, como por constatarem como a sua actividade é importante para que os alunos itinerantes consigam concluir com sucesso a escolaridade obrigatória. Seja no ensino presencial, seja no ensino à distância, tudo indica, pois, que estes docentes continuarão a exercer empenhadamente o ofício que, afinal, escolheram por vocação.

Ao concluirmos este trabalho, esperamos que as questões nele tratadas inspirem novas investigações que ajudem a compreender as limitações e as potencialidades do EDI como método de ensino alternativo ao presencial.

Pela nossa parte, entendemos que os dados obtidos nos permitiram dar resposta às questões da nossa pesquisa mas, em contrapartida, levantaram-nos outras interrogações que gostaríamos de vir a analisar em futuras investigações.

Pensamos, assim, que valeria a pena centrar a atenção no ponto de vista dos alunos que participam no EDI e compreender como é que estes jovens constroem um sentido para o trabalho escolar numa escola marcada pela ausência regular de sociabilidades juvenis.

Gostaríamos, por isso, de vir a desenvolver um outro trabalho que nos permitisse analisar como é que se fabrica, num contexto de ensino à distância, o ofício de aluno.

## Referências Bibliográficas

- Abrantes, P. (2003). *Os Sentidos da Escola. Identidades Juvenis e Dinâmicas de Escolaridade*. Oeiras: Celta.
- Alves, A. & Gomes, M. (2007). *O ambiente Moodle no apoio a situações de Formação não presencial*. In P. Dias, C. Freitas, B. Silva, A. Osório, & A. Ramos (Orgs.), Atas da V Conferência Internacional de Tecnologias de Informação e Comunicação na Educação. (pp. 337-349). Braga: Centro de Competência da Universidade do Minho.
- Ambrósio, T. (1981). Democratização do Ensino, In Silva, Manuela e Tamen, *Sistema de Ensino em Portugal*. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Bardin, L. (1979). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Barrère, A. (s/d). *O trabalho dos alunos*. Porto: Rés.
- Benavente, A. (2001). Portugal, 1995/2001: *Reflexões sobre democratização e qualidade na educação básica*. Revista Ibero-Americana de Educacion/de Educação, 27 99-123.
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Bonato, B., Martins, R. & al. (s/d). A Importância da Afectividade nas Interações no Contexto da EaD. Retirado em 17 de Maio de 2013 de [http://www.educacaoadistancia.blog.br/arquivos/A\\_Importancia\\_da\\_Afetividade\\_nas\\_Interacoes\\_no\\_Contexto\\_da\\_EAD.pdf](http://www.educacaoadistancia.blog.br/arquivos/A_Importancia_da_Afetividade_nas_Interacoes_no_Contexto_da_EAD.pdf).
- Borrhalho, S. & Oliveira, A. (2010). Sentimentos das crianças face aos professores [Versão electrónica]. *Revista da Educação*, Vol. XVII, nº 2, 119 – 143.
- Brandão, P. (2004). Plataformas de e-learning no ensino superior: avaliação da situação actual. Tese de Mestrado em Sistemas de Informação. Braga: Universidade do Minho. Retirado em 12 de Março de 2012 de <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/6671>.
- Branquinho, M<sup>a</sup>. C. (1999). *Currículo alternativo: resposta ao insucesso e abandono escolar? Um estudo de concepções de professores*. Tese de mestrado em Ciências da Educação. Universidade Católica portuguesa
- Cardoso, C. (2006). *Os professores em contexto de diversidade*. Porto: Profedições.
- Carita, A.& Fernandes, G. (1997). *Indisciplina na Sala de Aula – Como Prevenir? Como Remediar?* Lisboa: Editorial Presença.

- Connell, R. (2010). Bons Professores em um terreno perigoso: rumo a uma nova visão da qualidade e do profissionalismo [Versão electrónica]. *Educação e Pesquisa*, Vol. 36, nº especial, 165-184.
- Costa, F e Dias, J. (2012). *Ensino a distância para a itinerância em Portugal: práticas de estudo e representações dos alunos*. II Congresso Internacional TIC e Educação. Retirado em 2 de Maio de 2013 de <http://ticeduca.ie.ul.pt/atas/pdf/120.pdf>.
- Costa, F. & Peralta, H. (2001). *E-Learning: formação de formadores para a construção de contextos de aprendizagem significativa*. Retirado em 2 de Maio de 2013 de [http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/4295/1/\(2001\)COSTA,F%26PERALTA,H\(e-LearningForma%C3%A7%C3%A3oFormadores\)ActasAFIRSE.pdf](http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/4295/1/(2001)COSTA,F%26PERALTA,H(e-LearningForma%C3%A7%C3%A3oFormadores)ActasAFIRSE.pdf).
- Courela, M<sup>a</sup> C.(2007). *Começar de novo: contributos de um currículo em alternativa para percursos de vida inclusivos, de estudantes adultos: a mediação dos trabalhos de projecto colaborativos desenvolvidos em educação ambiental*. Lisboa: Tese de doutoramento em Educação, especialidade em Pedagogia, Vol. 1. Faculdade de Ciências, Universidade de Lisboa.
- Diogo, A. (2008). *Investimento das Famílias na Escola. Dinâmicas Familiares e Contexto Escolar Local*. Lisboa: Celta Editora.
- Dorjó, D. (2011). *Relações Afectivas: Reais possibilidades na educação a distância* [Versão electrónica]. Texto livre: Linguagem e tecnologia, Vol. 4, nº 2.
- Esteve, J. M. (1992). *O mal-estar docente*. Lisboa: Escher/Fim de Século Edições, LDA.
- Esteve, J.M. (1995). Mudanças sociais e mudanças na educação: da educação de elite à educação de massas. In A. Nóvoa (org.) (2<sup>a</sup> Ed.), *Profissão Professor*. Porto: Porto Editora.
- Estrela, M<sup>a</sup>. T. (2002). *Relação Pedagógica, Disciplina e Indisciplina na Aula*. Coleção Ciências da Educação. Porto Editora.
- Fernandes, J. (2006). *O pensamento do professor sobre a sua profissão/actividade docente: Problemas/preocupações/representações e necessidades de formação*. Tese de mestrado em Ciências da Educação na área de especialização em Formação de Professores. Universidade de Lisboa – Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação.
- Fernandes, R. & Pintassilgo, J. (Org.) (2003). A ideia de Escola para Todos no pensamento pedagógico português (pp. 51-69). In *A modernização pedagógica e a escola para todos na Europa do Sul no século XX* (1.<sup>a</sup> ed.). Lisboa: Grupo SPICAE.
- Flores, P. & Flores, A. (2007). Inovar na Educação: O Moodle no processo de ensino/aprendizagem. In P. Dias, C. Freitas, B. Silva, A. Osório, & A. Ramos

(Orgs.), Atas da V Conferência Internacional de Tecnologias de Informação e Comunicação na Educação. (pp. 492-502). Braga: Centro de Competência da Universidade do Minho.

Fonseca, J., Freitas, C., Barroso, J. & Sequeira, M. (1998). *Democratização*. In A evolução do sistema educativo e o PRODEP: Reflexões sobre Democratização, Qualidade, Modernização (1.ª ed.). Lisboa: D.A.P.P. / M.E.

Formosinho, J (1997). *A complexidade da escola de massas e a especialização dos professores* [Versão electrónica]. Saber (e) Educar. nº 2, 7-20.

Gaspar, T. (2003). *A democratização da educação e o ensino de massas*. In Políticas curriculares e democratização do ensino (1.ª ed.). Lisboa: Ministério da Educação.

GEPE (2007). Estudo de Diagnóstico: a modernização tecnológica do sistema de ensino em Portugal. Lisboa, 05.2007, GEPE, Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação - Ministério da Educação.

Gil, D. (s/d). Relatório Síntese (2007-2008) - Despacho Normativo n.º 50/2005, de 09 de Novembro. Ministério da Educação.

Gomes, Mª J.(2005). E-Learning: Reflexões em torno do conceito. Retirado em 3 de Janeiro de 2012 de <http://www.nonio.uminho.pt/challenges/actchal05/tema02/06MariaGomes.pdf>.

Gomes, R. (1993). *Culturas de escola e identidades dos professores*. Lisboa: EDUCA.

Grácio, R. (1995). A educação dez anos depois. Que transformações, que rupturas, que continuidades. In *Obra Completa I: Da Educação* (pp. 547-573). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian - Serviço de Educação.

Grácio, R. (1995). Pro domo nostra. In *Obra Completa I: Da Educação* (pp. 203-243). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian - Serviço de Educação.

Hargreaves, A. (1998). *Os professores em tempos de mudança: O trabalho e a cultura dos professores na idade pós-moderna*. Lisboa: McGraw-Hill de Portugal, Lda.

Igreja, M. (2004). A educação para a cidadania nos programas e manuais escolares de história e geografia de Portugal e História - 2.º e 3.º ciclos do ensino básico: da reforma curricular (1989) à reorganização curricular (2001).Braga: Universidade do Minho. Dissertação de Mestrado. Retirado em 4 de Julho de 2012 de <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/951/4/Cap%20I.pdf>.

Inácio, R.(2006). *Comunidade Virtual de Aprendizagem de Matemática – Uma Experiência com Alunos do 10º Ano de Escolaridade*. Dissertação de Mestrado em Educação na área de especialização de Tecnologias Educativas. Lisboa: Universidade de Lisboa – Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação.

- Jesus, S. N. (1999). *Como prevenir e resolver o stress dos professores e a indisciplina dos alunos?* (2ª Ed.). Porto: Asa Editora II, S.A.
- Jesus, S.N. (2004). Desmotivação e crise de identidade na profissão docente. *Katálisis*, 7 (2), 192-202.
- Moran, J. M. (2005). A Pedagogia e a Didáctica da Educação Online. In R. V. Silva, & A. V. Silva, *Educação, Aprendizagem e Tecnologia* (pp. 69-70). Lisboa: Edições Sílabo.
- Lapo, M. J. (2010). *Professores que marcam a diferença*. Alcochete: Alfarroba.
- Leal, D., & Amaral, L. (S/D). *Do ensino em sala ao e-learning*. Retirado em 11 de Outubro de 2012 de [http://campusvirtual.uminho.pt/uploads/celda\\_av04.pdf](http://campusvirtual.uminho.pt/uploads/celda_av04.pdf).
- Lima, J.R, & Capitão, Z. (2003). *E-Learning e e-conteúdos*. Aplicações das teorias tradicionais e modernas à organização e estruturação de e-cursos. Lisboa: Centro Atlântico.
- Lisboa, E. S., Jesus, A. G., Varela, A. M., Teixeira, G. H. & Coutinho, C. P. (2009). LMS em Contexto Escolar: estudo sobre o uso da Moodle pelos docentes de duas escolas do Norte de Portugal [Versão electrónica]. *Educação, Formação & Tecnologias; vol.2 (1); 44-57*.
- Lopes, A. (2004). Motivação e mal-estar. In A. Adão (org.), *Os professores: identidades (re) construídas*. Edições Universitárias Lusófonas.
- Machado, L & Machado, E. (2004). *O papel da tutoria em ambientes de EAD*. Retirado em 2 de Maio de 2013 de <http://www.abed.org.br/congresso2004/por/htm/022-TC-A2.htm>.
- Meirinhos, M. (2006). *Desenvolvimento profissional docente em ambientes colaborativos de aprendizagem a distância: estudo de caso no âmbito da formação contínua*. Tese de Doutoramento: Estudos da Criança – Tecnologias da Informação e Comunicação. Retirado em 23 de Junho de 2012 de <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/6219>.
- Miranda, L., C., Morais, C., & Dias, P. (2007). Colaboração em ambientes online na resolução de tarefas de Aprendizagem. In P. Dias, C. Freitas, B. Silva, A. Osório, & A. Ramos (Orgs.), *Atas da V Conferência Internacional de Tecnologias de Informação e Comunicação na Educação*. (pp. 576-585). Braga: Centro de Competência da Universidade do Minho.
- Morais, P. (2006). *A disciplina de Educação Visual e Tecnológica face às tecnologias na escola: dinâmicas e contextos de utilização das TIC*. Dissertação de Mestrado em Educação na área de especialização de Tecnologia Educativa. Braga: Universidade do Minho – Instituto de Educação e Psicologia. Retirado em 13 de Junho de 2011 de <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/18763>.

- Morgado, L. (2005). Novos Papéis para o Professor/tutor na Pedagogia On-line, in Vidigal, R. e Vidigal, A. *Educação, Aprendizagem e Tecnologia*. Lisboa: Edições Silabo, 95-120.
- Paschoalino, J. (2009). *O professor desencantado: Matizes do Trabalho Docente*. Belo Horizonte: Armazém de Ideias.
- Pedro, N. & Peixoto, F. (2006). Satisfação profissional e autoestima em professores dos 2.º e 3.º ciclos do Ensino Básico [Versão eletrónica]. *Análise Psicológica*, 2 (XXIV), 247-262.
- Perrenoud, P. (1993). *Práticas Pedagógicas, Profissão docente e formação: perspectivas sociológicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Picado, L (2009). *Ser Professor: Do mal-estar para o bem-estar docente*. Retirado em 12 de Julho de 2012 de [www.psicologia.com.pt/artigos/textos/A0474.pdf](http://www.psicologia.com.pt/artigos/textos/A0474.pdf).
- Pinto, C. A. (1995). Ensino Básico e Secundário em Portugal – Evolução e caracterização. In *Sociologia da escola* (1.ª ed.). Lisboa: McGraw-Hill.
- Pires, E. L. et al. (1989). *A evolução da escolaridade obrigatória em Portugal nos últimos vinte anos* (pp.42-61). In *O ensino básico em Portugal* (1.ª ed.). Porto: Edições ASA.
- Ponte, J. P. (1994). *Estudos de caso em educação matemática*. Retirado em 10 de Junho 2011 de [http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/jponte/docs-pt/94-Ponte\(Quadrante-Estudo%20caso\).pdf](http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/jponte/docs-pt/94-Ponte(Quadrante-Estudo%20caso).pdf).
- Relatório da Comissão criado pelo Despacho 114/ME/88 do Ministério da Educação (1988). A situação do professor em Portugal [Versão electrónica]. *Análise Social*, XXIV (103-104), 1187-1293.
- Ribeiro, S. (s/d). *Linguagem e afectividade em EAD: questões interdisciplinares*. Cadernos do CNLF, Vol. XVI, Nº 04, t. 1 – Anais do XVI CNLF, 792-804. Retirado em 17 de Maio de 2012 de [http://www.filologia.org.br/xvi\\_cnlf/tomo\\_1/069.pdf](http://www.filologia.org.br/xvi_cnlf/tomo_1/069.pdf).
- Rodrigues, J., Melo, M., Ferreira, S., Pinho, S. & Pereira, T. (s/d). *Formação on-line. Um olhar sobre a importância da concepção e implementação de cursos de Ensino à Distância*. Retirado em 8 de Maio de 2012 de [http://www.netprof.pt/PDF/curso\\_online.pdf](http://www.netprof.pt/PDF/curso_online.pdf).
- Rodrigues, M & Malheiro, S. (2004). Marionetas em liberdade: a identidade per(r)dida com as novas exigências curriculares. In A. Adão (org.), *Os professores: identidades (re) construídas*. Edições Universitárias Lusófonas.

- Rosa, L. (2000). A integração das TIC na escola: desafios, condições e outras reflexões. Retirado em 8 de Maio de 2012 de [http://www.prof2000.pt/prof2000/agora3/agora3\\_4.html](http://www.prof2000.pt/prof2000/agora3/agora3_4.html).
- Sammer, R. (2000). *Currículos alternativos: análise de um projecto no 1º ano da sua concretização: um estudo de caso*. Lisboa: Tese de mestrado em Ciências da Educação, Universidade Católica portuguesa.
- Santóme, J. T. (2006). *A Desmotivação dos Professores*. Edições Pedagogo, Lda.
- Santos, B., Stobäus, C., Mosquera, J. & Missel, F. (2005). *O mal-estar docente perante o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação* [Versão eletrónica]. Revista Eletrónica Iberoamericana sobre Calidad, Eficacia y Cambio en Educación, vol. 3, nº 1, 344-358.
- Santos, J. (1999) *Contributo para o estudo da implementação das turmas com currículos alternativos*. Tese de mestrado em Ciências da Educação na área de Teoria e Desenvolvimento Curricular. Universidade de Lisboa: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação.
- Santos, M<sup>a</sup>. M. (2004). Ser professor – hoje – a problemática da satisfação/insatisfação. In A. Adão (org.), *Os professores: identidades (re) construídas*. Edições Universitárias Lusófonas.
- Sebastião, J. & Correia, S. (2007), "A Democratização do Ensino em Portugal", em António Firmino da Costa, Fernando Luís Machado e Patrícia Ávila (orgs.), *Portugal no Contexto Europeu, Vol. I: Instituições e Política*, Oeiras, Celta editora. Retirado em 5 de Maio de 2011 de [http://www.eses.pt/projetos/artigos\\_fct/A%20democratiza%C3%A7%C3%A3o%20do%20ensino%20em%20portugal.pdf](http://www.eses.pt/projetos/artigos_fct/A%20democratiza%C3%A7%C3%A3o%20do%20ensino%20em%20portugal.pdf).
- Silva, T. (2007). Moodle. Plataformas colaborativas. Revista Noesis nº 71, Outubro/Dezembro. Lisboa: Edições da DGIDC (Direção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular), pp. 38-39.
- Tedesco, J. C. (2008). *O novo pacto educativo*. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão.
- Teodoro, A. (1994). *A carreira docente – Formação, Avaliação, Progressão*. Lisboa: Texto Editora, Lda.
- Teodoro, A. (2001). *A construção política da educação. Estado, mudança social e políticas educativas no Portugal contemporâneo*. Porto: Edições Afrontamento.
- Teodoro, A. (2006). *Professores, para quê? Mudanças e desafios na produção docente*. Porto: Profedições Lda.
- Valente, L. & Moreira, P.(2007). Moodle: Moda, Mania Ou Inovação na Formação? - Um Testemunho do Centro de Competência da Universidade do Minho. In P.

Dias, C. Freitas, B. Silva, A. Osório, & A. Ramos (Orgs.), *Atas da V Conferência Internacional de Tecnologias de Informação e Comunicação na Educação*. (pp. 781-790). Braga: Centro de Competência da Universidade do Minho.

Valentim, J. P. (1997). *Escola igualdade e diferença*. Porto: Campo das Letras

Viana, M<sup>a</sup>. J.(2011). O Bom desempenho escolar nos meios populares: elementos para uma definição e alguns dados de pesquisa [Versão electrónica]. *Revista Luso-Brasileira*, nº 3, 7-24.

Vidal, E. (2002). Ensino à distância vs Ensino tradicional. Retirado em 2 de Maio de 2012 de [http://www2.ufp.pt/~lmbg/monografias/evidal\\_mono.pdf](http://www2.ufp.pt/~lmbg/monografias/evidal_mono.pdf).

Vieira, M., Pintassilgo, J. & Melo, B. P. (Org.) (2003). Construção histórica da noção de democratização do ensino. O contributo do pensamento pedagógico português (pp. 120-141). In *Democratização escolar: Intenções e apropriações* (1.<sup>a</sup> ed.). Lisboa: CIEFCUL.

Zago, N. (2011). Fracasso e sucesso escolar no contexto das relações família e escola: questionamentos e tendências em sociologia da educação [Versão electrónica]. *Revista Luso-Brasileira*, nº 3, 57-83.

# **Anexos**

## GUIÃO DE ENTREVISTA PARA OS PROFESSORES

<p><b><u>Tema:</u></b> Representações dos Professores do Ensino Básico e Secundário sobre o Ensino à Distância para a Itinerância: Resultados de uma Pesquisa Exploratória.</p>	
<p><b><u>Objetivos Gerais:</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Analisar como os professores que leccionam neste Projecto percebem o seu papel como docentes neste contexto de aprendizagem;</li> <li>- Compreender em que medida o modelo pedagógico do Ensino a Distância para a Itinerância fomenta a participação e o envolvimento de professores e alunos no processo de ensino-aprendizagem em comparação com o modelo convencional/regular;</li> <li>- Aferir em que medida as metodologias de ensino utilizadas no ensino à distância reproduzem as práticas do ensino presencial ou traduzem uma nova forma de se praticar a profissão docente.</li> </ul>	
	<p><b>Questões orientadoras</b></p>
<p><b><u>Bloco 1</u></b> Legitimação da entrevista</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Divulgar o tema de estudo e os seus objectivos.</li> <li>- Solicitar autorização para a gravação áudio da entrevista.</li> </ul>
<p><b><u>Bloco 2</u></b> Caracterização sócio demográfica</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Género, Idade;</li> <li>- Habilitações académicas (Licenciatura, Pós-Graduação, Mestrado, Doutoramento);</li> <li>- Área de estudos da formação inicial (Ciências Exactas, Ciências Sociais e Humanas, Línguas e Literaturas, Belas Artes, Outra)?</li> <li>- Qual é a sua situação profissional? (Efectivo, Efectivo em quadro de zona pedagógica ou Contratado)</li> <li>- Refira, por favor, os seus anos de serviço?</li> <li>- Há quanto tempo (número de anos) é que participa no projecto EDI?</li> <li>- Indique, por favor, a (s) disciplina (s) que lecciona no Projecto (EDI)?</li> <li>- Neste ano lectivo apenas lecciona no Projecto EDI?</li> <li>- Em caso de não leccionar apenas no projecto, descreva a sua situação?</li> <li>- Como é que foi seleccionado para trabalhar neste projecto?</li> </ul>
<p><b><u>Bloco 3</u></b> Representações sobre o Projecto EDI e o ensino regular (presencial)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Qual a diferença entre leccionar numa escola convencional (presencial) e ensinar através de um contexto de ensino a distância?</li> <li>- Comparativamente com o ensino presencial (convencional), na sua opinião quais são as vantagens de leccionar no Projecto EDI?</li> <li>- E as desvantagens?</li> <li>- É mais fácil ou mais difícil ensinar através de um contexto de ensino a distância?</li> <li>- Prefere leccionar no Projecto EDI ou no ensino presencial/regular?</li> <li>- Porque razão?</li> </ul>
<p><b><u>Bloco 4</u></b> Problemas/Constrangimentos</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Que problemas ou constrangimentos identifica neste tipo de ensino?</li> </ul>

do Projecto de Ensino a Distância para a Itinerância	- Como se tem mobilizado o Projecto EDI para os (tentar) resolver?
<p><b>Bloco 5</b> Exercício do “ofício” de professor (concepções de professor)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- O que é que o(a) levou a ser professor(a)? (Por exemplo: influência de familiares, amigos e/ou professores; Vocação, estatuto social, remuneração, não ter outra saída)</li> <li>- Na sua opinião, o que caracteriza o “ofício” de professor (actividade de professor)?</li> <li>- Que mudanças significativas no exercício da actividade ocorreram nas últimas décadas?</li> <li>- Quais, foram, na sua opinião, as mais positivas?</li> <li>- E as mais negativas?</li> <li>- Quais os aspectos/situações em que sente mais dificuldade no exercício da profissão?</li> <li>- O que considera ser mais compensador no exercício da actividade docente?</li> <li>- O que é que o tem desapontado mais?</li> <li>- Sente-se emocionalmente compensado ou desiludido(a) no exercício da profissão? Por favor, justifique a sua resposta?</li> <li>- Se pudesse, gostaria de exercer outra actividade que não a de professor? Porque razão?</li> <li>- Comparativamente com o ensino presencial que desafios são colocados aos professores que trabalham no ensino a distância?</li> <li>- Qual o tipo de ensino que considera mais favorável e compensador: o ensino a distância ou o que ocorre em contexto presencial? Por favor, justifique a sua resposta.</li> <li>- Que imagem tem de si próprio(a) como professor(a)?</li> </ul>
<p><b>Bloco 6</b> Interacção na sala de aula</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Numa aula presencial do ensino convencional observamos as interacções dos alunos através de reacções, atitudes, gestos, expressões corporais e faciais que dão muitas indicações ao professor. Neste tipo de aulas à distância, como se processa a interacção dos alunos com o professor?</li> <li>- E entre os alunos?</li> <li>- Considera que é possível trabalhar as aprendizagens de competência sócio afectivas num ambiente de ensino a distância?</li> <li>- Por favor, justifique a sua resposta.</li> <li>- Como caracterizaria a relação pedagógica que desenvolve com os alunos no ensino a distância?</li> <li>- Essa relação é diferente daquela que constrói no ensino convencional?</li> <li>- No ensino a distância, verificam-se situações de indisciplina por parte dos alunos)?</li> <li>- Casos não existam, o que justifica, na sua opinião, que isso não aconteça?</li> <li>- Em caso afirmativo, que tipo de situações são essas?</li> <li>- E, com que frequência ocorrem?</li> <li>- Em que contexto surgem? (nas actividades livres, nas planeadas, nos momentos em que se processa a mudança de</li> </ul>

	<p>disciplina, outro)?</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Como é que costuma solucionar essas situações de indisciplina?</li> <li>- Em que medida é que os mesmos afectam o processo de ensino e aprendizagem em que desenvolve o projecto EDI?</li> </ul>
<p><b><u>Bloco 7</u></b> Gestão e implementação do currículo escolar</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- No contexto de ensino a distância, sentiu dificuldades/constrangimentos na implementação do currículo?</li> <li>- Em caso afirmativo, identifique-as?</li> <li>- Que potencialidades identifica neste contexto de ensino e aprendizagem a distância?</li> <li>- E as desvantagens?</li> <li>- No Projecto EDI as estratégias metodológicas adoptadas no ensino a distância para a aquisição das aprendizagens indicadas no currículo nacional são diferentes às utilizadas no ensino regular (presencial)?</li> <li>- Em caso afirmativo, indique algumas dessas estratégias?</li> <li>- No Projecto EDI, as suas práticas pedagógicas foram alteradas?</li> <li>- Em caso afirmativo, de que forma?</li> <li>- Que tipo de trabalho é, habitualmente, realizado na componente não lectiva pelos professores? (Como por exemplo: planificações das actividades a desenvolver na disciplina; definição e aferição de critérios de avaliação; análise dos resultados escolares entre outros. Quais?)</li> <li>- Que tipo de estratégias específicas de aprendizagem desenvolve para estes alunos?</li> <li>- Como é que são avaliados os alunos do Projecto EDI?</li> <li>- Que tipo de estratégias/modalidades específicas de avaliação utiliza com estes alunos?</li> </ul>
<p><b><u>Bloco 8</u></b> Tutoria</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Como é que funcionam as aulas de tutoria?</li> <li>- Qual é a função do tutor?</li> <li>- Neste tipo de ensino, considera importante a figura do tutor? Por favor, justifique a sua resposta.</li> <li>- Os seus alunos costumam contactá-la/lo para tirarem dúvidas, pedir-lhe ajuda para os trabalhos ou outra situação depois das aulas?</li> <li>- Caso a sua resposta tenha sido positiva, como se processa essa comunicação? (Por exemplo, através do correio electrónico, por e-mail; através de uma sala de conversação; outro. Qual?)</li> <li>- E que tipo de assuntos/situações é que normalmente abordam?</li> </ul>
<p><b><u>Bloco 9</u></b> Relação com os Encarregados de Educação</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Como é que se processa a comunicação dos professores/Tutor com os encarregados de educação?</li> <li>- Com que regularidade é que professores/tutor contacta com os encarregados de educação?</li> <li>- Quais os motivos/situações principais desses contactos?</li> </ul>
<p><b><u>Bloco 10</u></b> Agradecimentos</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Agradecer a participação, colaboração e disponibilização do entrevistado.</li> </ul>

**QUADRO DA ANÁLISE DE CONTEÚDO ÀS ENTREVISTAS  
REALIZADAS AOS PROFESSORES DO EDI**

**Bloco 2 - Caracterização sócio demográfica**

**Quadro nº 1 - Anos de serviço**

Intervalo de anos de serviço	Nº Professores
5 a 10 anos	5
11 a 15 anos	4
16 a 20 anos	2

**Quadro nº 2 – Situação Profissional**

	Nº Professores
Contratados	9
Quadro de Zona Pedagógica	2

**Quadro nº 3 - Disciplinas que leccionam no Projecto EDI**

Disciplinas (Ensino Básico e Secundário)	Nº Professores
Língua Portuguesa e Português	2
Matemática	1
Educação Visual e Tecnológica e Educação Visual	2
Ciências da Natureza (2º Ciclo)	1
Físico Química	1
Inglês	1
História e Geografia de Portugal e História	1
Psicologia, Sociologia, Comunicação Publicitária e Publicidade	1
Técnicas de Comunicação e Relações públicas	1
Tutoria	7
Estudo Acompanhado	2
Formação Cívica	2

**Quadro nº 4 – Distribuição do serviço lectivo no EDI**

Nº de professores que leccionam apenas no Projecto EDI	7
Nº Professores que leccionam no Projecto e no Ensino Presencial	4

### Quadro nº 5 - Processo de selecção dos professores que integraram o Projecto EDI

Concurso Nacional	7
Requisição	2
Oferta de Escola	2

### Quadro nº 6 - Reacção dos professores à integração no Projecto EDI

	Citações dos entrevistados	Total de entrevistados
Reacções negativas	E1 - “Fiquei apavoradíssima, fiquei assim em estado choque quando me foi comunicado que iria leccionar no ensino a distância”.  E2 – “Quando soube que ia leccionar neste método de ensino, confesso que fiquei assustada (...)”	11
Reacções mistas	E4 – “Inicialmente não percebi muito bem, confesso, cheguei à Direcção, apresentei-me e disseram-me:” colega este é o seu horário e aqui nas horas da biblioteca é que vai ver alunos”, não percebi, explique lá isso melhor. Mas depois falaram-me que seria através da plataforma Moodle, eu tinha tido uma formação no ano anterior e pensei que não seria complicado. Não tinha noção deste tipo de ensino sem realmente começarmos a trabalhar”.	11

### Bloco 3 - Representações sobre o Projecto EDI e o ensino regular (presencial)

#### Quadro nº 7 - Opinião dos professores sobre as diferenças entre leccionar no ensino presencial e no ensino a distância

	Citações dos entrevistados	Total de entrevistados
Desvantagens do ED	E1 – “É completamente diferente, nós conhecermos os alunos, vê-los à nossa frente, ver as expressões faciais deles, ver a reacção que eles tem aquilo que nós dizemos, é imediato, aqui não, aqui é uma aprendizagem constante e no início é muito assustador porque nós não sabemos, não fazemos a mínima ideia do que é que o aluno está a sentir, do que é que o aluno está a pensar daquilo que nós estamos a dizer. (...). Portanto é o desconhecido, é o total desconhecimento do aluno, e isso é assustador no início.”  E2 – “A nível da empatia com os miúdos, criam-se sem dúvida alguma mas demora muito mais tempo, e	11

demora mais tempo nós descobrirmos as dificuldades deles, enquanto que no presencial nós basicamente pelo olhar que eles estão a fazer connosco percebemos que eles nunca deram isto, para estes aqui às vezes temos mais dificuldade em perceber isso (...).”

E3 – “É uma grande diferença, (...), nós já adivinhamos muita coisa pela expressão facial dos alunos, pela sua postura, muitas vezes eles dizem que estão a perceber e olhamos para eles e percebemos que não estão. Aqui no ensino à distância isso é impossível, eu dependo da palavra deles e daquilo que eles me vão respondendo, (...), acho que esse feedback é a maior diferença que sinto.”

E4 – “(...) como eu gosto do contacto humano, o contacto directo com os alunos, sempre foi a coisa que eu mais gostei, senti eu bocadinho a falta daquele, de mexer com eles, de provoca-los, de lidar com eles.”

E5 – “A desvantagem é as limitações que tem a distância, que terá para um adulto e muito mais para mais para uma criança de 10 anos, o nível de responsabilidade desses alunos tem de ser muito maior, o nível de atenção, na linguagem escrita perde-se muito da informação, o canal acaba por atrapalhar muito a transmissão de conteúdos, penso que a limitação é essa a nível do canal, (...).”

E5 – “Para além das diferenças que é o contacto, que é a empatia, que é a pedagogia que nós não conseguimos aplicar da mesma forma, no ensino à distância como no presencial ainda tenho a parte dos conteúdos, a parte prática que é muito difícil de fazer através do computador, faz-se algumas coisas mas sempre com muitas limitações, (...).”

E7 - Assim as grandes diferenças, primeiro não há manuais, enquanto no ensino regular o professor tem sempre o apoio do manual, aqui não há manuais, nós temos que fazer todos, todos os nossos recursos o que implica muito trabalho, muito tempo, implica muita pesquisa e depois é o facto de não termos o contacto presencial com os alunos.”

E7 – “(...) agora para mim é fácil porque eu já tenho a experiência de 4 anos, no início tornou-se um bocadinho complicado porque é mais difícil, porque é assim nós numa sala de aula estamos a leccionar e nós

	<p>conseguimos ver pela cara do aluno, pelos gestos, ele nem precisa de dizer, nós pelos gestos, pela cara, pela expressão facial nós conseguimos saber se ele está a perceber se não está, aqui não, nós não estamos com eles, portanto temos deduzir através de outro tipo de situações, portanto no início acaba por ser mais difícil, agora não considero que seja mais difícil porque a experiência também ajuda muito.”</p> <p>E8 - A primeira grande diferença para mim é a questão de todos os recursos, nós aqui não temos manuais, nós aqui elaboramos tudo (...), portanto eles não têm manual, nós é que fazemos os recursos todos e essa é uma grande diferença, à partida exige muito do professor, muito trabalho do professor e depois é arranjar os mecanismos todos para transmitir o que numa sala de aula se transmite por páginas do manual, aqui não é. Outra coisa muito diferente, como é óbvio, no ensino à distância é não temos aquela ligação presencial como temos numa sala de aula, não é, portanto, a nossa sala de aula é uma sala de aula virtual e embora estejamos lá todos no chat a conversar, não há aquela proximidade física, o contacto humano que temos, essas são as duas grandes diferenças.</p> <p>E10 – “Para além da ausência do contacto físico é a ausência da socialização, uma coisa é estarmos em frente a um computador outra coisa é estarmos com outros alunos e com o professor presencialmente, as formas de interacção são completamente diferentes.”</p> <p>E11 – “(...) não conseguir explicar de imediato situações de aprendizagens não perceptíveis pelos alunos”.</p>	
--	--	--

	Citações dos entrevistados	Total de entrevistados
Vantagens do ED	<p><b><u>Representação sobre o trabalho dos professores</u></b></p> <p>E1 - “A primeira grande vantagem é o desgaste físico que é menor, porque andar de sala em sala, cumprir os toques é muito mais difícil do que aqui. (...) acho que tem outra grande vantagem que é o enriquecimento pessoal e eu acho que é fantástico, para mim foi muito importante, era uma pessoa com muitos poucos conhecimentos de informática e aprendi muito, muito e muito, e tenho ainda muito mais a aprender. Sinto que se ficasse aqui mais um ano ia aprender muito mais e que isso me traria muitas vantagens de futuro, porque eu acredito neste projecto,</p>	11

acredito que o futuro passa um bocadinho por aqui.”

E2 - “É um desgaste físico muito menor, eu venho trabalhar com uma alegria desmesurada, (...). Este tipo de alunos é completamente diferente, tratam-nos como antigamente, o professor ainda continua a ser a autoridade.”

E8 - “É evidente que um professor gosta de ter sempre um contacto muito próximo no presencial com o aluno e que nós aqui não temos mas a forma como conseguimos dar a volta à questão só por si acaba por ser uma vantagem, não é, e elaborar recursos para mim acabou por ser, até acaba por ser uma vantagem, porque eu há 4 anos atrás não me via a fazer nem um terço daquilo que faço agora (...).”

E9 - “(...) em termos disciplinares é uma aula muito mais sossegada, não temos que estar a controlar enfim o barulho ou a conversa entre eles, mesmo que possa a haver é uma coisa controlada.”

#### **Representação sobre o trabalho dos alunos**

E4 - “(...) é os alunos puderem repetir a aula as vezes que precisarem, porque eles podem ver as apresentações as vezes que precisarem, eles podem ver o que foi dito no chat pela professora as vezes que precisarem, porque têm acesso a todos os materiais, logo eles podem fazer a aula as vezes que quiserem, (...), têm essa vantagem.”

E5 - “dar a escolaridade a uma faixa da população que de outra forma não a teria, isto de andar de escola em escola, nós sabemos por experiência que os miúdos não fazem nada, fazem uns desenhos, estão dois dias numa escola, três dias noutra e não fazem, a grande vantagem do projecto é essa.”

#### **Desenvolvimento das competências TIC**

E7 - “(...) permite-nos desenvolver as nossas competências em TIC, porque é assim quando eu voltar ao ensino regular eu não vou ser a mesma professora que era antes de entrar para o ensino a distância, (...).”

#### **Conclusão da escolaridade básica**

E1 - “Existe problemas que tem que ser resolvidos mas também existem muitas vantagens para alunos com estas características, eles jamais conseguiriam acabar o 9º ano quanto mais o secundário, nunca na vida eles conseguiriam. É muito importante, eu não fazia ideia que

	<p>existia este tipo de projecto, este tipo de ensino confesso, até vir para aqui mas neste momento eu penso que se não for assim estes alunos estão completamente perdidos.”</p> <p>E10 – “(...) é proporcionar a alunos, não é, a uma faixa que deve ser reduzida, uma faixa de alunos a possibilidade de adquirir conteúdos, conhecimentos que de outra forma não tinham a possibilidade de os ter, (...).”</p>	
--	--	--

**Quadro 8 - Reacção dos professores relativamente a ser mais fácil ou mais difícil ensinar através de um contexto de ensino a distância**

	Citações dos entrevistados	Total de entrevistados
Opiniões	<p>E1 – “Não consigo responder taxativamente. Se me perguntasse em isso em Setembro, Outubro eu diria que isto é muito mais difícil, que o ensino presencial é muito mais fácil, agora nesta altura estou muito dividida, não sei. “</p> <p>E3 – “Foi difícil habituar-nos e agora já estamos habituados, eu sinto que já estou neste ritmo, (...). Eu acho que a partir do momento em que nós nos habituamos é capaz de ser para nós mais fácil mas há ganhos no presencial que aqui não temos.”</p> <p>E4 –“(…) eu acho que não é mais difícil de leccionar neste tipo de ensino porque eu tenho alguma facilidade em termos de utilizar a plataforma Moodle, não foi propriamente uma barreira, portanto ser mais fácil ou mais difícil acho que são duas vertentes diferentes mas que são perfeitamente atingíveis. Em termos de feedback, aquilo que recebo eu gosto mais do presencial, confesso, mas ao mesmo tempo estes alunos acabam por conseguir, alguns conseguem dar-nos algum feedback ou porque a meio da aula dizem professora, estou a perceber, estou a gostar, afinal isto não é assim tão complicado, ou pelo, contrário dizem professora, não consegui perceber nada disto”, mas conseguem transmitir também o sentimento deles, é possível.”</p> <p>E5 – “É muito mais difícil, muito mais difícil.”</p> <p>E7 – “(…), agora para mim é fácil porque eu já tenho a experiência de 4 anos, no início tornou-se um bocadinho complicado porque é mais difícil, porque é assim nós numa sala de aula estamos a leccionar e nós conseguimos</p>	11

	<p>ver pela cara do aluno, pelos gestos, ele nem precisa de dizer, nós pelos gestos, pela cara, pela expressão facial nós conseguimos saber se ele está a perceber se não está, aqui não, nós não estamos com eles, portanto temos deduzir através de outro tipo de situações, portanto no início acaba por ser mais difícil, agora não considero que seja mais difícil porque a experiência também ajuda muito.”</p> <p>E8 – “É diferente, não é mais fácil nem mais difícil, é diferente, os dois tipos de ensinamentos requerem estratégias próprias, adequadas, específicas e quer um quer outro requer muito trabalho do professor, portanto eu não digo que um seja mais difícil do que outro, são diferentes.”</p> <p>E10 – “Não vejo as coisas mais fáceis ou mais difíceis, (...), são diferentes, portanto tudo é diferente, pronto no meu caso não tive muita dificuldade porque a minha interação com o computador, durante a minha vida profissional tive muitos contactos através do computador, ou seja essa interação para mim já é intrínseca, já tenho uma grande cultura em termos de comunicação com o computador, portanto não foi nada difícil pelo contrário até foi relativamente fácil adaptar-me a esse tipo de comunicação e comunicar com os meus alunos através do computador, são formas de comunicação completamente diferentes, na interação, na forma de expor os assuntos, tudo tem de ser diferente.”</p>	
--	--	--

**Quadro nº 9 - Opinião dos professores relativamente à preferência em leccionar no Projecto EDI ou no ensino presencial/regular**

	Citações dos entrevistados	Total de entrevistados
Razões para leccionar no ensino a distância	<p>E3 - “Neste momento prefiro leccionar aqui (EDI), mas também pensar a longo prazo, não sei, também é outra coisa o facto de estar a acumular permite-me ter o outro lado (presencial) ”.</p> <p>E7 - “É assim, eu acho que as duas experiências são válidas, neste momento prefiro leccionar no EDI, porque é um desafio todos os dias.”</p> <p>E7 - Neste momento, eu considero que é o ensino a distância porque eu acho que nós conseguimos desenvolver um ensino de qualidade, interactivo, que é</p>	11

	<p>motivador para eles e depois também pelo público, (...) maioritariamente são os meninos do circo ou das feiras, e que nos fazem também ver essas actividades profissionais com outros olhos, (...) antes de entrar no ensino a distância nunca me lembraria dos problemas que eles têm no seu dia-a-dia, chegarem a uma terra e não puderem instalar lá o circo (...), ou por causa dos animais que cheiram, por isto ou aquilo e são crianças que são diferentes pela vivência que tem, que trabalham muito, não é, mas são miúdos muito engraçados e com quem nós aprendemos sempre, todos os dias. A grande maioria dos alunos sentem-se motivados porque tiveram a experiência de ter que andar a saltitar de escola em escola, muitas vezes de semana a semana, (...) temos muitos alunos que nos dizem “o ensino a distância ou a escola móvel foi o melhor que nos aconteceu”, (...), estavam desmotivados e portanto para eles isto é motivador.”</p> <p>E8 - “Eu neste momento, ao fim de 4 anos, prefiro leccionar aqui (EDI), porque já há uma envolvimento muito grande com isto (...).”</p>	
--	---	--

<p>Razões para leccionar no ensino presencial</p>	<p>E1 - “Gosto muito de trabalhar aqui mas tenho 12 anos para trás no ensino presencial que também gosto muito, é muito mais fácil interpretar um aluno no contacto directo, é muito mais simples mas depois tem outros problemas, não é.”</p> <p>E5 - “Prefiro muito no presencial, até porque a minha área é muito prática, muito manual e aqui é muito teórico, (...).”</p> <p>E5 - O presencial, os professores tem contacto humano aqui não temos, por exemplo aqui se um dia corre mal é frustrante (...), no presencial corre mal com uma turma mas a seguir vem um miúdo que tem um ato mais carinhoso, vem um miúdo que percebe tudo aquilo que nós fizemos, (...) e aquele lado compensa, aqui não, corre mal, corre mal mesmo.”</p> <p>E6 - “Se tivesse que optar entre leccionar num contexto a distância e presencial continuaria talvez no normal, regular, mas também gosto do EDI.”</p> <p>E11 - “(...) o presencial embora ache que o ensino à distância é mais calmo, é uma contradição, estarmos a</p>	<p>11</p>
---	---	-----------

	ouvir o barulho dos alunos e aquele reboiço não é, mas ao mesmo tempo também (...) cansa esta modalidade de ensino (...) apesar de eu ter apenas uma aluna.”	
--	--	--

Razões para leccionarem em ambas as modalidades de ensino	<p>E2 - “É diferente, é muito diferente, acaba por ser, é mais difícil ensinar é, lá está porque nos falta aquele contacto imediato com o aluno. (...) Se tivesse feito essa pergunta no início, no 1º período eu dizia mil vezes o presencial, agora já não, neste momento gosto muito de ensinar no EDI.”</p> <p>E2 – “Ambas compensam, ambas, cada qual tem a sua característica diferente e neste tipo de ensino eu acho que o meu tipo de trabalho é mais compensador porque vejam, se não fosse assim estes miúdos nunca teriam outra forma para aprender.”</p> <p>E4 - “São duas vertentes tão diferentes que é complicado. É difícil conseguir separar, são duas realidades muito diferentes, mas estou a gostar da experiência. Do presencial gosto, lecciono há mais tempo e aqui estou a gostar da experiência ao contrário do que inicialmente pensei que poderia ser, estou a gostar da experiência.”</p> <p>E6 – É compensador nas duas formas, têm razões diferentes, é compensador quando, por exemplo, temos os alunos no EDI que são excelentes alunos e que, pronto, conseguem ter boas notas (...) conseguem fazer, perceber mas é compensador nesse sentido e é compensador também, sobretudo no presencial, lá está, uma pessoa, é mais imediato, conseguimos visualizar mais.”</p> <p>E9 – “Eu gostei, repare eu tive um horário misto não é, e acabou por ser um bocado cansativo não me conseguir dedicar propriamente ao ensino a distância porque tinha muitas aulas na escola (ensino presencial), portanto eu preferia ter tido um horário só no ensino a distância do que estar a partilhar o ensino a distância e a escola, mas eu gostei da experiência eu acho que poderia ter perfeitamente um horário todo no ensino a distância, gostei do tipo de ensino.”</p> <p>E10 – “Pronto, é como eu já disse, eu adapto-me bem às duas situações, não tenho incompatibilidade com nenhuma. Não tenho preferência por uma escola presencial ou por uma escola com o ensino à distância, para mim era igual.”</p>	11
---	---	----

## Problemas/Constrangimentos do Projecto de Ensino a Distância para a Itinerância

### **Quadro nº 10 - Opinião dos professores relativamente aos problemas/Constrangimentos identificados no Ensino a Distância**

	Citações dos entrevistados	Total de entrevistados
Opiniões	<p>E1 - “Para mim o principal problema é a falta de conhecimentos que os próprios alunos têm às vezes no manuseamento do próprio PC (computador) e da própria plataforma (...). Depois há outros problemas como, (...) não temos experiência e sobretudo no início, temos dificuldade em dizer como resolver aquele problema. Quando o aluno nos coloca um problema técnico nós por vezes não sabemos resolver e temos que recorrer, exactamente aos colegas e à experiência dos colegas e nós próprios pedimos aos alunos para fazerem experiências até chegarmos a uma situação que em princípio se resolve. Outra situação que às vezes acontece que também é difícil, e aí ainda é mais difícil de contornar é a localização em que eles se encontram que às vezes dificulta o acesso à Internet.”</p> <p>E2 - “Contacto presencial, físico com os alunos, o olhar, eu sou uma pessoa muito gestual, eu explico muito através dos gestos e basta-me olhar para um aluno e volto-me para o quadro e explico-lhe, faço um desenho, às vezes digo que faço o pino para eles entenderem, aqui obviamente torna-se muito mais complicado fazer isso.”</p> <p>E3 - “ (...) acho que este tipo de ensino não devia ter o ensino profissional ou seja o ensino profissional pretende-se que seja essencialmente prático e presencial, ora estes alunos não estão no presencial, (...). Grande parte destes alunos trabalha efetivamente todo o dia, eles dizem professora eu não vou conseguir fazer o estágio porque eu estou a trabalhar, a professora não percebe, eu não posso estar oito dias a estagiar. Acho que o ensino profissional está desenquadrado para estes alunos que já são trabalhadores.”</p> <p>E4 - “Essencialmente é a distância que provoca ali uma barreira muito grande chegar até aos alunos, acho que se porventura pudesse dar aulas com pelo menos o som em tempo real, seria uma mais-valia para os alunos.”</p> <p>E6 - “O contacto físico é um problema porque nem se quer conhecemos os alunos. É assim na minha disciplina é muito complicado estar a explicar contas, cálculos porque eles não conseguem entender, não conseguem</p>	11

	<p>entender no computador e também no caso da química falta as experiências o que é muito importante”.</p> <p>E7 - “(...), um deles não depende de nós, nem da resolução, não passa por nós, é um facto do corpo docente não ser o mesmo todos os anos. É mau para nós que já cá estamos, é mau para os alunos porque todos os anos têm que se habituar a professores diferentes, depois são professores que ficam cá colocados mas que não têm experiência neste tipo de ensino que para eles também acaba por ser, têm uma longa fase de aprendizagem (...) a experiência é fundamental, essa é uma das grandes desvantagens.”</p> <p>E8 - “(...) o facto de estarmos inseridos numa escola requer se trate de uma série de burocracias que embora seja um projecto diferente, há uma série de burocracias que nós temos, (...)”</p> <p>E10 - Problemas, não, na minha experiência não tive muitas situações assim, o que acontecida muitas vezes é que como não há esse contacto visual com o professor, isso exige também da parte do aluno uma aprendizagem e as situações mais difíceis é quando o aluno não percebe também as suas responsabilidades ou seja o próprio aluno tem que ver as coisas de uma outra forma e empenhar-se talvez até mais do que um aluno normal porque um aluno normal tem sempre o professor, (...)”</p>	
--	---	--

**Quadro nº 11 - Opinião dos professores sobre as medidas que têm tomado para resolver os problemas/constrangimentos**

	Citações dos entrevistados	Total de entrevistados
Opiniões	<p>E1 - “Recorrer às colegas com mais experiência, com mais conhecimentos para nos ajudarem nessas questões, não existe nenhum técnico para nos ajudar.”</p> <p>E2 - “Eu muitas vezes pego no telefone e falo com eles e digo: ok, o que é que não estás a entender, explica lá qual é a tua dúvida, porque até nós para escrevermos expressamo-nos de uma forma completamente diferente, é muito mais fácil, então falamos por telefone, (...)”</p> <p>E4 - “Às vezes tento telefonar para poder chegar até eles em tempo real com som e tentar desbloquear a situação</p>	11

	<p>ou tentar que eles me voltem a colocar a questão e voltar a tentar explicar, porque nem sempre é possível telefonar-lhes, nem sempre é possível estar em tempo real.”</p> <p>E5 - “ (...), é ligando e tentando explicar porque às vezes lá está a linguagem escrita perde-se muito, principalmente com os miúdos. Com os miúdos mais pequenos é muito complicado, o telefone resolve muito das soluções, neste momento a nível do 5º ano estamos a tentar gravar instruções de aulas em vez de escrever as instruções todas, gravar algumas, falado para ver se acaba por ser mais simples.”</p> <p>E8 - “Como é que nós temos tentado ultrapassar estas questões de natureza burocrática, é tudo aquilo que já for possível preencher online, nós temos apostado nisso, portanto, o site está bem feito, aqui da escola, tudo aquilo que eles já consigam fazer online, (...).”</p>	
--	--	--

### **Exercício do “ofício” de professor (concepções de professor)**

#### **Quadro nº 12 - Razões que levaram a ser professor**

	Citações dos entrevistados	Total de entrevistados
Reacções	<p>E1 – “(...) desde pequenina que dizia que queria ser professora, ponto número um, não percebia muito bem porquê (...) depois no 2º ano da faculdade aconteceu uma coisa muito interessante (...). Ao ajudar os colegas na faculdade (...) comecei a dar explicações a vários colegas. Depois desta experiência fez-se um clique e decidi que era isto que queria fazer.”</p> <p>E2 – “Eu costumo dizer que as meninas passam por uma fase que querem ser bailarinas mas eu nunca passei por isso, desde os meus 2 anos que quis ser professora (...). E, até agora não estou desiludida, faço isto porque gosto, porque realmente contratada com 12 anos de serviço, a andar de um lado para o outro como eu já ando, que é uma coisa louca, se não gostasse mesmo disto já não estaria a fazê-lo com certeza.”</p> <p>E3 – “Ficava bem dizer uma série de coisas bonitas, mas vou ser honesta, é assim, eu nunca quis ser professora, eu segui o curso que gostava, que é filosofia e depois aconteceu, (...) descobri que adorava dar aulas, se calhar</p>	11

foi melhor assim ter aquela ilusão. Portanto, não foi opção desde pequena, aconteceu.”

E4 – “Eu venho de uma família de classe média/baixa e não tinha contacto nenhum com o sistema de ensino de parte nenhuma da família, mas segundo me recordo e a minha mãe confirma, eu desde que entrei para o 1º ano decidi que queria ser professora de matemática, a minha mãe costuma dizer que eu cheguei à escola, olhei para o quadro e apaixonei-me pelos números, (...). Não consigo neste momento ver-me noutra profissão onde me sinta tão satisfeita.”

E5 – “Foi por vocação, eu numa primeira fase queria muito ser educadora de infância mas eu gostava muito do lado artístico e então acabei por optar, eu queria ensinar muito e então acabei por, o curso de EVT pareceu-me uma boa solução que aliava as duas coisas, o ensinar miúdos e na minha área iria trabalhar com uma coisa que sempre gostava.”

E7 – “Sempre gostei, assim naquelas brincadeiras era sempre “o que é que vais seres? Vou ser professora” e ficou, foi por vocação.”

E9 – “Tirei um curso numa ciência exacta não é, Geologia Aplicada e acabei por não conseguir nada em termos de serviço nessa área e acabei por entrar no ensino, na altura era relativamente fácil e depois gostei e acabei depois por fazer a profissionalização pedagógica na faculdade e a licenciatura em ensino. Inicialmente a minha ideia não ir para o ensino.”

E10 – “(...) foram circunstâncias da vida que a possibilidade de ser professor surgiu, portanto eu exercia a minha actividade profissional como Designer, trabalhei cerca de 8 anos na PT Comunicações, (...) depois aconteceram determinadas situações que me levaram a sair da PT e a questão que se colocava era o que é que eu vou fazer com este conhecimento, não é, com esta bagagem digamos assim, pronto e em família, portanto, o meu irmão também já era professor e os meus primos também muitos deles eram professores e surgiu essa oportunidade, pela família e pelas circunstâncias.”

E11 – “(...) trabalhava numa empresa privada (...) e como estava um bocado cansada daquele mundo selvagem, daquelas competições pelos lugares de chefia, optei por uma coisa mais calma, ou seja em que eu

	tivesse autonomia para fazer as minhas coisas e então concorri para o ensino.”	
--	--	--

**Quadro nº 13 - Opinião dos professores relativamente ao que caracteriza o “ofício” de professor**

	Citações dos entrevistados	Total de entrevistados
Opiniões	<p>E1 – “O professor acima de tudo é a pessoa que deve transmitir conhecimentos da melhor forma possível, tentando muitas vezes e acho que essa é a nossa maior dificuldade é baixar o nosso nível de conhecimentos ao patamar onde se encontra o aluno e saber transmitir para aquele aluno que não está, que não consegue acompanhar, (...).”</p> <p>E1 - “Atenção, eu também não sou apologista do antigo ensino, mas acho que tem que haver um envolvimento do aluno, um envolvimento dos pais acima de tudo, da família, das pessoas que estão à volta e enquanto isso não acontecer, que acho que foi aquilo que se perdeu nos últimos anos, o ensino não vai conseguir chegar ao nível que nós queremos, não é possível.”</p> <p>E2 – “O que caracteriza, o que devia caracterizar, eu acho que o professor tem de ensinar, o professor não tem de educar, o professor não é um educador, pode obviamente fazê-lo pronto, mas a sua principal função é ensinar, transmitir conhecimentos, abrir-lhes este mundo, ensinar-lhes coisas mas não é isto que acontece, nós sabemos.”</p> <p>E3 – “(...) é tentar transmitir alguma coisa, mas conseguir mesmo para o resto da vida, ou seja é sentir ver o aluno crescer em termos de conhecimentos, ou seja ele aprendeu aquilo não porque vai ter um teste, uma boa nota mas que sentiu prazer na descoberta em aprender aquilo, para mim isso é ser professor.”</p> <p>E5 - Neste momento é muito difícil, é uma fase difícil de caracterizar, eu penso que em princípio o professor devia ser um transmissor antes de mais (...) não pelo estatuto social lá fora mas como formar gerações futuras. (...) neste momento eu penso que os professores deviam ser a base de uma sociedade porque são quem transmite os pilares para se constituir seres humanos, não sei se será bem o que se passa hoje em dia.”</p>	11

	<p>E7 – “Acho que nós procuramos ensinar da melhor maneira possível e sobretudo motivar os alunos, é uma tarefa cada vez mais difícil (...), acho que foi-lhes inculcado a ideia de que aprender tem de ser divertido, e aprender tem de ser lúdico e que não implica esforço, e não pode ser assim, eu acho que essa ideia ficou tão enraizada que nós próprios temos que fazer um esforço para tentar combater isso.”</p> <p>E8 – “Mais do que instruir, mais do que transmitir os conhecimentos por parte da história, a história está muito ligada a valores de cidadania e eu acho mais do que nunca, eu vejo-me a transmitir esse tipo de valores que muitos deles estão esquecidos e que é importante falar-se, (...), portanto é levá-los a pensar nessas coisas de que, não é só transmitir conhecimentos, e hoje mais do que nunca é importante transmitir-lhes estes valores.”</p> <p>E10 – “(...) adaptar-se, é tentar perceber o sítio onde está, o contexto cultural, social onde está e exercer, digamos a acção. Para além da transmissão dos conhecimentos o professor deve igualmente ser responsável pela transmissão de valores humanos – “é essencial, porque depois também permite uma adaptação aos vários contextos, exigindo do professor uma parte humana muito rica”.</p> <p>E11 – “Para mim o professor é um orientador, um amigo, não sou autoritária mas exijo respeito, não gosto de entrar em conflito com eles mas gosto de cada qual no seu lugar. Considero também que o professor é um transmissor dos conhecimentos.”</p>	
--	--	--

**Quadro 14 - Opinião dos professores relativamente às mudanças significativas que ocorreram nas últimas décadas no exercício da actividade**

	Citações dos entrevistados	Total de entrevistados
Opiniões negativas	<p style="text-align: center;"><b><u>Políticas educativas</u></b></p> <p>E5 – “A nível de escola o que eu acho é que com estas revoluções constantes no sistema educativo se nota desmotivação, falta de organização, não podem haver revisões curriculares a cada ministro que entra porque isto causa um transtorno enorme nas escolas, porque não há um método que os professores fundamentem, todos os anos é diferente, todos os anos anda toda a gente muito aflita sem saberem o que aplicarem e isso é muito</p>	11

notável nas escolas.”

### **Degradação da imagem do professor**

E4 –“(…) a imagem do professor foi descredibilizada completamente, o professor neste momento não tem autoridade, a educação passou para as escolas e não para as famílias, deixou de estar na família e passou para as escolas quase completamente e, o professor neste momento é quase um *entertainer*.”

E10 –“(…), o que eu tenho vindo a sentir é uma degradação cada vez mais radical quer da actividade de professor e quer mesmo com os meus alunos, como é que eu consigo explicar, ou seja, no meu tempo quando eu era estudante, eu sabia que se me esforçasse, e foi isso que a minha família me incutiu, se eu me esforçasse fosse lá naquilo que fosse mas na minha actividade principal que era ser estudante, (…), tinha um futuro, eu poderia abrir os meus horizontes e ter uma profissão, seja ela qual fosse, (…), de um momento para o outro nestes nove anos houve aqui uma viragem ou seja, claro que há sempre aqueles bons alunos que vale apenas investir nesse esforço, estudar pronto e isso vai acontecer sempre mas na grande generalidade, diria 60 por cento dos alunos isso já não existe, esse elo de que a educação é positiva e serve para haver uma construção para um indivíduo melhor, isso deixou de existir, portanto o que está a acontecer, o que eu estou a presenciar é afastamento dos alunos para esse objectivo.

### **Perda de autoridade do professor**

E1 –“(…) a autoridade foi completamente retirada aos docentes e isso traz um problema grave, portanto a falta de autoridade e de envolvimento no sentido de acompanhar efetivamente o que se passa com os seus educandos.”

E2 –“Estamos a exigir cada vez menos e se exigimos mais somos muito maus professores. Outro aspecto é o comportamento dos alunos, o papel do professor, como é que o professor é visto. Facilitismo e a falta da autoridade dos professores no exercício da sua actividade.”

E7 –“Acho que foi o comportamento e a motivação dos alunos (..). Acho que também houve uma diminuição da autoridade do professor dentro da sala de aula, a forma como o professor também é visto pela sociedade em geral, pronto, e é assim em todas as profissões, há bons e

maus profissionais, o problema é que eu acho que, primeiro nós somos uma classe que não é nada unida e isso também é um factor negativo e que também não passa uma boa imagem lá para fora (...).”

E8 – “As menos positivas foi a perda de autoridade do professor, é o que eu acho. Acho que nós passamos de uma situação de 8 para 80, costumo dizer “nem tanto ao mar nem tanto à terra”, e as novas pedagogias, e as novas psicologias da educação que surgiram, (...) acho que há muita teoria e pouca noção do que é que se passa dentro das salas de aula e dentro das nossas escolas, e o professor perdeu a autoridade (...), neste momento os alunos sabem perfeitamente até onde o professor pode ir, e eu acho que isso foi, é uma situação que a mim me choca, que a mim me choca.”

E9 – “Tem havido uma crescente falta de respeito pelo professor e situações de indisciplina, foi havendo uma desautorização da profissão de professor. Outro aspecto é a instabilidade profissional.”

#### **Excesso de burocracia**

E3 – “São todas negativas, porque há falta de autoridade, há falta de tempo, portanto são as horas desperdiçadas na escola para nada, é ter cada vez menos tempo para os alunos, é aquilo que sinto. (...) estou a ficar cada vez mais desactualizada pelo grau de burocracia e de outras coisas que nos é pedido na escola, é horas para a biblioteca, horas para apoio e que os alunos não aparecem, horas de substituição, que vamos servir de amas e que não serve de nada, portanto todas essas horas podia estar a actualizar-me, a ler mas não tenho tempo.”

E7 – “(...) é a burocracia, (...), há muito papel para preencher, muito papel, muito papel, chegamos ao final do ano e estamos atulhados em papel e durante o ano aquilo que nós queríamos é ter tempo para fazer, que é preparar as nossas aulas, fazer materiais diversificados e que sejam motivadores para os alunos, é aquilo porque nós acabamos por ter menos tempo, porque depois é tanto papel, tanto documento que nos vão pedindo ao longo do ano que aquilo que nós gostamos, que é ensinar, acabamos por não ter tempo.”

E11 – “(...) burocracia a mais, isso também depende das escolas, há assuntos que penso que são de carácter administrativo e é o professor que os acaba por fazer, não sendo do âmbito do professor”.

	<p style="text-align: center;"><b><u>Ausência do envolvimento familiar</u></b></p> <p>E1 – “(...) esta perda do envolvimento da família que não existe, que existe de uma forma que muitas vezes não é a correcta, portanto passamos do oito para o oitenta. Ausência de credibilidade atribuída ao professor por parte da família.</p>	
Opiniões positivas	<p style="text-align: center;"><b><u>Percursos curriculares alternativos</u></b></p> <p>E7 – “Acho que é o aumento da escolaridade, é uma medida positiva, acho que a oferta educativa que se tem diversificado ao longo das décadas também é bom, porque vai abrindo caminhos para alunos que não querem ter aquele ensino regular e isso é bom, haver esse tipo de ofertas, eu acho que isso é o mais positivo.”</p> <p>E8 – “(...) o aspecto mais positivo que eu considero é as ofertas educativas, (...) as respostas que a escola pública têm dado nos últimos anos, eu acho que é de louvar, apesar de todas as dificuldades, apesar de tudo, antigamente era impensável existirem, sabe eu quando comecei a leccionar a única coisa que existia era os chamados currículos alternativos e desde essa altura até agora que há tanta coisa que já foi feita, desde CEF (Cursos de Educação e Formação), novas oportunidades, (...), tanta, tanta coisa e isso para mim foi muito bom, este ensino a distância, esta modalidade que é uma medida inovadora, o procurar dar a escolaridade a um público que à partida não quer por diversas razões, que se afastam o mais cedo possível da escola e a resposta que a escola deu, eu acho que é uma medida muito positiva.”</p> <p>E11 – “(...) o aparecimento dos cursos profissionais e dos CEF, acho que é uma mais-valia como alternativa ou ensino regular porque possibilita aos alunos adquirir determinados conteúdos que não estão inseridos no currículo regular”.</p> <p style="text-align: center;"><b><u>Implementação das TIC em contexto escolar</u></b></p> <p>E1 – “(...) não havia outra hipótese dos alunos terem acesso ao computador e à Internet se não fosse na escola, e isso é uma vantagem muito grande, porque hoje no nosso mundo, no mundo em que vivemos alguém que não saiba trabalhar com a Internet é um analfabeto, um infoexcluído.”</p> <p>E2 – “Obviamente que as novas tecnologias, o aparecimento delas em muitas coisas vem melhorar o</p>	11

	<p>tipo de ensino que nós fazemos porque temos muito mais por onde ir buscar e também é bom diversificar.”</p> <p>E9 – “(...) temos a tecnologia associada portanto à nossa profissão, o facto de nós pudermos utilizar, sei lá por exemplo utilizarmos apresentações, aulas com som, vídeo, áudio, acho que é um aspecto positivo, aliás o ensino a distância só foi possível com a tecnologia.”</p>	
--	---	--

**Quadro nº 15 - Opinião dos professores relativamente aos aspectos/situações em que sente mais dificuldade no exercício da profissão**

	Citações dos entrevistados	Total de entrevistados
Opiniões	<p>E1 – “Não é muito fácil fazê-los perceber que a escola é importante. Eu costumo dizer-lhes coisas muito simples, se vocês precisarem de reclamar tem que ser por escrito, se vocês não souberem escrever uma carta de reclamações vocês nunca vão obter uma resposta favorável. Mas é difícil porque eles não acreditam muito naquilo que eu digo. Não é nada fácil, eles hoje têm imensas coisas que os afastam da escola, tem outros interesses e isso torna a situação muito difícil para a escola.”</p> <p>E1 – “Constantes mudanças e reviravoltas que regem no fundo o ensino, estas mudanças de estratégias ao nível do ministério da educação são horríveis, medidas que tem sido desastrosas (...), é complicado porque quando nós não temos segurança nenhuma, quando andamos na corda bamba durante não sei quantos anos, isso influencia-nos obviamente. “</p> <p>E2 – “(...) cada vez mais os alunos não querem aprender, não lhes apetece, tudo lhes aborrece, (...), nada lhes interessa apesar de fazermos aulas divertidas, funciona os primeiros cinco minutos talvez e depois eles entram naquela apatia.”</p> <p>E3 – “Enquanto professora, acho que é mesmo a parte da insegurança a dois níveis, não estou a falar só da indisciplina mas segurança na continuidade do nosso trabalho, (...), nós estamos a investir naqueles alunos e depois não vemos a continuidade, não sabemos o que é que vai acontecer.</p> <p>E3 – “Falta de autoridade do professor e indisciplina em sala de aula, falta de envolvimento das famílias, é tudo, burocracia a mais.”</p>	11

E4 – “A indisciplina, situações de indisciplina que são cada vez mais frequentes, que exigem cada vez mais do professor, não há formação que nos valha, na situação em que estamos perante o aluno, perante uma turma indisciplinada, ou conseguimos ou não conseguimos, não há formação de base que nos valha, não há teorias da educação que seja que valha naquele momento, naquele momento ou conseguimos ou não resolver, (...).”

E4 – “(...), das novas políticas da educação acima de tudo, apesar de os alunos serem difíceis, apesar de serem mal-educados, terem falhas gravíssimas ao nível da falta de respeito pelos professores, acho que o que realmente mais me entristece é o não ver o reconhecimento a nível superior, é mais por aí.”

E5 - Questões disciplinares, (...) é uma dificuldade e esta turbulência que existe no sistema educativo que ninguém consegue pensar em ensinar se todos os dias tem uma grande turbulência à volta da profissão.”

E7 – “(...) é o excesso de burocracia, o excesso de papel, de documentos que uma pessoa tem que preencher, isto é o que me incomoda mais.”

E7 – “(...), a forma como o professor é visto pela sociedade, a imagem negativa que se tem do professor, por outro lado aquilo que também me custa um bocadinho é que passados estes anos todos ainda não se tenha resolvido a questão dos professores terem que se deslocar para fora para darem aulas.”

E8 – “(...), um corpo docente estável porque todos os anos temos a necessidade de formar novos colegas que no final do ano saem, não há a continuidade, eu acho que isto é a parte menos compensatória, (...). No ensino em geral o menos compensatório é a burocracia, eu acho que nós cada vez menos temos tempo para preparar as nossas aulas, para vermos o que é que é realmente importante no exercício da nossa actividade, que é dar aulas, estar com os alunos em sala de aula e estamo-nos a preocupar em preencher relatórios, (...), é uma montanha de papéis que o professor tem que preencher.”

E9 – “As turmas muito grandes, a dificuldade de chegar a todos os alunos e propriamente as situações de indisciplina no ensino básico.”

	E10 – “É a instabilidade profissional, a indisciplina, tanta coisa...as turmas muito grandes.”	
--	--	--

**Quadro nº 16 - Opinião dos professores relativamente ao que considera mais compensador no exercício da actividade docente**

	Citações dos entrevistados	Total de entrevistados
Opiniões	<p>E1 – “O aprender, é quando nós percebemos que um aluno tem muitas dificuldades e depois há um clique e tudo muda às vezes mesmo sendo só um ou dois alunos que nós continuamos.”</p> <p>E3 - É exactamente aquele prazer da descoberta dos alunos, (...), por exemplo é pensar numa aula e chegar lá e dar uma coisa completamente diferente, porque era aquilo que eles precisavam naquele momento, e eles aprenderam aquilo.”</p> <p>E4 – “O gostar de aprender, de ter curiosidade, nem que seja só de estar lá, gosto de estar lá, (...). “</p> <p>E5 – “É a relação que se tem com os miúdos (...), pode ser sempre horrível mas há um miúdo que compensa ao fim do dia, é reconfortante até porque nós sabemos que há miúdos que no fundo nós somos importantes na vida deles (...), isso e é reconfortante saber que somos importantes na vida de alguém.</p> <p>E6 – “Gosto de dar aulas porque o facto de tentarmos ensinar alguma coisa aos alunos e eles conseguirem entender e aproveitar esse conhecimento (...), para mim é muito gratificante.” (...) sinto-me sempre compensada, eu gosto muito de dar aulas e gosto muito do contacto com os alunos, é claro que não gosto nada destas políticas que estão aqui a pôr em baixo a profissão de professor (...).”</p> <p>E7 – “(...) o relacionamento com os alunos, porque eu acho que nós conseguimos sempre aprender alguma coisa, chegamos sempre ao final do ano e eu gosto muito desse contacto com os alunos, seja a distância seja no presencial, acho que isso continua a ser o que é mais compensador.”</p> <p>E7 – “Sinto-me compensada porque apesar de todas estas dificuldades, estas coisas negativas continuo a gostar de ser professora e não me arrependo de ter tomado esta opção.”</p>	11

	<p>E8 – “(...) a desilusão faz parte de qualquer profissão, às vezes ficamos um bocadinho mais abatidas porque surge mais um despacho normativo daqui ou mais uma coisita ali que nos abale, (...), mas não, no geral eu sinto-me, para lhe responder à sua pergunta não devia fazer mais nenhuma coisa a não ser, ser professora.”</p> <p>E9 – “Os resultados, como é que hei-de explicar, a satisfação que eu sinto quando percebo que os alunos, que consegui chegar aos alunos, eles aprenderam alguma coisa, conseguimos transmitir aquilo que eu queria, a minha mensagem. É aquilo que me permite continuar.”</p> <p>E11 – “A relação de empatia que se desenvolve com os jovens é o que compensa no exercício da profissão”.</p>	
--	--	--

**Quadro nº 17 - Reacção dos professores relativamente ao exercício de outra actividade que não a de professor**

	Citações dos entrevistados	Total de entrevistados
Reacções	<p>E1 – “Eu acho que neste momento não era capaz, eu escolhi ser professora porque gosto de ensinar, tive outras oportunidades nos primeiros cinco anos de profissão para mudar e não mudei.”</p> <p>E2 – “Não, nem pensar, nunca me via a fazer outra coisa, gosto mesmo disto.”</p> <p>E6 – Sim, eu se calhar actualmente não teria ido para o ensino provavelmente, agora o quê não sei, (...). Eu gosto muito de dar aulas mas só mudaria devido à instabilidade que se verifica na profissão docente.”</p> <p>E7 – “Não. Não me vejo a fazer, desempenhar outra actividade.”</p> <p>E8 – “Não, ainda continuo motivada.”</p> <p>E9 - Sim principalmente nesta altura que é tão difícil ficar colocada.</p> <p>E10 – “(...), eu não sei o que é que se vai passar para o ano nem daqui a dois portanto o futuro não existe eu estou a viver o dia-a-dia e aquilo que eu sinto agora e que não estou nada desiludido com a profissão onde estou (que exerço) nem perspectivado mudar de actividade (...),</p>	11

	<p>já tenho uma experiência na minha profissão de 20 anos (...) e chegou a uma determinada altura na minha vida que eu pensei assim bom estou 12 horas por dia a comunicar com uma máquina (...) comecei a pensar desta forma, ok estou aqui a perder qualquer coisa na minha vida, pronto, este contacto que eu tenho social, por isso é que eu acho uma coisa muito importante para os alunos estarem inseridos num contexto social do que num contexto de uma máquina, pronto eu também pessoalmente acho que esta experiência de estar, contactar, digamos com âmbitos diferentes e este contacto de transmitir conhecimentos, não através de uma máquina mas com pessoas não é, isso traz-me mais felicidade de contactar com pessoas, portanto neste caso com professores e alunos, eu cresço muito mais rapidamente, sinto-me a crescer e pronto estou muito satisfeito com aquilo que estou a fazer (dar aulas).</p> <p>E11 – “Não, apesar das alterações políticas prefiro continuar a desempenhar esta actividade”.</p>	
--	---	--

**Quadro nº 18 - Opinião dos professores relativamente aos desafios que são colocados entre trabalharem no ensino presencial e no ensino a distância**

	Citações dos entrevistados	Total de entrevistados
Opiniões	<p>E2 – “Isto é muito conhecimento informático, inicialmente foi o que mais custou durante o 1º e início do 2º período. Acho que agora já consigo fazer as coisas bem, dominar a tecnologia, os programas e esta linguagem que é típica do EDI, aquelas coisas que nunca nos ocorreu, aqui tudo é escrito, foi complicado no início mas agora já está ultrapassado.”</p> <p>E3 – “A matéria é exatamente a mesma, mas eu tenho de fazer uma apresentação diferente, porque é diferente nós passarmos uma apresentação numa sala de aula presencial e explicar o que é aquilo e numa apresentação aqui que tem de estar lá tudo explicado ao pormenor, não é, é muito diferente.”</p> <p>E4 – “É o desafio de tentar chegar a alguém que esta a uma distância inatingível, é mesmo esse, é o tentar criar num aluno que esta completamente à distância uma empatia, é mesmo o mais difícil, mas é possível.”</p> <p>E5 – “Aqui nós temos que ser muito mais exigentes</p>	11

	<p>connosco próprios, temos todos os dias dificuldades, todos os dias temos de reinventar, prepararmos aulas que até pela experiência profissional sabemos que funcionam muito bem e (...), aqui preparamos as aulas mas como não temos experiência não resulta em nada (...), a informação não passou, o que já não acontece em sala de aula porque até na sala de aula temos outra forma de dar a volta, aqui não, se não há feedback ficamos ali, (...) a nível de trabalho do professor é o dobro ou o triplo a preparar os materiais (...), se não resultar temos de voltar e fazer tudo outra vez de novo, isso é um grande desafio e uma dificuldade.</p> <p>E7 - O desenvolvimento das competências TIC, (...), quem fique aqui colocado que tenha noções muito, muito básicas vai sentir muito mais dificuldades, (...) eu acho que as competências TIC continua a ser o grande desafio, (...).”</p> <p>E8 – “Os desafios é num curtíssimo espaço de tempo conhecer e utilizar tudo o que diga respeito à plataforma e tudo o que diga respeito às TIC, (...)”</p> <p>E9 – “Para já, enfim as técnicas, adquirir, saber trabalhar com o Moodle, não é, saber colocar os materiais, enfim tive que adquirir uma série de técnicas e de instrumentos para conseguir dar as minhas aulas. É completamente diferente eu nunca tinha trabalhado com o Moodle, portanto foi uma aprendizagem do zero conseguindo adaptar-me.”</p>	
--	--	--

**Quadro nº 19 - Opinião dos professores relativamente à imagem que têm de si próprio como professor**

	Citações dos entrevistados	Total de entrevistados
Opiniões positivas	<p>E1 – “Eu acho que sou exigente, (...), não sou uma professora completamente liberal, não sou, eu acho que há regras que tem de ser cumpridas, acho que sou um bocadinho exigente e rígida mas também sou muito coração mole, (...), eu acho que tenho muito para aprender ainda mas eu dou o meu melhor todos os dias.”</p> <p>E2 – “(...) acho que sou uma boa professora, sou exigente, exijo muito, dou muito, eu costumo dizer aos meus alunos na 1ª aula que sou terrível, costumo dizer-lhes que na primeira semana vão-me odiar mas no final vão-me pedir de joelhos para que eu fique para o ano</p>	11

	<p>(...).”</p> <p>E4 – “(...), sou rígida a impor mas tento sempre levá-los de uma forma mais, até porque lido mais com adolescentes, que é uma fase da vida em que eles gostam de questionar a autoridade dos professores, dos pais, de toda a gente, então tento levá-los de outra forma, que é o explicar o porquê da situação ser assim, (...). Tento equilibrar um bocadinho as duas coisas, não ser demasiado benevolente nem ser demasiada autoritária.”</p> <p>E5 – “Eu sou um bocado exigente e autoritária (...) sou muito exigente em determinadas coisas, não abduco de determinadas coisas a nível disciplinar e sou muito exigente mas depois acho que também consigo passar daí, do castigo, da exigência para ser afectuosa com eles (...).”</p> <p>E7 – “ Considero-me uma professora competente que gosta muito de ensinar, que gosta muito de aprender com os seus alunos e gosto muito de desafios e de procurar sempre conseguir ser melhor, (...). Eu sou exigente, autoritária qb, (...) consigo exercer a minha autoridade, eles sabem qual o limite deles e essas coisas ficam definidas, (...).”</p> <p>E8 - Eu acho que há coisas que ainda me continuam a escapar e a falhar, às vezes apercebo-me, acho que estou sempre a aprender, (...) considero-me uma boa professora, considero-me, mas acho que ainda tenho (...) um longo caminho.”</p> <p>E9 – “(...) acho que sou competente, autoritária mas não exigente”.</p> <p>E10 – “Eu acho que sou exigente, autoritário em quantidade e proporções quase iguais, ou seja a imagem que eu tenho de mim, digamos assim, eu modelo e sou modelado em várias frequências ou seja, vários registos, eu não me apresento aos alunos de uma forma, prefiro tê-los sempre a falar comigo do que eu a falar com eles, ou seja (...), eu não tenho a ideia de que o centro do conhecimento sou eu, (...), eu não sou a fonte única do conhecimento ou seja, portanto eu depois tenho, sou modelado e vou responder quase individualmente a cada aluno acerca das suas dificuldades e acerca daquilo que eles precisam de fazer para, e está muito centrado neles, na sua capacidade de resolverem problemas, (...). Portanto é-me insignificante ser autoritário, não sei o que</p>	
--	---	--

	<p>é isso, não é essa a minha relação com os alunos mas também posso ser exigente (...).”</p> <p>E11 – “Não sou uma professora autoritária mas numa primeira abordagem eles pensam que vão encontrar uma professora muito autoritária pelo feedback que os alunos me dão quando lhes perguntou o que pensam sobre mim quando me conheceram. Também sou exigente dependendo do nível de ensino, o regular é diferente do profissional, porque a maioria dos alunos do profissional também têm características diferentes”.</p>	
--	---	--

### Interacção na sala de aula

#### **Quadro nº 20 - Opinião dos professores relativamente ao processo de interacção dos alunos com o professor no ensino a distância**

	Citações dos entrevistados	Total de entrevistados
Opiniões	<p>E1 – “É muito engraçado, através de um <i>smile</i> que eles utilizam muitíssimo para transmitir a sua tristeza, a sua alegria, a sua satisfação, os seus problemas. Nós professores acabámos também por usar os <i>smile</i> como motivação, para dizer que gostamos do trabalho, que estiveram excelentes. Para os alunos mais introvertidos, muitas vezes, recorremos ao telefone ou à mensagem interna, ou seja, mensagens na plataforma onde pudemos falar com os alunos em particular, digamos assim, e isso às vezes ajuda muito.”</p> <p>E2 – “É a tal linguagem que nós fomos aprendendo ao longo do tempo, ou seja por escrito. Eu sei quando um aluno está contente, há dias em que aquele aluno não está a participar tanto, o aluno não está muito bem, não vale a pena, podemos perguntar e ele responde o essencial mas não está muito efusivo quando não tem o “smile”, (...). Portanto conseguimos perceber o estado emocional dos alunos através dos “smiles” e eventualmente através do tipo de discurso escrito que ele utiliza na aula.”</p> <p>E4 – “Consegue-se mas demora-se um bocadinho mais a perceber-se a personalidade de cada um, como é óbvio, mas consegue-se perceber através da forma como eles me respondem, já diz muito, só que isso nos apercebemos ao fim de mais tempo do que no presencial. (...). (...) os professores que têm mais experiência nisso (...), os conhecimentos prévios de outros professores são importantíssimos para diminuir este tempo de percepção</p>	11

de como é o aluno, porque acho que é importante nós conseguirmos chegarmos até eles de uma forma eficaz e logo no início, (...). Mas acho que o facto de os alunos a quem eu consigo chegar mais são aqueles que consigo vê-los fisicamente, ou porque vem cá porque estão perto ou porque vêm a uma actividade aqui na escola, a esses alunos acabo por agarrá-los mais um bocadinho. (...). O contacto físico é muito importante na relação pessoal que estabelecemos depois no dia-a-dia escolar, porque já não é o professor que tem uma fotografia, é uma pessoa física, uma pessoa com quem eles têm alguma afinidade ou não. Mas essa relação é possível estabelecer a distância, mesmo sem eles virem cá, porque eles conhecem-se uns aos outros e transmitem a empatia que tem por um professor ou outro.”

E5 – “Consegue-se ter muito pelo chat, pela troca de informação que existe entre, pela conversação no chat (...), neste projecto é importantíssimo que as pessoas, que o corpo docente seja estável porque há coisas que nós adquirimos a meio do ano e este tipo de sensibilidade só se tem conhecendo os alunos, porque há alunos que nós sabemos que dizem e mandam uma mensagem interna a dizer “professora hoje correu muito mal, estou com muitos problemas”, e há miúdos que não o dizem e nós não temos esse feedback como temos no presencial (...), é diferente, é sempre muito diferente mas a experiência acho que nos ajuda a ultrapassar um bocado isso, até porque há miúdos que falam muito no chat, falam muito e dizem “professora este fim-de-semana estive ali” e há dias que não dizem nada e nós apercebemo-nos, (...), essas coisas começa-se a notar com a experiência.”

E7 – “Aqui ao contrário do ensino presencial, toda a comunicação é escrita, e tem que ser através da escrita que nós conseguimos perceber isso ou pela forma como eles respondem e nós sabemos exactamente se ele está a perceber se ele não está a perceber, se naquele dia as coisas não estão muito bem em termos pessoais (...) ou então pelo facto de eles não responderem, quando eles não respondem também é um sinal de que alguma coisa não está bem porque já os conhecemos (...).”

E8 – “Logo pelo chat, o chat é a nossa sala de aula, é ali que nós damos um bom dia quando falamos, e aqui nós temos essa percepção, (...), se um aluno entra, (...), não diz absolutamente nada passa-se alguma coisa, portanto nós temos essa noção. (...). Até conseguimos pela

	<p>quantidade de tempo que está sem dizer nada, que de certeza que aquele aluno não está bem.”</p> <p>E9 – “Passa muito pela forma como eles respondem no chat, respondem e interactivem connosco no chat, porque há alunos são extremamente interactivos, portanto que respondem e colocam questões e há outros que praticamente estão amorfos, daí a dificuldade de chegar a alguns alunos.”</p> <p>E10 – “Sim, eu penso que em determinadas situações eu consigo perceber isso pela interacção que eles têm, ou seja, as aulas também não eram no ensino à distância assíncrona, eram síncronas ou seja, tinham um chat para comunicar e havia uma determinada interacção professor aluno através do chat e através do chat percebe-se também, não as consigo racionalizar mas instintivamente eu conseguia perceber, ou pela forma como eles escreviam.”</p> <p>E11 – “Pela forma como eles respondem no chat, dá logo para perceber se eles estão bem ou se não estão bem (...)”.</p>	
--	--	--

**Quadro nº 21 - Opinião dos professores relativamente ao processo de interacção entre os alunos no ensino a distância**

	Citações dos entrevistados	Total de entrevistados
Opiniões	<p>E1 – “Para além do chat onde eles conversam também, eles também têm outras formas paralelas como o <i>facebook</i>, que é um meio de comunicação fantástico.”</p> <p>E2 – “ Quando entro no chat já eles se encontram a cumprimentar-se entre eles e depois com a professora.”</p> <p>E3 – “(...), para além das conversas que eles vão tendo no chat, eles estão a comunicar em simultâneo no facebook ou noutra rede social.”</p> <p>E5 – “Há muito menos interacção entre os alunos como é óbvio, mas eles interagem entre eles até porque às vezes até se chateiam como os outros (...) este tipo de interacção também acontece um bocadinho, menos mas acontece depende do tipo de aulas (...)”</p> <p>E7 – “Sim, eles falam entre eles na aula quando tem a ver com a aula, se for conversas que nada tenham a</p>	11

	<p>haver com a aula nós cortamos.”</p> <p>E8 – “Sim acontece, nós chegamos ao ponto de dizer que não há trocas de palavras, (...), não é de ofensas nem nada disso mas é às vezes eles estarem a querer conversar uns com os outros.”</p> <p>E9 – “É raro, eu praticamente não presenciei a não ser uma vez ou duas. É claro que antes de começar a aula no chat eles conversam mas depois do professor entrar não há essa interacção entre os alunos.”</p> <p>E10 – “Sim, também falavam no chat, eles tinham essa necessidade, bom numa criança tentar perceber quem está do outro lado e eles tinham embora houvesse muitos mais retraídos havia também necessidade de eles se conhecerem uns aos outros também, embora (...) muitos deles fossem da mesma família e se conhecessem das feiras mas tinham também a necessidade de comunicarem entre eles, embora essa situação eu não a permitisse muito porque podia tornar-se depois ruído para a minha interacção com eles, portanto não era muito permitido mas existia, (...).”</p>	
--	---	--

**Quadro nº 22 - Opinião dos professores relativamente à possibilidade de trabalhar as aprendizagens de competência sócio afectivas num ambiente de ensino a distância**

	Citações dos entrevistados	Total de entrevistados
Opiniões	<p>E1 - Claro que sim. (..). Nós neste momento já temos uma relação de proximidade com os alunos, nós já percebemos se um aluno está ou não bem, já contactamos com eles a perguntar o que é que se passa. No início é difícil mas depois vamos conhecendo os alunos. Mas há uma coisa muito importante, os conhecimentos que os colegas que já cá estavam têm destes alunos é muito importante para nós e portanto o feedback que elas nos dão sobre o comportamento daquele aluno, sobre a vida pessoal daquele aluno isso também nos ajuda a compreender o aluno e a aproximarmos deles. É muito importante conhecer o contexto familiar, bem como é importante a continuidade de um professor durante x tempo.“</p> <p>E3 – “Considero que sim, mas é muito mais difícil, (...) e muito mais demorado, estamos a falar de um público muito especial, cultura muito própria, por exemplo, eu</p>	11

quando cheguei cá não sabia que os meninos das feiras não se davam com os meninos do circo, que havia aqui uma fricção/choque entre eles, nunca me passou pela cabeça que isso acontecesse. É possível mas é muito mais difícil.”

E4 – “Sim. (...) acaba sempre por ser diferente do presencial mas, por exemplo, há uma coisa que eu dou comigo a fazer que é mandar beijinhos para toda a gente no final da aula. Pedagogicamente conseguimos formar enquanto alunos, claro, dar-lhes a aula e formá-los enquanto pessoas, porque existem também conflitos no chat como existem em sala de aula. É possível mas mais demorado, diferente, com características diferentes mas é possível.”

E5 - Sim, (...) eles acabam por ter alguma interacção até porque alguns se conhecem, como são itinerantes cruzam-se em feiras, cruzam-se e têm muitas relações familiares entre eles. Eles acabam por criar laços em sala de aula que depois, eles vivem na internet, depois acabam por consolidar em mensagens internas, (...)extra chat de aula que eles comunicam entre eles, logo tem de ser em aula que eles criam esses laços mais entre eles.”

E6 – “Sim conseguimos criar, (...). Acho que era importante neste projecto, eu não digo uma vez por mês mas uma vez por trimestre pelo menos ter um contacto presencial com os alunos. As colegas que foram lá ao Norte conhecerem os alunos conseguiram perceber quais eram as lacunas, os problemas que eles tinham técnicos, porque é que não entregavam o trabalho, se era porque tinham um problema no computador, nós aqui não temos essa percepção, (...)”.

E7 – “Sim considero. Acho fundamentalmente isso, nós conseguimos fazer se calhar mais pontualmente nas nossas aulas mas conseguimos fazer de uma forma mais efectiva na tutoria porque cada tutor tem grupo restrito de alunos, é mais fácil trabalhar com eles, é mais fácil nós conhecermo-nos, é mais fácil nós estarmos conscientes das dificuldades que eles têm, dos problemas que eles têm e nós conseguimos de uma forma mais efectiva.”

E8 – “Se calhar não é tão fácil como no presencial mas conseguimos, mas consegue-se, consegue-se porque, lá está, quando nós reparamos que alguma coisa não está bem é logo aquela preocupação do ligar, do saber, do

	<p>perguntar, do mandar uma mensagem interna na plataforma para saber e eles acabam por dizer o que é que é, o que têm, é possível.”</p> <p>E9 – “Acho que sim, é diferente não há contacto visual mas eu acho que sim ao fim de algum tempo claro, inicialmente não.”</p> <p>E10 - Havia muitas competências também a desenvolver que são as básicas não é, em termos de atitudes sociais, só essa questão de tentar explicar-lhes que neste contexto as conversas paralelas no chat não eram permitidas não é, nisto eu estou a trabalhar também competências a nível de atitudes sociais.”</p> <p>E11 – “(...) consegue-se, apesar da abertura não ser igual à do ensino presencial.”</p>	
--	--	--

**Quadro nº 23 - Opinião dos professores relativamente ao estabelecimento da relação pedagógica que se desenvolve com os alunos no ensino a distância**

	Citações dos entrevistados	Total de entrevistados
Opiniões positivas	<p>E1 – “(...) é um bocadinho mais demorado no início mas depois é exatamente igual ao presencial. Pode ser mais difícil chegar a alguns alunos mas também o é no presencial, temos alunos que durante o ano inteiro entram mudos e saem calados da sala da aula, é a mesma coisa. Acho que é mais demorado no início estabelecer uma relação, haver ali uma empatia mas não é impossível.”</p> <p>E2 – “Não existe uma grande diferença no presencial e a distância, os mais pequenos são muito mais afectivos, nota-se muito esta ligação porque é muito beijinho, enquanto com os maiores já é diferente.”</p> <p>E3 - É difícil (...), por exemplo, quanto mais tempo eles vão ficando a ligação é muito mais forte, portanto eu noto com a Patrícia e a Andreia, que já cá estão há muitos anos, que já os conhecem, (...) têm uma ligação afectiva muito grande. Com os professores que vêm de novo, eles custam a fazer essa ligação.”</p> <p>E6 – “Também se estabelece, com a experiência é possível, nota-se logo uma diferença, por exemplo, com a Patrícia e a Andreia que são coordenadoras e que já estão há 4 ou 5 anos neste projecto conseguem</p>	11

	<p>perfeitamente essa relação pedagógica e estimular o aluno a trabalhar, conseguem muito mais que nós, que inicialmente como eles não nos conheciam era um problema.”</p> <p>E7 – “(...) contrariamente aquilo se pode pensar que é o ensino a distância, que nós não vamos estabelecer nenhum relacionamento próximo com os alunos, consegue-se estabelecer, se calhar neste caso no conjunto de todos os professores, se calhar (...) eu e a Patrícia, porque é assim nós conhecemos todos os alunos das turmas do Projecto (EDI), (...). Pois é natural, têm-se que primeiro criar um clima de confiança, de abertura e isso é natural.”</p> <p>E10 – “A relação pedagógica existe obviamente, até pelo simples facto de eu dizer que estava sempre disponível em tal endereço não é, se eles colocassem questões eu iria lá ver e tentar resolvê-las ou tentar desbloquear uma determinada situação, pronto isso é uma relação pedagógica que eu exerço, não é presencial mas também se desenvolve.”</p>	
Opiniões negativas	<p>E5 - “(...), a relação é um bocado distante porque eles não associam aquela pessoa que fala com eles a uma cara, o professor para eles não tem aquela implicação que tem, (...), é alguém que está ali a falar com eles, e eles aquela empatia pedagógica não a criam até porque eu tenho a experiência de me ter reunido com alunos do projecto presencialmente no Norte, o aluno que esteve comigo uma semana presencialmente tem uma relação completamente diferente comigo da restante turma, era um aluno com muitas dificuldades (...), não conseguia fazer nada, neste momento está um miúdo que interage, quer responder, (...) eu já não sou aquela pessoa que está ali a escrever, ele conhece-me, ele falou comigo, (...) é completamente diferente, (...), tem a haver com essa empatia que ele criou presencialmente.”</p>	11

**Quadro nº 24 - Opinião dos professores relativamente à existência de diferenças na relação pedagógica que se desenvolve no ensino a distância e aquela que constrói no ensino convencional**

	Citações dos entrevistados	Total de entrevistados
Opiniões	E1 – “Não. Nós acabamos por nos envolver também nos problemas, (...).”	11

	<p>E2 – “No essencial é igual, consegue-se de outra forma mas é igual.”</p> <p>E3 – “(...) acho que é diferente, (...). Em contexto presencial cria-se uma empatia directa entre professor e aluno, (...) e que aqui é difícil ou pelo menos, eu por mim não sei, porque eu gosto muito de olhar as pessoas nos olhos e aqui não consigo, portanto eu dependo da palavra deles, (...).”</p> <p>E5 – “(...) a relação é um bocado distante porque eles não associam aquela pessoa que fala com eles a uma cara, o professor para eles não tem aquela implicação que tem, (...), é alguém que está ali a falar com eles, e eles aquela empatia pedagógica não a criam até porque eu tenho a experiência de me ter reunido com alunos do projecto presencialmente no Norte, o aluno que esteve comigo uma semana presencialmente tem uma relação completamente diferente comigo da restante turma, (...)”.</p> <p>E7 – “(...) é mais próximo, porque por exemplo eu não estou só no tempo de aula com os meus alunos, estou com eles, acabou a aula mas entretanto à noite eu estou na plataforma ou fora do meu horário lectivo, eu estou na plataforma e se eles tiveram alguma dúvida eles mandam mensagens e perguntam-me coisas, (...), ora no ensino regular nós acabamos a nossa aula, pronto e vamos para outra turma e cada um segue o seu caminho.”</p>	
--	--	--

**Quadro nº 25 - Opinião dos professores relativamente à existência de situações de indisciplina por parte dos alunos no ensino a distância.**

	Citações dos entrevistados	Total de entrevistados
Opiniões	<p>E1 – “(...). Até hoje não dei conta de nada muito grave, o afastamento físico eu acho que ajuda também a uma maior disponibilidade e serenidade para resolver e para acalmar os alunos. Quando se verifica uma situação que o professor não consegue resolver, passa esse papel um bocadinho para o tutor que em princípio falará com o encarregado de educação do aluno e resolverá a situação menos correcta ocorrida em sala de aula. Como o confronto físico não existe é mais fácil de controlar.”</p> <p>E3 – “acho que sim, mas que são completamente diferentes dos nossos alunos presenciais. Por exemplo, (...) o aluno não é mal-educado ao nível de asneiras mas ao nível do tratamento é, “não fale assim comigo”, e se</p>	11

eu utilizo as maiúsculas para o chamar à atenção, começa-me logo a dizer “não grite comigo, nem a minha mãe grita comigo”, portanto temos aqui um nível cultural dos alunos que também não é extamente..., não percebe que eu preciso de gritar com ele, preciso de o chamar à atenção porque ele não está a agir correctamente, tem que trabalhar.”

E5 – “Por vezes verificam-se, tem a haver com essas quezílias entre aula, por eles falarem uns com os outros em termos menos próprios, tem a haver com o não respeitarem, questionarem o professor, o questionar o professor, quando chamamos a atenção eles questionam, questionam muito e até às vezes em termos menos próprios, é mais a esse nível.”

E7 – “Também existem, claro que não é a indisciplina que existe no ensino presencial nem com a dimensão do ensino presencial, não tem nada a haver, aqui em termos de indisciplina (...), pode surgir o facto de eles não fazerem as tarefas ou o facto de nós estarmos a chamar por eles no chat e eles não nos responderem, tem a ver com essa situação, às vezes alguma resposta mais torta, comigo e com a Patrícia não acontece porque eles também já nos conhecem, agora se calhar às vezes num momento de impulso, se calhar com outro professor é natural que às vezes saía, nada de muito grave mas se calhar podia ter dito aquilo de outra forma, pronto são essas as situações, (...). Depois também têm a ver com outra coisa, a comunicação escrita é mais difícil, não é, nós se tivermos uma intervenção oral, nós pelo tom, até pelo próprio tom, pode ser a mesma frase, mas dito com um tom diferente pode ter outro significado, pronto e aqui a comunicação, eu lembro-me de uma situação que estava uma colega e o aluno, era um óptimo aluno, é um aluno daqueles que é 5 estrelas, faz tudo e mais alguma coisa e ela disse-lhe “olha, tens que refazer este trabalho” e ele disse-lhe “não faço” e ela disse “não fazes Miguel”, não, desculpe professora não, vírgula faço, pronto faltou a vírgula, a falta da vírgula na comunicação faz toda a diferença. Portanto às vezes se calhar aquela indisciplina tem a ver com isso.”

E11 – “Indisciplina propriamente dita não, havia dias que a aluna não cria grandes conversas, mas havia em turmas de maior dimensão, não por experiência própria (só tinha uma aluna) mas por aquilo que ouvia de outras colegas.”

**Quadro nº 26 - Opinião dos professores relativamente aos tipos de situações que ocorrem no ensino a distância**

	Citações dos entrevistados	Total de entrevistados
Opiniões	<p>E1 – “Indisciplina, indisciplina grave não, não dei conta, exaltação, umas palavras menos correctas já aconteceu.”</p> <p>E5 – “(...) eu penso que esta indisciplina também é criada pelas falhas de comunicação que há no chat, porque se nós conversarmos com os nossos amigos e quem usa redes sociais a falar no chat, há sempre mal entendidos porque não há expressividade, uma frase que nós pudemos pensar que é ofensiva, que é mais ríspida, se calhar não é, falta uma vírgula, se calhar somos nós a conversar e penso que essas situações também dependem daí, porque há males entendidos (...), tem a haver mesmo com o facto de ser escrito, porque na oralidade nós dizemos uma coisa a um aluno que reage mal e nós dizemos “atenção não era bem isso que eu queria dizer”, pela expressão facial, aqui não, por exemplo, tive uma vez uma aluno que se chateou muito comigo porque eu escrevi em CAPS LOCK (em maiúsculas), eu só escrevi em CAPS LOCK porque a primeira letra ficou em minúscula e o resto ficou tudo em maiúsculas mas ela nem se apercebeu, enganei-me no teclado e ela ficou ofendidíssima porque estava a gritar com ela e eu não estava a gritar, enganei-me a escrever, pronto este tipo de coisas acontece, estes mal entendidos.”</p> <p>E10 – “Sim tive algumas situações de indisciplina, de respostas um pouco secas.”</p>	11

**Quadro nº 27 - Opinião dos professores relativamente aos procedimentos adoptados na resolução dessas situações de indisciplina**

	Citações dos entrevistados	Total de entrevistados
Opiniões	<p>E1 – “Quando se verifica uma situação que o professor não consegue resolver, passa esse papel um bocadinho para o tutor que em princípio falará com o encarregado de educação do aluno e resolverá a situação menos correcta ocorrida em sala de aula.”</p> <p>E2 – “Nessa situação consegui solucionar esse problema no chat mas se fosse preciso, portanto se acontecesse</p>	11

mais alguma coisa eu estaria à vontade para pegar no telefone e dizer: acabou-se, vamos parar imediatamente ou então se não conseguisse desta forma teria que passar para o tutor e o tutor resolve.”

E4 – “Um bocadinho como no presencial, portanto às apalpadelas, tentando falar com eles no sentido de não permitir esse tipo de conversa em sala de aula. Quando não funciona, ou seja, quando o aluno não acata as ordens do professor, portanto a autoridade do professor é expulso da sala de aula como numa aula normal, portanto é expulso do chat. (...). Primeiro tentamos solucionar a situação de indisciplina no chat e caso não se consiga, por telefone. Quando se telefona, muitas das vezes recorremos aos encarregados de educação para advertir o seu filho, se a situação se justificar é logo na hora, portanto temos a vantagem de telefonar logo aos pais e comunicar-lhes que o filho está a ser mal-educado no chat e o pai pode ver o que aconteceu, a conversa fica registada, tudo o que aconteceu fica registado e pode ser visto posteriormente.”

E5 – “Aqui é um bocadinho como no presencial, conversa-se com eles, se a situação for demasiado grave informa-se o tutor deles, o sistema de tutoria funciona para isso e o tutor informa o encarregado de educação e fala com o aluno e podem ser dadas medidas disciplinares, não é muito frequente, acontece um caso ou outro.”

E7 – “Primeiro passa pelo professor em questão e pelo aluno em questão, se se considerar que se deve, que a situação deve ser transmitida aos encarregados de educação, então o professor entre em contacto com o tutor e transmite e diz aquilo que se passou e é o tutor que fala com o encarregado de educação. Sempre que necessário recorremos ao telefone e às vezes até acontece nós recorrermos ao telefone e ligamos diretamente ao aluno e puxarmo-los as orelhas.”

E8 – “Depende há situações que é através do chat e outras que é através do professor que informa o tutor e diz “olha, isto aconteceu aqui”, o tutor liga para o pai e às vezes fala também com o aluno e resolve-se ali aquilo no imediato.”

E9 – “Não foram muitas as situações, felizmente não tive esse problema em nenhuma das turmas mas assim que senti que havia qualquer, enfim alguma resposta que não

	<p>estava do meu agrado, eu chamava o aluno, portanto no chat, e chamava o à atenção sempre que achei que era necessário. Caso não acatasse a ordem falava com o tutor.”</p> <p>E10 – “Nós tínhamos depois outra forma de comunicar com eles que era por telemóvel não é, em que podíamos telefonar diretamente para o encarregado de educação e alertá-lo para a situação que estava a acontecer, pronto e envolver um pouco a família e responsabilizá-la.”</p>	
--	---	--

**Quadro 28 - Opinião dos professores relativamente à interferência das situações de indisciplina no processo de ensino e aprendizagem em que desenvolve o projecto EDI**

	Citações dos entrevistados	Total de entrevistados
Opiniões positivas	<p>E3 – “Eu acho que no secundário não afectam nada. Por exemplo, este aluno sobre quem eu contei a história, no dia seguinte ou na aula seguinte, ele já está com um sorriso, aos beijinhos, são muito meigos, precisam de mandar beijinhos no final da aula, bem como receber beijinhos nossos, porque senão ficam tristes, magoados.”</p> <p>E8 – “Não afectam o processo de ensino e aprendizagem”</p>	11
Opiniões negativas	<p>E4 – “Se numa aula, tal como no presencial, houver casos de indisciplina, vão estar a prejudicar o tempo de aula, vai-se estar a perder tempo com essa situação, prejudica em termos de aproveitamento da aula. O aluno que tiver interessado pode sempre compensar com trabalho fora da aula, mas prejudica também.”</p> <p>E5 – “Penso que sim, que interferem e no presencial nós chateamo-nos com um aluno e a seguir conseguimos voltar, aqui se eles ficarem muito sentidos é muito mais difícil fazê-los entender que não, que foi uma situação pontual, o professor chamou a atenção quando tinha de chamar e acabou, no presencial acho que eles conseguem entender muito bem, pois ralhei porque tinha de ser naquela altura e passado um bocado está tudo igual e, como eu tenho alunos muito pequeninos quando amuam eu no final chamo-os e digo “ainda estás muito zangado comigo”, pronto e tem-se aquela conversa.”</p> <p>E6 – “Sim, porque se eles têm, estão ali no chat em vez de uma pessoa trabalhar, estão ali interessados em</p>	11

	provocar uma briga, claro que os outros alunos também não estar concentrados, vão ficar a observar o que é que vai aparecer no chat e desconcentram-se logo.”	
--	---	--

### Gestão e implementação do currículo escolar

#### **Quadro nº 29 - Opinião dos professores relativamente a dificuldades/constrangimentos sentidos no contexto de ensino a distância na implementação do currículo**

	Citações dos entrevistados	Total de entrevistados
Opiniões	<p>E1 – “(...) na área da gramática é um bocadinho mais difícil de explicar, faz-se, tenta-se com as apresentações com exemplos claro e consegue-se mas também é um bocadinho mais difícil sobretudo quando uma pessoa não está habituada, enfim, (...), faz-se mas é complicado, pomos a ouvir um texto e eles tem que responder a um questionário sobre o texto que apenas podem ouvir, portanto que tem apenas a componente oral mas também podemos fazer exercícios de leitura porque eles gravam os textos e depois enviam, é possível mas é mais difícil.”</p> <p>E2 – “Senti, mas lá está mais de início, de início pensei nunca vou cumprir este currículo, nunca vou cumprir a planificação, vai ser impossível, (...), não tinha a percepção como é que os alunos estavam a assimilar a informação/saberes, e acredito que no 1º período eu deixei as coisas andarem muito lentamente porque não tinha essa percepção de todo, mas depois percebi que eles fazem-no bem e agora vou conseguir cumprir tudo e se houver alguma coisa fica para o próximo ano, como no presencial, portanto aí é igual.”</p> <p>E4 – “Sim, porque acho que o tempo que os alunos precisam é maior, eles precisam de mais tempo para trabalhar um determinado conteúdo, é preciso mais tempo, é preciso dar-lhes mais tempo e acaba por não haver forma de eles trabalharem tanto, como é a distância o tempo de chegada da informação, quer queiramos quer não, o aluno tem que trabalhar sozinho e por mais que o professor esteja lá para apoiar, há coisas que o aluno tem que fazer sozinho e este processo demora mais tempo a ser executado, logo se demora mais tempo é difícil de cumprir o programa, (...). Tudo demora mais tempo porque tudo depende do aluno, a bola está mais do lado do aluno, o aluno tem de trabalhar mais, de forma mais autónoma, tem de ter um empenho maior do que o do presencial. “</p>	11

	<p>E5 – “(...) a parte tecnológica, a parte dos materiais, de conhecer materiais, de trabalhar com os materiais é impensável pedir uma lista de materiais a estes miúdos, essa parte do currículo acaba por não se aplicar da mesma forma, acaba por ficar muito penalizada a parte toda tecnológica, é só teoria. “</p> <p>E6 – “Sim no ensino experimental e depois, lá está, aquelas turmas que trabalham menos, (...), depois não faziam as tarefas e claro que se naquela semana nem 10 por cento entregou a tarefa, eu na outra semana vou voltar a falar sobre o assunto porque ou muitos alunos faltaram ou não perceberam, então eu tenho de voltar a explicar tudo outra vez, é sempre a mesma matéria em vez de passar para outra, tenho que ali atrasar e com isso perdi muito tempo, (...).”</p> <p>E7 – “(...), eu acho que aqui, pronto, as dificuldades passaram obviamente por transformar tudo aquilo que eu tinha em materiais interactivos e que pudessem ser utilizados na plataforma e em termos do Português, (...) aquilo que me oferece mais dificuldades é eu conseguir, porque uma das competências é a expressão oral, pronto é aquilo que me oferece mais dificuldades (...), toda a nossa comunicação é escrita, aquilo que eu posso pedir como expressão oral é para eles fazerem gravações, mas não há interação, não é, portanto eles fazem por exemplo uma leitura de um texto e enviam-me ou eu faço por exemplo uma perguntas no fórum e em vez de eu dizer para eles escreverem as respostas digo para eles a dizerem, pronto é aquilo que acaba por ser mais difícil de trabalhar com eles (...).”</p> <p>E9 – “Não senti dificuldades porque tenho uma disciplina muito à base de imagens, eu lecciona ciências acho que em termos de apresentações..., acho que consegui passar a mensagem sem grandes dificuldades se fosse outro tipo de disciplina como matemática, português, não senti grandes dificuldades na minha disciplina.”</p> <p>E10 - Concretamente na minha disciplina, o meu programa é bastante vasto e pudemos ir por vários, não senti muita dificuldade em leccionar os conteúdos, agora há coisas que eu não posso fazer que no ensino normal consigo fazer que é os alunos trabalharem com régua e esquadro, compasso não é, desenhar, desenho de observação.”</p>	
--	--	--

**Quadro nº 30 - Opinião dos professores relativamente às potencialidades que identificam neste contexto de ensino e aprendizagem a distância**

	Citações dos entrevistados	Total de entrevistados
Opiniões	<p>E2 – “Uma das vantagens são estes alunos puderem frequentar a escola.”</p> <p>E4 – “Uma das potencialidades é mesmo o aluno ter a aula disponível a qualquer hora e em qualquer momento, pode fazer a aula em qualquer momento, refazer a aula as vezes que forem necessárias, (...) até conseguir perceber e, se ainda não perceber pode comunicar ao professor de uma forma mais eficiente do que no presencial, (...) aqui pode mandar uma mensagem a qualquer hora do dia ou a qualquer hora da noite e expor as sua dúvidas e como nós temos que fazer muito trabalho fora do tempo de aula (plataforma), acabamos por estar mais disponível para os alunos (...)”</p> <p>E6 – “(...) é estes alunos puderem frequentar e concluir a escola. Hoje em dia consegue-se quase tudo no computador, nós conseguimos mostrar vários recursos diferentes para esses alunos, (...) que é muito bom e se calhar em sala de aula só com uma caneta e um livro não é tão interessante, se o aluno for interessado neste projecto consegue adquirir muitos conhecimentos.”</p>	11

**Quadro nº 31 - Opinião dos professores relativamente às diferenças nas estratégias metodológicas adoptadas no ensino a distância para a aquisição das aprendizagens indicadas no currículo nacional e as utilizadas no ensino presencial**

	Citações dos entrevistados	Total de entrevistados
Opiniões	<p>E1 – “Cada vez há menos diferenças, porque nós no regular também agora recorremos muito às projecções, às novas tecnologias. Cada vez a diferença é menor aqui mas aqui só podemos recorrer às novas tecnologias, (...)”</p> <p>E2 – “Obrigatoriamente tem que ser, são muito diferentes das do presencial, porque nas línguas estrangeiras a oralidade, que é uma coisa muito importantíssima, aqui perde-se um bocadinho, consegue-se avaliar mas é diferente da forma como é avaliada no ensino presencial, embora a oralidade seja trabalhada, mas é de outra forma, é através da gravação, mas não é o imediato, a pessoa não corrige de imediato. Ouvir o professor a falar em inglês é completamente diferente do</p>	11

	<p>que estar a ler o escrito.”</p> <p>E4 – “São um bocadinho adaptadas porque são mais com recurso às novas tecnologias, por exemplo, eu não pensava no presencial colocar um vídeo numa resolução de um exercício, eu explico o exercício na hora, é o que acontece, essa minha explicação é na hora e passa, mas à distância nós utilizamos uma metodologia diferente que é pôr uma apresentação com a resolução, pôr um vídeo se for necessário e o aluno revê o vídeo, pára e volta atrás, portanto uma metodologia mais baseada nas novas tecnologias enquanto que na outra é mais baseada na figura do professor.”</p> <p>E8 – “Têm que ser, as estratégias tem que ser diferentes. Por exemplo, (...) no presencial em todas as turmas verificamos ritmos de aprendizagem diferentes e (...), tive em determinadas turmas a necessidade de diversificar os materiais que utilizava na sala de aula para grupo de alunos distintos, (...), no ensino a distância não é em todas as turmas mas também tenho turmas em que faço isso, em que crio, portanto, em que os ritmos de aprendizagem são tão diferentes, são tão diferentes, em que eu tenho a necessidade de ter materiais dentro da própria aula canalizados para um grupo de alunos e para outro, e isso já o fazia no presencial e aqui também costumo fazer, dá é muito mais trabalho aqui.”</p> <p>E9 - Todas as aulas eles tinham uma série tarefas, portanto de semana a semana nós tínhamos sempre um fórum de tarefas em atraso e verificávamos se os alunos tinham ou não tarefas em atraso, portanto para já faziam as tarefas dentro do tempo da aula, por vezes era complicado, e depois se não faziam as tarefas dentro do tempo da aula, faziam depois nós deixamos um, dois, três dias depois para fazerem as tarefas, isso era uma das formas de avaliar, depois a própria interactividade no chat, se entravam ou não, se tiravam ou não dúvidas e também os testes com um tipo de avaliação diferente.”</p> <p>E10 – “Não, eu em termos de metodologias basicamente é a mesma coisa pronto, a minha metodologia de ensino passa muito por problemas, passa muito por projectos e essas metodologias aplicam-se muito bem ao ensino à distância, o que eu destacava é depois no currículo há várias alturas em que é preciso uma certa operacionalização com materiais (...), seja pintura seja experimentar diversas técnicas, essa operacionalização, agora em termos metodológicos é praticamente a mesma</p>	
--	--	--

	coisa, portanto passa muito por enunciar um problema, haver uma introdução ao problema, experimentar hipóteses, digamos é um pouco aquilo que eu faço no ensino normal e fazia no ensino a distância.”	
--	--	--

**Quadro nº 32 - Opinião dos professores relativamente à alteração das suas práticas pedagógicas no Projecto EDI (ensino a distância)**

	Citações dos entrevistados	Total de entrevistados
Opiniões	<p>E1 – “Completamente. O facto de nós não termos manual já faz com que as coisas se alterem por completo. Uma disciplina como a minha (Português) que recorre imensamente ao manual, não é, porque o texto está lá, podemos adaptar o questionário mas o texto está no manual, tive que mudar tudo porque o texto tem que estar na plataforma e porque tem que ser um questionário diferente, porque a correcção aqui é muito mais difícil de fazer, muito mais demorada, não é, uma coisa é nós termos um exercício e vamos fazer a correcção no quadro e todos os meninos passam para o caderno, outra coisa é nós corrigirmos individualmente cada trabalho. (...). No meu caso, por exemplo, corrigir a acentuação, as vírgulas tenho que mudar de cor em cada aluno, é muito difícil e muito demorado.”</p> <p>E2 – “As minhas práticas foram completamente alteradas, foi a criação de materiais de raiz, tinha fichas mas não era para este tipo de ensino, apesar de já existir material de anos anteriores, em que podíamos consultar para ver a tipologia, obrigatoriamente, mas tive de criar materiais tendo em conta a forma como eu ensino.”</p> <p>E7 - Por um lado diversificar ao máximo os recursos que nós lhes damos, eles não estarem sempre, sempre a fazerem as mesmas coisas (...), por exemplo, fazer grupinhos de alunos mediante as dificuldades que eles têm, também se faz e, também se faz trabalho diferenciado, criam-se tarefas mais simplificadas, temos que depois adequar mediante os alunos que nós temos.”</p> <p>E8 – “Têm que ser, as estratégias tem que ser diferentes. Por exemplo, (...) no presencial em todas as turmas verificamos ritmos de aprendizagem diferentes e (...), tive em determinadas turmas a necessidade de diversificar os materiais que utilizava na sala de aula para grupo de alunos distintos, (...), no ensino a distância</p>	11

	<p>não é em todas as turmas mas também tenho turmas em que faço isso, em que crio, portanto, em que os ritmos de aprendizagem são tão diferentes, em que eu tenho a necessidade de ter materiais dentro da própria aula canalizados para um grupo de alunos e para outro, e isso já o fazia no presencial e aqui também costumo fazer, dá é muito mais trabalho aqui.”</p> <p>E10 – “Não, o que mudou foi a operacionalização das coisas agora a metodologia não.”</p> <p>E11 – “Utilizava praticamente os mesmos materiais do presencial no ensino à distância, mas no presencial havia mais diálogo com os alunos (questões colocadas pelos alunos).”</p>	
--	---	--

**Quadro nº 33 - Opinião dos professores relativamente ao tipo de trabalho que realizam, habitualmente, na componente não lectiva**

	Citações dos entrevistados	Total de entrevistados
Opiniões positivas	<p>E1 – “(...), é semelhante ao ensino presencial, não há diferenças. Para mim é muito mais trabalhoso aqui, (...). Nós temos algumas horas durante a semana para fazer um trabalho assíncrono, portanto uma preparação, correcção, etc., depois tudo o resto tem que ser feito extraordinariamente, portanto é muito mais trabalhoso, mas é igual. O EDI tem critérios de avaliação próprios que estão mais ou menos de acordo com os critérios definidos no ensino presencial.”</p> <p>E2 – “(...) as horas que eu tenho na componente não lectiva são feitas na biblioteca e são 3 horas de trabalho. Além disso, temos também reuniões de departamento normal, planificamos em conjunto mas adaptamos para o projecto EDI (ensino a distância). O trabalho realizado nesta componente é muito semelhante aquele que é efectuado no presencial. O que eu sinto que é ligeiramente diferente é na parte das actividades, como é óbvio.”</p> <p>E3 – “(...). As planificações foram feitas normalmente como no ensino regular, foram entregues ao departamento e estão cá, depois o trabalho que tenho é o mesmo de preparação de aulas. (...), portanto ao nível de preparação de aulas é muito mais exigente.”</p> <p>E4 – “(...). O trabalho sempre que possível é realizado</p>	11

	<p>em conjunto com outros professores mas é difícil pedir a um professor do presencial para colaborar no ensino a distância, porque as realidades são diferentes. A planificação é igual à do departamento de matemática mas ajustada a este tipo de ensino.”</p> <p>E7 – “(...) aqui na componente não lectiva, por um lado temos (...) horas na biblioteca e por outro lado são também utilizadas para nós preparamos os nossos materiais, (...). Aqui também vamos às reuniões de departamento, às reuniões de directores de turma. Em termos de funcionamento da escola nós funcionamos tal e qual como é realizado em qualquer escola.”</p> <p>E10 – “Eu tinha componente não lectiva no EDI, eu era tutor da turma do 9º ano, era director de turma pronto, portanto tinha três tempos por semana para dedicar à tutoria.”</p>	
--	--	--

**Quadro nº 34 - Opinião dos professores relativamente ao tipo de estratégias específicas de aprendizagem que desenvolve para estes alunos**

	Citações dos entrevistados	Total de entrevistados
Opiniões	<p>E2 – “Ao nível da oralidade em que tudo tem que ser gravado, não é como eu gostaria, mas se tivesse mais formação acho que faria um melhor trabalho. Sinto que a parte da oralidade não está como eu desejaria. Não tivemos formação, chegámos aqui e começamos a trabalhar, quem nos ajudou foram as coordenadoras, porque elas mesmo a trabalhar e a ouvir as preocupações de trabalho neste tipo de ensino, digo-lhe, que se não fossem elas, não sei como é que nós estaríamos aqui.”</p> <p>E4 – “(...) não pensava no presencial colocar um vídeo num resolução de um exercício, eu explico o exercício na hora, é o que acontece, essa minha explicação é na hora e passa, mas à distância nós utilizamos uma metodologia diferente que é pôr uma apresentação com a resolução, pôr um vídeo se for necessário e o aluno revê o vídeo, pára e volta atrás, portanto uma metodologia mais baseada nas novas tecnologias enquanto que na outra (presencial) é mais baseada na figura do professor.”</p> <p>E5 – “(...), as apresentações que eu dou no presencial, eu tenho apresentações praticamente sem texto, apresentações muito visuais, muita imagem e tópico, imagem e tópico e eu é que explico verbalmente o que os</p>	11

	<p>miúdos estão a ver ou faço pergunta resposta para eles interiorizarem melhor, aqui não, as minhas apresentações não dão para eu colocar aqui, para um aluno ver a apresentação e entender o conteúdo é impossível, tenho que colocar mais texto, tenho que reformular o texto, tenho que ter cuidado com, são miúdos que tem dificuldades mesmo a nível de Língua Portuguesa, tenho que ter muito cuidado com as palavras, eu no presencial exijo a mim própria de colocar o nível de linguagem um bocado evoluído, porque eu a seguir explico e para eles adquirirem conceitos, aqui eu não posso fazer isso porque eu não estou lá para ver a cara deles e sentir que eles não perceberam o que é que esta palavra quer dizer, no presencial nós pudemos fazer isso porque até a seguir até perguntamos se eles perceberam aquela palavra, aqui aquilo não existe, aqui a informação tem que passar logo de forma a que os alunos corrigem, (...) , temos de ter muito cuidado se eles não perceberem desistem da tarefa, então a tarefa tem de ser clara, e linguagem clara mas tem que ter lá a informação toda, (...).”</p>	
--	---	--

**Quadro nº 35 - Opinião dos professores relativamente aos procedimentos que utilizam para avaliar os alunos do Projecto EDI**

	Citações dos entrevistados	Total de entrevistados
Opiniões	<p>E1 – “Existe uma grande diferença, (...) o teste é aquilo que vale menos, tem muito menos percentagem na avaliação, porque num teste presencial o aluno é desprovido de todos os materiais onde estará a matéria, é impossível nós fazermos aquilo aqui, porque os alunos têm acesso à matéria através das apresentações. Se eles quiserem eles vão à procura da resposta, como é óbvio, para além de que podem ter ajuda que nós não vemos. (...) nós o que avaliamos mais é a aula, o trabalho feito em aula, a continuidade do trabalho desenvolvido pelo aluno. Se realiza geralmente os trabalhos pedidos, se normalmente não os realiza na aula (...), se os faz com cuidado ou se faz assim um bocadinho a despacharem.”</p> <p>E2 – “Da mesma forma dos outros, se bem que temos critérios específicos como é óbvio, os testes valem menos, damos muito mais valor ao trabalho do dia-a-dia, às tarefas, à participação, ao comportamento, damos valor a outras coisas que obviamente não damos no presencial.”</p> <p>E4 – “São avaliados com critérios de avaliação específicos, claro, ajustados ao facto de estarem à</p>	11

	<p>distância mas são avaliados com qualquer aluno. Existem testes como no presencial, fichas de trabalho como no presencial, há exercícios na aula como no presencial, tudo é medido, aqui a vantagem que temos é que tudo é mais facilmente quantificada, porque tudo fica registado, toda a participação do aluno fica registada, não depende só da percepção do professor, fica tudo registado, logo é tudo mais facilmente quantificado. Portanto os instrumentos são semelhantes à do utilizado no ensino presencial, embora o peso seja diferente.”</p> <p>E11 – “Utilizava os mesmos critérios de avaliação que os do ensino presencial excepto na percentagem atribuída, ou seja, na sua participação e realização dos trabalhos pedidos”.</p>	
--	--	--

**Quadro nº 36 - Opinião dos professores relativamente ao tipo de estratégias/modalidades específicas de avaliação que utilizam com estes alunos**

	Citações dos entrevistados	Total de entrevistados
Opiniões	<p>E7 – “São avaliados da mesma forma que são avaliados no ensino presencial, têm os seus momentos de avaliação, sabem quando tem os testes de avaliação, se tiverem as provas a nível externo também as vão fazer, portanto seguimos aquilo que fazemos no ensino presencial, testes, avaliação formativa, é a participação, os trabalhos obviamente que em termos de peso na avaliação os trabalhos que eles vão fazendo ao longo do período tem muito mais peso do que os testes, porque é assim, os testes são feitos na plataforma e nós não estamos com eles, não sabemos quem, eventualmente pode haver outra pessoa alia a ajudar, portanto os testes tem de ter um peso muito relativo nesta avaliação.”</p> <p>E8 – “São avaliados como os alunos no presencial, são avaliados, têm os chamados testes, aqui é muito feita uma avaliação formativa, nós aqui incidimos muito na avaliação formativa (...). “</p> <p>E9 - Todas as aulas eles tinham uma série tarefas, portanto de semana a semana nós tínhamos sempre um fórum de tarefas em atraso e verificávamos se os alunos tinham ou não tarefas em atraso, portanto para já faziam as tarefas dentro do tempo da aula, por vezes era complicado, e depois se não faziam as tarefas dentro do tempo da aula, faziam depois nós deixamos um, dois, três dias depois para fazerem as tarefas, isso era uma das</p>	11

	<p>formas de avaliar, depois a própria interactividade no chat, se entravam ou não, se tiravam ou não dúvidas e também os testes com um tipo de avaliação diferente (peso inferior aos testes no ensino presencial).</p> <p>E10 - Pronto na minha disciplina eram avaliados pela participação, portanto na sua participação nas aulas, e depois o que eu fazia muito para não perder ou seja não perder o ritmo era fazer trabalhos práticos que eles pudessem desenvolver na própria aula, ou seja não prolongar e isso era um bocadinho diferente das aulas normais (ensino presencial), em que eu posso ter um projecto que dure 4 ou 5 semanas não é, aqui é um bocadinho diferente, mesmo que o projecto tivesse 4 ou 5 semanas fazia a que em todas as aulas tivesse um objectivo que eles pudessem concluir na aula e enviarme logo, portanto eles eram avaliados, na prática, em todas as aulas, em todas as aulas eles tinham um trabalho e a avaliação passava por isso.</p>	
--	--	--

### Tutoria

#### **Quadro nº 37 - Opinião dos professores relativamente ao funcionamento das aulas de tutoria**

	Citações dos entrevistados	Total de entrevistados
Opiniões	<p>E1 – “As aulas de tutoria são essencialmente para nós vermos que tarefa é que os alunos têm em atraso nas várias disciplinas. (...). Outra função da tutoria é conversar com os alunos, um bocadinho à semelhança daquilo que faz o director de turma, falar com o encarregado de educação.”</p> <p>E2 – “As aulas de tutoria para mim são essenciais para este tipo de alunos porque o que nós fazemos é, além de dar toda a indicação de coisas que vão acontecendo, somos nós as pessoas que veiculam essas informações, (...), saber sempre onde eles andam nas semanas, nós é que tratamos das faltas, (...) tarefas em atraso em determinada disciplina, vais fazê-las aqui no espaço/aula de tutoria, e é essencial para estes miúdos porque por um motivo ou vários motivos, como encontram-se em viagem ou têm espectáculos, que não podem fazer e as coisa vão acumulando-se e quando nós sabemos, e ali aquelas 3 horas semanais são essenciais para concluírem os trabalhos.”</p>	11

E4 – “A tutoria funciona para tentar muitas vezes colmatar o facto de eles estarem à distância e de não poderem estar na aula porque podem ter que faltar por razões, pelo facto de estarem em itinerância ou de várias situações, funciona para compensar um bocadinho isso, funciona para estabelecer uma relação mais próxima, é o professor que tem mais autoridade de lhe dizer: “olha tu não estás a trabalhar a disciplina x, y e z, o professor da disciplina y disse-me que não fizeste a aula, então o que é que se passou”, é o que cria uma ligação mais próxima com o aluno, é o que fica responsável pelo aluno e a quem o aluno de certa forma acaba por reconhecer mais autoridade.”

E7 – “ A tutoria é o espaço privilegiado para eles poderem recuperar as tarefas que eles não conseguiram fazer ou porque faltaram ou porque até estiveram na aula mas se calhar não conseguiram terminar as tarefas todas e portanto na tutoria é aquilo que nós fazemos, portanto é a realização de tarefas em atraso, cada professor vai enviando frequentemente as tarefas que quer que aqueles alunos façam, em relação aos alunos nem todos têm as mesmas tarefas na tutoria, portanto as tarefas são diferenciadas (...) o tutor vai fazendo a gestão dessas tarefas, (...).”

E7 – “ Dar os apoios e depois por outro lado, outra coisa também muito importante é que aí nós conseguimos estabelecer um relacionamento muito mais próximo com aqueles alunos, conseguimos com os outros mas com estes em particular, porque também conversamos muito com eles, tentamos perceber o que é que se está a passar (...), as colegas começam a dizer “olha, atenção que ele agora está a deixar mais tarefas em atraso” ou “já não estão a ser feitas com a mesma qualidade” ou “vê lá porque é que ele faltou nesta aula ou naquela” e, nós aí temos sempre a aula de tutoria, começa sempre com uma conversa prévia com eles para resolver os assuntos que temos que resolver, daí ser um espaço privilegiado para que isso aconteça.”

E8 – “No ensino à distância é fundamental a tutoria, sem tutoria eu acho que era impensável existir ensino a distância. As aulas de tutoria são aquelas aulas em que não é só colocar materiais da disciplina para os alunos trabalharem, por exemplo, naquelas que têm em atraso, (...) mas o mais importante do que isso é aquele espaço em que há conversa com o tutor e isso é que é muito importante, é aquele espaço em que os outros tuturandos

	<p>não os ouvem, é conversa entre tutor e tutorando, que há ali aquele espaço só nosso em que cada um geralmente tem um conjunto de sete, cinco, sete tutorandos em que há uma espaço em que falamos todos e conversamos todos, dizemos o que é que se passa, se está tudo a correr bem, mas depois há aquele espaço em que o tutor só está com cada um deles individualmente e eles aí sentem-se muito mais à vontade.”</p> <p>E9 - A figura do tutor é importantíssima neste tipo de ensino. O tutor faz a ligação entre a escola, os professores que estão naquela sala e os alunos.</p> <p>E10 - (...) a tutoria era um espaço onde os alunos recuperavam algum conteúdo, alguma aula então eu precisava de comunicar sempre com os outros professores a respeito da situação de cada um, de cada aluno para depois puder e rever alguma actividade que tivesse em falta portanto a tutoria era um espaço onde os alunos faziam, passava muito por fazer os trabalhos que tinham em atraso e eu precisava de saber regularmente o que é que estava ou não em atraso e discutir outro tipo de problemas que já falamos, de empenho, de indisciplina, de motivação. E paralelamente também informações aos encarregados de educação, informações, basicamente semanais para que o feedback com os encarregados de educação dos alunos.</p>	
--	--	--

**Quadro nº 38 - Opinião dos professores relativamente à função e importância do tutor**

	Citações dos entrevistados	Total de entrevistados
Opiniões	<p align="center"><b><u>Função do tutor no EDI</u></b></p> <p>E1 – “Para ajudar os alunos ao nível da aprendizagem, ao nível técnico, familiar e também para falar com os encarregados de educação para transmitir as informações habituais, as de avaliação no final dos períodos. Toda a informação é feita pelo telefone e também pela plataforma.”</p> <p>E2 – “(...) o tutor para além de ajudar os alunos no cumprimento dos trabalhos em atraso é também um conselheiro, mesmo também para os pais porque caso tenham alguma dúvida os pais ligam sempre para nós. O tutor resolve desde problemas técnicos a problemas relacionados com o trabalho escolar.”</p>	11

E4 – “(...) é aquele professor que sabe o que se passa com o aluno, é a quem o encarregado de educação recorre, é mais do que o director de turma porque às vezes acabamos por saber mais da vida deles do que o director de turma, porque estamos ali, podemos estar sozinhos com eles porque temos as mensagens internas, temos um fórum específico fechado, vedado aos restantes alunos, onde o aluno pode expor-se, pode falar e pode comunicar tudo.”

E6 – “Muito importante aqui neste tipo de ensino, é imprescindível (...), se ele não for um aluno assíduo e responsável, a maior parte dos adolescentes não o são, muitos deles aqui não o são porque tem outro trabalho, o trabalho deles do circo ou da feira e, se o tutor não estiver lá atrás deles para o informar do que tem que fazer a tal tarefa, estudar e às vezes falar com os pais (...), neste caso o tutor tem um papel muito importante.

E8 – “(...) o tutor é aquele que faz o elo de ligação entre o projecto, a casa, o aluno e por vezes com a escola de acolhimento, quando um aluno tem, por exemplo, uma avaria no computador, vai para uma escola para ir para o centro de recursos, é o tutor que faz este mecanismo todo, é o tutor que chama os pais para se inteirarem da situação dos alunos (...).”

E9 - A figura do tutor é importantíssima neste tipo de ensino. O tutor faz a ligação entre a escola, os professores que estão naquela sala e os alunos. (...) o trabalho do tutor é importante para nos dar informação sobre o aluno, nós não percebemos muito bem, se ele está com problemas ou não, tentamos resolver em contexto de sala de aula mas se não conseguimos perceber recorremos ao tutor para saber o que é que se está a passar.”

#### **Importância do tutor no EDI**

E1 – “ É fundamental, não consigo imaginar isto sem o tutor.”

E4 – “ É porque eles precisam de uma ponte de ligação de alguém mais próximo deles, com quem eles possam conversar à parte, de eles puderem comunicar com quem trabalham mais, é importante.”

E7 – “É fundamental, eu acho que sem a tutoria não há ensino a distância, porque é assim, estes miúdos estão

	<p>sozinhos com o computador, se não houver alguém que lhes dê um acompanhamento mais individualizado e mais próximo com eles, é impossível.”</p> <p>E8 – “(...), a ligação que eles têm com o tutor é muito, muito forte e com os pais também, é muito forte. Se o tutor diz é porque é, e aqui eles dão muito valor ao tutor e tem graça que em determinadas alturas quando um colega chama a atenção, eles por vezes dizem “mas a minha tutora disse” como que a dizer é a minha tutora que está a dizer, portanto, veja lá se não é mesmo assim, pronto, isto para eles é muito importante.”</p> <p>E9 – “(...) eu tinha um horário muito reduzido, tinha só duas turmas no EDI, 90 minutos por semana para cada turma, dava as minhas aulas e a seguir ir a correr para as minhas aulas no presencial. Não tive um grande contacto com o trabalho do tutor mas é importante mas não lhe posso dar grandes pormenores.”</p> <p>E10 - Sim de maior importância, é quem pode prevenir nomeadamente as questões de indisciplina e quem faz o contacto com os encarregados de educação e quem vai ligar as coisas que estão mais ou menos soltas.</p>	
--	---	--

**Quadro nº 39 - Opinião dos professores relativamente ao tipo de contacto que os alunos estabelecem com eles depois das aulas (para tirarem dúvidas, pedir-lhes ajuda, para os trabalhos ou outra situação)**

	Citações dos entrevistados	Total de entrevistados
Opiniões positivas	<p>E1 – “Sim, claro que sim, extra tutoria, sempre que nos encontram na plataforma. Os alunos que estão interessados e que querem realmente aprenderem, percebem que o professor esta na plataforma.”</p> <p>E2 – “Sim, com muita frequência. Enquanto que no presencial a nossa hora acaba e é muito raro eles irem ter connosco, aqui não, como nós para trabalharmos precisamos de estar sempre ligados à plataforma, seja sábado, domingo ou feriado, os alunos pedem ajuda para lhes tirar dúvidas que tenham, alunos que sejam ou não meus.”</p> <p>E4 – “Sim para desabafarem, ou porque estão chateados ou porque tiveram uma situação complicada numa aula.”</p>	11

	<p>E6 – “(...) na plataforma costumam contactar comigo os alunos que são mais interessados, muitas vezes perguntam se aqueles resultados estão certos, se posso corrigir para ver se está tudo bem, (...)”.</p> <p>E7 – “Muitas vezes através da plataforma, a não ser que, por exemplo, eles queiram enviar, aconteceu com tuturandos meus este ano, eu enviar trabalhos para a plataforma e depois não conseguiam e eu pedia para eles me enviarem para o mail, mas é tudo pela plataforma.”</p> <p>E10 – “Sim, muitas vezes telefonavam aos tutores para tratar, resolver algum tipo de problema, mesmo fora do espaço da tutoria ou seja fora daquele tempo. Sim com alguma frequência embora tenha tido alunos que fazia com alguma frequência e outros que não, embora se houvesse dúvidas específicas eram direccionados para o próprio professor.”</p>	
--	--	--

**Quadro nº 40 - Opinião dos professores relativamente aos meios de comunicação utilizados pelos alunos para estabelecer contacto com eles.**

	Citações dos entrevistados	Total de entrevistados
Opiniões	<p>E4 – “Sim para desabafarem, ou porque estão chateados ou porque tiveram uma situação complicada numa aula. Cada tutor tem um telefone para que em qualquer altura os tuturandos possam comunicar com ele. A comunicação entre tutor e tutorando é feita por telefone, mensagens internas ou no fórum da tutoria (plataforma) para cada um dos alunos em particular.”</p> <p>E6 – “(...) na plataforma costumam contactar comigo os alunos que são mais interessados, muitas vezes perguntam se aqueles resultados estão certos, se posso corrigir para ver se está tudo bem, (...)”.</p> <p>E10 – “Por telemóvel porque quando há dúvidas convém ser síncrono ou seja fora do tempo das aulas não é, quando não são assuntos urgentes é por computador agora assuntos mais de dúvida, que tem de ser esclarecidos no momento é por telemóvel.”</p>	11

**Quadro nº 41 - Opinião dos professores relativamente ao tipo de assuntos/situações que normalmente abordam nesses contactos**

	Citações dos entrevistados	Total de entrevistados
Opiniões	<p>E1 – “Depende dos alunos, mas a grande maioria sobre a escola.”</p> <p>E4 – “Muitas das vezes por questões pessoais e questões relacionadas com a escola, metade umas e metade das outras.”</p> <p>E7 – “Também costumam contactar-me sobre assuntos extra-escolar, como pessoais e técnicos.”</p> <p>E10 – “São assuntos da escola, ou seja os contactos com os alunos era para lhe dar a imagem da sua atitude, de como é que eles estão a evoluir, se estão a cumprir ou não as tarefas, portanto a imagem da sua participação, da sua evolução.”</p>	11

**Relação com os Encarregados de Educação**

**Quadro nº 42 - Opinião dos professores relativamente ao processo de comunicação entre eles /Tutor com os encarregados de educação**

	Citações dos entrevistados	Total de entrevistados
Opiniões	<p>E1 – “Basicamente por telefone, sempre que surgem situações complicadas os professores entram em contacto com os encarregados de educação mas por norma são aos tutores que compete essa função.”</p> <p>E2 – “. De um modo geral é tudo por telefone, mas se por exemplo eu estou com um aluno e ele não realizar as coisas (tarefas) como eu quero, eu posso pegar no telefone e ligar para os pais daquele aluno, independentemente de ser tutor ou não.”</p> <p>E4 – “É mais por telefone e entre o tutor e o encarregado de educação. O professor que não seja tutor pode também comunicar com os pais mas normalmente passa sempre pela figura do tutor, porque o tutor é a pessoa que está supostamente mais próxima do encarregado de educação.”</p> <p>E5 – “É assim, maioritariamente, 90 por cento por</p>	11

	<p>telefone depois nós no espaço de tutoria temos um espaço para colocar, por exemplo, as avaliações, as avaliações que se fazem do aluno, que o pai pode ir sempre consultar.”</p> <p>E7 – “Por telefone. Se eventualmente um professor nos pedir para, que precisa de falar com o encarregado de educação, nós ligamos e depois passamos ao professor, mas é assim, o canal de comunicação é tutor e encarregado de educação.”</p> <p>E8 – “Principalmente por telefone, mas estou a lembrar-me por exemplo dos registos de avaliação que vão por correio, (...)”</p>	
--	---	--

**Quadro nº 43 - N de vezes que os professores/tutores contactam com os encarregados de educação**

	Citações dos entrevistados	Total de entrevistados
Opiniões	<p>E1 – “Sempre que necessário, pode ser na mesma semana, podemos entrar 20 vezes ou duas, depende. Aqui o contacto entre o tutor e o encarregado de educação acontece com uma maior frequência do que no presencial porque estes miúdos precisam de um acompanhamento maior, porque eles estão sozinhos na maior parte dos casos do outro lado, no computador, portanto é muito mais fácil arranjam coisas para saírem da aula, para não fazerem aquilo que é pedido. O contacto telefónico efectuado pelo tutor também serve de incentivo ao aluno para a realização do trabalho escolar pedido, porque eles precisam de alguém, os pais a maior parte dos casos encontram-se a trabalhar, portanto eles estão ali em frente ao computador sozinhos. Imaginemos se os alunos dentro da sala de aula já têm dificuldade em concentrar-se geralmente, imaginemos sozinhos, este contacto telefónico é fundamental.”</p> <p>E2 – “Sempre que for necessário, para além daquela informação que é dada trimestralmente sobre as notas de avaliação. (...). Há semanas em que não é necessário ligar para ninguém, há outras semanas que ligamos para toda a gente e às vezes dois dias seguidos ou duas vezes no mesmo dia.”</p> <p>E4 – “Sempre que necessário, aqui não existem reuniões presenciais mas há uma comunicação regular ao</p>	11

	<p>encarregado de educação e acaba até por ser mais próximo porque o encarregado de educação telefona a dizer o que se passa com o seu filho, como por exemplo, a justificação da ausência do seu filho às aulas, contrariamente ao meio usado no ensino presencial que normalmente é através da caderneta do aluno. Portanto, nós estamos mais próximo do encarregado de educação. A avaliação dos alunos é comunicada, preferencialmente por telefone apesar de ser igualmente enviada por escrito, estando estes pais mais cientes da situação escolar do aluno, (...). Mas acaba sempre por estar mais próximo, é mais imediato o aluno falta, nós telefonamos logo a perguntar o porquê da ausência do filho à escola.”</p> <p>E7 – “Sempre que se justifica, pronto, há aqueles alunos que não temos problemas nenhuns, os que estão bem em termos de desempenho ou em termos de actividades, obviamente os contactos são muito diminutos, não é, acabamos por telefonar quando é para dar informações que precisamos ou sobre a avaliação, ou a avisar que enviamos por correio os documentos relativos à avaliação. Aqui não há reuniões de avaliação com os pais como no presencial, aqui a seguir às reuniões nós telefonamos, (...)”</p> <p>E8 - Por telefone, eu às vezes chego a falar com pais 3 vezes por dia, o mesmo pai, depende. Eu estou a lembrar-me, por exemplo de um aluno que está nos Emirados Árabes Unidos, a forma como eu tenho correspondência com a mãe é mais por mail do que por telefone, estes pais não têm mail, é muito raro nós correspondermo-nos por mail mas com essa mãe em particular, eu comunico muito por mail (...)”</p> <p>E10 - Os contactos presenciais com os encarregados de educação eram muito complicados, os contactos com os encarregados de educação era sempre por telemóvel a menos que houvesse algum aspecto burocrático em que, lembro-me das inscrições dos exames em que falei com alguns encarregados de educação de que tinham que vir à escola para matricular os alunos nos exames não é, só nesse aspecto é que havia contacto presencial, (...)”</p>	
--	--	--

**Quadro nº 44 - Opinião dos professores relativamente aos motivos/situações principais desses contactos**

	Citações dos entrevistados	Total de entrevistados
Opiniões	<p>E1 – “Questões relacionados com a assiduidade, motivação dos alunos para o estudo e as informações normais, eu (.). Às vezes o contacto telefónico também pode acontecer por questões técnicas, acontece-me muitas vezes, porque nem todos os alunos têm telefone, às vezes falamos diretamente com o aluno mas outras vezes temos de passar pelo encarregado de educação e este passa o telefone ao aluno para resolver aquele problema.”</p> <p>E2 – “De um modo geral é porque ou o aluno não está na aula e não avisou, que é raro mas que não avisou onde é que está, ou o que é que se passa, (...), portanto por questões técnicas, faltas. Às vezes os pais também tomam a iniciativa de ligar para a escola, principalmente por questões técnicas, ou avisar que o aluno não vai à escola por ir viajar.”</p> <p>E4 – “(...) para saber da situação escolar do aluno. Acho que tal como no presencial é difícil, a não ser que seja um pai muito preocupado, mas temos poucos casos desses.”</p> <p>E8 – “Por problemas técnicos, para saber se está tudo a correr bem ou não, por dúvidas que tenham (...)” Obviamente que temos outros pais menos interessados, é como tudo, temos que apertar e temos quase que dizer “ou fala comigo ou mando um relatório para a CPCJ”, pronto para eles mudarem um bocadinho, e temos esses pais.”</p> <p>E10 – “(...) normalmente contactávamos o encarregado de educação quando não havia aproveitamento dos alunos, da sua participação, no sentido de os resolver ou então algumas informações genéricas, como (...) a semana dos testes, porque a família destes alunos e eles próprios trabalham e estavam sempre em movimento, era muito complicado outro tipo de contacto que não fosse o telemóvel e essa comunicação também servia para avisar das datas dos testes, fazer um aviso geral de que os alunos teriam que estar essa semana num sítio que tivessem condições para os fazer. Saber onde estavam os alunos, se tinham condições porque havia muitas alturas</p>	11

	em que os alunos desapareciam (...), não tinham cobertura de internet e desapareciam não é, esses contactos eram efectuados para saber o que é que se estava a passar.”	
--	---	--

### TRANSCRICÃO DAS ENTREVISTAS AOS PROFESSORES DO EDI

#### *Entrevista ao professor E1*

#### **Bloco 2 - Caracterização sócio demográfica**

**- Género, Idade;**

Feminino, 39 anos

**- Habilitações académicas (Licenciatura, Pós-Graduação, Mestrado, Doutoramento)?**

Licenciatura em Linguística

**- Área de estudos da formação inicial (Ciências Exactas, Ciências Sociais e Humanas, Línguas e Literaturas, Belas Artes, Outra)? Línguas e Literaturas – Português e Inglês**

**- Qual é a sua situação profissional? (Efectivo, Efectivo em quadro de zona pedagógica ou Contratado)? Contratado**

**- Refira, por favor, os seus anos de serviço?**

Há 13 anos que dá aulas (desde 1999)

**- Há quanto tempo (número de anos) é que participa no projecto EDI?**

Desde Setembro (início do ano lectivo 2011/2012)

**- Indique, por favor, a (s) disciplina (s) que lecciona no Projecto (EDI)?**

Português ao Secundário e Língua Portuguesa ao 2º e 3º ciclo do ensino básico. É tutora e lecciona também estudo acompanhado.

**- Neste ano lectivo apenas lecciona no Projecto EDI?**

Lecciona apenas no Projecto EDI

**- Como é que foi seleccionado para trabalhar neste projecto?**

Fui colocada através de concurso nacional na Escola Secundária Fonseca Benevides. Aquando da sua apresentação na referida escola fui informada de que iria leccionar neste Projecto, num horário completo de 22 horas semanais.

“Fiquei apavoradíssima, fiquei assim em estado choque quando me foi comunicado que iria leccionar no ensino a distância”.

**Porque iria trabalhar com as TIC?**

Tem haver com isso também, era utilizador do PC para aquilo que é básico, aquilo que faz parte do nosso dia-a-dia como professor, realização de trabalho no Word, fazer testes, fichas esse tipo de coisas. A utilização da Internet como um meio de pesquisa, de

consulta e nada mais do que isso, portanto eu nunca trabalhei desta forma (a distância) e portanto foi um choque.

### **Bloco 3 - Representações sobre o Projecto EDI e o ensino regular (presencial)**

#### **- Qual a diferença entre leccionar numa escola convencional (presencial) e ensinar através de um contexto de ensino a distância?**

Para mim a principal diferença é que realmente no início nós não temos contacto directo com os alunos e isso é um bocadinho assustador. Portanto é completamente diferente, nós conhecermos os alunos, vê-los à nossa frente, ver as expressões faciais deles, ver a reacção que eles têm aquilo que nós dizemos, é imediato, aqui não. Aqui é uma aprendizagem constante e no início é muito assustador porque nós não sabemos, não fazemos a mínima ideia do que é que o aluno está a sentir, do que é que o aluno está a pensar daquilo que nós estamos a dizer. Se realmente é uma matéria, por exemplo, que ele já conhece, se ele está habituado a usar aquele tipo de linguagem. Portanto é o desconhecido, é o total desconhecimento do aluno, e isso é assustador no início. Depois eu acho que outra grande diferença é que a pessoa tem de dominar de facto a utilização do PC, e é uma situação que é difícil e além disso para quem não estava habituado é muito difícil porque para além disso ainda tem que aprender a manusear a plataforma que é uma situação recente.

#### **- Comparativamente com o ensino presencial (convencional), na sua opinião quais são as vantagens de leccionar no Projecto EDI? E as desvantagens?**

A primeira grande vantagem é o desgaste físico que é menor, porque andar de sala em sala, cumprir os toques é muito mais difícil do que aqui. Nós estamos todos numa sala, o toque funciona exactamente como no presencial mas com uma grande diferença, nós não precisamos de cumprir, não precisamos de estar a controlar porque o funcionário não vai ver se nós já estamos dentro da sala. Essa é uma vantagem sem dúvida nenhuma. Para mim o desgaste físico é muito menor.

#### **E relativamente ao número de alunos que tem?**

Isso para mim não é relevante, porque o trabalho em si é muito superior, muito superior e portanto o desgaste mental é muito maior e eu não tenho dúvidas nenhuma.

Essencialmente pronto no início eu não diria que será sempre assim se a pessoa continuar a trabalhar neste projecto, provavelmente com o tempo haverá alguma, enfim, melhoria no que diz respeito a isso porque a pessoa habitua-se, tem já alguma experiência, tem mais materiais com que trabalhar, é completamente diferente. Agora quando se tem que criar tudo de novo, de raiz é muito duro.

#### **São os próprios professores que criam os materiais ou já algum material já construído de anos anteriores?**

É assim, existe uma espécie de uma biblioteca, é verdade, onde existem alguns materiais já disponíveis dos colegas e até do tempo da Escola Móvel, existem de facto alguns materiais mas todo o professor, penso eu, gosta de trabalhar com os seus materiais e gosta de criar os seus materiais, pronto e é o meu caso. Sempre que possível tento trabalhar com os meus materiais mas é muito complicado porque é um trabalho brutal, porque tudo tem que estar lá (plataforma). Essa é uma desvantagem mas depois acho que tem outra grande vantagem que é o enriquecimento pessoal e eu acho que é

fantástico, para mim foi muito importante, era uma pessoa com muitos poucos conhecimentos de informática e aprendi muito, muito e muito, e tenho ainda muito mais a aprender. Sinto que se ficasse aqui mais um ano que ia aprender muito mais e que isso me traria muitas vantagens de futuro, porque eu acredito neste projecto, acredito que o futuro passa um bocadinho por aqui. Portanto é uma vantagem adquirir estas ferramentas e saber trabalhar desta forma, acredito que é uma grande vantagem. E depois eu acho que ainda há outra grande vantagem para os alunos que é, eu sinto-me mais disponível, nós acabamos por estar 24h sobre 24h disponíveis e isso não acontece na escola presencial, isso é impossível. Aqui estes alunos não têm um horário tão rígido, digamos assim, porque acompanham os seus pais nas viagens, portanto nem sempre estão presentes, nós damos algum tempo para eles realizarem tarefas que deveriam ter realizado durante o período de aulas.

E muitas vezes eu estou a trabalhar na plataforma à noite, tenho os alunos a entrarem e a enviarem mensagens, a pedirem ajuda e é imprescindível, para mim, não ajudar se estou lá (plataforma), porque não. E portanto acho que isso é uma vantagem para os alunos a disponibilidade dos professores é maior.

**- É mais fácil ou mais difícil ensinar através de um contexto de ensino a distância?**

Não consigo responder taxativamente. Se me perguntasse em isso em Setembro, Outubro eu diria que isto é muito mais difícil, que o ensino presencial é muito mais fácil, agora nesta altura estou muito dividida, não sei. Eu acho que, estou a gostar muito da experiência e como estou a gostar muito eu não sei o que faria neste momento.

Neste momento é prematuro falar disso?

É difícil porque nós, porque não é só o trabalho no projecto, online com os alunos, etc. Eu acho que honestamente se criou aqui um ambiente de trabalho fantástico, é um grupo muito bom (professores, colegas) e ajudamo-nos muito, só três dos que trabalham no projecto é que já cá estavam o ano passado. A grande maioria (professores) caiu aqui de pára-quedas, entre aspas, estamos a trabalhar pela primeira vez, portanto fomos todos apanhados, mais ou menos, de surpresa. As dificuldades foram semelhantes, os problemas foram semelhantes, as aprendizagens semelhantes e portanto houve uma inter ajuda muito grande entre nós e as pessoas que já cá trabalhavam, foram fantásticas e isso também ajuda, o nosso ambiente de trabalho também nos faz pensar bem, eu gostava de continuar porque nós quando nos sentimos bem num sítio, isso limita-nos, eu gosto de trabalhar com os alunos mas depois não gosto dos colegas, não é fácil e aqui houve uma empatia muito grande, acho que foi fundamental.

**- Prefere leccionar no Projecto EDI ou no ensino presencial/regular. Porque razão?**

Gosto muito de trabalhar aqui mas tenho 12 anos para trás no ensino presencial que também gosto muito, é muito mais fácil interpretar um aluno no contacto directo, é muito mais simples mas depois tem outros problemas, não é. Nós conseguimos ter atitudes mais ponderadas, digamos assim, em relação a uma situação menos agradável que aconteça com um aluno porque temos ali uns segundos, não é, entre aquilo que eles nos dizem e aquilo que nós podemos responder, nós temos ali uns segundos em que podemos pensar e reflectir e às vezes até pedir conselhos aos colegas, portanto é uma vantagem também. É um trabalho menor da nossa própria forma de estar e de ser que nos faz reflectir um pouco mais, acho que é importante e que nos traz uma nova perspectiva, se calhar, de forma como resolver determinados conflitos, situações. É diferente. Não há um risco de um problema físico (contacto físico).

#### **Bloco 4 - Problemas/Constrangimentos do Projecto de Ensino a Distância para a Itinerância**

##### **- Que problemas ou constrangimentos identifica neste tipo de ensino?**

Para mim o principal problema é a falta de conhecimentos que os próprios alunos têm às vezes no manuseamento do próprio PC (computador) e da própria plataforma, porque nem todos os alunos começam no 5º ano, alguns como as meninas da Ajuda de Mãe, essas aparecem-nos nos diferentes anos lectivos e de escolaridade, e por vezes não é muito fácil que se habituem a este sistema que é completamente diferente do outro e isso é um problema. Depois há outros problemas como, nós próprios e porque não temos experiência e sobretudo no início, temos dificuldade em dizer como resolver aquele problema. Quando o aluno nos coloca um problema técnico nós por vezes não sabemos resolver e temos que recorrer, extamente aos colegas e à experiência dos colegas e nós próprios pedimos aos alunos para fazerem experiências até chegarmos a uma situação que em princípio se resolve. Mas esse é para mim um grande, grande problema. E outra situação é que os próprios computadores dos alunos muitas vezes não estão preparados para trabalhar com os programas que nós precisamos de trabalhar e isso é muito, muito complicado. Vou-lhe dar um exemplo muito simples, a plataforma trabalha com o motor de busca Mozilla Firefox e na maioria dos casos os alunos tem o Internet Explorer instalados nos seus computadores. O que acontece é que muitos alunos não conseguem ver as apresentações, ver e enviar alguns trabalhos que pedimos para fazer. Às vezes até conseguirmos que eles instalem, que eles percebam como têm de instalar, como instalar, isso é um problema. Outra situação que às vezes acontece que também é difícil, e aí ainda é mais difícil de contornar é a localização em que eles se encontram que às vezes dificulta o acesso à Internet. É evidente que isto nos coloca um outro problema, porque até nós conhecermos os alunos vamos acreditar que estão com um problema da Internet pois às tantas começamos a conhecer os alunos bem, quando é para trabalhar estão com um problema da Internet e portanto apercebemo-nos a determinada altura que nem sempre é verdade, alguns utilizam isso como uma desculpa para não fazer aquela actividade porque não estão a gostar dela ou porque estão a ter mais dificuldade. Mas nem sempre é assim, efetivamente nós damos conta de que em alguns casos existem mesmo problemas.

##### **- Como se tem mobilizado o Projecto EDI para os (tentar) resolver?**

Recorrer às colegas com mais experiência, com mais conhecimentos para nos ajudarem nessas questões (técnicas), não existindo nenhum técnico para nos ajudar.

#### **Bloco 5 - Exercício do “ofício” de professor (concepções de professor)**

##### **- O que é que o(a) levou a ser professor(a)? (Por exemplo: influência de familiares, amigos e/ou professores; Vocação, estatuto social, remuneração, não ter outra saída)**

Uma coisa muito simples, curiosamente eu desde pequenina que dizia que queria ser professora, ponto número um, não percebia muito bem porquê nunca mas fazia pancada com isso e depois no 2º ano da faculdade aconteceu uma coisa muito interessante que foi nós tínhamos uma cadeira que era chamada de cadeirão do nosso curso, chamava-se lógica formal, uma espécie de matemática aplicada à língua. Ao ajudar os colegas na

faculdade nessa cadeira comecei a dar explicações a vários colegas. Depois desta experiência fez-se um clique e decidi que era isto que queria fazer (ensinar).

**- Na sua opinião, o que caracteriza o “ofício” de professor (actividade de professor)?**

O professor acima de tudo é a pessoa que deve transmitir conhecimentos da melhor forma possível, tentando muitas vezes e acho que essa é a nossa maior dificuldade é baixar o nosso nível de conhecimentos ao patamar onde se encontra o aluno e saber transmitir para aquele aluno que não está, que não consegue acompanhar, não tem conhecimentos suficientes de linguagem que se emprega naquela disciplina, naquela área e muitas vezes não sabe porque a linguagem é uma dificuldade. Eu acho que o professor deve acima de tudo ensinar, não sou grande apologista das novas teorias pedagógicas e que o professor deve centrar o esforço todo no professor, confesso que não sou, eu acho que o aluno também tem que se esforçar, o professor tem-se que esforçar ao máximo que puder para poder ensinar, sem dúvida nenhuma, mas o aluno também tem que se esforçar um bocadinho, porque eu acredito que se aluno não tiver um bocadinho de motivação, um bocadinho de vontade que o professor consiga transmitir. Portanto eu acho muito bonito a teoria mas quando passamos à prática não é realizável (mesma coisa). Atenção, eu também não sou apologista do antigo ensino, mas acho que tem que haver um envolvimento do aluno, um envolvimento dos pais acima de tudo, da família, das pessoas que estão à volta e enquanto isso não acontecer, que acho que foi aquilo que se perdeu nos últimos anos, o ensino não vai conseguir chegar ao nível que nós queremos, não é possível.

**- Que mudanças significativas no exercício da actividade ocorreram nas últimas décadas?**

**- Quais, foram, na sua opinião, as mais positivas? E as mais negativas?**

Eu acho que é esta perda do envolvimento da família que não existe, que existe de uma forma que muitas vezes não é a correcta, portanto passamos do oito para o oitenta. Ausência de credibilidade atribuída ao professor por parte da família. Eu recorro-me de ser criança e sempre que dizia aos meus pais, com razão ou sem ela, a única resposta que obtinha era que o professor tem razão, eu não tinha como argumentar. Eu não sou apologista do bater como havia mas acho que neste momento é exactamente o contrário, a autoridade foi completamente retirada aos docentes e isso traz um problema grave, portanto a falta de autoridade e de envolvimento no sentido de acompanhar efetivamente o que se passa com os seus educandos.

E, em relação à participação dos alunos?

Os alunos têm uma reacção que advém, digamos assim, da família, das pessoas que estão com eles, porque se um aluno percebe que tem ali um apoio na família para não ter que se esforçar e exigir que seja o professor a trabalhar, pois ele vai ter exactamente essa atenção (coisas menos positivas).

Como positivas

Eu acho que nos últimos anos esta questão do acesso à informática é fantástico, independentemente dos problemas financeiros que tenham advindo dos Magalhães e daquelas coisas todas, eu acho que, eu que trabalhei em zonas muito carenciadas, vou-lhe dizer uma coisa, não havia outra hipótese dos alunos terem acesso ao computador e à Internet se não fosse na escola, e isso é uma vantagem muito grande, porque hoje no

nosso mundo, no mundo em que vivemos alguém que não saiba trabalhar com a Internet é um analfabeto, um infoexcluído. Portanto aqueles miúdos, independentemente, depois de utilizarem, bem ou mal, atenção e nós sabemos que existe muitos problemas, não teriam qualquer oportunidade com um computador (aspecto positivo – o acesso à informática). E também o conhecimento a outros níveis na escola, não tenhamos qualquer dúvida, infelizmente nós achamos tudo muito..., há uns anos não acreditava, por exemplo que as informações ao nível da educação sexual fossem importantes na escola, confesso que não acreditávamos, porque achava que toda a gente tinha acesso a essa informação e já percebi que não. Nós pensamos que os alunos têm mas não têm.

**- Quais os aspectos/situações em que sente mais dificuldade no exercício da profissão?**

A maior dificuldade é tentar cativar os alunos para uma aprendizagem, é que eles se interessem. Não é muito fácil fazê-los perceber que a escola é importante. Eu costumo dizer-lhes coisas muito simples, se vocês precisarem de reclamar tem que ser por escrito, se vocês não souberem escrever uma carta de reclamações vocês nunca vão obter uma resposta favorável. Mas é difícil porque eles não acreditam muito naquilo que eu digo. Não é nada fácil, eles hoje têm imensas coisas que os afastam da escola, tem outros interesses e isso torna a situação muito difícil para a escola.

**- O que considera ser mais compensador no exercício da actividade docente?**

O aprender, é quando nós percebemos que um aluno tem muitas dificuldades e depois há um clique e tudo muda às vezes mesmo sendo só um ou dois alunos que nós continuamos. O meu marido às vezes costuma dizer que eu gosto de sofrer porque hoje só é professor quem gosta de sofrer e acho que ele tem um bocadinho de razão. Mas de facto são estes pequenos momentos que são compensadores.

**- O que é que o tem desapontado mais?**

Constantes mudanças e reviravoltas que regem no fundo o ensino, estas mudanças de estratégias ao nível do ministério da educação são horríveis, medidas que tem sido desastrosas e não posso deixar de dizer que o facto de eu estar deslocada há 13 anos e andar de escola em escola não me desmotive também de alguma forma, é complicado porque quando nós não temos segurança nenhuma, quando andamos na corda bamba durante não sei quantos anos, isso influencia-nos obviamente. Eu acho que nós damos de nós mas podemos ainda dar ainda um bocadinho mais se houvesse uma instabilidade, também não uma situação que concorde.

**- Sente-se emocionalmente compensado ou desiludido(a) no exercício da profissão? Por favor, justifique a sua resposta?**

Tenho momentos, momentos que sinto simplesmente recompensado e tenho momentos que me sinto um bocadinho triste.

**- Se pudesse, gostaria de exercer outra actividade que não a de professor? Porque razão?**

Eu acho que neste momento não era capaz, eu escolhi ser professora porque gosto de ensinar, tive outras oportunidades nos primeiros cinco anos de profissão para mudar e não mudei.

**- Comparativamente com o ensino presencial que desafios são colocados aos professores que trabalham no ensino a distância?**

Os desafios são estes, eu acho que já falei um bocadinho deles, é esta aprendizagem técnica de trabalhar com um computador, com uma plataforma são os desafios de resolver, os meninos (alunos) têm não só a nível técnico mas também ao nível do seu próprio percurso de aprendizagem que também não é nada fácil, e por isso nós temos conversas com eles constantes, a maioria de nós somos tutores e isso é um grande desafio eu acho. Se nós conseguirmos que um aluno se mantenha está ganho.

**- Qual o tipo de ensino que considera mais favorável e compensador: o ensino a distância ou o que ocorre em contexto presencial? Por favor, justifique a sua resposta.**

Há de tudo, depende, por exemplo quando tive alunos do 12º ano, este ano que só conseguiram acabar o 12º ano porque estavam neste tipo de ensino, é extremamente compensador como é óbvio. Existe problemas que tem que ser resolvidos mas também existem muitas vantagens para alunos com estas características, eles jamais conseguiriam acabar o 9º ano quanto mais o secundário. Nunca na vida eles conseguiriam. É muito importante, eu não fazia ideia que existia este tipo de projecto, este tipo de ensino confesso, até vir para aqui mas neste momento eu penso que se não for assim estes alunos estão completamente perdidos.

**- Que imagem tem de si próprio(a) como professor(a)?**

Eu acho que sou exigente, sou um bocadinho à semelhança daquilo que estava a dizer, não sou uma professora completamente liberal, não sou, eu acho que há regras que tem de ser cumpridas, acho que sou um bocadinho exigente e rígida mas também sou muito coração mole, portanto quando vejo que um aluno tem um problema, eu esqueço-me um bocadinho do resto e vou tentar resolver esse problema para avançar, eu dou o meu melhor, as vezes se calhar não é excelente, não sou excelente, eu acho que tenho muito para aprender ainda mas eu dou o meu melhor todos os dias.

**Bloco 6 - Interacção na sala de aula**

**- Numa aula presencial do ensino convencional observamos as interacções dos alunos através de reacções, atitudes, gestos, expressões corporais e faciais que dão muitas indicações ao professor. Neste tipo de aulas à distância, como se processa a interacção dos alunos com o professor?**

É muito engraçado, através de um *smile* que eles utilizam muitíssimo para transmitir a sua tristeza, a sua alegria, a sua satisfação, os seus problemas. Nós professores acabámos também por usar os *smile* como motivação, para dizer que gostamos do trabalho, que estiveram excelentes. Para os alunos mais introvertidos, muitas vezes, recorremos ao telefone ou à mensagem interna, ou seja, mensagens na plataforma onde podemos falar com os alunos em particular, digamos assim, e isso às vezes ajuda muito.

**- E entre os alunos?**

Para além do chat onde eles conversam também, eles também têm outras formas paralelas como o *facebook*, que é um meio de comunicação fantástico.

**- Considera que é possível trabalhar as aprendizagens de competência sócio afectivas num ambiente de ensino a distância?**

Claro que sim

**- Por favor, justifique a sua resposta.**

Eu acho que sim porque nós conseguimos nos aperceber disso ao longo do tempo, portanto, nós criamos também uma relação com os alunos. Nós neste momento já temos uma relação de proximidade com os alunos, nós já percebemos se um aluno está ou não bem, já contactamos com eles a perguntar o que é que se passa. No início é difícil mas depois vamos conhecendo os alunos. Mas à uma coisa muito importante, os conhecimentos que os colegas que já cá estavam têm destes alunos é muito importante para nós e portanto o feedback que elas nos dão sobre o comportamento daquele aluno, sobre a vida pessoal daquele aluno isso também nos ajuda a compreender o aluno e a aproximarmos deles. É muito importante conhecer o contexto familiar, bem como é importante a continuidade de um professor durante x tempo (importância da continuidade pedagógica).

**- Como caracterizaria a relação pedagógica que desenvolve com os alunos no ensino a distância?**

Acho que é um bocadinho mais demorado no início mas depois é exatamente igual ao presencial. Pode ser mais difícil chegar a alguns alunos mas também o é no presencial, temos alunos que durante o ano inteiro entrem mudos e saem calados da sala da aula, é a mesma coisa. Acho que é mais demorado no início estabelecer uma relação, haver ali uma empatia mas não é impossível.

**- Essa relação é diferente daquela que constrói no ensino convencional?**

Não. Nós acabamos por nos envolver também nos problemas, como o de saúde por exemplo.

**- No ensino a distância, verificam-se situações de indisciplina por parte dos alunos?**

Indisciplina, indisciplina grave não, não dei conta, exaltação, umas palavras menos correctas já aconteceu. Até hoje não dei conta de nada muito grave, o afastamento físico eu acho que ajuda também a uma maior disponibilidade e serenidade para resolver e para acalmar os alunos. Quando se verifica uma situação que o professor não consegue resolver, passa esse papel um bocadinho para o tutor que em princípio falará com o encarregado de educação do aluno e resolverá a situação menos correcta ocorrida em sala de aula (os problemas de indisciplina são escassos). Como o confronto físico não existe é mais fácil de controlar.

**Bloco 7 - Gestão e implementação do currículo escolar**

**- No contexto de ensino a distância, sentiu dificuldades/constrangimentos na implementação do currículo. Em caso afirmativo, identifique-as?**

Um bocadinho, por exemplo na área da gramática é um bocadinho mais difícil de explicar, faz-se, tenta-se com as apresentações com exemplos claro e consegue-se mas também é um bocadinho mais difícil sobretudo quando uma pessoa não está habituada, enfim, mas a esse nível por exemplo com o novo currículo, faz-se mas é complicado, pomos a ouvir um texto e eles tem que responder a um questionário sobre o texto que

apenas podem ouvir, portanto que tem apenas a componente oral mas também podemos fazer exercícios de leitura porque eles gravam os textos e depois enviam, é possível mas é mais difícil.

**- No Projecto EDI as estratégias metodológicas adoptadas no ensino a distância para a aquisição das aprendizagens indicadas no currículo nacional são diferentes às utilizadas no ensino regular (presencial). Em caso afirmativo, indique algumas dessas estratégias?**

Cada vez há menos diferenças, porque nós no regular também agora recorremos muito às projecções, às novas tecnologias. Cada vez a diferença é menor aqui mas aqui só podemos recorrer às novas tecnologias, portanto um PowerPoint, a audição de um texto são tudo estratégias que nós utilizamos. Por exemplo, eu hoje fiz um exercício sobre um poema que é individual, que eles vão responder individualmente, pois temos fóruns, onde há pergunta resposta, onde eu posso seleccionar qual o aluno que vai responder, exactamente como no presencial. Claro que temos mais dificuldade em dizer que é o aluno x e não o y que deve responder mas faz-se.

**- No Projecto EDI, as suas práticas pedagógicas foram alteradas. Em caso afirmativo, de que forma?**

Completamente. O facto de nós não termos manual já faz com que as coisas se alterem por completo. Uma disciplina como a minha (Português) que recorre imensamente ao manual, não é, porque o texto está lá, podemos adaptar o questionário mas o texto está no manual, tive que mudar tudo porque o texto tem que estar na plataforma e porque tem que ser um questionário diferente, porque a correcção aqui é muito mais difícil de fazer, muito mais demorada, não é, uma coisa é nós termos um exercício e vamos fazer a correcção no quadro e todos os meninos passam para o caderno, outra coisa é nós corrigirmos individualmente cada trabalho. Em cada aula nós temos pelo menos um trabalho, é muito complicado. No meu caso, por exemplo, corrigir a acentuação, as vírgulas tenho que mudar de cor em cada aluno, é muito difícil e muito demorado.

**- Que tipo de trabalho é, habitualmente, realizado na componente não lectiva pelos professores? (Como por exemplo: planificações das actividades a desenvolver na disciplina; definição e aferição de critérios de avaliação; análise dos resultados escolares entre outros. Quais?)**

Nós temos isso tudo, é semelhante ao ensino presencial, não há diferenças. Para mim é muito mais trabalhoso aqui, como eu dizia se em cada aula nós temos um exercício que vamos corrigir para todos os alunos, imagine lá quantos exercícios é que nós corrigimos no final do período. Nós temos algumas horas durante a semana para fazer um trabalho assíncrono, portanto uma preparação, correcção, etc. Depois tudo o resto tem que ser feito extraordinariamente, portanto é muito mais trabalhoso, mas é igual. O EDI tem critérios de avaliação próprios que estão mais ou menos de acordo com os critérios definidos no ensino presencial. Para além daquilo que já foi dito, eu acho que as estratégias passam muito pela imagem, porque tem que ser muito visual, como nós não temos a oralidade é evidente que nós nos conseguimos exprimir de uma forma diferente oralmente, é muito mais perceptível para os alunos, aqui nós temos que recorrer muito à imagem que é elucidativa daquilo que nós queremos transmitir, portanto o PowerPoint é muito importante.

**- Como é que são avaliados os alunos do Projecto EDI?**

Existe uma grande diferença, para nós o teste é aquilo que vale menos, tem muito menos percentagem na avaliação, porque num teste presencial o aluno é desprovido de todos os materiais onde estará a matéria, é impossível, nós fazermos aquilo aqui, porque os alunos têm acesso à matéria através das apresentações. Se eles quiserem eles vão à procura da resposta, como é óbvio, para além de que podem ter ajuda que nós não vemos. Existem os testes, eles têm uma percentagem menor porque nós o que avaliamos mais é a aula, o trabalho feito em aula, a continuidade do trabalho desenvolvido pelo aluno. Se realiza geralmente os trabalhos pedidos, se normalmente não os realiza na aula e só depois é que os vai realizar, se os faz com cuidado ou se faz assim um bocadinho a despachar.

**Bloco 8 – Tutoria**

**- Como é que funcionam as aulas de tutoria?**

As aulas de tutoria são essencialmente para nós vermos que tarefas é que os alunos têm em atraso nas várias disciplinas. Os professores enviam-nos mais ou menos semanalmente uma tabela que tem as tarefas realizadas por cada aluno e aquilo que falta realizar. Outra função da tutoria é conversar com os alunos, um bocadinho à semelhança daquilo que faz o director de turma, falar com o encarregado de educação. Nós também temos o director de turma, só que o director de turma é forçosamente, pode também ser tutor, mas só é de uma parte da turma, porque cada turma tem pelo menos dois tutores.

**- Qual é a função do tutor?**

Para ajudar os alunos ao nível da aprendizagem, ao nível técnico, familiar e também para falar com os encarregados de educação para transmitir as informações habituais, as de avaliação no final dos períodos. Toda a informação é feita pelo telefone e também pela plataforma.

**- Neste tipo de ensino, considera importante a figura do tutor? Por favor, justifique a sua resposta.**

É fundamental, não consigo imaginar isto sem o tutor.

**- Os seus alunos costumam contactá-la/lo para tirarem dúvidas, pedir-lhe ajuda para os trabalhos ou outra situação depois das aulas?**

Sim. Claro que sim, extra tutoria, sempre que nos encontram na plataforma. Os alunos que estão interessados e que querem realmente aprenderem, percebem que o professor esta na plataforma.

**- Caso a sua resposta tenha sido positiva, como se processa essa comunicação? (Por exemplo, através do correio electrónico, por e-mail; através de uma sala de conversação; outro. Qual?)**

Pela plataforma e por mensagens.

**- E que tipo de assuntos/situações é que normalmente abordam?**

Depende dos alunos, mas a grande maioria sobre a escola (sobre a aprendizagem).

## **Bloco 9 - Relação com os Encarregados de Educação**

### **- Como é que se processa a comunicação dos professores/Tutor com os encarregados de educação?**

Basicamente por telefone, sempre que surgem situações complicadas os professores entram em contacto com os encarregados de educação mas por norma são aos tutores que compete essa função.

### **- Com que regularidade é que professores/tutor contacta com os encarregados de educação?**

Sempre que necessário, pode ser na mesma semana, podemos entrar 20 vezes ou duas, depende. Aqui o contacto entre o tutor e o encarregado de educação acontece com uma maior frequência do que no presencial porque estes miúdos precisam de um acompanhamento maior, porque eles estão sozinhos na maior parte dos casos do outro lado, no computador, portanto é muito mais fácil arranjam coisas para saírem da aula, para não fazerem aquilo que é pedido. O contacto telefónico efectuado pelo tutor também serve de incentivo ao aluno para a realização do trabalho escolar pedido (encorajar o aluno), porque eles precisam de alguém, os pais a maior parte dos casos encontram-se a trabalhar, portanto eles estão ali em frente ao computador sozinhos. Imaginemos se os alunos dentro da sala de aula já têm dificuldade em concentrar-se geralmente, imaginemos sozinhos, este contacto telefónico é fundamental.

### **- Quais os motivos/situações principais desses contactos?**

Questões relacionados com a assiduidade, motivação dos alunos para o estudo (controlar o trabalho escolar) e as informações normais, eu não referi mas nós também enviamos cartas no final do período, a avaliação. Às vezes o contacto telefónico também pode acontecer por questões técnicas, acontece-me muitas vezes, porque nem todos os alunos têm telefone, às vezes falamos diretamente com o aluno outras vezes temos de passar pelo encarregado de educação e este passará o telefone ao aluno para resolver aquele problema.

## **Bloco 10 - Agradecimentos**

- Agradecer a participação, colaboração e disponibilização do entrevistado.

## *Entrevista ao professor E2*

### **Bloco 2 - Caracterização sócio demográfica**

- **Género, Idade;** Feminino, 36 anos
  
- **Habilitações académicas (Licenciatura, Pós-Graduação, Mestrado, Doutoramento);**  
Licenciatura
  
- **Área de estudos da formação inicial (Ciências Exactas, Ciências Sociais e Humanas, Línguas e Literaturas, Belas Artes, Outra)?** Línguas e Literaturas – Português e Inglês
  
- **Qual é a sua situação profissional? (Efectivo, Efectivo em quadro de zona pedagógica ou Contratado).** Contratado
  
- **Refira, por favor, os seus anos de serviço?** Há 12 anos que dá aulas (desde 2000)
  
- **Há quanto tempo (número de anos) é que participa no projecto EDI?**  
Desde Setembro (início do ano lectivo 2011/2012)
  
- **Indique, por favor, a (s) disciplina (s) que lecciona no Projecto (EDI)?**  
Inglês, Formação Cívica e Tutoria
  
- **Neste ano lectivo apenas lecciona no Projecto EDI?**  
Lecciona apenas no Projecto EDI
  
- **Como é que foi seleccionado para trabalhar neste projecto?**  
Por concurso nacional, fiquei colocada na Escola Secundária Fonseca Benevides e foi-me atribuído um horário completo de 22 horas para leccionar no ensino a distância (Projecto EDI). Quando soube que ia leccionar neste método de ensino, confesso que fiquei assustada porque é novidade, a pessoa espera dar aulas aos CEF, EFA, tudo agora ensino a distância a pessoa fica, o que é que é isto, pronto tive que aceitar.

### **Bloco 3 - Representações sobre o Projecto EDI e o ensino regular (presencial)**

- **Qual a diferença entre leccionar numa escola convencional (presencial) e ensinar através de um contexto de ensino a distância?**  
É muito diferente, é totalmente diferente, tem coisas boas e coisas más mas o presencial é imediato, as coisas acontecem ali, no ensino a distância à sempre o afastamento. Inicialmente tive muitas dificuldades porque não estava preparada, não é que isto seja uma coisa muito complicada mas inicialmente foi um choque, porque apenas dominava as tecnologias ao nível do utilizador. Tenho conhecimentos informáticos mas os básicos, trabalho a nível do utilizador, projectar um PowerPoint, agora aqui no Moodle

(plataforma), confesso que apenas tinha trabalhado uma vez (poucas vezes), agora de repente como é que isto funciona, o que é que faço, onde é que estão as minhas salas de aula, tudo isso foi realmente um bocadinho assustador.

**- Comparativamente com o ensino presencial (convencional), na sua opinião quais são as vantagens de leccionar no Projecto EDI?**

Vantagens: É um desgaste físico muito menor, eu venho trabalhar com uma alegria desmesurada, porque o apoio é fantástico e já sei que a princípio tinha tudo controlado, as minhas aulas já estão lá, pouca coisa de diferente. Este tipo de alunos é completamente diferente, tratam-nos como antigamente, o professor ainda continua a ser a autoridade.

**- E as desvantagens?**

A nível da empatia com os miúdos, (dificuldade de criação de laços de afectividade com os alunos), criam-se sem dúvida alguma mas demora muito mais tempo, e demora mais tempo nós descobrirmos as dificuldades deles, enquanto que no presencial nós basicamente pelo olhar que eles estão a fazer connosco percebemos que eles nunca deram isto, para estes aqui às vezes temos mais dificuldade em perceber isso (dificuldades nas matérias), mas tem outras vantagens, sabemos que toda a gente está a trabalhar, portanto acabamos por saber se eles sabem ou não sabem as coisas, as tarefas são todas feitas.

**- É mais fácil ou mais difícil ensinar através de um contexto de ensino a distância?**

É diferente, é muito diferente, acaba por ser, é mais difícil ensinar é, lá está porque nos falta aquele contacto imediato com o aluno. Preparo as minhas aulas maravilhosamente bem a pensar que eles vão ter dificuldade aqui, eu imagino, mas depois no momento não sei bem como é que eles estão a receber aquilo, porque se bem que há turmas que nós saibamos à vontade que eles têm dificuldade aqui, explique melhor isto, maravilha há outras que nós não sabemos o que é que se está a passar ali. É mais difícil, consegue-se, com turmas é igual com outras é muito mais difícil.

**- Prefere leccionar no Projecto EDI ou no ensino presencial/regular? Porque razão?**

Se tivesse feito essa pergunta no início, no 1º período eu dizia: mil vezes o presencial, agora já não, neste momento gosto muito de ensinar no EDI.

**Bloco 4 - Problemas/Constrangimentos do Projecto de Ensino a Distância para a Itinerância**

**- Que problemas ou constrangimentos identifica neste tipo de ensino?**

Contacto presencial, físico com os alunos, o olhar, eu sou uma pessoa muito gestual, eu explico muito através dos gestos e basta-me olhar para um aluno e volto-me para o quadro e explico-lhe, faço um desenho, às vezes digo que faço o pino para eles entenderem, aqui obviamente torna-se muito mais complicado fazer isso. Às vezes tento explicar-lhes e sinto que ainda não chego lá, como é que eu posso fazer mais.

**- Como se tem mobilizado o Projecto EDI para os (tentar) resolver?**

Em muitas vezes pego no telefone e falo com eles e digo: Ok, o que é que não estás a entender, explica lá qual é a tua dúvida, porque até nós para escrevermos expressamos-nos de uma forma completamente diferente, é muito mais fácil, então falamos por telefone, às vezes mandamos mensagens internas, porque ele pode não querer mostrar à frente dos outros que não sabe aquilo e então comunicamos por mensagens internas. Quando isso não resulta, telefone e aí de um modo geral o assunto resolve-se.

### **Bloco 5 - Exercício do “ofício” de professor (concepções de professor)**

**- O que é que o(a) levou a ser professor(a)? (Por exemplo: influência de familiares, amigos e/ou professores; Vocação, estatuto social, remuneração, não ter outra saída)**

Eu costumo dizer que as meninas passam por uma fase que querem ser bailarinas mas eu nunca passei por isso, desde os meus 2 anos que quis ser professora e de Inglês que é uma coisa estranhíssima, porque na altura não sabia bem o que era Inglês, mas os meus irmãos mais velhos falavam do professor de Inglês e aquilo sou-me muito bem, pronto, sempre foi por vocação, sempre. E, até agora não estou desiludida, faço isto porque gosto, porque realmente contratada com 12 anos de serviço, a andar de um lado para o outro como eu já ando, que é uma coisa louca, se não gostasse mesmo disto já não estaria a fazê-lo com certeza.

**- Na sua opinião, o que caracteriza o “ofício” de professor (actividade de professor)?**

O que caracteriza, o que devia caracterizar, eu acho que o professor tem de ensinar, o professor não tem de educar, o professor não é um educador, pode obviamente fazê-lo pronto, mas a sua principal função é ensinar, transmitir conhecimentos, abrir-lhes este mundo, ensinar-lhes coisas mas não é isto que acontece, nós sabemos (primordialmente a função do professor é ensinar e depois educar).

**- Que mudanças significativas no exercício da actividade ocorreram nas últimas décadas?**

**- Quais, foram, na sua opinião, as mais positivas? E as mais negativas?**

Nos últimos anos o ensino está a tornar-se muito facilitador.

Aspectos negativos: Estamos a exigir cada vez menos e se exigimos mais somos muito maus professores. Outro aspecto é o comportamento dos alunos, o papel do professor, como é que o professor é visto (falta de autoridade). Facilitismo e a falta da autoridade dos professores no exercício da sua actividade.

Aspectos positivos: Obviamente que as novas tecnologias, o aparecimento delas em muitas coisas vem melhorar o tipo de ensino que nós fazemos porque temos muito mais por onde ir buscar (mais recursos) e também é bom diversificar.

**- Quais os aspectos/situações em que sente mais dificuldade no exercício da profissão?**

Hoje em dia para mim é cada vez mais, graças a deus que há excepções, mas cada vez mais os alunos não querem aprender, não lhes apetece, tudo lhes aborrece, é aquela ideia antigamente havia aquela ideia que isto é novo, agora nem isso, nada lhes interessa apesar de fazermos aulas divertidas, funciona os primeiro cinco minutos talvez e depois eles entram naquela apatia.

**- O que é que o tem desapontado mais?**

É esta falta de querer saber e a indisciplina também, alguns deles vão para a escola não sei bem fazer o quê, mas continua a ser compensador, ainda há alunos que nós olhamos para eles e pensamos ok fiz alguma coisa hoje e enquanto eu sentir isso continuo nesta carreira e quando deixar de sentir isso, tenho que fazer alguma coisa.

**- Sente-se emocionalmente compensado ou desiludido(a) no exercício da profissão? Por favor, justifique a sua resposta?**

Ainda me sinto compensada, caso contrário já tinha desistido desta actividade profissional.

**- Se pudesse, gostaria de exercer outra actividade que não a de professor? Porque razão?**

Não, nem pensar, nunca me via a fazer outra coisa, gosto mesmo disto.

**- Comparativamente com o ensino presencial que desafios são colocados aos professores que trabalham no ensino a distância?**

Isto é muito conhecimento informático, inicialmente foi o que mais custou (a adaptação à tecnologia) durante o 1º e início do 2º período. Acho que agora já consigo fazer as coisas bem, dominar a tecnologia, os programas e esta linguagem que é típica do EDI, aquelas coisas que nunca nos ocorreu, aqui tudo é escrito, foi complicado no início mas agora já está ultrapassado.

**- Qual o tipo de ensino que considera mais favorável e compensador: o ensino a distância ou o que ocorre em contexto presencial? Por favor, justifique a sua resposta.**

Ambas compensam, ambas cada qual tem a sua característica diferente e neste tipo de ensino eu acho que o meu tipo de trabalho é mais compensador porque vejam se não fosse assim estes miúdos nunca teriam outra forma para aprender. Os alunos sentem-se mais agradecidos porque eles sabem que doutra forma, porque eles já tiveram no 1º ciclo numa escola normal, diziam que andavam aos caídos porque chegavam a uma escola nova todas as semanas e iam para um cantinho desenhar e isto para mim não é o ensino, portanto sentiam-se completamente excluídos, então aqui eu sinto que o meu papel enquanto professora é muito bem recebido da parte deles e é compensador porque estou a fazer algo que nunca tinha tido de outra forma e não podiam ter de outra forma.

**- Que imagem tem de si próprio(a) como professor(a)?**

É complicado, é assim, acho que sou uma boa professora, sou exigente, exijo muito, dou muito, eu costumo dizer aos meus alunos na 1ª aula que sou terrível, costumo dizer-lhes que na primeira semana vão-me odiar mas no final vão-me pedir de joelhos para que eu fique para o ano convosco. E, eles no princípio dizem sempre que me detestam, que sou exigente mas exijo de uma forma que eles percebem o que é que estou a fazer, porque temos que parar com esta coisa, ninguém se interessa, ninguém quer saber, então eu vou facilitar isto ao máximo, vou dar notas assim como quem dá.... Para terem a nota têm que merecer, não estou a dizer que tem de ser muito bons mas têm de trabalhar, os alunos sabem disso comigo, portanto eu tanto dou uma chapada como uma festinha e

eles sabem disso perfeitamente, há tempo para brincar, para rir mas depois à que trabalhar, sou muito exigente.

### **Bloco 6 - Interação na sala de aula**

**- Numa aula presencial do ensino convencional observamos as interações dos alunos através de reacções, atitudes, gestos, expressões corporais e faciais que dão muitas indicações ao professor. Neste tipo de aulas à distância, como se processa a interação dos alunos com o professor?**

É a tal linguagem que nós fomos aprendendo ao longo do tempo, ou seja por escrito. Eu sei quando um aluno está contente, há dias em que aquele aluno não está a participar tanto, o aluno não está muito bem, não vale a pena, podemos perguntar e ele responde o essencial mas não está muito efusivo quando não tem o “smile”, por exemplo, há outros dias e há outras turmas que aquilo é um “Good Morning” com um “big smile”, ok, ele está bem-disposto. Portanto conseguimos perceber o estado emocional dos alunos através dos “smiles” e eventualmente através do tipo de discurso escrito que ele utiliza na aula.

**- E entre os alunos?**

Depende das turmas, por exemplo, numa turma do 10º ano eles cumprimentam-se sempre entre eles e com a professora. Os pequenos, esses aí são super abusivos, abusam nos “smiles” que é uma coisa louca entre eles e depois com a professora. Quando entro no chat já eles se encontram a cumprimentar-se entre eles e depois com a professora. Com o 8º ano, é a idade do armário, eles são mais contidos.

**- Considera que é possível trabalhar as aprendizagens de competência sócio afectivas num ambiente de ensino a distância? Por favor, justifique a sua resposta.**

Completamente, por exemplo, eles já sabem que existem regras, têm que cumprir regras, ninguém entra na minha aula sem me cumprimentar, portanto cumprimentam-me a mim e depois os colegas, não podem passar à perguntar seguinte sem me perguntar. Depois de autorizar passam à próxima pergunta, mas às vezes nem todos o fazem, como os nossos alunos no presencial. Sabem que no final têm sempre de dizer adeus, sabem, por exemplo, os meus alunos do 6ºano, insisto mais com os do 6º ano do que com os do 10º ano, já que o discurso é na sua maioria todo em inglês e com os do 8º ano consigo fazer mais ou menos. Mas os do 6º ano sabem sempre que têm de me tratar por “Teacher”.

**- Como caracterizaria a relação pedagógica que desenvolve com os alunos no ensino a distância?**

Acho que os alunos do secundário me vêem mais como uma professora amiga, que está ali para os ajudar num processo diferente, é como acontece no presencial. Não existe uma grande diferença no presencial e a distância, os mais pequenos são muito mais afectivos, nota-se muito esta ligação porque é muito beijinho, enquanto com os maiores já é diferente.

**- Essa relação é diferente daquela que constrói no ensino convencional?**

No essencial é igual, consegue-se de outra forma mas é igual.

**- No ensino a distância, verificam-se situações de indisciplina por parte dos alunos?**  
Até agora comigo, pessoalmente não me aconteceu. Aconteceu uma vez no início com uma aluna que interpretou mal as palavras de outra colega e chateou-se um bocadinho, mas bastou eu falar com as duas e a situação resolveu-se (a conversa foi efectuada no chat). Raramente ocorreram situações de indisciplinas nas minhas aulas.

**- Casos não existam, o que justifica, na sua opinião, que isso não aconteça? Em caso afirmativo, que tipo de situações são essas?**

Nessa situação consegui solucionar esse problema no chat mas se fosse preciso, portanto se acontecesse mais alguma coisa eu estaria à vontade para pegar no telefone e dizer: acabou-se, vamos parar imediatamente ou então se não conseguisse desta forma teria que passar para o tutor e o tutor resolve.

### **Bloco 7 - Gestão e implementação do currículo escolar**

**- No contexto de ensino a distância, sentiu dificuldades/constrangimentos na implementação do currículo? Em caso afirmativo, identifique-as?**

Senti, mas lá está mais de início, de início pensei nunca vou cumprir este currículo, nunca vou cumprir a planificação, vai ser impossível, porque eu própria estava um bocadinho, estou a ir rápido de mais, não tinha a percepção como é que os alunos estavam a assimilar a informação/saberes, e acredito que no 1º período eu deixei as coisas andarem muito lentamente porque não tinha essa percepção de todo, mas depois percebi que eles fazem e fazem-no bem e agora vou conseguir cumprir tudo e se houver alguma coisa fica para o próximo ano, como no presencial, portanto aí é igual.

**- Que potencialidades identifica neste contexto de ensino e aprendizagem a distância? E as desvantagens?**

Uma das vantagens são estes alunos puder frequentar a escola. As desvantagens, lá está, às vezes faz falta a gentes estar ao pé deles (contacto presencial), por isso é bom que eles venham aqui ao EDI, nem que seja um dia para estarem connosco. Isto acontece quando nós temos um aluno que esta a ficar desmotivado por algum motivo, nós tentamos que esse aluno venha cá e isso tem acontecido e eles melhoram rapidamente.

**- No Projecto EDI as estratégias metodológicas adoptadas no ensino a distância para a aquisição das aprendizagens indicadas no currículo nacional são diferentes às utilizadas no ensino regular (presencial). Em caso afirmativo, indique algumas dessas estratégias?**

Obrigatoriamente tem que ser, são muito diferentes da do presencial, porque nas línguas estrangeiras a oralidade, que é uma coisa muito importantíssima, aqui perde-se um bocadinho, consegue-se avaliar mas é diferente da forma como é avaliada no ensino presencial, embora a oralidade seja trabalhada mas é de outra forma, é através da gravação, mas não é o imediato, a pessoa não corrige de imediato. Ouvir o professor a falar em inglês é completamente diferente do que estar a ler, o escrito. Para ultrapassar isso, o professor tem de escrever ao máximo em inglês para eles se irem habituando, como se estivesse a falar com eles, mas é diferente. Por exemplo, quando dou vocabulário, de um modo geral, indico-lhes sempre uma página onde aquelas palavras são pronunciadas, mas não sou eu, é diferente, mesmo que tenham que repetir as palavras e gravá-las eu não consigo corrigir no imediato.

**- No Projecto EDI, as suas práticas pedagógicas foram alteradas? Em caso afirmativo, de que forma?**

As minhas práticas forma completamente alteradas, foi a criação de materiais de raiz, tinha fichas mas não era para este tipo de ensino, apesar de já existir material de anos anteriores, em que podíamos consultar para ver a tipologia, obrigatoriamente, mas tive de criar materiais tendo em conta a forma como eu ensino.

**- Que tipo de trabalho é, habitualmente, realizado na componente não lectiva pelos professores? (Como por exemplo: planificações das actividades a desenvolver na disciplina; definição e aferição de critérios de avaliação; análise dos resultados escolares entre outros. Quais?)**

Eu aqui faço trabalho de biblioteca (trabalho na componente não lectiva), as horas que eu tenho na componente não lectiva são feitos na biblioteca e são 3 horas de trabalho. Além disso, temos também reuniões de departamento normal, planificamos em conjunto mas adaptamos para o projecto EDI (ensino a distância). O trabalho realizado nesta componente é muito semelhante aquele que é efectuado no presencial. O que eu sinto que é ligeiramente diferente é na parte das actividades, como é óbvio.

**- Que tipo de estratégias específicas de aprendizagem desenvolve para estes alunos?**

Ao nível da oralidade em que tudo tem que ser gravado, não é como eu gostaria, mas se tivesse mais formação acho que faria um melhor trabalho. Sinto que a parte da oralidade não está como eu desejaria. Não tivemos formação, chegámos aqui e começamos a trabalhar, quem nos ajudou foram as coordenadoras, porque elas mesmo a trabalhar e a ouvir as preocupações de trabalho neste tipo de ensino, digo-lhe, que se não fossem elas, não sei como é que nós estaríamos aqui. Fazia-nos falta um tempinho antes, uma semana ou duas semanas de formação só para percebermos como agir quando confrontadas com um problema.

**- Como é que são avaliados os alunos do Projecto EDI?**

Da mesma forma dos outros, se bem que temos critérios específicos como é óbvio, os testes valem menos, damos muito mais valor ao trabalho do dia-a-dia, às tarefas, à participação, ao comportamento, damos valor a outras coisas que obviamente não damos no presencial.

## **Bloco 8 – Tutoria**

**- Como é que funcionam as aulas de tutoria?**

As aulas de tutoria para mim são essenciais para este tipo de alunos porque o que nós fazemos é além de dar toda a indicação de coisas que vão acontecendo, somos nós as pessoas que veiculam essas informações, nós é que temos de saber sempre, no meu caso eu só tenho itinerantes, não tenho as miúdas da Ajuda de Mãe, saber sempre onde eles andam nas semanas, nós é que tratamos das faltas, verificamos, olha cuidado faltaste aqui, tens que justificar, extamente como um director de turma, essa parte e depois temos a outra parte do tutor que é tens estas tarefas em atraso em determinada disciplina, vais fazê-las aqui no espaço/aula de tutoria, e é essencial para estes miúdos porque por um motivo ou vários motivos, como encontram-se em viagem ou têm

espectáculos, que não podem fazer e as coisas vão acumulando e quando nós sabemos, e ali aqueles 3 horas semanais são essenciais para terminarem/concluírem as tarefas/trabalhos.

**- Qual é a função do tutor?**

É um director de turma mais próximo porque temos menos alunos, por isso conseguimos essa aproximação melhor. Portanto o tutor para além de ajudar os alunos no cumprimento dos trabalhos em atraso é também um conselheiro, mesmo também para os pais porque caso tenham alguma dúvida os pais ligam sempre para nós (tutores). O tutor resolve desde problemas técnicos a problemas relacionados com o trabalho escolar.

**- Neste tipo de ensino, considera importante a figura do tutor? Por favor, justifique a sua resposta.**

É essencial e com poucos alunos o que é fundamental.

**- Os seus alunos costumam contactá-la/lo para tirarem dúvidas, pedir-lhe ajuda para os trabalhos ou outra situação depois das aulas?**

Sim, com muita frequência. Enquanto que no presencial a nossa hora acaba e é muito raro eles irem ter connosco, aqui não, como nós para trabalharmos precisamos de estar sempre ligados à plataforma, seja sábado, domingo ou feriado, os alunos pedem ajuda para lhes tirar dúvidas que tenham, alunos que sejam ou não meus. Por exemplo, eu estive a 3ª feira de Carnaval, a tarde inteira, com um aluno meu do 6º ano que estava de castigo, a mãe castigou-o porque ele tinha que fazer as tarefas em atraso, e eu estive com ele a tarde inteira a fazer esse trabalho.

**- E que tipo de assuntos/situações é que normalmente abordam?**

Questões de aprendizagem e técnicas.

**Bloco 9 - Relação com os Encarregados de Educação**

**- Como é que se processa a comunicação dos professores/Tutor com os encarregados de educação?**

De um modo geral, nós temos contacto com os encarregados de educação para dar conta de notas, avaliação final de cada período, avaliação intercalar, comunicamos também por carta, mandamos as notas sempre para casa. De um modo geral é tudo por telefone, mas se por exemplo eu estou com um aluno e ele não realizar as coisas (tarefas) como eu quero, eu posso pegar no telefone e ligar para os pais daquele aluno, independentemente de ser tutor ou não.

**- Com que regularidade é que professores/tutor contacta com os encarregados de educação?**

Sempre que for necessário, para além daquela informação que é dada trimestralmente (final do período) sobre as notas de avaliação. No final de cada reunião ligamos sempre aos pais, é obrigatório, sempre depois das reuniões intercalares e de avaliação. Há semanas em que não é necessário ligar para ninguém, há outras semanas que ligamos para toda a gente e às vezes dois dias seguidos ou duas vezes no mesmo dia.

**- Quais os motivos/situações principais desses contactos?**

De um modo geral é porque ou o aluno não está na aula e não avisou, que é raro mas que não avisou onde é que está ou o que é que se passa, qual é seu o problema, portanto por questões técnicas, faltas.

Às vezes os pais também tomam a iniciativa de ligar para a escola, principalmente quando por questões técnicas, ou avisar que o aluno não vai à escola por ir viajar. Fazem menos do que deveriam, alguns deles.

**Bloco 10 - Agradecimentos**

- Agradecer a participação, colaboração e disponibilização do entrevistado.

## *Entrevista ao professor E3*

### **Bloco 2 - Caracterização sócio demográfica**

**- Género, Idade;**

Feminino, 41 anos

**- Habilitações académicas (Licenciatura, Pós-Graduação, Mestrado, Doutoramento);**

Licenciatura em Filosofia

**- Área de estudos da formação inicial (Ciências Exactas, Ciências Sociais e Humanas, Línguas e Literaturas, Belas Artes, Outra)?**

Ciências Sociais e Humanas com ramo de formação educacional

**- Qual é a sua situação profissional? (Efectivo, Efectivo em quadro de zona pedagógica ou Contratado)**

Contratado

**- Refira, por favor, os seus anos de serviço?**

Há 18 anos, desde 1995

**- Há quanto tempo (número de anos) é que participa no projecto EDI?**

Este ano lectivo, desde Setembro de 2011

**- Indique, por favor, a (s) disciplina (s) que lecciona no Projecto (EDI)?**

Área de Integração, Psicologia, Sociologia, Comunicação Publicitária e Publicidade, portanto só tenho secundário.

**- Neste ano lectivo apenas lecciona no Projecto EDI?**

Sim, 22 horas lectivas no Projecto EDI, mas acumulo numa Escola Profissional.

**- Como é que foi seleccionado para trabalhar neste projecto?**

Por concurso nacional, ficando colocada na Escola Secundária Fonseca Benevides e depois foi-me atribuído este horário (projecto EDI – ensino a distância).

### **Bloco 3 - Representações sobre o Projecto EDI e o ensino regular (presencial)**

**- Qual a diferença entre leccionar numa escola convencional (presencial) e ensinar através de um contexto de ensino a distância?**

É uma grande diferença, eu acho porque nós com este tempo de serviço, nós já advínhamos muita coisa pela expressão facial dos alunos, pela sua postura, muitas vezes eles dizem que estão a perceber e olhamos para eles e percebemos que não estão. Aqui no ensino a distância, isso é impossível, eu dependo da palavra deles e daquilo que eles me vão respondendo, às vezes até nem é das respostas mas do tempo que demoram, se

vão copiar, se vão à net, portanto é diferente, acho que esse feedback é a maior diferença que sinto.

**- Comparativamente com o ensino presencial (convencional), na sua opinião quais são as vantagens de leccionar no Projecto EDI? E as desvantagens?**

Uma acho que é esse feedback, é uma das desvantagens (ausência de contacto físico) mas também por outro lado é um desafio, é algo que temos de ultrapassar, usar outras estratégias que no meu caso ainda não sei se têm algum sucesso ou não, mas vou tentando, porque também é verdade é que no 1º ano em que leccionei no presencial se calhar não tinha essa percepção dos alunos, mas agora já tenho e isso ainda me falta conhecer à distância, ainda estou a começar a arranjar aquelas estratégias, demoraste muito tempo a responder mas de certeza que percebeste, pronto vamos fazendo pouco a pouco

Vantagens para já ser diferente, acho que para mim foi mesmo aquela lufada de ar fresco pessoal, ao nível pessoal. É um desafio por outro lado, é cansativo estar tantas horas ao computador mas por outro lado também não é tão cansativo, aquele desgaste físico provocado pela indisciplina dos alunos em sala de aula. Nós cada vez mais temos alunos piores, não quer dizer que estes também não sejam, mas aquela indisciplina, do senta-te direito, é está calado, tira o chapéu ou para de falar e larga o telemóvel, estes estão com o telemóvel de certeza mas nós não sabemos, portanto esta indisciplina, ao fim do dia nós estamos exaustos, aqui não há, é uma vantagem. A nível pedagógico, faz-nos falta aquele contacto com os alunos, o presencial.

**- É mais fácil ou mais difícil ensinar através de um contexto de ensino a distância?**

Eu acho que no começo é muito difícil, o começo foi mesmo muito difícil, agora acho que estou bocadinho assustada a pensar em Setembro, outra vez com uma nova turma. Foi difícil habituar-nos e agora já estamos habituados, eu sinto que já estou neste ritmo, estou um bocadinho assustada com a ideia de Setembro, com o que me vai acontecer. Eu acho que a partir do momento em que nós nos habituamos é capaz de ser para nós mais fácil mas há ganhos no presencial que aqui não temos.

**- Prefere leccionar no Projecto EDI ou no ensino presencial/regular? Porque razão?**

Neste momento prefiro leccionar aqui (EDI), mas também pensar a longo prazo, não sei, também é outra coisa o facto de estar a acumular permite-me ter o outro lado (presencial). Caso fosse reconduzida, gostaria de ficar aqui porque aquela dificuldade que sentia ao princípio já não iria existir.

**Bloco 4 - Problemas/Constrangimentos do Projecto de Ensino a Distância para a Itinerância**

**- Que problemas ou constrangimentos identifica neste tipo de ensino?**

Eu acho que o meu problema, como sou do secundário e tenho o curso profissional, eu acho que este tipo de ensino não devia ter o ensino profissional ou seja o ensino profissional pretende-se que seja essencialmente prático e presencial, ora estes alunos não estão no presencial, a minha dificuldade neste momento com o 10º ano é tentar transmitir-lhes o que é o ensino profissional, o terem uma avaliação por módulos, o terem de fazer uma PAP (prova de aptidão profissional), um estágio. Grande parte

destes alunos trabalha efectivamente todo o dia, eles dizem: “professora eu não vou conseguir fazer o estágio porque eu estou a trabalhar, a professora não percebe, eu não posso estar oito dias a estagiar”.

Acho que o ensino profissional está desenquadrado (descontextualizado) para estes alunos que já são trabalhadores. Eu acho que foi escolhido por estes alunos já serem trabalhadores, acho que a ideia inicial era aproveitar mas também à aquela infeliz ideia de que o ensino profissional é mais fácil e eu não concordo, não concordo que seja mais fácil, algumas disciplinas podem ter o seu currículo um bocadinho mais ligeiro mas é muito mais trabalhoso. Como estes alunos já trabalham, eu acho que este é o maior problema que eu sinto com eles e, eles tentarem perceber que tem fazer os módulos, porque até podem transitar para o 11º ano mas não tem nenhum módulo feito e tentar transmitir isso através de uma plataforma, eu não sou directora de turma nem tutora, tentar transmitir-lhes que mesmo que passem para o ano, para o 11º ano, não tem nenhum módulo feito e tem de os ter para terem o 12º ano feito, isto é muito complicado para os alunos, às vezes no presencial é diferente, pela plataforma eu acho que é a minha maior dificuldade a nível pedagógico, é eles perceberem que têm mesmo que fazer os módulos. A passagem do básico para o secundário é sempre difícil, nós sabemos isso, agora no ensino a distância, para eles que é um curso completamente diferente, é muito complicado (Curso: Técnico de Comunicação, Marketing...). Nós este ano tivemos 3 alunos que fizeram a PAP e até foram os melhores da escola, eles tiveram as notas mais elevadas da escola, mas é difícil, tivemos outro que desistiu porque não conseguiu fazer o estágio.

### **Bloco 5 - Exercício do “ofício” de professor (concepções de professor)**

**- O que é que o(a) levou a ser professor(a)? (Por exemplo: influência de familiares, amigos e/ou professores; Vocação, estatuto social, remuneração, não ter outra saída)**

Ficava bem dizer uma série de coisas bonitas, mas vou ser honesta, é assim, eu nunca quis ser professora, eu segui o curso que gostava, que é filosofia e depois aconteceu, ou seja eu durante o curso nunca pensei a nível profissional, porque era aquilo que gostava e depois foi assim uma coisa fantástica, descobri que adorava dar aulas, se calhar foi melhor assim ter aquela ilusão. Portanto, não foi opção desde pequena, aconteceu.

**- Na sua opinião, o que caracteriza o “ofício” de professor (actividade de professor)?**

Para mim é aquele prazer quando uma aula resulta bem, portanto é tentar transmitir alguma coisa, mas conseguir mesmo para o resto da vida, ou seja é sentir ver o aluno crescer em termos de conhecimentos, ou seja ele aprendeu aquilo não porque vai ter um teste, uma boa nota mas que sentiu prazer na descoberta em aprender aquilo, para mim isso é ser professor.

**- Que mudanças significativas no exercício da actividade ocorreram nas últimas décadas? Quais, foram, na sua opinião, as mais positivas? E as mais negativas?**

São todas negativas, porque há falta de autoridade, há falta de tempo, portanto são as horas desperdiçadas na escola para nada, é ter cada vez menos tempo para os alunos, é aquilo que sinto. Falando ao nível da filosofia, estou a ficar cada vez mais

desactualizada pelo grau de burocracia e de outras coisas que nos é pedido na escola, é horas para a biblioteca, horas para apoio e que os alunos não aparecem, horas de substituição, que vamos servir de amas e que não serve de nada, portanto todas essas horas podia estar a actualizar-me, a ler mas não tenho tempo. É toda esta carga horária na escola e depois vamos para casa e eu só tenho secundário, tenho muita coisa para corrigir e depois não dá.

Aspectos negativos – Mais burocracia na escola que nos é exigida, ficando os alunos mais prejudicados.

Não tenho nenhum aspecto positivo porque todas as ilusões, ao fim de 18 anos continuando contratada, não consigo ver nenhum aspecto positivo, tirando aquele prazer que tenho com os alunos. Neste momento encontro-me desiludida, não vejo uma luz ao fundo do túnel.

**- Quais os aspectos/situações em que sente mais dificuldade no exercício da profissão?**

Enquanto professora, acho que é mesmo a parte da insegurança a dois níveis, não estou a falar só da indisciplina mas segurança na continuidade do nosso trabalho, que estamos a dar aos nossos alunos que é algo que vai continuar e a situação de um contratado é sempre um ano que vai para o lixo, nós estamos a investir naqueles alunos e depois não vemos a continuidade, não sabemos o que é que vai acontecer.

**- O que considera ser mais compensador no exercício da actividade docente?**

É exactamente aquele prazer da descoberta dos alunos, a nível da filosofia, por exemplo é pensar numa aula e chegar lá e dar uma coisa completamente diferente, porque era aquilo que eles precisavam naquele momento, e eles aprenderam aquilo. Passados não sei quantos anos encontram-me e falam sobre esse momento (acontecimento). Posso ter cinco ou seis turmas, por exemplo do 10º ano em que o programa é o mesmo, o manual é o mesmo e o trabalho em sala de aula é completamente diferente.

**- O que é que o tem desapontado mais?**

Falta de autoridade do professor e indisciplina em sala de aula, falta de envolvimento das famílias, é tudo, burocracia a mais.

**- Sente-se emocionalmente compensado ou desiludido(a) no exercício da profissão? Por favor, justifique a sua resposta?**

Tenho pensado muito nisso, acho que se tivesse menos 10 anos, se calhar mudava, porque é assim nós temos que pensar que a vida muda. Esta instabilidade, acho que deu cabo de mim. Eu não estou desiludida em ser professora e estar desiludida com todas as medidas que foram tomadas.

**- Se pudesse, gostaria de exercer outra actividade que não a de professor? Porque razão?**

Para mim pessoalmente, para já os problemas informáticos, tivemos que nos adaptar a uma plataforma, eu não tinha formação no Moodle e foi tudo feito num dia, e portanto por um lado foi umas semanas de “arrancar os cabelos” mas depois criou-se aqui uma união fantástica, porque tínhamos que descobrir como aquilo se fazia, e fazíamos e descobrimos. Mas ainda há muita coisa na plataforma que desconheço, ainda não tive

tempo de aprofundar, essa foi a maior dificuldade depois para mim, essa questão do feedback e a questão de ter alunos no secundário que não sabem escrever, de ter turmas no secundário que trabalham com a internet e não sabem fazer uma pesquisa na internet, a única coisa que eles sabem é ir ao Google, por o tema e depois colarem tudo, e depois eu faço uma pergunta sobre o que isso quer dizer e tenho o silêncio do outro lado. É muito difícil ultrapassar, eles estão no secundário e eu não posso aceitar que eles me copiem respostas da internet sem saber o que isso significa e portanto para mim isso é o desafio, e eles se calhar não gostam muito, preferiam que fosse uma busca directa.

**- Comparativamente com o ensino presencial que desafios são colocados aos professores que trabalham no ensino a distância?**

Neste momento eu diria que é este, neste momento. Num outro dia uma colega minha perguntava se eu gostava de cá ficar e eu disse, bem, se no início me tivessem dito que isto iria ser assim eu tinha ido embora, porque foi muito doloroso no início, agora não, agora ficava com muito prazer e sobretudo por essas dificuldades tentar resolvê-las que é possível. Eu acho que este tipo de ensino tem pernas para andar e terá cada vez mais pernas para andar. Para o ano se ficasse cá, haveria uma série de coisas que já conseguia funcionar de outra forma, fazia de outra forma, por exemplo, há coisas tão fáceis como uma apresentação em PowerPoint, mas as minhas colegas dizem o que é que estás a fazer, de certeza que já tens isso, de facto tenho mas não está adaptado para estes alunos. A matéria é exatamente a mesma, mas eu tenho de fazer uma apresentação diferente, porque é diferente nós passarmos uma apresentação numa sala de aula presencial e explicar o que é aquilo e numa apresentação aqui que tem de estar lá tudo explicado ao pormenor, não é, é muito diferente.

**- Qual o tipo de ensino que considera mais favorável e compensador: o ensino a distância ou o que ocorre em contexto presencial? Por favor, justifique a sua resposta.**

Eu sempre me achei uma boa professora, exigente, nós dançamos consoante a música e portanto na maior parte das turmas, tirando um ou dois casos, eu sempre os consegui levar (autoritária, rígida e amiga). Eu sei que há alunos que ficaram a detestar-me e a odiar-me para o resto da vida, não há nada a fazer, e há outros que se tornaram nossos amigos, como por exemplo, uma das minhas melhores amigas foi minha aluna e portanto depende, eu acho que tento dar o meu melhor, acho que há alguns anos atrás tinha maior disponibilidade, mais tempo para ter ideias inovadoras, lembro-me de um ano em que dei o 10º ano de filosofia em conjunto com um colega de matemática e, então o tema das aulas era o futebol, eu consegui dar a volta mas para isso ao domingo à noite punha-me a ver um programa qualquer sobre desporto, não percebo nada de futebol mas foi a única maneira de conseguir chegar lá e o meu colega de matemática fez o mesmo, estava a dar estatística e também se punha a ver os jogos e fazíamos aquilo tudo e os miúdos aderiram de forma espectacular. Se fosse hoje, eu não tinha lá chegado porque eu não conseguia, a idade é diferente, a vida muda mas não há tempo, passo o dia todo na escola. Na escola onde eu estava passava 35 horas na escola, com reuniões, apoios, com isto ou aquilo (maior exigência no cumprimento de tarefas burocráticas; menor disponibilidade para a preparação das actividades lectivas).

## **Bloco 6 - Interação na sala de aula**

**- Numa aula presencial do ensino convencional observamos as interações dos alunos através de reacções, atitudes, gestos, expressões corporais e faciais que dão muitas indicações ao professor. Neste tipo de aulas à distância, como se processa a interação dos alunos com o professor?**

É assim, pelo tipo de resposta que eles dão, às vezes o tempo que eles demoram a responder, por exemplo, eu tenho uma aula no 11º ano, só tenho uma aluna, portanto já a conheço, ao princípio não conhecíamos, mas agora que já estamos quase no final do ano, já vamos conhecendo, eu vejo logo pelo tipo de actividade que lhe dou, se ela está ou não a perceber, não é preciso ela ir ao chat dizer-me que não está a perceber, eu vejo logo se ela demorou muito tempo. Aquilo que eu peço muitas vezes, quando dou uma apresentação, pergunto se têm dúvidas, não é logo a resposta, então antes de eu colocar as perguntas no fórum, começo a interagir com eles no chat perguntando algo sobre a apresentação, o que eles depois me respondem que afinal não perceberam tão bem o que estava (constava) na apresentação. Mas, geralmente coloco apresentações como ponto de partida, eles ficam muito zangados comigo ou ficavam, agora estão habituados, porque é que eu não abro o fórum e coloco lá as perguntas ao mesmo tempo, eles querem abrir a apresentação e as perguntas para responderem imediatamente, e depois numa apresentação sabemos mais ou menos quanto tempo eles demoram a ler aquilo como deve ser (a professora faz o contrário da maioria dos professores do EDI). Quando eles me aparecem imediatamente no chat, passado 1 ou 2 minutos depois a dizer: “a professora não põe perguntas no fórum”, já sei o que eles querem, eles querem estar a ler a apresentação e a responder ao mesmo tempo. Pronto, eu aí digo logo que não, porque é impossível eles já terem lido toda a apresentação. Nesta situação, solicito que voltem a ler a apresentação com mais atenção para melhorarem compreender o que lá está. Portanto, eles são muito espertos, é óbvio, são jovens e claro, estão em casa sem controlo, muitas vezes a fazer outras coisas ao mesmo tempo.

**- E entre os alunos?**

Sim, eu tenho a certeza absoluta, para além das conversas que eles vão tendo no chat, eles estão a comunicar em simultâneo no facebook ou noutra rede social. Às vezes há coisas que nós vemos que há respostas que são copiadas que não apareceram ali, porque eles não viram, porque é um fórum que é de pergunta/resposta, não viram a resposta do outro mas eles comunicaram uns com os outros. Apesar de pudermos aceder remotamente aos computadores dos alunos para vermos o que estão efetivamente a fazer, é impossível controlar isso, eles vão estar sempre a fazer isso, se os alunos no presencial conseguem estar a mandar mensagens por telemóvel dentro do bolso, portanto porque é que estes não vão estar.

**- Considera que é possível trabalhar as aprendizagens de competência sócio afectivas num ambiente de ensino a distância? Por favor, justifique a sua resposta.**

Considero que sim, mas é muito mais difícil, claro que é muito mais difícil e muito mais demorado, estamos a falar de um público muito especial, cultura muito própria, por exemplo, eu quando cheguei cá não sabia que os meninos das feiras não se davam com os meninos do circo, que havia aqui uma fricção/choque entre eles, nunca me passou pela cabeça que isso acontecesse. É possível mas é muito mais difícil.

**- Como caracterizaria a relação pedagógica que desenvolve com os alunos no ensino a distância?**

É difícil eu acho, por exemplo, quanto mais tempo eles vão ficando a ligação é muito mais forte, portanto eu noto com a Patrícia e a Andreia, que já cá estão há muitos anos, que já os conhecem, se calhar desde o 5º ano, portanto têm uma ligação afectiva muito grande. Com os professores que vêm de novo, eles costumam a fazer (estabelecer) essa ligação.

**- Essa relação é diferente daquela que constrói no ensino convencional?**

É, acho que é diferente, mas é capaz de ser, até às vezes por um lado, é como eu digo, para quem está cá há mais tempo ser mais forte. Em contexto presencial cria-se uma empatia directa entre professor e aluno, às vezes acontece na sala de aula, e que aqui é difícil ou pelo menos, eu por mim não sei, porque eu gosto muito de olhar as pessoas nos olhos e aqui não consigo, portanto eu dependo da palavra deles, porque uma coisa que faço muitas vezes é brincar, brinco muito, aquela ironia na sala de aula e aqui (mesmo à distância), eles não percebem que eu estou a brincar. No princípio tive que mudar a minha atitude, tudo o que era brincadeira eles levavam a sério, aquela interacção é completamente diferente.

**- No ensino a distância, verificam-se situações de indisciplina por parte dos alunos?**

Eu acho que sim, mas que são completamente diferentes dos nossos alunos presenciais. Por exemplo, eu tenho um aluno do 10º ano que ainda não fez nada, nenhum módulo mas ele vai a todas as aulas, mas tudo o que é trabalho não faz, pode responder uma ou duas vezes no fórum se for para ir à apresentação buscar a resposta e depois se eu o chamo à atenção, ele fica extremamente ofendido e consegue destabilizar a aula (através da forma como comunicam por escrito, a utilização de maiúsculas para advertir/chamar a atenção dos alunos). O aluno não é mal-educado ao nível de asneiras mas ao nível do tratamento é, “não fale assim comigo”, e se eu utilizo as maiúsculas para o chamar à atenção, começa-me logo a dizer “não grite comigo, nem a minha mãe grita comigo”, portanto temos aqui um nível cultural dos alunos que também não é extamente..., não percebe que eu preciso de gritar com ele, preciso de o chamar à atenção porque ele não está a agir correctamente, tem que trabalhar.

**- Como é que costuma solucionar essas situações de indisciplina?**

Para solucionar casos de indisciplina, como o referido, a tutora também fala com os pais, a fim de tomar conhecimento do sucedido e colaborar na resolução do mesmo. Agora a atitude de se pegarem uns com os outros ou de serem mal-educados comigo, não, não tive.

Entre os alunos não, a não ser aquelas fricções entre os do circo e os feirantes.

**- Em que medida é que os mesmos afectam o processo de ensino e aprendizagem em que desenvolve o projecto EDI?**

Eu acho que no secundário não afectam nada. Por exemplo, este aluno sobre quem eu contei a história, no dia seguinte ou na aula seguinte, ele já está com um sorriso, aos beijinhos, são muito meigos, precisam de mandar beijinhos no final da aula, bem como receber beijinhos nossos, porque senão ficam tristes, magoados.

## **Bloco 7 - Gestão e implementação do currículo escolar**

### **- No contexto de ensino a distância, sentiu dificuldades/constrangimentos na implementação do currículo? Em caso afirmativo, identifique-as?**

Eu tenho uma situação diferente das minhas colegas, é secundário e é profissional e portanto para além disso reduziram o meu horário em relação ao ano passado, o número de horas que eu tenho de leccionar os blocos era impossível, era preciso o milagre da multiplicação dos peixes, neste caso das horas para conseguir dar os módulos todos. A nível das disciplinas, também estou a dar uma disciplina que não tem a ver com a minha área, que é Publicidade. Eu sinto dificuldade porque eles não sabem ler, eu tenho que adaptar o currículo a eles mas há coisas que eu considero indispensável e que não consigo passar por cima, não consigo passar por cima de um aluno que eu dê um texto de 4 ou 5 linhas e ele não me consiga chegar à ideia essencial do texto. Portanto, eles estão adaptados à plataforma que tem uma série de sistemas e exercícios e aquilo é como se fosse um jogo, as minhas disciplinas são muito teóricas, como são teóricas eu não posso fazer isso. Se na Psicologia, eu estou a dar a teoria de Piaget ou Freud, não posso pôr as coisas daquela forma, portanto eu tenho que dar uma explicação, coloco uma apresentação e tudo o que implique um bocadinho de esforço da parte deles, eles não conseguem dar, estou a falar do 10º ano. No 11º e 12º ano não, conseguiram, eu acompanhei duas PAP, eles trabalharam muito bem, uma saiu com 17 ou com 18, muito bom mas ao nível, estou a falar sobretudo a nível do 10º ano, portanto as minhas dificuldades situam-se sobretudo no 10º ano e aí é difícil, portanto é aquela dificuldade de passar do básico para o secundário e depois neste sistema de ensino é mais difícil.

### **- Que potencialidades identifica neste contexto de ensino e aprendizagem a distância? E as desvantagens?**

No projecto EDI, na minha opinião não devia funcionar o profissional, porque se fosse o ensino normal podia ser mais difícil nalgumas disciplinas, seriam mais difíceis mas nós podíamos adaptar o currículo a estes alunos, não é, enquanto que no profissional, os programas não são iguais, há coisas que nós não conseguimos, para mim se o ensino fosse o regular, seria melhor para eles.

### **- No Projecto EDI, as suas práticas pedagógicas foram alteradas? Em caso afirmativo, de que forma?**

São muito diferentes. É assim, eu funciono sobretudo ao nível das apresentações, portanto foi o meio de eu chegar aos alunos, e a minha principal preocupação não é nas tarefas que vou pôr a seguir, até porque a realização de tarefas é bom para os alunos que faltam e depois vem fazer as tarefas por não terem estado presentes. Eu não tenho grandes problemas de faltas, os alunos raramente faltam, o meu problema é eles estarem na aula e perceberem que têm, novamente no 10º ano; de fazer e fazer bem. Portanto a minha dificuldade, e a metodologia que tento utilizar é tentar que eles percebam efetivamente o que lá está.

**- Que tipo de trabalho é, habitualmente, realizado na componente não lectiva pelos professores? (Como por exemplo: planificações das actividades a desenvolver na disciplina; definição e aferição de critérios de avaliação; análise dos resultados escolares entre outros. Quais?)**

Depende de escola para escola, esta escola não massacra muito os professores, eu tinha na componente não lectiva biblioteca, que me foi retirada para dar apoio à PAP, pronto, e depois tenho as horas, que ao contrário das minhas colegas, que tem o trabalho assíncrono na componente lectiva (não lectiva), elas tem 22 horas lectivas mas 3 delas são de trabalho assíncrono, as minhas são 22h normais mais 3 de trabalho assíncrono, o que me dá muito mais trabalho, implica mais uma turma, isso tudo. As planificações foram feitas normalmente como no ensino regular, foram entregues ao departamento e estão cá, depois o trabalho que tenho é o mesmo de preparação de aulas. Aqui há uma grande diferença na preparação das aulas, eu no ensino presencial se não tiver tempo de preparar uma aula não preciso, porque eu sei qual é o tema e sei bastante daquilo para chegar lá e dar a aula, aqui a aula tem de estar posta na plataforma antes dela começar, eu não posso dizer logo vejo o que é que vou dar, eu tenho que ter qualquer coisa lá (plataforma), pronto, seja uma pesquisa, seja uma apresentação, portanto ao nível de preparação de aulas é muito mais exigente.

**- Como é que são avaliados os alunos do Projecto EDI?**

Eles são avaliados pela participação no fórum, no chat, nos trabalhos que eu dou e nos testes, mas uma participação com qualidade. Mas também tenho que dizer que eles têm feito todos os módulos, tirando esses 2 alunos que não fazem porque não querem, porque não respondem, mesmo os mais fracos com a nossa ajuda, eles vão tentando e vão fazendo.

### **Bloco 8 - Tutoria**

Não é tutora

### **Bloco 9 - Relação com os Encarregados de Educação**

**- Como é que se processa a comunicação dos professores/Tutor com os encarregados de educação?**

Tudo o que preciso de falar com os encarregados de educação, eu acho que as coisas têm de ser pela via normal e portanto dou o recado aos tutores.

Nunca entrei em contacto com os pais, tirando na altura das inscrições em que eles vieram cá.

Eu acho que é como tudo, aí é igual ou seja há pais interessados e outros não, tal como no presencial.

### **Bloco 10 - Agradecimentos**

- Agradecer a participação, colaboração e disponibilização do entrevistado.

## *Entrevista ao professor E4*

### **Bloco 2 - Caracterização sócio demográfica**

**- Género, Idade;**

Feminino, 31 anos

**- Habilitações académicas (Licenciatura, Pós-Graduação, Mestrado, Doutoramento);**

Licenciatura

**- Área de estudos da formação inicial (Ciências Exactas, Ciências Sociais e Humanas, Línguas e Literaturas, Belas Artes, Outra)?**

Ciências Exactas - Matemática

**- Qual é a sua situação profissional? (Efectivo, Efectivo em quadro de zona pedagógica ou Contratado)**

Contratado

**- Refira, por favor, os seus anos de serviço?**

Desde o ano lectivo 2005/2006 (mais ou menos 6 anos)

**- Há quanto tempo (número de anos) é que participa no projecto EDI?**

Este ano lectivo, desde Setembro de 2011

**- Indique, por favor, a (s) disciplina (s) que lecciona no Projecto (EDI)?**

Matemática no 3º ciclo e secundário, estudo acompanhado e tutoria

**- Neste ano lectivo apenas lecciona no Projecto EDI?**

Sim, Horário completo no Projecto EDI (22 horas)

**- Como é que foi seleccionado para trabalhar neste projecto?**

Colocação em regime de concurso nacional. Fiquei colocada na Escola Secundária Fonseca Benevides no dia 12 ou 13 de Setembro, sem saber para onde vinha e sem saber o que iria fazer. Inicialmente não percebi muito bem, confesso, cheguei à Direcção, apresentei-me e disseram-me:” colega este é o seu horário e aqui nas horas da biblioteca é que vai ver alunos”, não percebi, explique lá isso melhor. Mas depois falaram-me que seria através da plataforma Moodle, eu tinha tido uma formação no ano anterior e pensei que não seria complicado. Não tinha noção deste tipo de ensino sem realmente começarmos a trabalhar.

### **Bloco 3 - Representações sobre o Projecto EDI e o ensino regular (presencial)**

#### **- Qual a diferença entre leccionar numa escola convencional (presencial) e ensinar através de um contexto de ensino a distância?**

Eu acho que acima de tudo é mesmo a distância, a distância em relação aos alunos, a tudo, não poder chegar até aos alunos, contacto físico. A minha disciplina tem à partida já um handicap, que é a maior parte dos alunos já diz que não gosta de matemática à partida e eu normalmente consigo ganhá-las com empatia, coisa que aqui é difícil de estabelecer através do chat, alguns alunos que até conseguem perceber, mas por exemplo as brincadeiras, a maior parte não conhece, não consegue perceber, porque perde-se aquela parte da empatia, perde-se.

#### **- Comparativamente com o ensino presencial (convencional), na sua opinião quais são as vantagens de leccionar no Projecto EDI? E as desvantagens?**

Vantagem é os alunos puderem repetir a aula as vezes que precisarem, porque eles podem ver as apresentações as vezes que precisarem, eles podem ver o que foi dito no chat pela professora as vezes que precisarem, porque têm acesso a todos os materiais, logo eles podem fazer a aula as vezes que quiserem, podem tentar realmente se estiverem empenhados, têm essa vantagem.

A desvantagem, acho que é mesmo o contacto com o professor, que se tiverem dúvidas é difícil muitas das vezes coloca-las de forma compreensível, é difícil para mim explicar-lhes às vezes, colocar-me na situação deles e ao mesmo tempo eles conseguem explicar qual a dúvida deles. Mas às vezes conseguem-me surpreender, as coisas que às vezes eu acho, isso é quase impossível de perceber porque mesmo presencialmente isto é um bicho-de-sete-cabeças, eles conseguem lá chegar, surpreendem-me e conseguem chegar lá. Outra das coisas que às vezes no presencial são muito simples, normalmente a parte visual é muito fácil de colocar à distância, há uma grande dificuldade em conseguir perceber onde é que eles vão ter dificuldades, porque com uma apresentação em PowerPoint no presencial, nós conseguimos explicar com voz e se olharmos para a cara deles percebemos se eles estão ou não a entender e explicamos de outra forma e damos atenção aquele pormenor, eles lá não têm essa vantagem (ensino a distância).

Para compensar coloco as apresentações em PowerPoint sempre acompanhadas no chat, tento sempre que eles tenham a apresentação e o chat visível para poder ir acompanhando com eles, slide a slide, explicar e tentar ter o feedback deles, tento simular o mais possível o presencial para que eles consigam.

#### **- É mais fácil ou mais difícil ensinar através de um contexto de ensino a distância?**

A vantagem que tem é que quando vou dar uma aula já está pronta, no presencial não, vai sendo construída durante os 90 minutos. A desvantagem é que como eu gosto do contacto humano, o contacto directo com os alunos, sempre foi a coisa que eu mais gostei, senti eu bocadinho a falta daquele, de mexer com eles, de provoca-los, de lidar com eles. Em termos profissionais, eu acho que não é mais difícil de leccionar neste tipo de ensino porque eu tenho alguma facilidade em termos de utilizar a plataforma Moodle, não foi propriamente uma barreira, portanto ser mais fácil ou mais difícil acho que são duas vertentes diferentes mas que são perfeitamente atingíveis. Em termos de feedback, aquilo que recebo eu gosto mais do presencial, confesso, mas ao mesmo tempo estes alunos acabam por conseguir, alguns conseguem dar-nos algum feedback ou porque a meio da aula dizem: “professora, estou a perceber, estou a gostar, afinal isto

não é assim tão complicado” ou pelo contrário dizem: “professora, não consegui perceber nada disto”, mas conseguem transmitir também o sentimento deles, é possível.

**- Prefere leccionar no Projecto EDI ou no ensino presencial/regular? Porque razão?**

São duas vertentes tão diferentes que é complicado. É difícil conseguir separar, são duas realidades muito diferentes, mas estou a gostar da experiência. Do presencial gosto, lecciono há mais tempo e aqui estou a gostar da experiência ao contrário do que inicialmente pensei que poderia ser, estou a gostar da experiência.

**Bloco 4 - Problemas/Constrangimentos do Projecto de Ensino a Distância para a Itinerância**

**- Que problemas ou constrangimentos identifica neste tipo de ensino?**

Essencialmente é a distância que provoca ali uma barreira muito grande chegar até aos alunos, acho que se porventura pudesse dar aulas com pelo menos o som em tempo real, seria uma mais-valia para os alunos. Ter som em tempo, para ter o feedback imediato para poder chegar até eles, para eles ouvirem a voz, para ter mais contacto humano, acho que a falta de som quebra ali um bocadinho, por mais que eu possa colocar som nas apresentações é diferente, é mais frio.

**- Como se tem mobilizado o Projecto EDI para os (tentar) resolver?**

Às vezes tento telefonar para poder chegar até eles em tempo real com som e tentar desbloquear a situação ou tentar que eles me voltem a colocar a questão e voltar a tentar explicar, porque nem sempre é possível telefonar-lhes, nem sempre é possível estar em tempo real.

**Bloco 5 - Exercício do “ofício” de professor (concepções de professor)**

**- O que é que o(a) levou a ser professor(a)? (Por exemplo: influência de familiares, amigos e/ou professores; Vocação, estatuto social, remuneração, não ter outra saída)**

Eu venho de uma família de classe média/baixa e não tinha contacto nenhum com o sistema de ensino de parte nenhuma da família, mas segundo me recordo e a minha mãe confirma, eu desde que entrei para o 1º ano decidi que queria ser professora de matemática, a minha mãe costuma dizer que eu cheguei à escola, olhei para o quadro e apaixonei-me pelos números, a matemática sempre foi uma disciplina que tive sempre facilidade e sempre gostei de ajudar os meus colegas, de lhes explicar, de desbloquear aquela linguagem que nem sempre nos apercebemos, que não chega aos alunos e tentava sempre desbloquear e sempre gostei disso, numa perspectiva mais de professora formadora do que outra profissão qualquer. Não consigo neste momento ver-me noutra profissão onde me sinta tão satisfeita (por vocação).

**- Na sua opinião, o que caracteriza o “ofício” de professor (actividade de professor)?**

Formador de pessoas acima de tudo, formador da sociedade acima de tudo, mais do que professora de matemático acho que sou formadora de pessoas.

**- Que mudanças significativas no exercício da actividade ocorreram nas últimas décadas? Quais, foram, na sua opinião, as mais positivas? E as mais negativas?**

Sim acho que ocorreram, nem sei explicar muito bem, acho que o professor, a imagem do professor foi descredibilizada completamente, o professor neste momento não tem autoridade, a educação passou para as escolas e não para as famílias, deixou de estar na família e passou para as escolas quase completamente e, o professor neste momento é um “entretainer” quase. Para as famílias, o professor toma conta (aspectos menos positivos: falta de autoridade, o professor como um “entretainer”, o professor educador). Aspectos positivos - Na minha área acho que à falsa imagem que se tentou facilitar o ensino da matemática, tentou-se dar mais ferramentas mas esqueceram-se do essencial, a matemática não tem que ser bonita, tem que ter esforço, ponto final, não tem que ser com florezinhas, nem com quadros interactivos em excesso, por vezes à situações em que tem vantagens mas não pode ser sempre (utilização das tecnologias)

**- Quais os aspectos/situações em que sente mais dificuldade no exercício da profissão?**

A indisciplina, situações de indisciplina que são cada vez mais frequentes, que exigem cada vez mais do professor, não há formação que nos valha, na situação em que estamos perante o aluno, perante uma turma indisciplinada, ou conseguimos ou não conseguimos, não há formação de base que nos valha, não há teorias da educação que seja que valha naquele momento, naquele momento ou conseguimos ou não resolver, às vezes dou comigo a ter atitudes que acho que os formadores, os professores de psicologia iriam achar aquilo uma barbaridade, mas funciona. Acho que se o professor não tiver, não gostar daquilo que faz mas consegue resolver o que quer que seja, neste momento ou é por vocação ou por gosto que não se desiste.

**- O que considera ser mais compensador no exercício da actividade docente?**

Ter alunos que me dizem professora não percebo nada de matemática, não consigo fazer nada na matemática, sou burro a matemática, como já ouvi e chegar ao final do 1º mês, dois meses, e ouvir: ”professora isto até nem é tão difícil”, acho que é mesmo o feedback dos alunos, ou então, já tive alguns alunos que me disseram: “professora eu não percebo nada de matemática, a professora até se esforça mas continuo sem perceber nada de matemática mas até gosto de cá estar”. O gostar de aprender, de ter curiosidade, nem que seja só de estar lá, gosto de estar lá, porque alguns, reconheço, que nem todos temos vocação para a matemática, para alguns é realmente um bicho-de-sete-cabeças e o cérebro não consegue perceber aquilo. Eu apanho-os no 3º ciclo, portanto, ao fim de 6 anos de ensino, é que aquilo foi um bloqueio e é difícil de desbloquear e normalmente como só estou 1 ano em cada escola, só os apanho durante 1 ano é difícil num ano conseguir obter resultados, o que eu lhes digo às vezes é que tem de se esforçar se até gostam das aulas, e lhe digo para tentarem este ano para que para o próximo ano seja mais fácil, façam um esforço este ano porque provavelmente para o ano é que vão ver os resultados, não lhes vou iludir com resultados a curto prazo, porque na matemática os resultados a curto prazo são muito difíceis de obter.

**- O que é que o tem desapontado mais?**

A nível do ministério da educação, das novas políticas da educação acima de tudo, apesar de os alunos serem difíceis, apesar de serem mal-educados, terem falhas

gravíssimas ao nível da falta de respeito pelos professores, acho que o que realmente mais me entristece é o não ver o reconhecimento a nível superior, é mais por aí.

**- Se pudesse, gostaria de exercer outra actividade que não a de professor? Porque razão?**

Não faço ideia, fosse o que fosse teria que ser lidar com pessoas porque é realmente aquilo que eu gosto de fazer, lidar com pessoas.

**- Comparativamente com o ensino presencial que desafios são colocados aos professores que trabalham no ensino a distância?**

É o desafio de tentar chegar a alguém que esta a uma distância inatingível, é mesmo esse, é o tentar criar num aluno que esta completamente à distância uma empatia, é mesmo o mais difícil, mas é possível.

**- Qual o tipo de ensino que considera mais favorável e compensador: o ensino a distância ou o que ocorre em contexto presencial? Por favor, justifique a sua resposta.**

Os dois têm vantagens, mas o presencial é mais próximo, é mais rápido, o feedback é mais rápido, é imediato, à distância lá está, até pela distância o feedback demora mais tempo mas é possível, acaba por compensar porque senão neste momento teria completamente insatisfeita e com vontade de “cortar os pulsos”.

**- Que imagem tem de si próprio(a) como professor(a)?**

Não sei, não faço ideia mas acho que sou rígida quando é preciso, porque há alturas em que é preciso realmente ser agressiva, sou rígida a impor mas tento sempre levá-los de uma forma mais, até porque lido mais com adolescentes, que é uma fase da vida em que eles gostam de questionar a autoridade dos professores, dos pais, de toda a gente, então tento levá-los de outra forma, que é o explicar o porquê da situação ser assim, quando não funciona dessa forma, é assim, é assim porque acabou. Tento equilibrar um bocadinho as duas coisas, não ser demasiado benevolente nem ser demasiada autoritária.

## **Bloco 6 - Interacção na sala de aula**

**- Numa aula presencial do ensino convencional observamos as interacções dos alunos através de reacções, atitudes, gestos, expressões corporais e faciais que dão muitas indicações ao professor. Neste tipo de aulas à distância, como se processa a interacção dos alunos com o professor?**

Consegue-se mas demora-se um bocadinho mais a perceber-se a personalidade de cada um, como é óbvio, mas consegue-se perceber através da forma como eles me respondem, já diz muito, só que isso, só nos apercebemos ao fim de mais tempo do que no presencial. Portanto lá esta demora sempre mais tempo, mas começamos a perceber, há alunos por exemplo que nós conseguimos perceber que são mais recatados, mais contidos, só respondem sim ou não diretamente à questão que é colocada, há alguns que respondem menos mas até vão fazendo os trabalhos, porque são tímidos, porque são tímidos mesmo, à distância também existe uma timidez. O que é que é importante para perceber isso é professores que têm mais experiência nisso e, a Andreia e a Patrícia

foram essenciais na transmissão do conhecimento que tem sobre os alunos, os conhecimentos prévios de outros professores são importantíssimos para diminuir este tempo de percepção de como é o aluno, porque acho que é importante nós conseguirmos chegarmos até eles de uma forma eficaz e logo no início, porque principalmente na minha disciplina, porque se eles começam a desistir logo, porque é muito fácil, se não conseguir chegar até eles desistem muito rápido e depois de desistirem é muito mais difícil de voltar a cativá-los (importante experiência e conhecimentos sobre os alunos dos professores que trabalham com estes alunos há mais tempo).

Quando um aluno é introvertido como é que consegue ter essa percepção?

É possível, temos a mais-valia dos tutores que é o professor que está mais próximo dele, à sempre um professor mais próximo com quem eles se podem abrir. O facto de os professores estarem reunidos no mesmo espaço (sala), também permite saber de imediato, através do respectivo tutor, o que é que se passa com o aluno ou perceber porque é que esse aluno não esta em sala de aula ou a responder/participar na sala. Ao recorrermos ao tutor desse aluno, por exemplo, sabemos de imediato se existe algum problema com esse aluno ou se é por questões técnicas, como por exemplo, se a internet está lenta devido ao local onde o aluno se encontra, percebemos o que é que se passa efetivamente com esse aluno.

Mas acho que o facto de os alunos a quem eu consigo chegar mais são aqueles que consigo vê-los fisicamente, ou porque vem cá porque estão perto ou porque vêm a uma actividade aqui na escola, a esses alunos acabo por agarrá-los mais um bocadinho. Sempre que os alunos estejam por perto do local onde nos encontramos tentamos sempre que eles venham cá para se sentirem integrados na comunidade escolar.

O contacto físico é muito importante na relação pessoal que estabelecemos depois no dia-a-dia escolar, porque já não é o professor que tem uma fotografia, é uma pessoa física, uma pessoa com quem eles têm alguma afinidade ou não. Mas essa relação é possível estabelecer à distância, mesmo sem eles virem cá (escola), porque eles conhecem-se uns aos outros e transmitem a empatia que tem por um professor ou outro.

**- Considera que é possível trabalhar as aprendizagens de competência sócio afectivas num ambiente de ensino a distância? Por favor, justifique a sua resposta.**

Sim. Lá está, acaba sempre por ser diferente do presencial mas, por exemplo, há uma coisa que eu dou comigo a fazer que é mandar beijinhos para toda a gente no final da aula. Pedagogicamente conseguimos formar enquanto alunos, claro, dar-lhes a aula e formá-los enquanto pessoas, porque existem também conflitos no chat como existem em sala de aula. É possível mas mais demorado, diferente, com características diferentes mas é possível.

**- Essa relação é diferente daquela que constrói no ensino convencional?**

Sim

**- No ensino a distância, verificam-se situações de indisciplina por parte dos alunos?**

Sim existem. A resolução dos conflitos é diferente, porque a figura do professor, a figura física não está lá, mas eles acabam por respeitar quando o professor diz: “agora não, acabou a discussão, não quero saber, ninguém tem razão, vamos acabar por aqui, fica por aqui a conversa (situações de indisciplina sucedem no chat). Esta indisciplina é

visível através da utilização de palavras menos agradáveis, apesar de não serem mal-educados (utilização de expressões desrespeitosas), às vezes sucede mas não são tão frequentes como no presencial os casos de indisciplina, existem mas não são tão frequentes e não são tão graves, acabam por não ser tão graves porque a distância também quebra ali um bocadinho, como não convivem tanto uns com os outros não há aqueles atritos que vem do intervalo, mas às vezes quando misturamos alunos circenses com alunos feirantes existe alguma picardia intrínseca, porque tem a haver com as famílias que não se dão (entendem) e às vezes à ali picardias, mas o professor consegue resolver essa situação.

**- Como é que costuma solucionar essas situações de indisciplina?**

Um bocadinho como no presencial, portanto às apalpadelas, tentando falar com eles no sentido de não permitir esse tipo de conversa em sala de aula. Quando não funciona, ou seja, quando o aluno não acata as ordens do professor, portanto a autoridade do professor é expulso da sala de aula como numa aula normal, portanto é expulso do chat. É uma situação extrema como na sala de aula, sair da sala de aula é uma situação extrema. Primeiro tentamos solucionar a situação de indisciplina no chat e caso não se consiga, por telefone. Quando se telefona, muitas das vezes recorremos aos encarregados de educação para advertir o seu filho, se a situação se justificar é logo na hora, portanto temos a vantagem de telefonar logo aos pais e comunicar-lhes que o filho está a ser mal-educado no chat e o pai (encarregado de educação) pode ver o que aconteceu, a conversa fica registada, tudo o que aconteceu fica registado e pode ser visto posteriormente.

Caso estas medidas não resultem, aí o aluno é expulso do chat (situação extrema)

**- Em que medida é que os mesmos afectam o processo de ensino e aprendizagem em que desenvolve o projecto EDI?**

Se numa aula, tal como no presencial, houver casos de indisciplina, vão estar a prejudicar o tempo de aula, vai-se estar a perder tempo com essa situação, prejudica em termos de aproveitamento da aula. O aluno que tiver interessado pode sempre compensar com trabalho fora da aula, mas prejudica também.

**Bloco 7 - Gestão e implementação do currículo escolar**

**- No contexto de ensino a distância, sentiu dificuldades/constrangimentos na implementação do currículo? Em caso afirmativo, identifique-as?**

Sim, porque acho que o tempo que os alunos precisam é maior, eles precisam de mais tempo para trabalhar um determinado conteúdo, é preciso mais tempo, é preciso dar-lhes mais tempo e acaba por não haver forma de eles trabalharem tanto, como é à distância o tempo de chegada da informação, quer queiramos quer não, o aluno tem que trabalhar sozinho e por mais que o professor esteja lá para apoiar, há coisas que o aluno tem que fazer sozinho e este processo demora mais tempo a ser executado, logo se demora mais tempo é difícil de cumprir o programa, eu acho exactamente por isso, sendo o currículo o mesmo. Tudo demora mais tempo porque tudo depende do aluno, a bola está mais do lado do aluno, o aluno tem de trabalhar mais, de forma mais autónoma, tem de ter um empenho maior do que o do presencial.

**- Que potencialidades identifica neste contexto de ensino e aprendizagem a distância? E as desvantagens?**

Uma das potencialidades é mesmo o aluno ter a aula disponível a qualquer hora e em qualquer momento, pode fazer a aula em qualquer momento, refazer a aula as vezes que forem necessárias, ele pode repetir a aula as vezes que forem necessárias até conseguir perceber e, se ainda não perceber pode comunicar ao professor de uma forma mais eficiente do que no presencial, enquanto que o aluno que se tem que expor fisicamente perante o professor pode não ser em sala de aula porque nem sempre precisa, pelo menos dou espaço para o aluno se quiser falar comigo sozinha, mas aqui pode mandar uma mensagem a qualquer hora do dia ou a qualquer hora da noite e expor as suas dúvidas e como nós temos que fazer muito trabalho fora do tempo de aula (plataforma), acabamos por estar mais disponível para os alunos e na hora se o aluno colocar uma dúvida, eu não sou capaz de dizer que não, de não lhes responder. No presencial são só aqueles 90 minutos, apesar de alguns alunos também já usarem as novas tecnologias, como o mail, para comunicarem comigo quando precisarem mas não usam tanto, não acham que seja vantajoso, estes acabam por usufruir mais disso.

Desvantagens – Acima de tudo a distância

**- No Projecto EDI as estratégias metodológicas adoptadas no ensino a distância para a aquisição das aprendizagens indicadas no currículo nacional são diferentes às utilizadas no ensino regular (presencial)? Em caso afirmativo, indique algumas dessas estratégias?**

São um bocadinho adaptadas porque são mais com recurso às novas tecnologias, por exemplo, eu não pensava no presencial colocar um vídeo numa resolução de um exercício, eu explico o exercício na hora, é o que acontece, essa minha explicação é na hora e passa, mas à distância nós utilizamos uma metodologia diferente que é pôr uma apresentação com a resolução, pôr um vídeo se for necessário e o aluno revê o vídeo, pára e volta atrás, portanto uma metodologia mais baseada nas novas tecnologias enquanto que na outra (presencial) é mais baseada na figura do professor.

**- No Projecto EDI, as suas práticas pedagógicas foram alteradas? Em caso afirmativo, de que forma?**

Sim, recorrendo mais às novas tecnologias

**- Que tipo de trabalho é, habitualmente, realizado na componente não lectiva pelos professores? (Como por exemplo: planificações das actividades a desenvolver na disciplina; definição e aferição de critérios de avaliação; análise dos resultados escolares entre outros. Quais?)**

Sim, e muitas das vezes é o reposicionarmos, o tentarmos ver, não isto não está a funcionar, tal como no presencial, vamos tentar uma estratégia nova, falamos uns com os outros, tentamos ver estratégias novas, planificar, replanificar, recalcular. O trabalho sempre que possível é realizado em conjunto com outros professores mas é difícil pedir a um professor do presencial para colaborar no ensino a distância, porque as realidades são diferentes. A planificação é igual à do departamento de matemática mas ajustada a este tipo de ensino. Participo nas reuniões de departamento, vou a todas as reuniões (planificação é discutido e elaborada em departamento mas reajustada a este tipo de ensino).

### **- Como é que são avaliados os alunos do Projecto EDI?**

São avaliados com critérios de avaliação específicos, claro, ajustados ao facto de estarem à distância mas são avaliados com qualquer aluno. Existem testes como no presencial, fichas de trabalho como no presencial, há exercícios na aula como no presencial, tudo é medido, aqui a vantagem que temos é que tudo é mais facilmente quantificada, porque tudo fica registado, toda a participação do aluno fica registada, não depende só da percepção do professor, fica tudo registado, logo é tudo mais facilmente quantificado. Portanto os instrumentos são semelhantes à do utilizado no ensino presencial, embora o peso seja diferente.

## **Bloco 8 – Tutoria**

### **- Como é que funcionam as aulas de tutoria?**

A tutoria funciona para tentar muitas vezes colmatar o facto de eles estarem à distância e de não poderem estar na aula porque podem ter que faltar por razões, de facto de estarem em itinerância ou de várias situações, funciona para compensar um bocadinho isso, funciona para estabelecer uma relação mais próxima, é o professor que tem mais autoridade de lhe dizer: “olha tu não estás a trabalhar a disciplina x, y e z, o professor da disciplina y disse-me que não fizeste a aula, então o que é que se passou”, é o que cria uma ligação mais próxima com o aluno, é o que fica responsável pelo aluno e a quem o aluno de certa forma acaba por reconhecer mais autoridade.

### **- Qual é a função do tutor?**

Tutoria em plena, é aquele professor que sabe o que se passa com o aluno, é a quem o encarregado de educação recorre, é mais do que o director de turma porque às vezes acabamos por saber mais da vida deles do que o director de turma, porque estamos ali, podemos estar sozinhos com eles porque temos as mensagens internas, temos um fórum específico fechado, vedado aos restantes alunos, onde o aluno pode expor-se, pode falar e pode comunicar tudo. Normalmente cada turma tem dois tutores, dependendo do tamanho (dimensão – total de alunos) da turma.

### **- Neste tipo de ensino, considera importante a figura do tutor? Por favor, justifique a sua resposta.**

É porque eles precisam de uma ponte de ligação de alguém mais próximo deles, com quem eles possam conversar à parte, de eles poderem comunicar com quem trabalham mais, é importante.

### **- Os seus alunos costumam contactá-la/lo para tirarem dúvidas, pedir-lhe ajuda para os trabalhos ou outra situação depois das aulas?**

Sim para desabafarem, ou porque estão chateados ou porque tiveram uma situação complicada numa aula. Cada tutor tem um telefone para que em qualquer altura os tutorandos possam comunicar com ele. A comunicação entre tutor e tutorando é feita por telefone, mensagens internas ou no fórum da tutoria (plataforma) para cada um dos alunos em particular (é confidencial e daí a relação mais próxima).

### **- E que tipo de assuntos/situações é que normalmente abordam?**

Muitas das vezes por questões pessoais e questões relacionadas com a escola, metade umas e metade das outras.

## **Bloco 9 - Relação com os Encarregados de Educação**

### **- Como é que se processa a comunicação dos professores/Tutor com os encarregados de educação?**

É mais por telefone e entre o tutor e o encarregado de educação. O professor que não seja tutor pode também comunicar com os pais mas normalmente passa sempre pela figura do tutor, porque o tutor é a pessoa que está supostamente mais próxima do encarregado de educação.

### **- Com que regularidade é que professores/tutor contacta com os encarregados de educação?**

Sempre que necessário, aqui não existem reuniões presenciais mas há uma comunicação regular ao encarregado de educação e acaba até por ser mais próximo porque o encarregado de educação telefona a dizer o que se passa com o seu filho, como por exemplo, a justificação da ausência do seu filho às aulas, contrariamente ao meio usado no ensino presencial que normalmente é através da caderneta do aluno. Portanto, nós estamos mais próximo do encarregado de educação. A avaliação dos alunos é comunicada, preferencialmente por telefone apesar de ser igualmente enviada por escrito, estando estes pais mais cientes da situação escolar do aluno, obviamente como sempre se quiserem, porque se não valorizarem nós também não conseguimos chegar lá. Mas acaba sempre por estar mais próximo, é mais imediato o aluno falta, nós telefonamos logo a perguntar o porquê da ausência do filho à escola.

### **- Quais os motivos/situações principais desses contactos? Os pais ligam para a escola por sua iniciativa?**

Também para saber da situação escolar do aluno. Acho que tal como no presencial é difícil, a não ser que seja um pai muito preocupado, mas temos poucos casos desses.

## **Bloco 10 - Agradecimentos**

- Agradecer a participação, colaboração e disponibilização do entrevistado.

## *Entrevista ao professor E5*

### **Bloco 2 - Caracterização sócio demográfica**

**- Género, Idade;**

Feminino, 32 anos

**- Habilitações académicas (Licenciatura, Pós-Graduação, Mestrado, Doutoramento);**

Licenciatura em Ensino (Mestrado em ensino)

**- Área de estudos da formação inicial (Ciências Exactas, Ciências Sociais e Humanas, Línguas e Literaturas, Belas Artes, Outra)?**

Belas Artes. Professora do ensino básico na variante de EVT

**- Qual é a sua situação profissional? (Efectivo, Efectivo em quadro de zona pedagógica ou Contratado)**

Contratado

**- Refira, por favor, os seus anos de serviço?**

Há 10 anos, desde 2002

**- Há quanto tempo (número de anos) é que participa no projecto EDI?**

Este ano lectivo, desde Setembro de 2011

**- Indique, por favor, a (s) disciplina (s) que lecciona no Projecto (EDI)?**

EVT no 2º ciclo, 5º e 6º ano e EV no 7º ano, tutoria, formação cívica e directora de turma.

**- Neste ano lectivo apenas lecciona no Projecto EDI?**

Horário completo no EDI

**- Como é que foi seleccionado para trabalhar neste projecto?**

Por concurso nacional na Escola Secundária Fonseca Benevides e foi-me atribuído o horário no EDI, não conhecia o projecto nem tinha ideia nenhuma.

### **Bloco 3 - Representações sobre o Projecto EDI e o ensino regular (presencial)**

**- Qual a diferença entre leccionar numa escola convencional (presencial) e ensinar através de um contexto de ensino a distância?**

Para além das diferenças que é o contacto, que é a empatia, que é a pedagogia que nós não conseguimos aplicar da mesma forma, no ensino a distância como no presencial ainda tenho a parte dos conteúdos, a parte prática que é muito difícil de fazer através do computador, faz-se algumas coisas mas sempre com muitas limitações, essa parte da disciplina (EVT/EV) no EDI tem de ser reformulada, reformulámos a nível de conteúdos, a grande diferença para mim na minha disciplina é a parte prática da disciplina que deixa de existir.

**- Comparativamente com o ensino presencial (convencional), na sua opinião quais são as vantagens de leccionar no Projecto EDI? E as desvantagens?**

A vantagem é este público ficar com a escolaridade, de facto não há outra forma, tendo as limitações que existem no projecto, que existem no projecto, que existem limitações, que existem limitações neste caso do relacionamento, da empatia que nós criamos e levamos os alunos muitas vezes a interessar-se pela disciplina por essa mesma empatia, aqui é muito mais difícil de criar mas a vantagem do projecto é mesmo dar a escolaridade a uma faixa da população que de outra forma não a teria, isto de andar de escola em escola, nós sabemos por experiência que os miúdos não fazem nada, fazem uns desenhos, estão dois dias numa escola, três dias noutra e não fazem, a grande vantagem do projecto é essa. A desvantagem é as limitações que tem a distância, que terá para um adulto e muito mais para mais para uma criança de 10 anos, o nível de responsabilidade desses alunos tem de ser muito maior, o nível de atenção, na linguagem escrita perde-se muito da informação, o canal acaba por atrapalhar muito a transmissão de conteúdos, penso que a limitação é essa a nível do canal, com vídeo-conferência penso que resolvia algumas das limitações mas a internet móvel não permite isso, por isso à este tipo de limitações.

**- É mais fácil ou mais difícil ensinar através de um contexto de ensino a distância?  
É muito mais difícil, muito mais difícil.**

**- Prefere leccionar no Projecto EDI ou no ensino presencial/regular? Porque razão?**

Prefiro muito no presencial, até porque a minha área é muito prática, muito manual e aqui é muito teórico, inverte-se muito o jogo apesar de existir muito software livre e de forma a puderem trabalhar sem ser com aqueles programas de desenho muito pesados, existe muitas ferramentas de software livre para trabalhar as expressões mas a parte prática perde-se na mesma. Eles adquirem competências muito diferentes, eles adquirem competências que nós não conseguimos transmitir no presencial porque não temos um computador para cada aluno, porque não temos horas, não temos sala, eles desenvolvem uma parte do programa muito mais do que os outros (presencial) mas depois perdem a parte dos materiais, o mexer, o pintar, porque para estes miúdos até é muito difícil terem materiais com eles porque são itinerantes, porque mudam muito, é complicado, fazem parte prática principalmente na geometria, fotografando e enviando os trabalhos mas eu na fotografia não consigo corrigir como consigo corrigir no presencial, a experiência é diferente.

**Bloco 4 - Problemas/Constrangimentos do Projecto de Ensino a Distância para a Itinerância**

**- Que problemas ou constrangimentos identifica neste tipo de ensino?**

A distância, o contacto, e os alunos não têm um acompanhamento parental muito grande acabam por..., um aluno com 10 ou 11 anos que são o meu maior número de alunos não conseguem e isso é uma condicionante que nós na escola controlamos efetivamente, estamos lá, o director de turma é presente, fala aqui por muito esforço que tenhamos é o telefone, acaba por se perder, é um dos constrangimentos grandes. E depois as limitações da internet que em muitas terras que eles passam não têm internet e nós

acabamos por não ter esse feedback, nunca sabemos se é porque o aluno está desinteressado se é porque efetivamente os meios técnicos não funcionam, os computadores é um constrangimento da parte técnica, grande mesmo.

Quando se avaria um computador são vocês que tentam resolver ou existe algum mecanismo?

A direcção geral é que resolve isso. Os computadores que são dos alunos, eles é que tem que resolver, os que são dados pelo projecto, que estão emprestados pelo projecto resolvem aqui na direcção. Nem todos os alunos tem computador do projecto, este ano o projecto não emprestou computadores para toda a gente (população escolar), há uns computadores que são do projecto e outros que não são, porque os alunos que tinham direito ao Magalhães levaram o Magalhães, como se tivessem na faixa etária de receber Magalhães receberam-no, trabalham no Magalhães que também é uma limitação. Muitos alunos trabalham no Magalhães, uns têm emprestado do projecto outros têm o computador próprio.

**- Como se tem mobilizado o Projecto EDI para os (tentar) resolver?**

Neste momento a ferramenta que mais nos ajuda é o telemóvel porque o acesso ao telemóvel é universal hoje em dia, é ligando e tentando explicar porque às vezes lá está a linguagem escrita perde-se muito, principalmente com os miúdos. Com os miúdos mais pequenos é muito complicado, o telefone resolve muito das soluções, neste momento a nível do 5º ano estamos a tentar gravar instruções de aulas em vez de escrever as instruções todas, gravar algumas, falado para ver se acaba por ser mais simples.

**Bloco 5 - Exercício do “ofício” de professor (concepções de professor)**

**- O que é que o(a) levou a ser professor(a)? (Por exemplo: influência de familiares, amigos e/ou professores; Vocação, estatuto social, remuneração, não ter outra saída)**

Foi por vocação, eu numa primeira fase queria muito ser educadora de infância mas eu gostava muito do lado artístico e então acabei por optar, eu queria ensinar muito e então acabei por, o curso de EVT pareceu-me uma boa solução que aliava as duas coisas, o ensinar miúdos e na minha área iria trabalhar com uma coisa que sempre gostava.

**- Na sua opinião, o que caracteriza o “ofício” de professor (actividade de professor)?**

Neste momento é muito difícil, é uma fase difícil de caracterizar, eu penso que em princípio o professor devia ser um transmissor antes de mais do que é coreto e devia ser uma profissão com estatuto, não pelo estatuto social lá fora mas como formar gerações futuras. Os professores neste momento são com quem as crianças passam mais tempo, são quem devia ter a responsabilidade de transmitir para além do que nós sabemos, a nossa área de especialização, tudo o resto que se passa na sociedade sem entrar na parte da educação que é familiar mas há muito dos valores que nós transmitimos, devido ao elevado número de horas que transmitimos, neste momento eu penso que os professores

deviam ser a base de uma sociedade porque são quem transmite os pilares para se constituir seres humanos, não sei se será bem o que se passa hoje em dia.

**- Que mudanças significativas no exercício da actividade ocorreram nas últimas décadas? Quais, foram, na sua opinião, as mais positivas? E as mais negativas?**

Eu penso que nas crianças o que se nota mais principalmente é a falta de aptidão manual ou a criatividade, o querer saber como é que se faz, não ter medo de errar, as crianças hoje em dia parecem quase adultos, tem medo de experimentar, de errar, usam muito “eu não sei”, usam muito este tipo de expressões, é isso que cada vez se acentua mais, a falta daquela curiosidade infantil, “eu vou ver como é que funciona”. Portanto há menos interesse pelas coisas porque acho que eles estão muito habituados a ter tudo feito, é carregar no botão e as coisas fazem-se, então se a resposta não é imediata eles desistem das tarefas e das actividades, penso que isso se vêem notando, penso que desde que há AEC (actividades de Enriquecimento Curricular – 1º ciclo) na minha disciplina o que eu mais noto é que EVT passou a ser um complemento, isso nota-se muito, as AEC interferiram muito na disciplina de EVT. A nível de escola o que eu acho é que com estas revoluções constantes no sistema educativo se nota desmotivação, falta de organização, não podem haver revisões curriculares a cada ministro que entra porque isto causa um transtorno enorme nas escolas, porque não há um método que os professores fundamentem, todos os anos é diferente, todos os anos anda toda a gente muito aflita sem saberem o que aplicarem e isso é muito notável nas escolas.

**- Quais os aspectos/situações em que sente mais dificuldade no exercício da profissão?**

Questões disciplinares, penso que a disciplina apesar de eu não ter assim casos, penso que no geral até mesmo em contexto de escola, de corredores a disciplina é uma dificuldade e esta turbulência que existe no sistema educativo que ninguém consegue pensar em ensinar se todos os dias tem uma grande turbulência à volta da profissão.

**- O que considera ser mais compensador no exercício da actividade docente?**

Compensador: É a relação que se tem com os miúdos porque eu acho que todos os professores se queixam muito, como é óbvio, “este miúdo é terrível” mas no fundo ficamos um bocadinho, aqueles miúdos, nós pensamos neles e é compensador quando eles nos têm agrados porque tem sempre compensações, pode ser sempre horrível mas há um miúdo que compensa ao fim do dia, é reconfortante até porque nós sabemos que há miúdos que no fundo nós somos importantes na via deles e que mandam mensagens é que nós hoje em dia, uma evolução do sistema educativo em relação à que os professores têm com os alunos, é muito diferente, é muito mais afectuoso e eles sentem-se mais junto a nós e às vezes demonstram isso e é reconfortante saber que somos importantes na vida de alguém.

**- Se pudesse, gostaria de exercer outra actividade que não a de professor? Porque razão?**

Neste momento não seria professora. Não tenho muito a ideia porque lamentavelmente nunca pensei muito nisso, porque eu entrei para o 10º ano para um curso de artes, já para ser professor por isso nunca questioneei muito isso e até porque tive sempre emprego nestes 10 anos, agora com esta revisão curricular nunca mais vou exercer a minha profissão. Neste momento é evidente que estou desiludida e para perder o

emprego com, acabando uma disciplina que exercia há 10 anos e ficando sem emprego é evidente que neste momento nem me passaria pela cabeça dizer que investi 10 anos com mestrado, especializações numa disciplina que no momento para outro acaba e que eu fico no desemprego.

**- Comparativamente com o ensino presencial que desafios são colocados aos professores que trabalham no ensino a distância?**

Aqui nós temos que ser muito mais exigentes connosco próprios, temos todos os dias dificuldades, todos os dias temos de reinventar, prepararmos aulas que até pela experiência profissional sabemos que funcionam muito bem e chegarmos à sala e aquilo é uma maravilha, aqui preparamos as aulas mas como não temos experiência não resulta em nada e vamos para casa e dizemos “pronto, então amanhã vou dar a mesma coisa, como? de outra maneira qualquer que isto não passou nada”, a informação não passou, o que já não acontece em sala de aula porque até na sala de aula temos outra forma de dar a volta, aqui não, se não há feedback ficamos ali, mas não há feedback porque a net caiu, eles não estão a perceber nada e então a nível de trabalho do professor é o dobro ou o triplo a preparar os materiais e como temos falta de experiência, fala por mim, porque há colegas provavelmente que aqui já não lhes acontece isso, num 1º ano como as fichas, os materiais, as apresentações é tudo novo, se não resultar temos de voltar e fazer tudo outra vez de novo, isso é um grande desafio e uma dificuldade.

**- Qual o tipo de ensino que considera mais favorável e compensador: o ensino a distância ou o que ocorre em contexto presencial? Por favor, justifique a sua resposta.**

O presencial, os professores tem contacto humano aqui não temos, por exemplo aqui se um dia corre mal é frustrante mesmo porque o dia corre mal, no presencial corre mal com uma turma mas a seguir vem um miúdo que tem um ato mais carinhoso, vem um miúdo que percebe tudo aquilo que nós fizemos, aqui às vezes se o dia corre mal, corre mesmo mal não a aquela parte do, corre mal uma pessoa chateia-se, grita muito e depois diz “vá lá mas amanhã mudas” e o miúdo diz “também professora” e aquele lado compensa, aqui não, corre mal, corre mal mesmo.

**- Que imagem tem de si próprio(a) como professor(a)?**

Eu sou um bocado exigente e autoritária mas acho que depois, eu sou muito exigente em determinadas coisas, não abduco de determinadas coisas a nível disciplinar e sou muito exigente mas depois acho que também consigo passar daí, do castigo, da exigência para ser afectuosa com eles e até compreender situações e mesmo que compreenda, sou exigente na mesma quando acho que, eu entendo que o miúdo tem uma família difícil mas continuo a ser exigente porque no fundo eu acho que é o melhor que eu faço por aquele miúdo, porque não é eu facilitar que o vou ajudar mas acho que consigo criar uma relação de empatia mesmo sendo exigente, não costumo ter grandes problemas com os miúdos.

## **Bloco 6 - Interação na sala de aula**

**- Numa aula presencial do ensino convencional observamos as interações dos alunos através de reacções, atitudes, gestos, expressões corporais e faciais que dão muitas indicações ao professor. Neste tipo de aulas à distância, como se processa a interação dos alunos com o professor?**

Consegue-se ter muito pelo chat, pela troca de informação que existe entre, pela conversação no chat nós já, mas isto é experiência, neste projecto é importantíssimo que as pessoas, que o corpo docente seja estável porque há coisas que nós adquirimos a meio do ano e este tipo de sensibilidade só se tem conhecendo os alunos, porque há alunos que nós sabemos que dizem e mandam uma mensagem interna a dizer “professora hoje correu muito mal, estou com muitos problemas”, e há miúdos que não o dizem e nós não temos esse feedback como temos no presencial mas nós começando a conhecer os alunos também já notamos no chat como é que ele, ou porque não responde ou porque chamamos ou porque fizemos uma pergunta e ele até é o primeiro sempre a responder e nesse dia não diz nada e nós perguntamos se se passa alguma coisa e eles vão dando esse feedback, é diferente, é sempre muito diferente mas a experiência acho que nos ajuda a ultrapassar um bocado isso, até porque há miúdos que falam muito no chat, falam muito e dizem “professora este fim-de-semana estive ali” e há dias que não dizem nada e nós apercebemo-nos, eu tinha grelhas que apontava a parte das interações no chat de cada aluno e isso é notável, nota-se que há alunos que por aula falam 100 vezes no chat e que há aulas que falam pouquíssimo e acho que é principalmente por estarem cansados à 2ª feira, fazem espectáculos durante a semana, ao fim de semana, deitam-se muito tarde e isso nota-se quando eles estão mais cansados, quando eles já estudaram mais sobre os temas que estamos a falar, essas coisas começa-se a notar com a experiência.

**- E entre os alunos?**

Há muito menos interacção entre os alunos como é óbvio, mas eles interagem entre eles até porque às vezes até se chateiam como os outros porque disse respondo, nós num fórum, a título de exemplo dizemos “responde o António” e vem outro e responde e eles começam a dizer “mas não eras tu”, este tipo de interacção também acontece um bocadinho, menos mas acontece depende do tipo de aulas porque se é uma aula em que eles vão trabalhar num programa eu dou a indicação no chat e os mandam ir trabalhar para outro programa aí não há tanto, se são aulas de pergunta resposta nos fóruns aí acontece a interacção entre eles.

**- Considera que é possível trabalhar as aprendizagens de competência sócio afectivas num ambiente de ensino a distância? Por favor, justifique a sua resposta.**

Sim, o projecto já trabalhou com semanas presenciais e penso que para eles era muito importante, mas devido a limitações foram cortadas as semanas presenciais mas eles acabam por ter alguma interacção até porque alguns se conhecem, como são itinerantes cruzam-se em feiras, cruzam-se e têm muitas relações familiares entre eles. Eles acabam por criar laços em sala de aula que depois, eles vivem na internet, depois acabam por consolidar em mensagens internas, eu dá-me a impressão que eles no início chegam às turmas mas se conhecem alguns deles mas depois criam extra sala de aula, extra chat de aula que eles comunicam entre eles, logo tem de ser em aula que eles criam esses laços mais entre eles.

**- Como caracterizaria a relação pedagógica que desenvolve com os alunos no ensino a distância?**

É assim, a relação é um bocado distante porque eles não associam aquela pessoa que fala com eles a uma cara, o professor para eles não tem aquela implicação que tem, aquela é a minha professora, eles não criam muito isso, é alguém que está ali a falar com eles, e eles aquela empatia pedagógica não a criam até porque eu tenho a experiência de me ter reunido com alunos do projecto presencialmente no Norte, o aluno que esteve comigo uma semana presencialmente tem uma relação completamente diferente comigo da restante turma, era um aluno com muitas dificuldades do 5º ano, muito pequenino, não conseguia fazer nada, neste momento está um miúdo que interage, quer responder, diz aos colegas “agora parem todos, oiçam a professora”, ele interage de uma forma, porquê, porque eu já não sou aquela pessoa que está ali a escrever, ele conhece-me, ele falou comigo, ele convidou-me para ir ao circo dele, eu fui ao circo dele ver, ele é completamente diferente, ele se tiver algum problema manda-me uma mensagem, interage comigo, a relação pedagógica com ele a nível mesmo da minha disciplina, do que ele faz, das tarefas que ele faz, como ele as faz é completamente diferente, tem a haver com essa empatia que ele criou presencialmente.

**- Essa relação é diferente daquela que constrói no ensino convencional?**

Sim (resposta na questão anterior).

**- No ensino a distância, verificam-se situações de indisciplina por parte dos alunos?**

Por vezes verificam-se, tem a ver com essas quezílias entre aula, por eles falarem uns com os outros em termos menos próprios, tem a ver com o não respeitarem, questionarem o professor, o questionar o professor, quando chamamos a atenção eles questionam, questionam muito e até às vezes em termos menos próprios, é mais a esse nível.

**- Como é que costuma solucionar essas situações de indisciplina?**

Aqui é um bocadinho como no presencial, conversa-se com eles, se a situação for demasiado grave informa-se o tutor deles, o sistema de tutoria funciona para isso e o tutor informa o encarregado de educação e fala com o aluno e podem ser dadas medidas disciplinares, não é muito frequente (atribuição de medidas disciplinares), acontece um caso ou outro. Mas eu penso que esta indisciplina também é criada pelas falhas de comunicação que há no chat, porque se nós conversarmos com os nossos amigos e quem usa redes sociais a falar no chat, há sempre mal entendidos porque não há expressividade, uma frase que nós pudemos pensar que é ofensiva, que é mais ríspida, se calhar não é, falta uma vírgula, se calhar somos nós a conversar e penso que essas situações também dependem daí, porque há males entendidos, porque o professor está a dizer-me isto assim, está a ser agressivo comigo, porque a resposta também vem igual, porque a expressão também é muito diferente e penso que é aí que se criam tensões, tem a haver mesmo com o facto de ser escrito, porque na oralidade nós dizemos uma coisa a um aluno que reage mal e nós dizemos “atenção não era bem isso que eu queria dizer”, pela expressão facial, aqui não, por exemplo, tive uma vez uma aluno que se chateou muito comigo porque eu escrevi em CAPS LOCK (em maiúsculas), eu sou escrevi em CAPS LOCK porque a primeira letra ficou em minúscula e o resto ficou tudo em maiúsculas mas ela nem se apercebeu, enganei-me no teclado e ela ficou ofendidíssima porque estava a gritar com ela e eu não estava a gritar, enganei-me a escrever, pronto este tipo de coisas acontece, estes mal entendidos.

**- Em que medida é que os mesmos afectam o processo de ensino e aprendizagem em que desenvolve o projecto EDI?**

Penso que sim, que interferem e no presencial nós chateamo-nos com um aluno e a seguir conseguimos voltar, aqui se eles ficarem muito sentidos é muito mais difícil fazê-los entender que não, que foi uma situação pontual, o professor chamou a atenção quando tinha de chamar e acabou, no presencial acho que eles conseguem entender muito bem, pois ralhei porque tinha de ser naquela altura e passado um bocado está tudo igual e, como eu tenho alunos muito pequeninos quando amuam eu no final chamo-os e digo “ainda estás muito zangado comigo”, pronto e tem-se aquela conversa. Aqui foi muito complicado para os mais pequenos, os do 5º ano, até porque eles não tiveram quase nenhum tipo de formação, chegaram aqui levaram um computador e foram para casa, é complicado até porque os país também não têm muitas competências informáticas, são meios que a escolaridade até agora era muito reduzida e eles não têm quem ajude, até porque os país estão a trabalhar, foi muito complicado, por isso é que se tentou ir ao Norte, uma semana presencial com estes miúdos, porque eles não sabem criar ficheiros, criar pastas, coisas que neste tipo de ensino, o que é o ofício, para escrever usam o Word, são coisas que para nós nos parece e para alguns alunos será fluente para estes alunos, não é, porque o ponto de interesse deles não é o computador, estes não têm muito aquela, a falta que eu sinto no trabalho prático, estes não, para estes o giro é andar na rua a brincar, não é estarem em frente ao computador, tanto que eu acho que eles nem jogam muito no computador, eles não usam muito o computador para jogar, eles se puderem desligar o computador acho que desligam e vão brincar, vão brincar com o tigre, no fundo não é bem o computador, é uma limitação para o 5º ano, no início foi muito complicado.

**Bloco 7 - Gestão e implementação do currículo escolar**

**- No contexto de ensino a distância, sentiu dificuldades/constrangimentos na implementação do currículo? Em caso afirmativo, identifique-as?**

Em EVT a parte tecnológica, a parte dos materiais, de conhecer materiais, de trabalhar com os materiais é impensável pedir uma lista de materiais a estes miúdos, essa parte do currículo acaba por não se aplicar da mesma forma, acaba por ficar muito penalizada a parte toda tecnológica, é só teoria. Não é teoria a parte do desenho, há partes do currículo que se consegue aplicar, há outras que não, que têm de ser, o problema é que nós, a aplicação do currículo acaba por ser uma parte teórica e uma parte prática e nós investimos muito na parte na parte prática principalmente a nível dos 5º e 6º anos, eles precisam de experimentar a parte teórica, é um apoio pequenino para eles começarem a interiorizar conceitos, aqui não, eles acabam por saber a parte teórica porque a parte prática vai ser aplicada informaticamente, no início eu não posso pedir a um miúdo que descarregue um programa para trabalhar, então eles mal sabiam ligar um computador, no 5º ano trabalhamos muito no PAINT que dominavam muito mal, portanto o currículo tem de ser adaptado.

**- Que potencialidades identifica neste contexto de ensino e aprendizagem a distância? E as desvantagens?**

Aqui é eles não puderem aplicar a parte prática (desvantagem). O currículo é dado todo da mesma forma, a parte de operacionalização do currículo é que é muito diferente.

**- No Projecto EDI as estratégias metodológicas adoptadas no ensino a distância para a aquisição das aprendizagens indicadas no currículo nacional são diferentes às utilizadas no ensino regular (presencial)? Em caso afirmativo, indique algumas dessas estratégias?**

São muito diferentes, porque no presencial usa-se muito a experimentação, a visualização na prática o professor pode transmitir conteúdos muito experimentando, visualização, aqui não, eu tive de transformar todos os materiais que tinha, tinha muitas caixas pedagógicas com muitos materiais, aqui tive que transformar tudo em parte visual, texto, ficha, até mesmo o tipo de exercícios de avaliação, têm que ser todos reformulados porque os nossos exercícios de avaliação são práticos, muitas das vezes apesar de ter sempre perguntas teóricas são muito práticos, aqui a nível de fichas de avaliação, seja formativa, sumativas e tudo, os materiais pedagógicos são todos, todos reformulados.

**- Que tipo de trabalho é, habitualmente, realizado na componente não lectiva pelos professores? (Como por exemplo: planificações das actividades a desenvolver na disciplina; definição e aferição de critérios de avaliação; análise dos resultados escolares entre outros. Quais?)**

A componente não lectiva aqui, eu só posso falar da minha disciplina, é brutal. Para já eu sou a única professora do 2º ciclo, sou a única professora de EVT na escola toda, porque a escola é uma escola secundária, pronto só aí eu não tenho grupo, não tenho grupo logo faço, estou sozinha até porque aí é logo um choque para nós professores de EVT, trabalhamos muito em grupo, trabalhamos em par pedagógico e as nossas portas estão abertas, nós participamos muito nas aulas uns dos outros, temos sempre a parceria dos colegas que entram, que vão fazer um clube, que vão buscar material ou que nos ajudam a dar um conteúdo porque têm uma experiência mais larga, aqui não, aqui estou sozinha, tenho que criar tudo sozinha, a componente não lectiva serve para isso, não chega nem de longe nem de perto porque nós criamos a própria plataforma, somos nós que temos de abrir as aulas diariamente, que não temos esse trabalho, usamos o livro de ponto, o local onde colocamos as aulas e os sumários somos nós que criamos, logo aí gastamos a parte da componente não lectiva e temos duas horas destinadas a isso, depois eu tive muito trabalho por causa disso, transformar uma disciplina prática toda em teoria, todos os materiais que eu tinha mesmo que poderiam ser considerados teóricos têm sempre exercícios teóricos, era o que eu estava a dizer à bocado, os materiais tiveram que ser todos feitos com a agravante que, por exemplo, com as apresentações que eu dou no presencial, eu tenho apresentações praticamente sem texto, apresentações muito visuais, muita imagem e tópico, imagem e tópico e eu é que explico verbalmente o que os miúdos estão a ver ou faço pergunta resposta para eles interiorizarem melhor, aqui não, as minhas apresentações não dão para eu colocar eu colocar aqui, para um aluno ver a apresentação e entender o conteúdo é impossível, tenho que colocar mais texto, tenho que reformular o texto, tenho que ter cuidado com, são miúdos que tem dificuldades mesmo a nível de Língua Portuguesa, tenho que ter muito cuidado com as palavras, eu no presencial exijo a mim própria de colocar o nível de linguagem um bocado evoluído, porque eu a seguir explico e para eles adquirirem conceitos, aqui eu não posso fazer isso porque eu não estou lá para ver a cara deles e sentir que eles não perceberam o que é que esta palavra quer dizer, no presencial nós pudemos fazer isso porque até a seguir até perguntamos se vocês perceberam aquela palavra, aqui aquilo não existe, aqui a informação tem que passar logo de forma a que

os alunos corrijam, não há interacção de vermos que eles ficaram todos com uma cara de não perceberem, temos de ter muito cuidado se eles não perceberem desistem da tarefa, então a tarefa tem de ser clara, e linguagem clara mas tem que ter lá a informação todo por outro lado e tem de a ter tecnicamente correcta porque há coisas que não podemos abdicar, apesar de se chegar ao ponto que se abdica porque se não eles não percebem, por exemplo, o magenta, é o que eu não permito explicar aos meus alunos nunca é que o magenta é cor-de-rosa nunca o magenta não é cor-de-rosa, aqui se calhar chega a altura em que eu digo “está a ver o cor-de-rosa”, porque eles, é assim temos de abdicar de algumas coisas para transmitir a imagem porque não estamos lá, não vamos experimentar, não vamos ver, é complicado.

#### **- Como é que são avaliados os alunos do Projecto EDI?**

(Basicamente com fichas de trabalho). Sim, eu optei por não dar fichas de avaliação sumativa, até porque mesmo no presencial nem sempre o faço, depende se a escola tem implementado que as fichas de avaliação são sumativas, eu faço-as se não tiver implementado, eu muitas avalio por trabalhos e aqui optei por fazer isso, eu avalio todos os trabalhos que os miúdos fazem, tem um peso e esse peso no fim faço uma média, tudo o que seja uma ficha, seja o fórum, seja um trabalho prático, eles fazem muitos trabalhos práticos, há conteúdos programáticos muito simples de aplicar, aqui que são, o exemplo que me ocorre mais facilmente é a banda desenhada apesar de eles não terem aquela experiência de desenhar é um conteúdo que eles aqui têm "n" ferramentas para experimentar, podem aplicar porque é muito rápido a concretização, no presencial eles para desenharem uma banda andam "n" aulas, aqui é muito rápido, por isso eles podem errar, corrigir, errar, corrigir, a experiência acho que é mais rica nesse sentido mas os conteúdos programáticos são todos adaptados.

### **Bloco 8 - Tutoria**

#### **- Como é que funcionam as aulas de tutoria?**

É assim, a aula de tutoria serve para os alunos colocarem tarefas em atraso, não é tutoria como no presencial, quem é tutor não vai fazer os trabalhos de casa com os miúdos, não é isso, a função do tutor apesar de que por vezes pudemos fazer não é essa a função, damos um acompanhamento mais abrangente e mais social acho eu dependendo do caso do aluno, de integração no meio escolar, de resolver conflitos familiares, conflitos com professores, aqui fazemos isso fora das horas da tutoria, o tutor tem essa responsabilidade toda, falar com pais, falar com alunos, transmitir as informações que é necessário aos pais, chamar a atenção do aluno de um comportamento menos coreto, decidir alguma medida disciplinar que seja, justificação de faltas é com o tutor não é com o director de turma, a aula de tutoria é uma aula efetivamente, não quer dizer que de vez em quando eu não diga “você não tiveram um comportamento coreto na aula x ou y”, mas a aula é para eles colocarem as tarefas que têm em atraso em ordem, por algum motivo que não tiveram, luz, deixaram tarefas de Língua Portuguesa, eu na tutoria de hoje vou pôr no fórum as tarefas em atraso de Língua Portuguesa para eles conseguirem voltar a pôr as tarefas em ordem (principal função das aulas de tutoria é realizarem os trabalhos em atraso às diferentes disciplinas). Das aulas sim, porque eu acho que nós temos três grupos de 45 minutos que é 90 mais 45 nessas horas, é isso que o tutor faz mas agora fora dessas horas lá está, voltamos outra vez para a componente

não lectiva, liga-se muito, fala-se muito, conversa-se muito e aí já se faz o papel do tutor.

**- Qual é a função do tutor?**

Eu acho que tem mais função de director de turma até porque nós não temos horas de direcção de turma e somos directores de turma mas o director de turma tem mais a função de dirigir a reunião de conselho de turma, é praticamente o que nós fazemos, os tutores é que têm aqueles alunos e que são responsáveis por tudo daquele aluno, porque à uma grande diferença, acho que entre o papel do tutor e a aula de tutoria, a aula de tutoria tem uma função específica mesmo, a aula de tutoria no início entendi que a aula de tutoria era fazer esse papel de tutora, de mediação mas não, tutoria é mesmo uma aula em que nós damos apoio ao chat, apoio ao estudo mas o papel do tutor é o outro todo, é da nossa responsabilidade tudo.

**- Neste tipo de ensino, considera importante a figura do tutor? Por favor, justifique a sua resposta.**

Sim, e essa figura deve ter poucos tutorandos, penso que é muito importante, eu tenho 4 e tenho uma relação, há colegas que têm imensos e acho que aí se perde.

Isso depende do total de alunos por turma? Não porque as turmas estão divididas, acho que dependeu mais da formalização dos horários, nas distribuições teve a haver mais com isso porque eu tenho 4 e acho que tenho uma relação mais próxima porque são poucos, porque se eu tenho que ligar 15 é diferente de ligar para 4, se eu tenho 4 alunos à minha responsabilidade eu tenho muito mais conhecimento do que é que se passa com aqueles 4 que se tiver 15, porque há colegas que têm mais de 15, colegas que têm muitos e aí este papel de tutor que era importante acaba por ficar perdido porque são muitas situações para nós gerirmos, muitos pais, depois cada pai é um, temos de ter uma sensibilidade diferente para falar para um e para outro, porque se temos pais muito empenhados temos pais como no presencial que não estão nem aí, nós temos de falar com eles e gerir 15 sensibilidades é muito diferente de gerir 4.

**- Os seus alunos costumam contactá-la/lo para tirarem dúvidas, pedir-lhe ajuda para os trabalhos ou outra situação depois das aulas?**

Os meus não. No caso particular dos meus, são muito ausentes os meus alunos, não são de pedir ajudar, nos meus tutorandos específicos tenho um ou outro caso, eu tenho um caso complicado de mutismo selectivo e esse miúdo por incrível que pareça é o único que me manda algumas mensagens internas, de resto eles são muito...

Quando se encontra na plataforma a criar materiais, eles costumam contactá-la? Da minha tutoria não mas outros alunos sim, eles contactam-nos muito, em muitas horas em ..., os meus tutorandos não são muito participativos até porque eu é que tenho que andar sempre a dizer “faz, se tens dúvidas manda uma mensagem” (Esse contacto é efectuado no chat ou por telefone). Porque até há muitos alunos fora dos meus tutorandos que me liga a tirar dúvidas e de outras turmas mandam mensagens, muitas, muitas.

**- Caso a sua resposta tenha sido positiva, como se processa essa comunicação? (Por exemplo, através do correio electrónico, por e-mail; através de uma sala de conversação; outro. Qual?)**

É mais para dizer “professora eu não estive na aula porque”, justificar porque é que não estiveram na aula, para tirar dúvidas, para perguntar quando é o teste, essas perguntas todas que eles fazem, eles usam muito a plataforma e há alunos que usam muito, são muito dependentes, que usam mesmo muito a plataforma, é que nós estamos muito online fora das aulas e eles vêm e comunicam “tem de me ajudar porque eu não percebi aquele exercício” e mesmo por telefone fazem isso, ligam a qualquer hora para tirar dúvidas, para perguntar.

### **Bloco 9 - Relação com os Encarregados de Educação**

**- Como é que se processa a comunicação dos professores/Tutor com os encarregados de educação?**

É assim, maioritariamente, 90 por cento por telefone depois nós no espaço de tutoria temos um espaço para colocar, por exemplo, as avaliações, as avaliações que se fazem do aluno, que o pai pode ir sempre consultar. Eu pela minha experiência dos meus 4, que também não são grande exemplo, acho que os pais não consultam, de qualquer forma eu tudo o que é documentos para consulta dos encarregados de educação ligo e aviso, transmito a informação mas digo “tem isso por escrito no espaço tutoria para consulta”, eles sabem que têm lá um espaço. No espaço tutoria tenho um espaço também para os alunos justificarem as faltas, sempre que faltam vão lá escrever porque é que faltaram e os dias que faltaram e isto funciona como fóruns, só para o professor e os alunos e ou pai neste caso, mas os outros não têm acesso a visualizar esta parte e também tem uma parte da tutoria onde o tutor regista todos os contactos telefónicos que fez com os encarregados de educação.

**- Com que regularidade é que professores/tutor contacta com os encarregados de educação?**

Não, por exemplo, para os meus ligo quase todos os dias, é evidente que os pais muitas vezes já não me atendem porque já sabem que estou a ligar ou para dizer que ele não fez as tarefas, pronto depende, eu tenho um tutorando que falo com a mãe uma vez por período, duas no máximo e dos outros 3 provavelmente ligo quase todos os dias por isso é assim depende, é como no presencial um bocado, então se um miúdo faz tarefas, está atento, não à necessidade de ligar, os outros não fazem tarefas, não participam, o professor chama-o no chat e não sabemos se ele está lá, se não está, a esse eu tenho de ligar, de qualquer forma tenho de ligar aos pais (pais ausentes neste caso, não tomam a iniciativa para ligar ao tutor/director de turma). Eu sempre tive direcções de turma e tive anos com duas direcções de turma, ainda o ano passado tinha e, tinha 100 por cento dos pais nas reuniões mas eu tenho meninos de 10 anos, ainda o ano passado eram dois 5º e tinha muita participação dos pais, até porque lá está a empatia de que falo, que se cria com os pais porque se eles não vêm, nós ligamos e dizemos aquelas coisas todas “tem de vir porque o seu filho tem 10 anos”, e eles se calharem até vêm e uma pessoa consegue fazer que eles venham de vez em quando, aqui também não se cria essa empatia, é por telefone e ainda por cima lá vem o problema que os psicólogos estão sempre a dizer que os professores só falam com os pais para dizer mal, é assim uma pessoa diz bem mas o nosso trabalho é tanto que nós temos é que resolver problemas, não pudemos estar, eu tenho uma mãe que nunca me atendia o telefone, e no outro dia a

miúda anda a interagir um bocadinho e então eu liguei e experimentei dizer bem, só disse bem, “sabe ela está muito melhor”, nessa semana a mãe atendeu quase sempre porque eu lhe liguei, na semana seguinte atendeu quase sempre que eu lhe liguei, mas a miúda estava com as tarefas todas por fazer, lá veio o dia que eu tive que ligar para dar notícias más e depois ligaram do projecto para falar dessa falta de interacção e disseram logo que a professora disse que ela estava muito melhor. Miúdos com este tipo de problemas neste tipo de ensino é muito difícil darmos apoio, já na escola com a educação especial com tudo é complicado.

Se houvesse a hipótese de ser reconduzida neste tipo de projecto, continuaria?

É assim, eu continuaria até pela minha situação profissional, por isso acho que nunca vou conseguir dar uma assim muito parcial, tipo de escolha apesar de que eu nesse sentido sou um bocadinho comodista para toda a vida não mas se calhar gostaria de fazer isto com alguma experiência porque no início nós não fizemos bem feito, eu por mim não estava, andava eu bocadinho a tentar experimentar, gostava de ter começado o ano com a experiência que tenho neste momento. Gostava de ficar mais um ano até porque para estes miúdos do 5º ano custa um bocado agora deixar e mesmo os materiais que criei acho que os ia conseguir melhorar, acho que ia fazer as coisas de outra forma, as planificações, planificar de outra forma que no início é planificar no escuro porque não sabemos, não tinha a mínima ideia, estava a mentir se dissesse que dar a gramática da comunicação visual ia demorar 1 ou 2 aulas, não fazia ideia, no presencial sei o que é que vou fazer, sei quanto tempo é que vai demorar, sei que varia muito de turma para turma mas varia razoavelmente do previsto, aqui não, aqui eu, aulas no presencial demoram 1 mês, como algumas que podem demorar 1 mês, aqui dá-se em 90 minutos porque não há meios para explorar, e isso no ano seguinte já ia ser gerido de outra forma e acho que gostava de ver como funcionaria.

### **Bloco 10 - Agradecimentos**

- Agradecer a participação, colaboração e disponibilização do entrevistado.

## *Entrevista ao professor E6*

### **Bloco 2 - Caracterização sócio demográfica**

**- Género, Idade;**

Feminino, 34 anos

**- Habilitações académicas (Licenciatura, Pós-Graduação, Mestrado, Doutoramento);**

Licenciatura

**- Área de estudos da formação inicial (Ciências Exactas, Ciências Sociais e Humanas, Línguas e Literaturas, Belas Artes, Outra)?**

Ciências Exactas – Físico Química

**- Qual é a sua situação profissional? (Efectivo, Efectivo em quadro de zona pedagógica ou Contratado)**

Contratado

**- Refira, por favor, os seus anos de serviço?**

Há 5 anos, desde 2007

**- Há quanto tempo (número de anos) é que participa no projecto EDI?**

Foi só este ano, desde Setembro de 2012

**- Indique, por favor, a(s) disciplina(s) que lecciona no Projecto (EDI)?**

Físico Química

**- Neste ano lectivo apenas lecciona no Projecto EDI?**

Não.

**- Em caso de não leccionar apenas no projecto, descreva a sua situação?**

Portanto eu estou a dar Físico Química ao 12º ano, lecciono Físico Química no profissional e outra disciplina que é Higiene e Segurança nas Indústrias Alimentares ao 11º ano. Tenho 12 horas no projecto EDI e 10 horas no profissional (presencial).

**- Como é que foi seleccionado para trabalhar neste projecto?**

Em Setembro fui colocada no profissional (Escola Secundária Fonseca Benevides), 10 horas apenas e depois completaram o meu horário com o projecto EDI (horário misto – presencial e a distância).

### **Bloco 3 - Representações sobre o Projecto EDI e o ensino regular (presencial)**

#### **- Qual a diferença entre leccionar numa escola convencional (presencial) e ensinar através de um contexto de ensino a distância?**

Muitas diferenças, para já temos de preparar tudo ao pormenor porque não temos os manuais, temos que preparar tudo o que for manual e às vezes em várias versões, porque os alunos algumas vezes não têm nem o Word nem o PowerPoint, nem PDF nem nada e então temos que andar ali a fazer vários materiais e pronto, a outra diferença é que não temos indisciplina (vantagem).

Desvantagens – Por exemplo, se há um aluno que não entende muito bem aquilo que eu estou a tentar explicar é muito complicado conseguir explicar por palavras mas se eu fizesse se calhar um esquema no quadro ou eu demonstrar um exercício, se calhar eles conseguiriam perceber, agora outra desvantagem no EDI é que nós não temos a certeza se os alunos estão todos atentos de facto, não estamos a vigiar os alunos, não conseguimos ver se eles de facto estão a ver aquilo que estamos a tentar apresentar num PowerPoint ou se estão num sítio a fazer outra coisa, a jogar (a distância é outra desvantagem).

#### **- Comparativamente com o ensino presencial (convencional), na sua opinião quais são as vantagens de leccionar no Projecto EDI? E as desvantagens?**

É mais difícil, para mim parece simples, parece simples porque eu estou a dar a aula, tenho aqui a aula feita e se um aluno interessado não perceber eu explico no chat, é muito fácil, para mim é muito fácil à excepção dos materiais didácticos que tenho que preparar com muita antecedência e que se demora muito tempo a preparar mas a aula em si é muito fácil, agora o problema é se calhar para os alunos (é mais fácil ensinar neste método de ensino mas os alunos não têm uma percepção daquilo que é necessário).

#### **- É mais fácil ou mais difícil ensinar através de um contexto de ensino a distância?**

Uma vez que eu tenho um horário misto eu não sinto por exemplo a diferença como os meus colegas, que a maior parte tem o horário completo no EDI, por exemplo eu consigo, aqui é uma escola onde os alunos são relativamente educados e simpáticos e então eu fico muito contente de dar aulas a eles porque lá está, tenho a comunicação, contacto directo que é uma das partes de que eu gosto na profissão de professor, que é falar, comunicar com os alunos e é o que falta aqui (gosto de trabalhar em ambos os contextos de ensino, presencial e a distância).

#### **- Prefere leccionar no Projecto EDI ou no ensino presencial/regular? Porque razão?**

Se tivesse que optar entre leccionar num contexto a distância e presencial continuaria talvez no normal, regular mas também gosto do EDI.

### **Bloco 4 - Problemas/Constrangimentos do Projecto de Ensino a Distância para a Itinerância**

#### **- Que problemas ou constrangimentos identifica neste tipo de ensino?**

O contacto físico é um problema porque nem se quer conhecemos os alunos. É assim na minha disciplina é muito complicado estar a explicar contas, cálculos porque eles não

conseguem entender, não conseguem entender no computador e também no caso da química falta as experiências o que é muito importante (não há o ensino experimental). Há a possibilidade de nós termos aquelas simulações, um filmezinho, um vídeo, só que não é a mesma coisa porque eu sei que os alunos de física química a única coisa que os alunos que não gostam muito de física química gostam de fazer é estar num laboratório a fazer experiências.

**- Como se tem mobilizado o Projecto EDI para os (tentar) resolver?**

Este ano o que nos ajudou muito foi a Escola Virtual, chegou apenas a meio do 2º período mas mesmo assim tem imensos recursos educativos que possam mostrar aos alunos que estão em frente a um computador o que é uma experiência (disponibilização da Escola Virtual como recurso ao projecto EDI), é um recurso muito importante e muito bom, contudo “é preciso é que os alunos se interessem, se fizerem muitos trabalhos, lá conseguem adquirir algum conhecimento”, muito mais interessante do que se calhar a visualizar um PowerPoint.

**Bloco 5 - Exercício do “ofício” de professor (concepções de professor)**

**- O que é que o(a) levou a ser professor(a)? (Por exemplo: influência de familiares, amigos e/ou professores; Vocação, estatuto social, remuneração, não ter outra saída)**

Foi mais ou menos um acaso, porque eu não entrei na faculdade para o ensino, talvez porque na altura não tinha, pensava eu que não tinha vocação nem se quer pensei nisso, eu entrei para uma área que não era, que eu achei bonito que era Ciências Geofísicas Metrologia e Oceanografia, só que na altura não sabia muito bem o que era, pronto foi um mero acaso e depois eu vi que não estava a gostar muito daquilo e depois então pensei melhor e entrei para o ensino de Físico Química.

**- Na sua opinião, o que caracteriza o “ofício” de professor (actividade de professor)?**

O professor normalmente tem de tentar seduzir alguns alunos para a aprendizagem de uma certa disciplina e no meu caso é físico química mas também acho que o professor é mais do que isso, temos que ajudar os alunos a terem opiniões próprias, a falar não só da disciplina mas, eu pelo menos acho que um bom professor, os meus bons professores foram aqueles que mostraram outras coisas para além da disciplina, que no final da aula tinham uns 5 minutinhos para falar connosco sobre uma opinião do dia-a-dia, sobre um assunto qualquer (um professor não é só um transmissor de conhecimentos é muito mais do que isso).

**- Que mudanças significativas no exercício da actividade ocorreram nas últimas décadas? Quais, foram, na sua opinião, as mais positivas? E as mais negativas?**

Sim, quer dizer eu vi as mudanças antes de dar aulas, portanto entrei no curso a pensar que ia ter uma profissão, não teria qualquer problemas em termos de emprego e depois terminei o curso já com a informação que estava muito mal no ensino, portanto entrei mesmo no mundo do trabalho, “tipo não vou ser colocada e vou ter ir trabalhar para um Call Center”.

Aspectos negativos – Incerteza de ter trabalho (Colocação de professores)

Aspectos positivos – Eu acho que uma vantagem de ser professora agora, de ser uma profissão muito bonita desde que haja respeito por parte dos alunos, uma das vantagens é que quando envelhecemos adquirimos alguma, portanto as escolas atribuem algum

estatuto, não há aquele problema de “à têm 40 anos já está muito velha”, na profissão de professor é mais o contrário (Quanto mais experiência detêm um professor mais estatuto tem e reconhecimento pela escola, bem como é mais fácil a sua colocação).

**- Quais os aspectos/situações em que sente mais dificuldade no exercício da profissão?**

Uma das dificuldades em termos de contratada é para já eu nunca saber se vou ficar colocada ou não, depois é entrar em Setembro, se eu então ficar mesmo colocada temos 1 semana para nos habituarmos ao novo estabelecimento, aos horários, preparar aulas e eu por exemplo, nunca dei 12º ano ainda, dei este ano, que foi um bocadinho complicado, mas mesmo assim é profissional não é tão complicado como no regular e eu acho que não à aquela preparação, uma pessoa tem de fazer tudo em menos de 1 semana, tem de conseguir cumprir a preparação dos vários documentos, das planificações e acho que é uma grande desvantagem.

Em sala de aula? Depende mesmo da escola, se tivermos os materiais todos nós conseguimos.

Atitude dos alunos? Sim, eu por exemplo o ano passado tive sempre na Casa Pia, é uma desvantagem conseguir ensinar algo a estes alunos porque muitos deles não têm valores, não têm interesse, se nós tentamos, pronto, mostrar alguma coisa, achamos que é uma matéria bonita e para eles nada é giro, nada é interessante e são os primeiros a tentar bater em alguém, gozar com o professor, é provocar mesmo. Aqui não isso não sucede, é diferente, se alguns colegas meus dizem que os alunos aqui são mal-educados, portam-se mal, aqui eu não tenho essa experiência.

**- O que considera ser mais compensador no exercício da actividade docente? O que é que o tem desapontado mais?**

Gosto de dar aulas porque o facto de tentarmos ensinar alguma coisa aos alunos e eles conseguirem entender e aproveitar esse conhecimento para depois um dia, sei lá, seguirem na área das Ciências, para mim é muito gratificante (compensador)

**- Sente-se emocionalmente compensado ou desiludido(a) no exercício da profissão? Por favor, justifique a sua resposta?**

Não, eu sinto-me sempre compensada, eu gosto muito de dar aulas e gosto muito do contacto com os alunos, é claro que não gosto nada destas políticas que estão aqui a pôr em baixo a profissão de professor porque isto é realmente... (não tem ajudado nada).

**- Se pudesse, gostaria de exercer outra actividade que não a de professor? Porque razão?**

Sim, eu se calhar actualmente não teria ido para o ensino provavelmente, agora o que não sei, eu queria era simplesmente ganhar a minha vida, tudo o que seria laboratórios não queria, eu queria era uma profissão onde eu pudesse ter alguma estabilidade e que tivesse algum contacto com as pessoas, o público e aí a profissão de professor responde a estas características. Eu gosto muito de dar aulas mas só mudaria devido à instabilidade que se verifica na profissão docente (não mudaria se não se verificasse uma grande instabilidade na profissão docente). Há um problema nisto tudo que é nós termos muitas aulas aqui, não é, depois temos muito trabalho para fazer em casa é uma das desvantagens, agora é que me estou a recordar, uma das desvantagens é que uma pessoa chega a casa e não é como ter um emprego das 9 às 5, temos que ficar em casa a trabalhar, no fim de jantar, no fim de deitar as criancinhas, temos que continuar até às tantas.

**- Comparativamente com o ensino presencial que desafios são colocados aos professores que trabalham no ensino a distância?**

Tento sempre melhorar a minha imagem porque o meu problema é a insegurança, eu sou muito insegura e eu às vezes se calhar a minha insegurança transmite alguma, não sei, sou muito insegura e tenho muita falta de confiança em mim e então lá está, eu se tiver em frente a uma turma do secundário eu sinto-me muito mais fragilizada, tem a ver com a falta de experiência. Mas eu acho que sou uma professora simpática, séria e tento dar sempre alguma autoridade quando é preciso, não é, mas sou, lá está, sou relativamente flexível mas não para o desrespeito e não também para, se uma turma não quiser trabalhar eu não vou dizer “então não vamos trabalhar”, não temos de cumprir a matéria, temos de cumprir tudo e só no fim é que aí se tiver cumprido aquilo, tudo bem (autoritária, exige respeito e é insegura). Com os alunos do EDI não sente essa insegurança comparativamente com os alunos do presencial, em particular dos mais velhos, 12º ano.

**- Qual o tipo de ensino que considera mais favorável e compensador: o ensino a distância ou o que ocorre em contexto presencial? Por favor, justifique a sua resposta.**

É compensador nas duas formas, têm razões diferentes, é compensador quando, por exemplo, temos os alunos no EDI que são excelentes alunos e que, pronto, conseguem ter boas notas mesmo não tendo consultado porque aqui o problema é, tem teste e vão consultar a matéria ao mesmo tempo que estão a fazer o teste ou então eu estou a fazer uma pergunta e eles conseguem resolver na hora, conseguem fazer, dar as respostas correctas e aí vejo que eles conseguem fazer, perceber mas é compensador nesse sentido e é compensador também, sobretudo no presencial, lá está, uma pessoa, é mais imediato, conseguimos visualizar mais.

**- Que imagem tem de si próprio(a) como professor(a)?**

Resposta dada na pergunta anterior.

**Bloco 6 - Interação na sala de aula**

**- Numa aula presencial do ensino convencional observamos as interações dos alunos através de reacções, atitudes, gestos, expressões corporais e faciais que dão muitas indicações ao professor. Neste tipo de aulas à distância, como se processa a interação dos alunos com o professor?**

Lá está só temos noção se no chat escreverem por exemplo uma frase de revolta, isso já aconteceu com algumas alunas no caso das da Ajuda de Mãe, que também faz parte do projecto, aí temos a percepção se elas não estão bem-dispostas, conseguimos ver logo, nos outros nem tanto, nunca dei conta, agora essas meninas da Ajuda de Mãe, se elas não tiverem bem dizem logo ou escrevem logo, os outros não tenho essa percepção, é claro se estiverem mais silenciosos os que costumam participar nós dizemos “então o que é que se passa contigo”, e aí conseguimos ter “ah, não estou bem-disposto”, ou mesmo se um aluno está doente ele diz que não está muito bem (alguns alunos tomam a iniciativa de se pronunciarem sobre o seu estado moral e/ou físico)

Quando se apercebem de alguma coisa entram logo em contacto telefónico? Eu pessoalmente como eu não tenho as horas todas aqui não tenho telefone mas se for preciso eu telefono ou envio uma mensagem interna para esse aluno porque é que não foi à aula e, lá está, mas isto é com a experiência porque eu inicialmente, eu para mim eram todos alunos virtuais que eu não tinha sensibilidade nenhuma, para mim, é isso e

que é o problema, a falta de conhecermos os alunos. Eu só tinha uma percepção diferente com os alunos que eu tinha visto nas inscrições, que aí já tinha, já conhecia, é completamente diferente.

**- E entre os alunos?**

Acontece muito só que eles já são muito espertos porque eles mandam uma mensagem no chat a dizer “vai para o tal e tal” que é um outro chat (combinam no chat outros sites para se comunicarem). Eles nas aulas combinam para se encontrarem no Facebook, pronto aquilo que nós tivemos a ver é que de facto eles comunicam muito através do Facebook, ficam muito tempo ligados ao Facebook do que ao chat.

**- Considera que é possível trabalhar as aprendizagens de competência sócio afectivas num ambiente de ensino a distância? Por favor, justifique a sua resposta.**

Sim conseguimos criar, lá está, também pelo contacto telefónico ou pelos alunos que participam muito mais ou numa aula presencial que haja de vez em quando, isso muda logo tudo. Acho que era importante neste projecto, eu não digo uma vez por mês mas uma vez por trimestre pelo menos ter um contacto presencial com os alunos. As colegas que foram lá ao Norte conhecerem os alunos conseguiram perceber quais eram as lacunas, os problemas que eles tinham técnicos, porque é que não entregavam o trabalho, se era porque tinham um problema no computador, nós aqui não temos essa percepção, pensamos assim não entregou a tarefa, ponto final, não lhe apeteceu, nós não temos a percepção e eles muitas vezes não conseguem ter a internet como deve ser e realmente isso são problemas que nós só vendo mesmo é que acreditamos.

**- Como caracterizaria a relação pedagógica que desenvolve com os alunos no ensino a distância?**

Também se estabelece, com a experiência é possível, nota-se logo uma diferença, por exemplo, com a Patrícia e a Andreia que são coordenadoras e que já estão há 4 ou 5 anos neste projecto conseguem perfeitamente essa relação pedagógica e estimular o aluno a trabalhar, conseguem muito mais que nós, que inicialmente como eles não nos conheciam era um problema (desvantagem – mobilidade docente no projecto).

**- No ensino a distância, verificam-se situações de indisciplina por parte dos alunos?**

Sim algumas, raramente mas algumas no chat, portanto no chat entre eles e às vezes conosco.

**- Casos não existam, o que justifica, na sua opinião, que isso não aconteça? Em caso afirmativo, que tipo de situações são essas?**

Portanto tentamos acalmar e dizer que assuntos da vida privada não têm nada a ver com a aula, tem que respeitar e eles têm que cumprir, se não cumprirem telefonamos para o aluno e tentamos resolver a situação.

**- Em que medida é que os mesmos afectam o processo de ensino e aprendizagem em que desenvolve o projecto EDI?**

Sim, porque se eles têm, estão ali no chat em vez de uma pessoa trabalhar, estão ali interessados em provocar uma briga, claro que os outros alunos também não estar concentrados, vão ficar a observar o que é que vai aparecer no chat e desconcentra logo (troca de mensagens entre os alunos no chat também prejudica o processo de ensino e aprendizagem).

## **Bloco 7 - Gestão e implementação do currículo escolar**

### **- No contexto de ensino a distância, sentiu dificuldades/constrangimentos na implementação do currículo? Em caso afirmativo, identifique-as?**

Sim no ensino experimental e depois, lá está, aquelas turmas que trabalham menos, no meu caso foi o 7º ano que era uma turma muito grande, mesmo numerosa, não consegui cumprir na totalidade o currículo por causa disso, para já os alunos eram muitos, depois não faziam as tarefas e claro que se naquela semana nem 10 por cento entregou a tarefa, eu na outra semana vou voltar a falar sobre o assunto porque ou muitos alunos faltaram ou não perceberam, então eu tenho de voltar a explicar tudo outra vez, é sempre a mesma matéria em vez de passar para outra, tenho que ali atrasar e com isso perdi muito tempo, é claro que a escola virtual tem aquele dom de resumir um capítulo, tem exercícios e consegue-se seleccionar aquilo que os alunos têm que saber mesmo.

Estas dificuldades foi porque tinha uma turma numerosa ou porque é neste tipo de ensino? É porque tinha uma turma numerosa, nesse 7º ano, e porque a maior parte não trabalhava, se trabalharem consegue-se cumprir, consegue-se sempre, neste caso no ensino a distância conseguimos sempre porque, lá está, não temos, porque por sermos um projecto diferente já temos ali a possibilidade de seleccionar o que é mais importante, não é obrigatório dar tudo ao pormenor, não é, agora é claro que se trabalharem nós conseguimos, se não trabalharem o suficiente é complicado cumprir.

### **- Que potencialidades identifica neste contexto de ensino e aprendizagem a distância? E as desvantagens?**

Desvantagem – (Contacto físico e a inexistência do ensino experimental)

No caso de, por exemplo, físico química é muita matemática, se eles não souberem fazer uma conta de matemática e eu tento-lhes explicar no chat, e está escrito e eles estão ali a olhar para, eles continuam sem perceber, eles vão dizer no fim de 10 minutos a tentar explicar “ah! percebi” mas provavelmente não perceberam porque depois faço outro exercício igual mas mudo os dados e eles não sabem resolver e, claro que se eu tivesse ali uma caneta e um quadro e eles visualizassem o quadro era muito mais fácil. Por isso é que uma colega de matemática do 7º ano andou ali a filmar as resoluções que escrevia, fazia as resoluções e filmava aquilo que fazia para explicar, só que mesmo assim é complicado, porque, lá está, só quem vai visualizar aquele vídeo que a professora fez é que vai talvez perceber, porque se ele tiver uma dúvida já não pode perguntar na hora aquilo que esta a visualizar, é diferente

As vantagens no ensino a distância é estes alunos puderem frequentar e concluir a escola. Hoje em dia consegue-se quase tudo no computador, nós conseguimos mostrar vários recursos diferentes para esses alunos, portanto, nós temos que trabalhar menos em cada aula mas se conseguirmos fazer uma boa aula, o aluno tem a possibilidade, uma enorme possibilidade de conseguir adquirir aquele conhecimento com vários recursos que é muito bom e se calhar em sala de aula só com uma caneta e um livro não é tão interessante, se o aluno for interessado neste projecto consegue adquirir muitos conhecimentos.

**- No Projecto EDI as estratégias metodológicas adoptadas no ensino a distância para a aquisição das aprendizagens indicadas no currículo nacional são diferentes às utilizadas no ensino regular (presencial)? Em caso afirmativo, indique algumas dessas estratégias?**

Sim, eu inicialmente não, lá está, preparava apenas PowerPoint e mais nada, só que reparei que isto não era o suficiente, nós temos ali que fazer vários recursos e explicar de várias maneiras, usar várias estratégias.

**- Que tipo de trabalho é, habitualmente, realizado na componente não lectiva pelos professores? (Como por exemplo: planificações das actividades a desenvolver na disciplina; definição e aferição de critérios de avaliação; análise dos resultados escolares entre outros. Quais?)**

A planificação fiz sozinha, os critérios de avaliação são estipulados nas reuniões, tivemos essa informação e tivemos que cumprir, não é, mas em termos de planificação eu fiz. O departamento reúne-se uma vez por mês, só que o ensino a distância quase nunca se fala dele porque como aqui a maior parte é do ensino profissional fala-se dos assuntos relativamente às outras turmas, o ensino a distância muito poucas vezes é falado porque só eu e o professor António Macedo é que estamos lá naquele grupo, incluídos no EDI e raramente se fala, até porque a escola profissional normalmente a maior parte é toda a partir do 10º ano. No EDI, reunimo-nos no final do período, nas intercalares como no ensino presencial.

**- Como é que são avaliados os alunos do Projecto EDI?**

Uma vez que nós não temos, o teste aqui não é muito importante porque eles tem acesso a toda a matéria, estão a fazer o teste e a consultar e às vezes vão de fim-de-semana e fazem o teste. Aquilo que nós fazemos todas as aulas é eles têm que entregar as tarefas, uma ficha de trabalho, preparamos uma ficha de trabalho ou um hotpotatoes, e eles têm que entregar essas tarefas (no projecto EDI a realização das tarefas, a assiduidade são os parâmetros avaliativos com maior peso para a avaliação final, apesar dos testes também ser contabilizados nessa avaliação).

Eles têm sobretudo é de fazer o trabalho regular e se faltarem a uma aula, supostamente tem que fazer mesmo a tarefa num prazo de 5 dias, é claro que muitos não vão cumprir estes 5 dias e nós também vamos ali dizer, penalizar o aluno se entregar fim de uma semana ou duas semanas mas têm que fazer e habitualmente somamos então as tarefas que eles tem ao longo do período, que eles têm para fazer e temos que contar mais ou menos se eles realizaram as tarefas, depois avaliamos o aluno se a ficha de trabalho foi feita correctamente, com ajuda ou sem ajuda. Alguns professores até são mais exigentes nisso e cada um faz como quer, se eles dizem não temos uma semana para entregar a tarefa tens que entregar nessa semana e depois fecham a tarefa, não podem concluir, já deviam ter feito, eu no meu caso não faço isso, agora é claro que se um aluno me faz uma tarefa que foi feita, que já dei há mais de uma 1 mês, ele tem que me avisar que fez, porque eu não vou estar a confirmar em cada tarefa se um aluno ou outro entregou.

## **Bloco 8 – Tutoria**

**- Como é que funcionam as aulas de tutoria?**

Não sou tutora mas tenho noção, eu para os tutores tenho que entregar, tenho que informar quais foram os alunos que foram ou não foram à aula, se fizeram ou não o

trabalho que tinham que fazer na aula e aí na aula de tutoria têm que fazer tudo, e o aluno tem que fazer todas as tarefas que não fez em várias disciplinas.

**- Neste tipo de ensino, considera importante a figura do tutor? Por favor, justifique a sua resposta.**

Muito importante aqui neste tipo de ensino, é imprescindível porque senão então o aluno era largado e não se consegue safar, se ele não for um aluno assíduo e responsável, a maior parte dos adolescentes não o são, muitos deles aqui não o são porque tem outro trabalho, o trabalho deles do circo ou da feira e, se o tutor não estiver lá atrás deles para o informar do que tem que fazer a tal tarefa, estudar e às vezes falar com os pais porque não acham importante, neste caso o tutor tem um papel muito importante.

**- Os seus alunos costumam contactá-la/lo para tirarem dúvidas, pedir-lhe ajuda para os trabalhos ou outra situação depois das aulas?**

No meu caso não porque eu não tenho telefone mas se estivesse, se calhar tinha alguns alunos que o fariam, mas na plataforma costumam contactar comigo os alunos que são mais interessados, muitas vezes perguntam se aqueles resultados estão certos, se posso corrigir para ver se está tudo bem, alguns são assim e eu faço se eu tiver tempo nesse momento para ver o que eles entregaram, eu faço, se não tiver digo que vou corrigir amanhã ou noutro dia e se tiverem alguma dúvida eu explico na hora, isso normalmente consigo fazer sempre.

Com que frequência ou é esporadicamente? Com muita frequência alguns alunos, não são todos, não são muitos, são muito poucos, mas lá está, como nós vimos aquele interesse é muito bom para esse aluno e nós queremos ajudar.

### **Bloco 9 - Relação com os Encarregados de Educação**

**- Como é que se processa a comunicação dos professores/Tutor com os encarregados de educação?**

Lá está são os tutores que entram em contacto com os pais, normalmente são os tutores. O professor que não é tutor raramente entra em contacto, pode acontecer, por exemplo, às vezes nós queremos ligar para um aluno e é o pai, só temos o número de telefone do pai ou da mãe, nós pedimos então se é possível falar com o aluno, mas também se for preciso com esse pai, o professor toma essa iniciativa, no meu caso nunca foi, nunca utilizei esse método mas há professores que o fizeram, para dizer que o seu filho não está a trabalhar o suficiente, tem que ter mais atenção aquilo que ele está a fazer em tal disciplina.

**- Com que regularidade é que professores/tutor contacta com os encarregados de educação?**

Acontece algumas vezes, lá está, acontece muitas vezes a quem tem o telefone, como eu não tenho telefone próprio, eu só telefone, peço o telefone a outro colega, mas lá está como não é o meu telefone, não gosto de incomodar e como cada um tem o seu tutor, eu falo com o tutor para falar então com o pai ou com o aluno.

### **Bloco 10 - Agradecimentos**

- Agradecer a participação, colaboração e disponibilização do entrevistado.

## *Entrevista ao professor E7*

### **Bloco 2 - Caracterização sócio demográfica**

**- Género, Idade;**

Feminino, 39 anos

**- Habilitações académicas (Licenciatura, Pós-Graduação, Mestrado, Doutoramento);**

Licenciatura

**- Área de estudos da formação inicial (Ciências Exactas, Ciências Sociais e Humanas, Línguas e Literaturas, Belas Artes, Outra)?**

Línguas e Literatura

**- Qual é a sua situação profissional? (Efectivo, Efectivo em quadro de zona pedagógica ou Contratado)**

Sou professora do quadro de zona pedagógica (QZP)

**- Refira, por favor, os seus anos de serviço?**

Este é o meu décimo sexto ano (16 anos)

**- Há quanto tempo (número de anos) é que participa no projecto EDI?**

No EDI estou há 2 anos mas eu já vinha da Escola Móvel, portanto este é o meu quarto ano no ensino a distância.

**- Indique, por favor, a(s) disciplina(s) que lecciona no Projecto (EDI)?**

Português no secundário e Língua Portuguesa no 2º e 3º ciclo.

**- Neste ano lectivo apenas lecciona no Projecto EDI?**

Só lecciono no EDI.

**- Como é que foi seleccionado para trabalhar neste projecto?**

Portanto estava na altura na Escola Móvel e precisavam de alargar o corpo docente e entretanto eu tinha uma amiga que já estava na Escola Móvel e ela sugeriu o meu nome à directora na altura que era a Dr.<sup>a</sup>. Luísa Ucha, fiz uma entrevista e fiquei. Depois continuei porque quando a Escola Móvel terminou, portanto os professores, foi em Agosto, portanto já estava feito o pedido para a mobilidade, porque a maior parte dos professores era do quadro, todos acabaram por voltar às escolas que tinham, eu e a Patrícia éramos as únicas que não éramos aqui do quadro de Lisboa, eu pertencço a Évora, estava colocada em Mourão e a Patrícia em Cinfães do Douro e na altura a directora do DGDIC, depois acabou por, como estávamos longe e em termos de mobilidade já era, já não se podia, tínhamos mesmo de voltar aquelas escolas, mas entretanto já tinha passado o prazo para nós pudermos concorrer e acabamos por ficar aqui requisitadas (destacadas).

### **Bloco 3 - Representações sobre o Projecto EDI e o ensino regular (presencial)**

#### **- Qual a diferença entre leccionar numa escola convencional (presencial) e ensinar através de um contexto de ensino a distância?**

Assim as grandes diferenças, primeiro não há manuais, enquanto no ensino regular o professor tem sempre o apoio do manual, aqui não há manuais, nós temos que fazer todos, todos os nossos recursos que implica muito trabalho, muito tempo, implica muita pesquisa e depois é o facto de não termos o contacto presencial com os alunos (desvantagens). Vantagens, por um lado permite-nos desenvolver as nossas competências em TIC, porque é assim quando eu voltar ao ensino regular eu não vou ser a mesma professora que era antes de entrar para o ensino a distância, porque depois de fazer aquela aula em que simplesmente vou recorrer ao manual ou à ficha, documento *Word*, é assim, para mim vai ser impensável, portanto isso é uma grande vantagem porque nós conseguimos usar vários tipos de ferramentas, estamos muito mais alerta para as novidades que vão surgindo, os recursos interactivos, é completamente diferente em termos de competências TIC.

#### **- É mais fácil ou mais difícil ensinar através de um contexto de ensino a distância?**

É assim, agora para mim é fácil porque eu já tenho a experiência de 4 anos, no início tornou-se um bocadinho complicado porque é mais difícil, porque é assim nós numa sala de aula estamos a leccionar e nós conseguimos ver pela cara do aluno, pelos gestos, ele nem precisa de dizer, nós pelos gestos, pela cara, pela expressão facial nós conseguimos saber se ele está a perceber se não está, aqui não, nós não estamos com eles, portanto temos deduzir através de outro tipo de situações, portanto no início acaba por ser mais difícil, agora não considero que seja mais difícil porque a experiência também ajuda muito.

#### **- Prefere leccionar no Projecto EDI ou no ensino presencial/regular? Porque razão?**

É assim, eu acho que as duas experiências são válidas, neste momento prefiro leccionar no EDI, porque é um desafio todos os dias. Ao fim de 4 anos contínuo entusiasmada, gosto muito dos alunos, são alunos diferentes, acabamos por, contrariamente aquilo que se calhar se poderia achar porque é o ensino a distância, eu quando entrei para aqui para o ensino a distância, eu pensei não vou, para além de sentir a falta do contacto presencial com os alunos, se bem que na Escola Móvel nós em todos os períodos havia sempre, aqui é que muito raramente isso acontece, é diferente estar uma vez por período ou estar um ano inteiro, não é, e eu achava “isto vai ser estranho porque eu não vou conseguir estabelecer grande relacionamento com estes alunos” e é exatamente o contrário, aproximamos muito mais deles, sabemos muito mais coisas acerca deles, eles por exemplo muitas vezes quando têm problemas recorrem a nós, também é mais fácil ser por escrito e não estar cara a cara com a pessoa, se calhar conseguem-nos dizer coisas que se calhar presencialmente não sentiriam tanto à vontade para dizerem e é um relacionamento muito mais próximo, é engraçado sendo a distância consegue-se ter um relacionamento mais próximo.

#### **Bloco 4 - Problemas/Constrangimentos do Projecto de Ensino a Distância para a Itinerância**

##### **- Que problemas ou constrangimentos identifica neste tipo de ensino?**

É assim, um deles não depende de nós, nem da resolução, não passa por nós, é um facto do corpo docente não ser o mesmo todos os anos. É mau para nós que já cá estamos, é mau para os alunos porque todos os anos têm que se habituar a professores diferentes, depois são professores que ficam cá colocados mas que não têm experiência neste tipo de ensino que para eles também acaba por ser, têm uma longa fase de aprendizagem, pronto, enquanto que se o corpo docente se mantivesse, não quer dizer que se houvesse uma mudança ou outra mas que fosse pontual, se a grande maioria se mantivesse, o ensino era completamente diferente, porque é assim, eu vejo por mim as coisas que eu fiz no 1º ano, eu agora olho para aquelas coisas e agora digo assim “eu aqui devia ter feito daquela maneira, de outra, aqui deveria ter melhorado isto”, a crítica é completamente diferente e a experiência é fundamental, essa é uma das grandes desvantagens.

##### **No universo de professores que cá estão só a Patrícia e a Andreia é que têm experiência?**

Só, este ano por acaso tivemos, o ano passado só nós é que já tínhamos tido experiência, entretanto acabou por ficar colocado duas colegas que já tinham estado na Escola Móvel mas foi porque entretanto como ninguém ficou colocado em bolsa foi para oferta de escola, elas concorreram e acabaram por ficar cá. Este ano aconteceu mas foi por mera coincidência, foi também em bolsa e foi uma colega de Português que já tinha estado o ano passado, o ano passado tinha sido a primeira vez dela, este ano por sorte acabou por ficar (os professores do EDI maioritariamente são docentes contratados).

#### **Bloco 5 - Exercício do “ofício” de professor (concepções de professor)**

##### **- O que é que o(a) levou a ser professor(a)? (Por exemplo: influência de familiares, amigos e/ou professores; Vocação, estatuto social, remuneração, não ter outra saída)**

Sempre gostei, assim naquelas brincadeiras era sempre “o que é que vais seres? Vou ser professora” e ficou, foi por vocação.

##### **- Na sua opinião, o que caracteriza o “ofício” de professor (actividade de professor)?**

Acho que nós procuramos ensinar da melhor maneira possível e sobretudo motivar os alunos, é uma tarefa cada vez mais difícil, é porque eu acho que foi-lhes inculcado a ideia de que aprender tem de ser divertido, e aprender tem de ser lúdico e que não implica esforço, e não pode ser assim, eu acho que essa ideia ficou tão enraizada que nós próprios temos que fazer um esforço para tentar combater isso (facilitismo no processo de ensino aprendizagem).

##### **- Que mudanças significativas no exercício da actividade ocorreram nas últimas décadas? Quais, foram, na sua opinião, as mais positivas? E as mais negativas?**

Negativas – Acho que foi o comportamento e a motivação dos alunos, pronto não estou a falar, agora não estamos a falar do ensino a distância mas do geral. Acho que em termos de comportamento que se nota uma grande diferença, estou nisto há 16 anos, não

são assim tantos anos, acho que aqueles colegas que já estão em final de carreira, esses devem notar uma diferença muito, muito grande, mas nota-se em termos de comportamento. Acho que também houve uma diminuição da autoridade do professor dentro da sala de aula, a forma como o professor também é visto pela sociedade em geral, pronto, e é assim em todas as profissões, há bons e maus profissionais, o problema é que eu acho que, primeiro nós somos uma classe que não é nada unida e isso também é um factor negativo e que também não passa uma boa imagem lá para forma e depois é assim aqueles maus profissionais, que eu quero acreditar que são uma minoria acaba por se generalizar e ninguém liga aqueles que são bons e que lutam e que fazem todos os dias para que os alunos aprendam melhor, não, vão-se guiar sempre pelos maus exemplos, generalizam e depois temos a opinião que temos na sociedade em geral. Depois é a burocracia, eu acho que também à muita burocracia, à muito papel para preencher, muito papel, muito papel, chegamos ao final do ano e estamos atulhados em papel e durante o ano aquilo que nós queríamos é ter tempo para fazer, que é preparar as nossas aulas, fazer materiais diversificados e que sejam motivadores para os alunos, é aquilo porque nós acabamos por ter menos tempo, porque depois é tanto papel, tanto documento que nos vão pedindo ao longo do ano que aquilo que nós gostamos, que é ensinar, acabamos por não ter tempo.

Positivos – Acho que é o aumento da escolaridade, é uma medida positiva, acho que a oferta educativa que se tem diversificado ao longo das décadas também é bom, porque vai abrindo caminhos para alunos que não querem ter aquele ensino regular e isso é bom, haver esse tipo de ofertas, eu acho que isso é o mais positivo.

**- Quais os aspectos/situações em que sente mais dificuldade no exercício da profissão?**

Eu acho que é o excesso de burocracia, o excesso de papel, de documentos que uma pessoa tem que preencher, isto é o que me incomoda mais.

**- O que considera ser mais compensador no exercício da actividade docente? o que é que o tem desapontado mais?**

Mais compensador, eu acho que continua a ser o relacionamento com os alunos, porque eu acho que nós conseguimos sempre aprender alguma coisa, chegamos sempre ao final do ano e eu gosto muito desse contacto com os alunos, seja a distância seja no presencial, acho que isso continua a ser o que é mais compensador.

Desapontado, por um lado a forma como o professor, que já falamos, a forma como o professor é visto pela sociedade, a imagem negativa que se tem do professor, por outro lado aquilo que também me custa um bocadinho é que passados estes anos todos ainda não se tenha resolvido a questão dos professores terem que se deslocar para fora para darem aulas. Por exemplo, eu estou colocada no distrito de Évora e não consigo sair e então agora que os concursos tem sido mais espaçados pior ainda, eu tive que levar as minhas duas filhas para irmos viver na Aldeia da Luz porque eu fiquei lá colocada, lá em Mourão, estava pertíssimo de Espanha, a mais pequenina nem um ano tinha, tive que deixar o meu marido cá e vínhamos aos fins-de-semana, eu acho que isso é de uma violência que não tem sentido.

**- Sente-se emocionalmente compensado ou desiludido(a) no exercício da profissão? Por favor, justifique a sua resposta?**

Sinto-me compensada porque apesar de todas estas dificuldades, estas coisas negativas continuo a gostar de ser professora e não me arrependo de ter tomado esta opção.

**- Se pudesse, gostaria de exercer outra actividade que não a de professor? Porque razão?**

Não. Não me vejo a fazer, desempenhar outra actividade.

**- Comparativamente com o ensino presencial que desafios são colocados aos professores que trabalham no ensino a distância?**

O desenvolvimento das competências TIC, porque é sempre um desafio, quem fique aqui colocado que tenha noções muito, muito básicas vai sentir muito mais dificuldades porque, por exemplo, nós tivemos alguns colegas que chegaram aqui e umas das perguntas que nós fazíamos era se eles estavam habituados ao Moodle, eles estavam habituados ao Moodle como utilizador mas não como editor, pôr aulas, isso eles não estavam, eu acho que as competências TIC continua a ser o grande desafio, estarmos sempre a par das novidades que vão surgindo para conseguirmos melhorar.

Não tiveram, até à data, nenhum colega que chegasse aqui e ficasse extremamente assustado?

Tivemos e muitos.

E mostrassem alguma resistência à utilização das TIC?

É assim, resistência não direi porque é assim, se ficam colocados, aceitam o horário, eles têm sempre um mês para denunciar o contrato e não sofriam nenhuma penalização, agora que ficaram assustados ficaram, isso sem dúvida nenhuma, porque de um momento para o outro, chegar aqui, não é, alguns não estavam assim tão à vontade com as novas tecnologias e de repente dizem-lhes “Olha, é ensino a distância, é tudo na plataforma”, é complicado e tivemos muitos casos de colegas que ficaram verdadeiramente assustados.

**- Qual o tipo de ensino que considera mais favorável e compensador: o ensino a distância ou o que ocorre em contexto presencial? Por favor, justifique a sua resposta.**

Neste momento, eu considero que é o ensino a distância porque eu acho que nós conseguimos desenvolver um ensino de qualidade, interactivo, que é motivador para eles e depois também pelo público, acho que nós temos, que maioritariamente são os meninos do circo ou das feiras, e que nos fazem também ver essas actividades profissionais com outros olhos, e eu nunca me lembraria das dificuldades porque quando ia ao circo com as minhas filhas, por exemplo, antes de entrar no ensino a distância nunca me lembraria dos problemas que eles têm no seu dia-a-dia, chegarem a uma terra e não puderem instalar lá o circo porque entretanto a câmara não deixa ou da Junta não deixam ou as pessoas não querem que eles estejam ali a fazer barulho, oi por causa dos animais que cheiram, por isto ou aquilo e são crianças que são diferentes pela vivência que tem, que trabalham muito, não é, mas são miúdos muito engraçados e com quem nós aprendemos sempre, todos os dias. A grande maioria dos alunos sentem-se motivados porque tiveram a experiência de ter que andar a saltitar de escola em escola, muitas vezes de semana a semana, iam para uma escola nova e nós temos muitos alunos que nos dizem “o ensino a distância ou a escola móvel foi o melhor que nos aconteceu”, nós tínhamos uma aluna que acabou agora o 12º ano, diziam-nos “professora, eu chegava”, e ela era muito boa aluna, com muita, muita vontade de aprender, ela chegava à escola e aquilo que a professora fazia era “vai para o canto e faz um desenho sobre o circo ou faz um texto sobre o circo” e era isso constantemente, e ela dizia “nós temos

vontade de aprender, o que é que nós vamos aprender assim”, não vão aprender absolutamente nada, estavam desmotivados e portanto para eles isto é motivador.

**- Que imagem tem de si próprio(a) como professor(a)?**

Considero-me uma professora competente que gosta muito de ensinar, que gosta muito de aprender com os seus alunos e gosto muito de desafios e de procurar sempre conseguir ser melhor, estar a par das novidades em termos tecnológicos, portanto, gosto muito da profissão. Eu sou exigente, autoritária qb, não exerço logo a autoridade, por exemplo, eu lembro-me no estágio, logo das dicas que nos davam é que não mostrasse os dentes, eu não consigo, pronto, consigo exercer a minha autoridade, eles sabem qual o limite deles e essas coisas ficam definidas, ora não sou daquelas professoras de chegar, fazer cara feia e estar ali uma aula inteira de cara feia, isso não consigo.

**Bloco 6 - Interação na sala de aula**

**- Numa aula presencial do ensino convencional observamos as interações dos alunos através de reacções, atitudes, gestos, expressões corporais e faciais que dão muitas indicações ao professor. Neste tipo de aulas à distância, como se processa a interação dos alunos com o professor?**

Aqui ao contrário do ensino presencial, toda a comunicação é escrita, e tem que ser através da escrita que nós conseguimos perceber isso ou pela forma como eles respondem e nós sabemos exactamente se ele está a perceber se ele não está a perceber, se naquele dia as coisas não estão muito bem em termos pessoais que não tem nada a ver com a escola ou então pelo facto de eles não responderem, quando eles não respondem também é um sinal de que alguma coisa não está bem porque já os conhecemos e portanto imagine, temos um aluno que geralmente participa e faz as tarefas, se naquela aula específica ele não esta a fazer mas não está a fazer com a mesma qualidade com que nos habitou, nós começamos a conhecê-los e conseguimos perceber (chats e fóruns).

**- E entre os alunos?**

Sim, eles falam entre eles na aula quando tem a haver com a aula, se for conversas que nada tenham a haver com a aula nós cortamos (a interação entre os alunos é sempre orientada e supervisionada pelos professores no chat).

**- Considera que é possível trabalhar as aprendizagens de competência sócio afectivas num ambiente de ensino a distância? Por favor, justifique a sua resposta.**

Sim considero. Acho fundamentalmente isso, nós conseguimos fazer se calhar mais pontualmente nas nossas aulas mas conseguimos fazer de uma forma mais efectiva na tutoria porque cada tutor tem grupo restrito de alunos, é mais fácil trabalhar com eles, é mais fácil nós conhecermo-nos, é mais fácil nós estarmos conscientes das dificuldades que eles têm, dos problemas que eles têm e nós conseguimos de uma forma mais efectiva.

**- Como caracterizaria a relação pedagógica que desenvolve com os alunos no ensino a distância?**

Eu acho que é muito boa (Sim, sem dúvida nenhuma é possível estabelecer uma relação pedagógica). Primeiro é assim, logo uma das diferenças que nós temos é as aulas

começam e quando terminam nós despedimo-nos sempre com um beijinho, ora nós no ensino presencial não nos despedimos das alunos com beijinhos, não é, nem dizemos nem o fazemos, pronto e aqui é sempre com beijinhos, é já uma coisa que está instituída e que não é uma coisa forçada porque alguns também não dizem (mandam) beijinhos mas quando dizem é sentido (não é uma regra, foi algo que foi criado, introduzido voluntariamente), tanto que, por exemplo, antes de eles entrarem no chat, está lá explicito as regras do chat, aquilo que eles tem que fazer, cumprimentar o professor, despedir-se do professor, não está lá que eles têm que se despedir com beijinhos, isso foi uma coisa que foi acontecendo naturalmente e que mesmo os alunos que vêm para aqui de novo ou que até não são itinerantes acabam também por se despedir dessa forma, sim porque acabam por estabelecer, era o que lhe dizia, contrariamente aquilo se pode pensar que é o ensino a distância, que nós não vamos estabelecer nenhum relacionamento próximo com os alunos, consegue-se estabelecer, se calhar neste caso no conjunto de todos os professores, se calhar sou eu, mais eu e a Patrícia, porque é assim nós conhecemos todos os alunos das turmas do Projecto (EDI), os colegas que estão cá conhecem os alunos das turmas que lhes foram atribuídas ( de acordo com as colegas que entrevistei, consegue-se estabelecer essa relação pedagógica mas é mais demorada). Pois é natural, têm-se que primeiro criar um clima de confiança, de abertura e isso é natural. Conseguem e depois à outra coisa, é assim, houve, nós estivemos aqui pontualmente alguns alunos e durante o ano lectivo houve também um grupo de professores, que nós organizamos uma ida ao Norte porque tínhamos muitos alunos que estavam lá e alguns estavam com algumas dificuldades em termos ou da plataforma porque eram meninos do 5ºano e era o primeiro ano ou então porque há determinadas coisas que às vezes presencialmente basta inicialmente aquele clique e as coisas mudam e elas (colegas) próprias disseram que o relacionamento que elas depois tiveram com esses alunos com quem estiveram foi completamente diferente porque depois a proximidade é diferente.

**- Essa relação é diferente daquela que constrói no ensino convencional?**

Acho, acho porque é mais próximo, porque por exemplo eu não estou só no tempo de aula com os meus alunos, estou com eles, acabou a aula mas entretanto à noite eu estou na plataforma ou fora do meu horário lectivo, eu estou na plataforma e se eles tiveram alguma dúvida eles mandam mensagens e perguntam-me coisas, eu respondo-lhes, às vezes nem é preciso não têm dúvida nenhuma e dizem assim “olá professora, então está por aqui a estas horas, ou isto e aquilo” e acabamos por conversar ali um bocadinho através da troca de mensagens, ora no ensino regular nós acabamos a nossa aula, pronto e vamos para outra turma e cada um segue o seu caminho.

**- No ensino a distância, verificam-se situações de indisciplina por parte dos alunos?**

Também existem, claro que não é a indisciplina que existe no ensino presencial nem com a dimensão do ensino presencial, não tem nada a haver, aqui em termos de indisciplina o que é que pode surgir, pode surgir o facto de eles não fazerem as tarefas ou o facto de nós estarmos a chamar por eles no chat e eles não nos responderem, tem a ver com essa situação, às vezes alguma resposta mais torta, comigo e com a Patrícia não acontece porque eles também já nos conhecem, agora se calhar às vezes num momento de impulso, se calhar com outro professor é natural que às vezes saía, nada de muito grave mas se calhar podia ter dito aquilo de outra forma, pronto são essas as situações, mas são situações graves. Depois também têm a haver com outra coisa, a comunicação escrita é mais difícil, não é, nós se tivermos uma intervenção oral nós pelo tom, até pelo próprio tom, pode ser a mesma frase, mas dito com um tom diferente pode ter outro

significado, pronto e aqui a comunicação, eu lembro-me de uma situação que estava uma colega e o aluno, era um ótimo aluno, é um aluno daqueles que é 5 estrelas, faz tudo e mais alguma coisa e ela disse-lhe “olha, tens que refazer este trabalho” e ele disse-lhe “não faço” e ela disse “não fazes Miguel”, não, desculpe professora não, vírgula faço, pronto faltou a vírgula, a falta da vírgula na comunicação faz toda a diferença. Portanto às vezes se calhar aquela indisciplina têm a haver com isso.

**- Como é que costuma solucionar essas situações de indisciplina?**

Primeiro passa pelo professor em questão e pelo aluno em questão, se se considerar que se deve, que a situação deve ser transmitida aos encarregados de educação, então professor entre em contacto com o tutor e transmite e diz aquilo que se passou e é o tutor que fala com o encarregado de educação. Sempre que necessário recorremos ao telefone e às vezes até acontece nós recorrermos ao telefone e ligamos diretamente ao aluno e puxarmo-los as orelhas.

**Bloco 7 - Gestão e implementação do currículo escolar**

**- No contexto de ensino a distância, sentiu dificuldades/constrangimentos na implementação do currículo? Em caso afirmativo, identifique-as?**

Eu não senti grandes dificuldades, eu acho que aqui, pronto, as dificuldades passaram obviamente por transformar tudo aquilo que eu tinha em materiais interactivos e que pudessem ser utilizados na plataforma em termos do Português, como eu sou professora de Português aquilo que me oferece mais dificuldades é eu conseguir, porque uma das competências é a expressão oral, pronto é aquilo que me oferece mais dificuldades porque as actividades que eu faço são muito diminutas, porque o que é que eu posso pedir como expressão, toda a nossa comunicação é escrita, aquilo que eu posso pedir como expressão oral é para eles fazerem gravações, mas não há interacção, não é, portanto eles fazem por exemplo uma leitura de um texto e enviam-me ou eu faço por exemplo uma pergunta no fórum e em vez de eu dizer para eles escreverem as respostas digo para eles a dizerem, pronto é aquilo que acaba por ser mais difícil de trabalhar com eles mas isso é uma dificuldade em termos do, pronta da disciplina.

- A expressão oral é mais difícil de trabalhar.

Como tenta resolver? Eles fazem as gravações e enviam-me

Não podem recorrer, por exemplo ou Skype ou o outro software?

É assim, o ano passado, por exemplo, eu era professora de, tinha uma turma só do 9º ano e depois as aulas acabam e os professores de Português e de Matemática fazem umas aulas extras para preparação aos exames, aquilo que eu fiz com eles o ano passado, eu fiz pelo Skype e eles ficaram todos entusiasmados, não fizemos com vídeo, fizemos só com áudio porque depois éramos muitos e era complicado, e eles adoraram, “então professora porque é que as aulas não são sempre assim”, é porque é muito mais rápido eles porem-nos um dúvida, é imediato, na escrita demora o seu tempo, só que é complicado, nós tentamos com outro software que o professor Fernando nos tinha indicado o ano passado mas é muito difícil porque eles estão espalhados por todo o país e às vezes estão em aldeias que é complicado, nem às aulas conseguem vir porque a internet falha muitas vezes, às vezes até para descarregar um documento qualquer da plataforma, aquilo demora imenso tempo quanto mais para estar a fazer, portanto é

complicado a esse nível por questões da internet e dos sítios por onde eles estão, porque nem todos estão nas cidades, é complicado.

**- No Projecto EDI as estratégias metodológicas adoptadas no ensino a distância para a aquisição das aprendizagens indicadas no currículo nacional são diferentes às utilizadas no ensino regular (presencial)? Em caso afirmativo, indique algumas dessas estratégias?**

São diferentes, nós temos que diversificar muito mais os recursos, tem que ser obrigatoriamente diferentes (estratégias metodológicas)

**- No Projecto EDI, as suas práticas pedagógicas foram alteradas? Em caso afirmativo, de que forma?**

Por um lado diversificar ao máximo os recursos que nós lhes damos, eles não estarem sempre, sempre a fazerem as mesmas coisas e depois sempre que é necessário, se for necessário, por exemplo, fazer grupinhos de alunos mediante as dificuldades que eles têm, também se faz e, também se faz trabalho diferenciado, criam-se tarefas mais simplificadas, temos que depois adequar mediante os alunos que nós temos (práticas pedagógicas foram completamente alteradas).

**- Que tipo de trabalho é, habitualmente, realizado na componente não lectiva pelos professores? (Como por exemplo: planificações das actividades a desenvolver na disciplina; definição e aferição de critérios de avaliação; análise dos resultados escolares entre outros. Quais?)**

É assim, aqui na componente não lectiva, por um lado temos que fazer as tarefas que entretanto nos foram indicadas pela direcção e que já vêm no nosso horário, portanto temos colegas que faziam horas na biblioteca e, por outro lado são também utilizadas para nós preparamos os nossos materiais, os nossos recursos, para pesquisarmos e não são suficientes. Aqui também vamos às reuniões de departamento, às reuniões de directores de turma. Em termos de funcionamento da escola nós funcionamos tal e qual como é realizado em qualquer escola.

**- Como é que são avaliados os alunos do Projecto EDI?**

São avaliados da mesma forma que são avaliados no ensino presencial, têm os seus momentos de avaliação, sabem quando tem os testes de avaliação, se tiverem as provas a nível externo também as vão fazer, portanto seguimos aquilo que fazemos no ensino presencial, testes, avaliação formativa, é a participação, os trabalhos obviamente que em termos de peso na avaliação os trabalhos que eles vão fazendo ao longo do período tem muito mais peso do que os testes, porque é assim, os testes são feitos na plataforma e nós não estamos com eles, não sabemos quem, eventualmente pode haver outra pessoa alia a ajudar, portanto os testes tem de ter um peso muito relativo nesta avaliação (os instrumentos de avaliação são semelhantes aos do presencial, fichas de trabalho, testes, participação no chat e nos fóruns).

Regime de assiduidade – Eles também tem faltas (também são avaliados no parâmetro correspondente à assiduidade/pontualidade). A esse nível é como se fosse no presencial, se eles ultrapassarem, já tivemos casos de eles terem de fazer os PIT (Plano individual de Trabalho), fazemos tudo tal e qual, é igual.

## **Bloco 8 - Tutoria**

### **- Como é que funcionam as aulas de tutoria?**

Portanto as aulas de tutoria nós temos todos no seu horário do 2º e 3º ciclo, temos 1 bloco de 90 minutos e 1 segmento de 45, portanto e a tutoria temos um grupo de alunos mais restrito, portanto, geralmente salvo raras exceções a turma é dividida em duas e cada tutor fica com uma metade da turma, depois fazemos o acompanhamento desses alunos porque como eles têm que faltar muitas vezes, pelas viagens que fazem, por ficarem sem, às vezes as viagens são longas e o computador, a bateria já não aguenta muito tempo, portanto eles têm que faltar porque não conseguem, depois quando à terra, normalmente não têm logo luz também têm que faltar muitas vezes, também têm que ir ensaiar ou os pais chamam-nos para ir fazer isto ou aquilo e portanto acabam por faltar. A tutoria é o espaço privilegiado para eles puderem recuperar as tarefas que eles não conseguiram fazer ou porque faltaram ou porque até estiveram na aula mas se calhar não conseguiram terminar as tarefas todas e portanto na tutoria é aquilo que nós fazemos, portanto é a realização de tarefas em atraso, cada professor vai enviando frequentemente as tarefas que quer que aqueles alunos façam, em relação aos alunos nem todos têm as mesmas tarefas na tutoria, portanto as tarefas são diferenciadas porque um pode estar com mais trabalho das tarefas em atraso, outro pode ter a Português ou a outra disciplina, portanto são tarefas diferenciadas e o tutor vai fazendo a gestão dessas tarefas, o que nós fazemos também é que os dois tutores da turma trabalham em articulação para que as coisas não sejam completamente diferentes e haja ali um equilíbrio entre metade da turma e a outra metade.

### **- Qual é a função do tutor?**

Dar os apoios e depois por outro lado, outra coisa também muito importante é que aí nós conseguimos estabelecer um relacionamento muito mais próximo com aqueles alunos, conseguimos com os outros mas com estes em particular, porque também conversamos muito com eles, tentamos perceber o que é que se está a passar quando começamos a dizer, as colegas começam a dizer “olha, atenção que ele agora está a deixar mais tarefas em atraso” ou “já não estão a ser feitas com a mesma qualidade” ou “vê lá porque é que ele faltou nesta aula ou naquela” e, nós aí temos sempre a aula de tutoria, começa sempre com uma conversa prévia com eles e para resolver os assuntos que temos que resolver, daí ser um espaço privilegiado para que isso aconteça.

A função do tutor é muito semelhante à de um director de turma? Não, é assim um director de turma numa escola, aquilo que faz é marcar faltas ou receber as justificações por parte dos alunos, contactar com os encarregados de educação, pronto, se calhar tem também uma conversa mas não vai ter uma conversa cada vez que está com eles e aqui não, aqui é diferente, a tutoria é muito, muito importante no ensino a distância quer para a realização das tarefas em atraso quer para o relacionamento que depois se estabelece com estes alunos e ajudá-los a resolver os problemas que eventualmente existam, a conversarmos também com os pais quando é necessário, às vezes a conversa pode não passar necessariamente só com o aluno e ter também intervenção quando nós achamos que conseguimos, resolvemos e muitas vezes isso acontece, nós conseguimos resolver com os alunos e eles têm essa percepção, eles sabem, “a conversa hoje é contigo se ficar resolvido, não vais mais além” se não ficar e, eles sabem disso.

**- Neste tipo de ensino, considera importante a figura do tutor? Por favor, justifique a sua resposta.**

É fundamental, eu acho que sem a tutoria não há ensino a distância, porque é assim, estes miúdos estão sozinhos com o computador, se não houver alguém que lhes dê um acompanhamento mais individualizado e mais próximo com eles, é impossível.

**- Os seus alunos costumam contactá-la/lo para tirarem dúvidas, pedir-lhe ajuda para os trabalhos ou outra situação depois das aulas?**

Muitas vezes através da plataforma, a não ser que, por exemplo, eles queiram enviar, aconteceu com tuturandos meus este ano, eu enviar trabalhos para a plataforma e depois não conseguiam e eu pedia para eles me enviarem para o mail, mas é tudo pela plataforma.

**- Caso a sua resposta tenha sido positiva, como se processa essa comunicação? (Por exemplo, através do correio electrónico, por e-mail; através de uma sala de conversação; outro. Qual?) E que tipo de assuntos/situações é que normalmente abordam?**

Também costumam contactar-me sobre assuntos extra-escola, como pessoais e técnicos.

### **Bloco 9 - Relação com os Encarregados de Educação**

**- Como é que se processa a comunicação dos professores/Tutor com os encarregados de educação?**

Por telefone (os contactos com os pais passam pelo telefone). Se eventualmente um professor nos pedir para, que precisa de falar com o encarregado de educação, nós ligamos e depois passamos ao professor, mas é assim, o canal de comunicação é tutor e encarregado de educação.

**- Com que regularidade é que professores/tutor contacta com os encarregados de educação?**

Sempre que se justifica, pronto, há aqueles alunos que não temos problemas nenhuns, os que estão bem em termos de desempenho ou em termos de actividades, obviamente os contactos são muito diminutos, não é, acabamos por telefonar quando é para dar informações que precisamos ou sobre a avaliação, ou a avisar que enviamos por correio os documentos relativos à avaliação (pelo menos uma vez por mês ou pelo menos uma vez por período).

Aqui não há reuniões de avaliação com os pais como no presencial, aqui a seguir às reuniões nós telefonamos, avisamos, primeiro pedimos uma morada porque nós temos uma morada deles que é a morada oficial mas muitas vezes eles estão muito tempo sem ir e portanto o que nós fazemos é telefonamos e pedimos a morada de contacto porque eles podem preferir que lhes enviemos, às vezes acontece enviarmos para o posto de correio e eles vão lá depois buscar.

Os pais costumam tomar a iniciativa de vos ligar? Às vezes também, por exemplo, quando eles estão de viagem, telefonam e avisam-nos de que eles (alunos) vão faltar porque estão de viagem, quando ficam sem computador ou porque o computador deixou de funcionar ou porque a internet não está a funcionar (é mais raro telefonarem para saberem do aproveitamento escolar dos seus filhos). Quando são bons alunos, pronto,

sabem que eles são bons alunos e não ligam, agora aqueles que têm resultados menos bons, telefonarem? Tomarem essa iniciativa? Não, salvo raras exceções.

**Bloco 10 - Agradecimentos**

- Agradecer a participação, colaboração e disponibilização do entrevistado.

## *Entrevista ao professor E8*

### **Bloco 2 - Caracterização sócio demográfica**

**- Género, Idade;**

Feminino, 40 anos

**- Habilitações académicas (Licenciatura, Pós-Graduação, Mestrado, Doutoramento);**

Licenciatura em História – Pós-graduação em Ciências da Educação

**- Área de estudos da formação inicial (Ciências Exactas, Ciências Sociais e Humanas, Línguas e Literaturas, Belas Artes, Outra)?**

Ciências Sociais e Humanas

**- Qual é a sua situação profissional? (Efectivo, Efectivo em quadro de zona pedagógica ou Contratado)**

Sou professora do quadro de zona pedagógica (QZP)

**- Refira, por favor, os seus anos de serviço?**

Lecciono há, portanto desde 1997 (15 anos)

**- Há quanto tempo (número de anos) é que participa no projecto EDI?**

Este é o 4º ano, tive 2 anos na Escola Móvel e 2 anos aqui (EDI).

**- Indique, por favor, a(s) disciplina(s) que lecciona no Projecto (EDI)?**

História e História da Cultura das Artes. Lecciono HGP (História e Geografia de Portugal) no 2º ciclo, também História no 3º e no secundário História da Cultura das Artes.

**- Neste ano lectivo apenas lecciona no Projecto EDI?**

Sim

**- Como é que foi seleccionado para trabalhar neste projecto?**

Foi através, portanto foi mais passa a palavra, não é, tinha uma colega com quem eu trabalhei há muitos anos que estava portanto a trabalhar na Escola Móvel, entretanto era preciso professores de História, na altura mais para o 2º ciclo e ela contactou-me e perguntou-me, explicou-me mais ou menos como é que funcionava o projecto da Escola Móvel, se estaria interessada e pareceu-me aliciante mas um pouco confuso e, marcámos uma reunião, na altura na DGDIC, marcámos uma reunião, foi feita uma entrevista e eu achei aliciante, era um desafio e as pessoas responsáveis também, portanto entenderam que eu tinha perfil para entrar nesta aventura e pronto entrei. E nestes anos tenho-me mantido em exclusividade só com o projecto.

### **Bloco 3 - Representações sobre o Projecto EDI e o ensino regular (presencial)**

#### **- Qual a diferença entre leccionar numa escola convencional (presencial) e ensinar através de um contexto de ensino a distância?**

A primeira grande diferença para mim é a questão de todos os recursos, nós aqui não temos manuais, nós aqui elaboramos tudo o que os alunos recebem em casa, é feito pelo professor, portanto eles não têm manual, nós é que fazemos os recursos todos e essa é uma grande diferença, à partida exige muito do professor, muito trabalho do professor e depois é arranjar os mecanismos todos para transmitir o que numa sala de aula se transmite por páginas do manual, aqui não é. Outra coisa muito diferente, como é óbvio no ensino a distância é não temos aquela ligação presencial como temos numa sala de aula, não é, portanto, a nossa sala de aula é uma sala de aula virtual e embora estejamos lá todos no chat a conversar, não há aquela proximidade física, o contacto humano que temos, essas são as duas grandes diferenças.

#### **- Comparativamente com o ensino presencial (convencional), na sua opinião quais são as vantagens de leccionar no Projecto EDI?**

É evidente que um professor gosta de ter sempre um contacto muito próximo no presencial com o aluno e que nós aqui não temos mas a forma como conseguimos dar a volta à questão só por si acaba por ser uma vantagem, não é, e elaborar recursos para mim acabou por ser, até acaba por ser uma vantagem, porque eu há 4 anos atrás não me via a fazer nem um terço daquilo que faço agora, não é, e fui obrigada a fazê-lo e o que é que eu fazia quando vim para este projecto, fazia uns PowerPoint que apresentava na sala de aula, tinha um manual e portanto a verdade era essa, não é, pronto aqui não, aqui eu tive que fazer desde um exercício o mais interactivo possível, encontrar, documentar os vídeos próprios com aquele tempo e que apanhe só aquilo que quero, portanto, à todo um tipo de trabalho que eu, para mim era impensável eu fazer assim há 5 anos atrás e que agora me vejo a fazer /enriquecimento ao nível das competências em TIC – vantagem)

(Os professores são autodidactas na elaboração dos recursos)

“Vamos experimentar, vamos ver se resulta e, pronto, às vezes até as coisas mais elementares”. Eu tenho uma disciplina essencialmente teórica, não é prática, História é teórica, para mim era impensável eu conseguir fazer da plataforma Moodle, por exemplo, organizar um debate, para mim quem me dissesse isso é possível fazer, é ninguém me disse que era possível, eu tentei, “vamos lá tentar, com um conjunto de regras, ver se isto funciona”, funcionou se não funcionasse eu nunca mais experimentava mas funcionou, “que engraçado, até funcionou”, e eles até gostaram e então até resulta, pronto, implica é muito mais trabalho, não é, a organização, definir muito bem as regras para ver como é que é em termos de organização, porque até aqui não temos o menino a pôr o dedo no ar, é arranjar os grupinhos, mas funciona e isso é uma mais-valia muito grande.

#### **- E as desvantagens?**

(Não considera que existam desvantagens)

Relativamente à ausência do contacto físico? Poderá ser mas isso nós acabamos por ter uma ligação, o engraçado é que se acaba por ter uma ligação muito próxima com estes miúdos e não os vendo todos os dias, temos o telefone pronto, também é verdade, mas conseguimos ter uma proximidade muito grande com estes miúdos de tal forma que quando eles no ano a seguir não encontram o mesmo professor sentem a falta, portanto

embora não seja todos os dias, não os vemos, portanto alguns de vez em quando, quando estão mais próximos daqui, até passam por cá para dar um olá aos professores e para terem um diazinho aqui connosco mas não é a mesma coisa. Se tiver que apontar desvantagens iria apontar um bocadinho por aí, o facto de não termos muito contacto com eles mas de facto esta modalidade de ensino não é para estar com eles.

**- É mais fácil ou mais difícil ensinar através de um contexto de ensino a distância?**

É diferente, não é mais fácil nem mais difícil, é diferente, os dois tipos de ensinos requerem estratégias próprias, adequadas, específicas e quer um quer outro requer muito trabalho do professor, portanto eu não digo que um seja mais difícil do que outro, são diferentes.

**- Prefere leccionar no Projecto EDI ou no ensino presencial/regular?**

- Porque razão? Eu neste momento, ao fim de 4 anos, prefiro leccionar aqui (EDI), porque já uma envolvência muito grande com isto e já, tudo, parece que já fazemos, faço de uma forma intuitiva, quase e, portanto não à aquela preocupação em “agora como é que eu faço”, não, neste momento prefiro trabalhar aqui.

A estabilidade é muito importante aqui? É muito importante porque acaba por, o manter neste tipo de projecto acaba por ser bom quer do professor que tem aquela estabilidade, não é, e para eles (alunos), sobretudo porque têm aquele acompanhamento que é desejável (importância da continuidade pedagógica para professores e alunos).

**Bloco 4 - Problemas/Constrangimentos do Projecto de Ensino a Distância para a Itinerância**

**- Que problemas ou constrangimentos identifica neste tipo de ensino?**

Os problemas, os problemas às vezes, pronto o facto de estarmos inseridos numa escola requer se trate de uma série de burocracias que embora seja um projecto diferente, há uma série de burocracias que nós temos, estou a lembrar-me de uma coisa, por exemplo, os nosso alunos também têm escalão, alguns têm (Acção Social Escolar) como todos os outros, o preenchimento do papel quando eles não podem vir cá tem que ir a outra escola mas o papel da outra escola não é igual ao desta, às vezes não é tanto nós, o trabalho interno do projecto, é toda a orgânica que está à volta, que tem que funcionar e que às vezes não funciona e isto para mim, eu sinto um bocado de, eu estou a lembrar-me disto que é agora a próxima etapa, por exemplo de um que foi à escola e os problemas acabam por ser tão simples mas como este, “se levo este papel que é o da escola, tem o carimbo desta escola, não tem o carimbo ali”, coisas tão simples (problemas de natureza burocrática).

**- Como se tem mobilizado o Projecto EDI para os (tentar) resolver?**

Como é que nós temos tentado ultrapassar estas questões de natureza burocrática, é tudo aquilo que já for possível preencher online, nós temos apostado nisso, portanto, o site está bem feito, aqui da escola, tudo aquilo que eles já consigam fazer online, ótimo, fazem logo com os impressos próprios da escola. Aqueles (documentos) quando eles têm mesmo de vir cá e quando as escolas onde estão perto dizem “não, o nosso tem o carimbo”, nós dizemos “não se preocupe, o carimbo é diferente mas o conteúdo é igual, traga porque não há problema nenhum”. Ao nível da orgânica talvez, sei lá, do próprio funcionamento em termos de aulas, estou a lembrar-me, gostava de fazer, por exemplo,

às vezes uma vídeo-conferência e que não me permite, talvez aí, gostava muito de, mas permitirmos ver uns aos outros, não é possível pela capacidade da internet, eles estão em zonas em que o descarregar de um PowerPoint, por vezes é um problema, tem a haver com as zonas onde eles estão, em que apanham muito pouca rede e não conseguem, portanto temos alunos que vão ao quintal com o computador para ver se dá ou se não dá, é mais desse género. Em termos disto dificulta mais porque de resto trabalhar com as ferramentas da plataforma não é complicado.

### **Bloco 5 - Exercício do “ofício” de professor (concepções de professor)**

**- O que é que o(a) levou a ser professor(a)? (Por exemplo: influência de familiares, amigos e/ou professores; Vocação, estatuto social, remuneração, não ter outra saída)**

Eu não tenho ninguém da minha família que seja professor, sempre tive um gosto muito grande pela história e desde pequena, eu lembro-me ainda estava no 3º ciclo e sempre disse que gostaria, e já na altura os meus professores me diziam “não faças isso, a situação está muito mal, vai para outra coisa, não vás para isso”, mas sempre fui para história e curiosamente da história, não para a parte da investigação, não para a parte das bibliotecas, não para a parte dos museus, sempre foi para o ensino, portanto e fui, tanto que eu fiz a licenciatura e logo a seguir à licenciatura fiz pós-graduação em Ciências da Educação.

**- Na sua opinião, o que caracteriza o “ofício” de professor (actividade de professor)?**

Mais do que instruir, mais do que transmitir os conhecimentos por parte da história, a história está muito ligada a valores de cidadania e eu acho mais do que nunca, eu vejo-me a transmitir esse tipo de valores que muitos deles estão esquecidos e que é importante ao falar-se, não só dizer-se que, sei lá, em termos de história não só dizer que a escravatura terminou no século tal, não é, é transmitir a essência daquilo que nós estamos a falar, é dizer terminou mas existe actualmente formas de escravatura e levá-los a pensar estas coisas e dizer, isso é obrigar uma pessoa a estar retido num país estrangeiro a fazer trabalho, lutar e viver com estas condições é uma forma de escravatura, portanto é levá-los a pensar nessas coisas de que, não é só transmitir conhecimentos, e hoje mais do que nunca é importante transmitir-lhes estes valores.

**- Que mudanças significativas no exercício da actividade ocorreram nas últimas décadas?**

**- Quais, foram, na sua opinião, as mais positivas? E as mais negativas?**

As menos positivas foi a perda de autoridade do professor, é o que eu acho. Acho que nós passamos de uma situação de 8 para 80, costume dizer “nem tanto ao mar nem tanto à terra”, e as novas pedagogias, e as novas psicologias da educação que surgiram, e eu tenho muitos amigos psicólogos e compreende-os perfeitamente mas eu acho que há muita teoria e pouca noção do que é que se passa dentro das salas de aula e dentro das nossas escolas, e o professor perdeu a autoridade e o perder autoridade não é utilizar, quando digo autoridade não é utilizar a palmartória, portanto neste momento os alunos sabem perfeitamente até onde o professor ir, e eu acho que isso foi, é uma situação que a mim me choca, que a mim me choca. A outra questão é o aspecto mais positivo que eu considero é as ofertas educativas, acho que a nossa escola, eu sou uma grande defensora da escola pública portuguesa, e acho que ao contrário do que aquilo que as pessoas dizem eu, a título pessoal tenho as minhas 2 filhas numa escola pública e recuso-me a

mete-las no ensino privado, enquanto acreditar no ensino público, elas andam no ensino público. Acho que existem professores de uma grande qualidade nas escolas públicas e independentemente de ser do norte ou do sul, existem professores de grande qualidade, a escola pública é uma escola pública que ainda considero boa em Portugal e as respostas que a escola pública têm dado nos últimos anos, eu acho que é de louvar, apesar de todas as dificuldades, apesar de tudo, antigamente era impensável existirem, sabe eu quando comecei a leccionar a única coisa que existia era os chamados currículos alternativos e desde essa altura até agora que há tanta coisa que já foi feita, desde CEF (Cursos de Educação e Formação), novas oportunidades, apesar de tudo aquilo que possa ter corrido menos bem, cursos profissionais, tanta, tanta coisa e isso para mim foi muito bom, este ensino a distância, esta modalidade que é uma medida inovadora, o procurar dar a escolaridade a um público que à partida não quer por diversas razões, que se afastam o mais cedo possível da escola e a resposta que a escola deu, eu acho que é uma medida muito positiva.

**- Quais os aspectos/situações em que sente mais dificuldade no exercício da profissão?**

Neste momento naquilo que eu estou a fazer, se calhar não tenho sentido essa dificuldade, até porque como há a tal continuidade e já nos conhecemos tão bem, eu tenho uma vantagem em relação aos outros professores, nunca apanhei turmas com meninos do 5º, portanto os do 5º ano são os novos, eu sou professora do 3º ciclo e secundário e quando apanho são os do 6º ano, portanto já estão preparados, portanto eu acredito que os professores nesta modalidade de ensino que apanham alunos do 5º, são meninos que caem aqui e é difícil, portanto nem se quer a parte da adaptação dos alunos à plataforma eu os apanho, portanto e depois quando os apanho no 6º, apanho-os até ao 9º e agora até terminarem o secundário, não é, portanto e vou acompanhando-os sempre e já não sentimos, sei perfeitamente que aquele aluno quando diz uma coisa é porque não está no computador, já os conheço bem, já sei o que é que eles estão a fazer, portanto neste momento não tenho sentido assim dificuldades.

**- O que considera ser mais compensador no exercício da actividade docente? O que é que o tem desapontado mais?**

Mais compensador é a experiência em si, este enriquecimento que é feito porque é uma experiência profissional, é única, o facto de eu utilizar todas estas inovações e tudo isto que está ao meu dispor e que eu posso fazer mil e uma coisas para transmitir aquilo que eu quero aos miúdos, portanto para mim é uma experiência que se calhar eu não a vou viver com a mesma intensidade em nenhum outro lado a não ser aqui. O que é que eu sinto falta? Sinto falta aqui de um corpo docente estável, isso eu acho que faz muita falta, um corpo docente estável porque todos os anos temos a necessidade de formar novos colegas que no final do ano saem, não à a continuidade, eu acho que isto é a parte menos compensatória, porque parece que todos os inícios dos anos é um voltar ao princípio, e quando os colegas já passaram a fase de adaptação e os próprios alunos, já passaram a fase de adaptação ao professor e já está tudo encarreirado chega-se ao final e à aquela sensação “bem agora são 2 meses sem aulas” e depois é o voltar outra vez, formar um grupo de colegas (projecto EDI).

No ensino em geral o menos compensatório é a burocracia, eu acho que nós cada vez menos temos tempo para preparar as nossas aulas, para vermos o que é que é realmente importante no exercício da nossa actividade, que é dar aulas, estar com os alunos em sala de aula e estamos-nos a preocupar em preencher relatórios, em preencher isto, preencher aquilo e agora temos que entregar mais aquilo, temos que fazer uma tabela

que justifique o elevado nível de negativas e mais isto e mais aquilo e mais aquele outro, é uma montanha de papéis que o professor tem que preencher (excesso de burocracia exigida ao professor no desempenho da sua actividade profissional).

**- Sente-se emocionalmente compensado ou desiludido(a) no exercício da profissão? Por favor, justifique a sua resposta?**

Eu acho que a desilusão faz parte de qualquer profissão, às vezes ficamos um bocadinho mais abatidas porque surge mais um despacho normativo daqui ou mais uma coisita ali que nos abale, que nos abale ali um bocadito, mas não, no geral eu sinto-me, para lhe responder à sua pergunta não devia fazer mais nenhuma coisa a não ser, ser professora.

**- Se pudesse, gostaria de exercer outra actividade que não a de professor? Porque razão?**

Não, ainda continuo motivada (no exercício desta actividade).

**- Comparativamente com o ensino presencial que desafios são colocados aos professores que trabalham no ensino a distância?**

Os desafios é num curtíssimo espaço de tempo conhecer e utilizar tudo o que diga respeito à plataforma e tudo o que diga respeito às TIC, pronto, num curto espaço de tempo, e isso é importante, o professor, eu quando digo num curto espaço de tempo é mesmo num curto espaço de tempo, estou a falar num período de tempo de 2 semanas, 3 semanas em que o professor tem de se inteirar de tudo. Isso é aquilo que é diferente do presencial, no presencial não há esse tipo de desafio á partida, pronto, esse é o principal.

**- Qual o tipo de ensino que considera mais favorável e compensador: o ensino a distância ou o que ocorre em contexto presencial? Por favor, justifique a sua resposta.**

Eu neste momento, eu acho que e o a distância, por tudo aquilo que eu tenho que fazer, por tudo aquilo que eu tenho que fazer, parece-me que eu estou no presencial e estou, um aluno sai, eu estou a ver a minha experiência, leva uma série de tarefas para fazer, nós fazemos na outra aula a seguir, o que é que fazemos, fazemos a verificação, fez não fez, acabou e acaba ali, aqui não, aqui é um trabalho que ultrapassa muito isto, “não fez, então fez, porquê”, há aquela preocupação de cada um dos professores que é, mas tão grande, tão grande que passa só aquilo de preparar as aulas e deixar, “então não fizeste, agora eu vou deixar aberto para tu fazeres”, e é ir até e continuar, “ah! Mas eu não percebi isso”, “então para tu conseguires perceberes isso, vai ver aquilo e tenta ver”, e acho que se esgota mais um bocadinho mais no presencial, não porque os colegas o queiram é porque os colegas não têm outra alternativa.

É porque se calhar têm mais alunos, será por aí? Não sei, dependendo das turmas, pronto, nós aqui, é evidente que o número de alunos por turma não é igual ao presencial mas não é igual salvo seja, nós tivemos uma turma este ano de 25 alunos no 7º ano, mas portanto só para ter uma ideia, um professor de história, nós temos a mesma carga horária que o colega tem e eu, por exemplo, para professora de história eu tenho "n" turmas, "n" turmas para ter o meu horário, não é, eu este ano tive 6º, 7º, 8º, 9º, 10º e 11º anos.

**- Que imagem tem de si próprio(a) como professor(a)?**

Eu acho que há coisas que ainda me continuam a escapar e a falhar, às vezes apercebo-me, acho que estou sempre a aprender, sempre, sempre, quando eu penso que sei, acontece tudo ao contrário daquilo que eu estou à espera, daquilo que eu acho que vai ser, portanto, acho que considero-me uma boa professora, considero-me, mas acho que ainda tenho assim um caminhozinho, um longo caminho.

**Bloco 6 - Interacção na sala de aula**

**- Numa aula presencial do ensino convencional observamos as interacções dos alunos através de reacções, atitudes, gestos, expressões corporais e faciais que dão muitas indicações ao professor. Neste tipo de aulas à distância, como se processa a interacção dos alunos com o professor?**

Logo pelo chat, o chat é a nossa sala de aula é ali que nós damos um bom dia quando falamos, e aqui nós temos essa percepção, sabemos sempre quando é que ele entra, que fica sempre registado, não é, quando é que ele entra, se um aluno entra, entra ligeiramente atrasado, não diz nada, não dá os bons dias, não diz absolutamente nada passa-se alguma coisa, portanto nós temos essa noção. Quando nós damos uma determinada orientação e o aluno responde, tudo no chat, responde e dá aquela resposta que nós não estamos à espera, portanto, nós vimos bem que se passa alguma coisa e é preciso ver o que é que é, é sobretudo no chat.

Até conseguimos pela quantidade de tempo que está sem dizer nada, que de certeza que aquele aluno não está bem (é possível observar as interacções dos alunos no chat pelo tipo de resposta que dá ou pelo tempo que demora a responder)

**- E entre os alunos?**

Sim acontece, nós chegamos ao ponto de dizer que não há trocas de palavras, de palavras quer dizer, não é de ofensas nem nada disso mas é às vezes eles estarem a querer conversar uns com os outros.

**- Considera que é possível trabalhar as aprendizagens de competência sócio afectivas num ambiente de ensino a distância? Por favor, justifique a sua resposta.**

Se calhar não é tão fácil como no presencial mas conseguimos, mas consegue-se, consegue-se porque, lá está, quando nós reparamos que alguma coisa não está bem é logo aquela preocupação do ligar, do saber, do perguntar, do mandar uma mensagem interna na plataforma para saber e eles acabam por dizer o que é que é, o que têm, é possível.

**- Como caracterizaria a relação pedagógica que desenvolve com os alunos no ensino a distância?**

Agora vendo a minha experiência no presencial e comparando com aqui, eu sempre tive uma relação muito próxima com os meus alunos, também tenho mais experiência do secundário, enquanto tive no presencial aquilo que continuo a manter ainda, agora tenho alunos que estão a acabar a licenciatura e consigo mantê-la também aqui.

**- Essa relação é diferente daquela que constrói no ensino convencional?**

Não.

**- No ensino a distância, verificam-se situações de indisciplina por parte dos alunos?**  
Por exemplo às vezes entre eles, por exemplo o professor diz “ó fulano tal, tu chegaste atrasado porquê”, e antes que o outro responda, por exemplo diz assim “porque não te apeteceu acordar”, isso é picardia e então aí gere-se aquele caso, agora essas situações não significam que tenhamos casos de indisciplina que levem á suspensão das aulas, e isto, aquilo e outro, não temos esses casos, não temos esses casos no EDI mas aí até porque dentro do público que abarca o projecto temos desde itinerantes e dentro dos itinerantes temos os circenses, feirantes e até público da Ajuda de Mãe, temos diferentes realidades e todos eles juntos na mesma sala de aula, portanto, e às vezes há ali uma, mas não à partido aquilo fica resolvido de imediato, de imediato na aula, “vá acaba, não digas, não respondas, não dirigi a palavra a ti”, sempre que o professor exerce aquele controlo mais, tudo no chat, tudo por escrito.

**- Como é que costuma solucionar essas situações de indisciplina?**

Depende há situações que é através do chat e outras que é através do professor que informa o tutor e diz “olha, isto aconteceu aqui”, o tutor liga para o pai e às vezes fala também com o aluno e resolve-se ali aquilo no imediato.

**- Em que medida é que os mesmos afectam o processo de ensino e aprendizagem em que desenvolve o projecto EDI?**

Não afectam o processo de ensino e aprendizagem (porque as situações só muito raramente ocorrem).

## **Bloco 7 - Gestão e implementação do currículo escolar**

**- No contexto de ensino a distância, sentiu dificuldades/constrangimentos na implementação do currículo? Em caso afirmativo, identifique-as?**

Eu aqui tenho que fazer um bocadinho diferente entre o que existe agora e o que existia antigamente, eu quando entrei não existia a disciplina de história, portanto existia o domínio de formação, quando entrei na Escola Móvel existia o domínio de formação que era o Passado e o Mundo Actual que juntava a História e a Geografia, juntava no 2º e no 3º ciclo, portanto havia uma adaptação clara do currículo, portanto nós não dávamos o mesmo currículo, a mesma organização, era impossível porque estavam juntas, agora, de há 2 anos para cá, o currículo é dado extamente como o currículo, estou a falar da minha disciplina, portanto extamente igual ao que é dado no ensino regular, portanto e tem corrido bem e tem-se cumprido bem mas tive aqui esta experiência, portanto uma experiencia em que não existia a disciplina de história, não é, existia o Passado e o Mundo Actual e agora não, agora já temos, isto é uma característica do EDI ligarmos o mais possível ao currículo nacional (não senti dificuldades na implementação do currículo no EDI).

**- Que potencialidades identifica neste contexto de ensino e aprendizagem a distância? E as desvantagens?**

Em termos de sistematização de ideias e de conhecimentos é muito mais fácil aqui, parece que, eu consigo estruturar melhor, porque é assim, não há comunicação oral é uma comunicação escrita, enquanto eu numa sala de aula eu estou a transmitir e é a oralidade que está a funcionar, e sendo um disciplina teórica é aqui que passa, não é, aqui não, aqui como é escrito ao nível, por exemplo, estou a lembrar-me ao nível da sistematização de ideias e de conhecimentos é muito mais fácil eu conseguir isto no

ensino a distância, por exemplo, porque parece que eles conseguem arrumar a informação e é uma mais-valia.

**- No Projecto EDI as estratégias metodológicas adoptadas no ensino a distância para a aquisição das aprendizagens indicadas no currículo nacional são diferentes às utilizadas no ensino regular (presencial)? Em caso afirmativo, indique algumas dessas estratégias?**

Têm que ser, as estratégias têm que ser diferentes. Por exemplo, eu tive turmas, não em todas, no presencial em todas as turmas verificamos ritmos de aprendizagem diferentes e eu mesmo em história, tive em determinadas turmas a necessidade de diversificar os materiais que utilizava na sala de aula para grupo de alunos distintos, eu cheguei ao ponto em que disse não, eu entregar este documento histórico para ser analisado, o mesmo para toda a turma não dá resultado, uns têm uma coisa outros têm outra, isso eu utilizava no presencial, no ensino a distância não é em todas as turmas mas também tenho turmas em que faço isso, em que crio, portanto, em que os ritmos de aprendizagem são tão diferentes, são tão diferentes, em que eu tenho a necessidade de ter materiais dentro própria aula canalizados para um grupo de alunos e para outro, e isso já o fazia no presencial e aqui também costumo fazer, dá é muito mais trabalho aqui (estratégias metodológicas são praticamente as mesmas do presencial as práticas é que tiveram que ser alteradas).

**- Que tipo de trabalho é, habitualmente, realizado na componente não lectiva pelos professores? (Como por exemplo: planificações das actividades a desenvolver na disciplina; definição e aferição de critérios de avaliação; análise dos resultados escolares entre outros. Quais?)**

Nós aqui preparamos, aqui temos horas na biblioteca na componente não lectiva, temos horas no VIMES que é uma das áreas que a escola tem para apoio, que está relacionada com a indisciplina na escola, portanto é uma área chamada VIMES e que faz parte da componente não lectiva dos professores, na biblioteca, nós aqui no EDI temos sobretudo na biblioteca e a maior parte do trabalho é feito para a preparação das aulas.

Mas em relação à participação em reuniões de departamento? Sim, temos reuniões de departamento, reuniões de grupo, é assim, isto funciona tal e qual, nós aqui estamos inseridos num departamento, estamos inseridos nos grupos (disciplinares), as convocatórias são feitas para todos, não há a frente (convocatória a dizer se é do EDI se não é, isto funciona tudo normal. Quanto às planificações do EDI não são feitas com os professores da escola porque a nossa planificação é diferente mas constam nos dossiers de departamento, nos dossiers dos grupos, as convocatórias são sempre passadas.

Costuma partilhar material? É mais difícil até porque os colegas não têm acesso à plataforma

**- Como é que são avaliados os alunos do Projecto EDI?**

São avaliados como os alunos no presencial, são avaliados, têm os chamados testes, aqui é muito feita uma avaliação formativa, nós aqui incidimos muito na avaliação formativa até porque a cotação, o peso, em termos de avaliação em pedagógico foram aprovados os critérios de avaliação do EDI (critérios de avaliação específicos). A distribuição como é feita, dos 60, 40, das percentagens aí é igual com as da escola mas temos específicos no EDI.

Mas o que é que nós fazemos, costumamos fazer em todas as aulas, eles têm sempre uma série de actividades que vão fazendo e são avaliados de forma qualitativa, a maior parte delas para nós virmos se eles estão a perceber, eles terem a noção se estão a perceber ou não, depois fazem-se os testes, fazem-se as minhas fichas, extamente tudo na plataforma mas têm um percurso semelhante.

## **Bloco 8 - Tutoria**

### **- Como é que funcionam as aulas de tutoria?**

No ensino a distância é fundamental a tutoria, sem tutoria eu acho que era impensável existir ensino a distância. As aulas de tutoria são aquelas aulas em que não é só colocar materiais da disciplina para os alunos trabalharem, por exemplo, naquelas que têm em atraso, cada disciplina tem o chamado fórum em atraso que põem o nome do menino e os trabalhos que ele tem para fazer, geralmente o que é que acontece, o que é que o tutor vai fazer, vai gerir no espaço da sua tutoria, vai dizer “o fulano tal, vai fazer as tarefas tal” e reencaminham para lá, que têm lá as tarefas para fazer, o outro têm mais de matemática e vai fazer, é isso que se faz na tutoria mas o mais importante do que isso é aquele espaço em que há conversa com o tutor e isso é que é muito importante, é aquele espaço em que os outros tuturandos não os ouvem, é conversa entre tutor e tutorando, que há ali aquele espaço só nosso em que cada um geralmente tem um conjunto de sete, cinco, sete tuturandos em que há uma espaço em que falamos todos e conversamos todos, dizemos o que é que se passa, se está tudo a correr bem, mas depois há aquele espaço em que o tutor só está com cada um deles individualmente e eles aí sentem-se muito mais à vontade.

### **- Qual é a função do tutor?**

A função do tutor, o tutor é aquele que faz o elo de ligação entre o projecto, a casa, o aluno e por vezes com a escola de acolhimento, quando um aluno tem, por exemplo, uma avaria no computador, vai para uma escola para ir para o centro de recursos, é o tutor que faz este mecanismo todo, é o tutor que chama os pais para se inteirarem da situação dos alunos, porque são pais que tem vida, são itinerantes e agora até temos conseguido trazer muitos deles à escola, fizemos uma actividade no final em que tivemos os pais aqui a venderem, a mostrarem a sua actividade, a venderem flores, a vender isto e a vender aquilo, os pais vêm à escola, eles não estão habituados a isto e agora começam-se a habituar, e tudo isto é passado pelo tutor.

### **- Neste tipo de ensino, considera importante a figura do tutor? Por favor, justifique a sua resposta.**

Tão importante que quando o pai telefona e o professor não está, o pai não fala com mais ninguém, diz então “eu ligo mais tarde”, é o tutor. Por isso, quando, por exemplo, eu no meu caso, estou agora a lembrar-me dos que peguei do 5º ano, dos meus que vêm do 5º ano, tive com eles agora no 6º ano e vou continuar com eles, não é, portanto há aquela ligação que se vai manter, por isso é quando, nos outros casos o que é que acontece tirando a mim e a professora Andreia, todos os anos estes miúdos vão tendo tutores novos, isso também acaba por ser, eles tem sempre a coisa “ali, mas no ano passado o tutor disse”, mas as pessoas são diferentes, o modo de actuar é diferente, o modo de trabalhar é diferente, a ligação que eles tem com o tutor é muito, muito forte e com os pais também, é muito forte. Se o tutor diz é porque é, e aqui eles dão muito valor ao tutor e tem graça que em determinadas alturas quando um colega chama a atenção,

eles por vezes dizem “mas a minha tutora disse” como que a dizer é a minha tutora que está a dizer, portanto, vela lá se não é mesmo assim, pronto, isto para eles é muito importante (figura do tutor).

**- Os seus alunos costumam contactá-la/lo para tirarem dúvidas, pedir-lhe ajuda para os trabalhos ou outra situação depois das aulas?**

Muitas vezes (na plataforma e por telefone). Nós temos ao nosso dispor telemóveis de serviço e que vai um pouco, no fundo do conhecimento que nós temos por eles, portanto nós saímos geralmente por volta das 5, 6 da tarde, pudemos perfeitamente desligar, terminou o serviço desliga-se o telemóvel e o professor poderá fazer isso, não é, no meu caso não faço e também recebo, não a horas impróprias e quando eles têm necessidade de telefonar um bocadinho mais tarde, eles pedem-me logo desculpa e dizem “foi mesmo importante ir telefonar”, eles telefonam, telefonam muito e tenho alunos fora muito do tempo da aula de tutoria a pedir auxílio “professora pode me dizer se já fiz, se a professora já viu aquilo”, pedem muito (é frequente entrar em contacto com o tutor para tirarem dúvidas e falarem sobre assuntos de natureza mais pessoal). E quando não acontece, há pais, atenção há pais e pais, há pais que estão mais presentes e outros mais ausentes e que nós temos mais dificuldade de falar, mas nesses casos, às vezes, eu tenho necessidade de dizer, olhe que eu já tentei ligar muitas vezes para si” e eles sentem, pronto, se já tentou ligar é porque aquilo está um bocadinho complicado e à necessidade de eles pedirem logo desculpa, de dizer “ali, pronto não deu”, darem aquela justificação, porque sentem-se um bocadinho atrapalhados quando o tutor diz que já ligou várias vezes e não consegui falar.

Também é o tutor que faz a articulação com a CPCJ (Comissão de Protecção de Crianças e Jovens) que é muito importante, temos alunos que estão a ser acompanhados pela CPCJ e é o tutor que faz o relatório e é o tutor que fala com os técnicos da CPCJ, portanto também essa função.

**Bloco 9 - Relação com os Encarregados de Educação**

**- Como é que se processa a comunicação dos professores/Tutor com os encarregados de educação?**

Principalmente por telefone, mas estou a lembrar-me por exemplo dos registos de avaliação que vão por correio, embora eles na plataforma, não há na plataforma uma entrada apenas para eles, para os encarregados de educação, não há, os pais para entrarem, entram com os filhos (com o login e palavra passe dos filhos).

Geralmente os registos de avaliação são todos enviados por correio, os planos de acompanhamento, os planos de recuperação, os PIT (Plano Individual de Trabalho), tudo para eles assinarem, o que é que eles, se estão perto eles vêm cá, se estão longo o que é que nós fazemos, enviamos para lá, eles assinam e depois enviam outra vez para cá, mas a maioria é por telefone.

**- Com que regularidade é que professores/tutor contacta com os encarregados de educação?**

Por telefone, eu às vezes chego a falar com pais 3 vezes por dia, o mesmo pai, depende. Eu estou a lembrar-me, por exemplo de um aluno que está nos Emirados Árabes Unidos, a forma como eu tenho correspondência com a mãe é mais por mail do que por telefone, estes pais não têm mail, é muito raro nós correspondermo-nos por mail mas com essa mãe em particular, eu comunico muito por mail, e é um aluno excepcional e eu só tenho, de ser tão excepcional, por vezes corremos o risco de nos esquecermos,

entre aspas, desses alunos que não nos dão tantas ralações e tantas preocupações, portanto enquanto eu tenho que falar às vezes na semana, eu falo todos os dias com os pais se calhar, obviamente, com esses não, falo muito menos, mas seguramente de 15 em 15 dias nós falamos.

Os pais também tomam a iniciativa de falar com os tutores? Sim. Obviamente que somos nós que ligamos mais para eles, mas eles tomam a iniciativa de ligar.

**- Quais os motivos/situações principais desses contactos?**

Por problemas técnicos, para saber se está tudo a correr bem ou não, por dúvidas que tenham “então ele não vai para aquela aula, pode fazer depois noutra, como é que é”, pronto isso pode acontecer às vezes até perguntar “eu vou fazer uma viagem, vou estar relativamente perto, posso levá-lo aí”.

Temos muitos pais interessados e como eu digo, de tão interessados que estão já vêm à escola e já participam nas actividades, pronto, nós tivemos aqui um carro de farturas, de bifanas, de algodão doce, de pipocas, tivemos aqui na escola, de flores, de artesanato, eles vieram mostrar o seu negócio e envolveram-se aqui, não é, e isto é muito bom porque estes pais não estão habituados a isso, montaram aqui e foi para toda a escola, que começou a ver os pais com outros olhos. Foi um dia muito importante eles (pais e alunos do EDI) que sentiram que estavam a participar numa actividade que era da escola, uma semana da escola e foi muito importante e portanto temos pais interessados e temos pais que, por exemplo, não conseguiram vir e telefonaram a pedir desculpa, mas o pedir desculpa não foi por não puderem vir porque tiveram uma avaria no carro mas porque estavam longe. Obviamente que temos outros pais menos interessados é como tudo, temos que apertar e temos quase que dizer “ou fala comigo ou mando um relatório para a CPCJ”, pronto para eles mudarem um bocadinho, e temos esses pais.

**Bloco 10 - Agradecimentos**

- Agradecer a participação, colaboração e disponibilização do entrevistado.

## *Entrevista ao professor E9 (via Skype)*

### **Bloco 2 - Caracterização sócio demográfica**

**- Género, Idade;**

Feminino, 40 anos

**- Habilitações académicas (Licenciatura, Pós-Graduação, Mestrado, Doutoramento);**

Tenho duas Licenciatura, uma em Geologia Aplicada e uma em Ensino de Biologia e Geologia

**- Área de estudos da formação inicial (Ciências Exactas, Ciências Sociais e Humanas, Línguas e Literaturas, Belas Artes, Outra)?**

Ciências Exactas

**- Qual é a sua situação profissional? (Efectivo, Efectivo em quadro de zona pedagógica ou Contratado)**

Sou contratada

**- Refira, por favor, os seus anos de serviço?**

8 anos.

**- Há quanto tempo (número de anos) é que participa no projecto EDI?**

Foi só um ano lectivo, eu só tive duas turmas não tive assim um grande contacto com o EDI.

**- Indique, por favor, a(s) disciplina(s) que lecciona no Projecto (EDI)?**

Ciências da Natureza 6º ano – 2º ciclo

**- Neste ano lectivo apenas lecciona no Projecto EDI?**

Não

**- Em caso de não leccionar apenas no projecto, descreva a sua situação?**

Tinhas duas turmas no EDI e tempo restante na escola (ensino presencial) – Horário misto

**- Como é que foi seleccionado para trabalhar neste projecto?**

Fiquei colocada na Escola Secundária Fonseca Benevides onde o projecto funciona e depois soube que no meu horário teriam então algumas horas (duas turmas) no EDI (ensino a distância).

### **Bloco 3 - Representações sobre o Projecto EDI e o ensino regular (presencial)**

**- Qual a diferença entre leccionar numa escola convencional (presencial) e ensinar através de um contexto de ensino a distância?**

É completamente diferente, portanto para já porque nós não temos contacto directo com os alunos em termos visual, o afastamento físico agora não quer dizer que não se consiga fazer um bom trabalho.

**- Comparativamente com o ensino presencial (convencional), na sua opinião quais são as vantagens de leccionar no Projecto EDI? E as desvantagens?**

As desvantagens são o afastamento em termos visuais, as expressões dos alunos dizem muito não é. Quando as turmas são grandes nós não conseguimos perceber se estão todos na aula, as vezes eles entram no chat mas não estão propriamente dentro da aula, não estão com muita atenção aquilo que nós estamos a dizer ou aquilo que eles tem que fazer.

As vantagens, olhe por exemplo, em termos disciplinares é uma aula muito mais sossegada não temos que estar a controlar enfim o barulho ou a conversa entre eles mesmo que possa a haver é uma coisa controlada.

**- É mais fácil ou mais difícil ensinar através de um contexto de ensino a distância?**

É difícil dizer se é mais fácil ou difícil é diferente

**- Prefere leccionar no Projecto EDI ou no ensino presencial/regular? Porque razão?**

Eu gostei, repare eu tive um horário misto não é e acabou por ser um bocado cansativo não me conseguir dedicar propriamente ao ensino a distância porque tinha muitas aulas na escola (ensino presencial), portanto eu preferia ter tido um horário só no ensino a distância do que estar a partilhar o ensino a distância e a escola, mas eu gostei da experiência eu acho que poderia ter perfeitamente um horário todo no ensino a distância, gostei do tipo de ensino.

São diferentes não lhe posso dizer que gostei mais de um do que de outro, eu gostei não lhe digo que foi uma experiência negativa mas não sei se ficaria também assim muito feliz de ficar muitos anos no ensino a distância mas foi uma experiência positiva, um desafio.

**Bloco 4 - Problemas/Constrangimentos do Projecto de Ensino a Distância para a Itinerância**

**- Que problemas ou constrangimentos identifica neste tipo de ensino?**

As duas turmas eram muito diferentes, tinha uma turma muito participativa do 6º ano, muito participativa em que eu pronto tive uma excelente relação com eles e correu tudo muito bem a outra turma era uma turma muito pouco participativa, portanto quando eu entrava dizia bom dia e eles demoram cinco ou dez minutos para dizer bom dia, não é, portanto havia ali algum afastamento entre o professor e ao aluno, eles não respondiam muito bem, acho que os próprios alunos não estavam muito bem adaptados a este tipo de ensino.

**- Como se tem mobilizado o Projecto EDI para os (tentar) resolver?**

Chamava-os várias vezes, fui tentando várias estratégias até resultar, não foi fácil.

**Bloco 5 - Exercício do “ofício” de professor (concepções de professor)**

**- O que é que o(a) levou a ser professor(a)? (Por exemplo: influência de familiares, amigos e/ou professores; Vocação, estatuto social, remuneração, não ter outra saída)**

Tirei um curso numa ciência exacta não é, Geologia Aplicada e acabei por não conseguir nada em termos de serviço nessa área e acabei por entrar no ensino, na altura

era relativamente fácil e depois gostei e acabei depois por fazer a profissionalização pedagógica na faculdade e a licenciatura em ensino. Inicialmente a minha ideia não ir para o ensino.

**- Na sua opinião, o que caracteriza o “ofício” de professor (actividade de professor)?**

Formar, ensinar, transmitir...sei lá

**- Que mudanças significativas no exercício da actividade ocorreram nas últimas décadas?**

**- Quais, foram, na sua opinião, as mais positivas?**

Positivas temos a tecnologia associada portanto à nossa profissão, o facto de nós pudermos utilizar, sei lá por exemplo utilizarmos apresentações, aulas com som, vídeo, áudio, acho que é um aspecto positivo, aliás o ensino a distância só foi possível com a tecnologia.

**- E as mais negativas?**

Tem havido uma crescente falta de respeito pelo professor e situações de indisciplina (falta de autoridade do professor). Foi havendo uma desautorização da profissão de professor. Outro aspecto é a instabilidade profissional.

**- Quais os aspectos/situações em que sente mais dificuldade no exercício da profissão?**

As turmas muito grandes, a dificuldade de chegar a todos os alunos e propriamente as situações de indisciplina no ensino básico.

**- O que considera ser mais compensador no exercício da actividade docente?**

Os resultados, como é que hei-de explicar, a satisfação que eu sinto quando percebo que os alunos, que consegui chegar aos alunos, eles aprenderam alguma coisa, conseguimos transmitir aquilo que eu queria, a minha mensagem. É aquilo que me permite continuar.

**- O que é que o tem desapontado mais?**

É a instabilidade profissional, a indisciplina, tanta coisa...as turmas muito grandes.

**- Sente-se emocionalmente compensado ou desiludido(a) no exercício da profissão? Por favor, justifique a sua resposta?**

Acho que estou um pouco desiludida. Olhe eu agora estive a fazer uma substituição posso lhe dizer a minha posição actual, como sou contratada fiz uma substituição de dois meses que é uma situação extremamente ingrata, tive seis turmas do básico num contexto sócio cultural bastante complicado, portanto foi em Marvila, e senti algumas dificuldades em conseguir chegar aos alunos, principalmente em dois meses.

**- Se pudesse, gostaria de exercer outra actividade que não a de professor? Porque razão?**

Sim principalmente nesta altura que é tão difícil ficar colocada.

**- Comparativamente com o ensino presencial que desafios são colocados aos professores que trabalham no ensino a distância?**

Para já, enfim as técnicas, adquirir, saber trabalhar com o Moodle, não é, saber colocar os materiais, enfim tive que adquirir uma série de técnicas e de instrumentos para conseguir dar as minhas aulas (aquisição de competências em TIC). É completamente diferente eu nunca tinha trabalhado com o Moodle, portanto foi uma aprendizagem do zero conseguindo adaptar-me.

**- Qual o tipo de ensino que considera mais favorável e compensador: o ensino a distância ou o que ocorre em contexto presencial? Por favor, justifique a sua resposta.**

É aquela pergunta mais difícil de responder, não é, mas repare eu achei muito compensador para aquela turma em que consegui chegar aos alunos e menos compensador para a outra, eu acho que depende da experiência que a pessoa tem, só com duas turmas não lhe posso dizer que foi, não consigo quantificar, é tão diferente que, se tivesse mais um ano ou mais turmas, talvez conseguisse responder melhor a esta pergunta.

**- Que imagem tem de si próprio(a) como professor(a)?**

Eu acho que sou competente, autoritária mas não exigente.

**Bloco 6 - Interação na sala de aula**

**- Numa aula presencial do ensino convencional observamos as interações dos alunos através de reacções, atitudes, gestos, expressões corporais e faciais que dão muitas indicações ao professor. Neste tipo de aulas à distância, como se processa a interação dos alunos com o professor?**

Passa muito pela forma como eles respondem no chat, respondem e interactivem connosco no chat, porque há alunos são extremamente interactivos, portanto que respondem e colocam questões e há outros que praticamente estão amorfos, daí a dificuldade de chegar a alguns alunos.

Conseguem perceber porque é que estes alunos não participam? Não é fácil o trabalho do tutor é importante para nos dar informação sobre o aluno, nós não percebemos muito bem, se ele está com problemas ou ... Tentamos resolver em contexto de sala de aula mas se não conseguimos perceber recorremos ao tutor para saber o que é que se está a passar.

**- E entre os alunos?**

É raro, eu praticamente não presenciei a não ser uma vez ou duas. É claro que antes de começar a aula no chat eles conversam mas depois do professor entrar não há essa interação entre os alunos.

**- Considera que é possível trabalhar as aprendizagens de competência sócio afectivas num ambiente de ensino a distância? Por favor, justifique a sua resposta.**

Acho que sim, é diferente não há contacto visual mas eu acho que sim ao fim de algum tempo claro, inicialmente não.

**- Essa relação é diferente daquela que constrói no ensino convencional?**

A maneira como nós avaliamos estes alunos é diferente da maneira como se avalia os alunos no ensino presencial, pode dar um peso a um teste feito na plataforma ou a um teste feito numa sala de aula em que nós estamos a ver o que é que o aluno, está à nossa frente mas pronto existem outras formas de avaliar que acabam por auxiliar, a pontualidade se é um aluno que chega a horas ou entra mais tarde, se falta muito, se falta pouco, que mostra interesse. É possível desenvolver uma relação pedagógica mas é diferente do presencial.

**- No ensino a distância, verificam-se situações de indisciplina por parte dos alunos?**

Eu não senti mas sei que houve alguns casos, enfim alguns casos desagradáveis.

**- Em que contexto surgem? (nas actividades livres, nas planeadas, nos momentos em que se processa a mudança de disciplina, outro)?**

Chat

**- Como é que costuma solucionar essas situações de indisciplina?**

Não foram muitas as situações, felizmente não tive esse problema em nenhuma das turmas mas assim que senti que havia qualquer, enfim alguma resposta que não estava do meu agrado, eu chamava o aluno, portanto no chat, e chamava o à atenção sempre que achei que era necessário. (Caso não acatasse o ordem falava com o tutor)

**- Em que medida é que os mesmos afectam o processo de ensino e aprendizagem em que desenvolve o projecto EDI?**

Claro.

**Bloco 7 - Gestão e implementação do currículo escolar**

**- No contexto de ensino a distância, sentiu dificuldades/constrangimentos na implementação do currículo? Em caso afirmativo, identifique-as?**

Não senti dificuldades porque tenho uma disciplina muito à base de imagens, eu lecciona ciências acho que em termos de apresentações..., acho que consegui passar a mensagem sem grandes dificuldades se fosse outro tipo de disciplina como matemática, português, não senti grandes dificuldades na minha disciplina.

**- No Projecto EDI as estratégias metodológicas adoptadas no ensino a distância para a aquisição das aprendizagens indicadas no currículo nacional são diferentes às utilizadas no ensino regular (presencial)? Em caso afirmativo, indique algumas dessas estratégias?**

Claro, são completamente diferentes, existem os fóruns. Utilizei muita coisa, utilizei apresentações só com texto, apresentações com texto e áudio também, utilizei pequenos filmes com guiões de exploração que depois de ver o filme tinham de responder ao guião e enviar, utilizei também alguns fóruns embora não muitos, trabalhos de pesquisa também, portanto várias coisas.

**- No Projecto EDI, as suas práticas pedagógicas foram alteradas? Em caso afirmativo, de que forma?**

Claro

**- Que tipo de trabalho é, habitualmente, realizado na componente não lectiva pelos professores? (Como por exemplo: planificações das actividades a desenvolver na disciplina; definição e aferição de critérios de avaliação; análise dos resultados escolares entre outros. Quais?)**

O EDI tinha critérios específicos de avaliação. Não costumava reunir com outros colegas do EDI que leccionam a mesma área disciplinar que eu, como tinha poucas horas no EDI. Nunca foi solicitada a participar numa reunião com outros colegas que leccionavam no EDI. (Na componente não lectiva tinha várias reuniões mas referentes ao ensino presencial.)

**- Como é que são avaliados os alunos do Projecto EDI?**

Todas as aulas eles tinham uma série de tarefas, portanto de semana a semana nós tínhamos sempre um fórum de tarefas em atraso e verificávamos se os alunos tinham ou não tarefas em atraso, portanto para já faziam as tarefas dentro do tempo da aula, por vezes era complicado, e depois se não faziam as tarefas dentro do tempo da aula, faziam depois nós deixamos um, dois, três dias depois para fazerem as tarefas, isso era uma das formas de avaliar, depois a própria interactividade no chat, se entravam ou não, se tiravam ou não dúvidas e também os testes com um tipo de avaliação diferente (peso inferior aos testes no ensino presencial).

## **Bloco 8 - Tutoria**

**- Qual é a função do tutor?**

A figura do tutor é importantíssima neste tipo de ensino. O tutor faz a ligação entre a escola, os professores que estão naquela sala e os alunos.

**- Os seus alunos costumam contactá-la/lo para tirarem dúvidas, pedir-lhe ajuda para os trabalhos ou outra situação depois das aulas?**

Não muito, deixavam algumas mensagens mas eu tinha um horário muito reduzido, tinha só duas turmas no EDI, 90 minutos por semana para cada turma, dava as minhas aulas e a seguir ir a correr para as minhas aulas no presencial. Não tive um grande contacto com o trabalho do tutor mas é importante mas não lhe posso dar grandes pormenores.

**- Caso a sua resposta tenha sido positiva, como se processa essa comunicação? (Por exemplo, através do correio electrónico, por e-mail; através de uma sala de conversação; outro. Qual?)**

Nunca comuniquei diretamente com os pais, penso que o tutor tem mais ou menos o papel do director de turma.

## **Bloco 9- Relação com os Encarregados de Educação**

- Como é que se processa a comunicação dos professores/Tutor com os encarregados de educação?

- Com que regularidade é que professores/tutor contacta com os encarregados de educação?

- Quais os motivos/situações principais desses contactos?

Não respondeu

## **Bloco 10- Agradecimentos**

- Agradecer a participação, colaboração e disponibilização do entrevistado.

## *Entrevista ao professor E10 (via Skype)*

### **Bloco 2 - Caracterização sócio demográfica**

**- Género, Idade;**

Masculino, 43 anos

**- Habilitações académicas (Licenciatura, Pós-Graduação, Mestrado, Doutoramento);**

Mestrado

**- Área de estudos da formação inicial (Ciências Exactas, Ciências Sociais e Humanas, Línguas e Literaturas, Belas Artes, Outra)?**

Design de comunicação

**- Qual é a sua situação profissional? (Efectivo, Efectivo em quadro de zona pedagógica ou Contratado)**

Sou contratado

**- Refira, por favor, os seus anos de serviço?**

9 anos.

**- Há quanto tempo (número de anos) é que participa no projecto EDI?**

Um ano lectivo

**- Indique, por favor, a(s) disciplina(s) que lecciona no Projecto (EDI)?**

Educação visual

**- Neste ano lectivo apenas lecciona no Projecto EDI?**

Não

**- Em caso de não leccionar apenas no projecto, descreva a sua situação?**

Colocado em duas escolas (EDI e na Escola D. João V). No EDI tinha 3 turmas, 2 turmas no 8º ano e 1 no 9º ano a qual era director de turma. Tinha 11 tempos lectivos por semana no EDI.

**- Como é que foi seleccionado para trabalhar neste projecto?**

Foi por oferta de escola.

### **Bloco 3 - Representações sobre o Projecto EDI e o ensino regular (presencial)**

**- Comparativamente com o ensino presencial (convencional), na sua opinião quais são as vantagens de leccionar no Projecto EDI? E as desvantagens?**

É um bocado explicado para explicar isso assim, pronto, vamos ver, o ensino presencial é aquilo que é melhor para os alunos, não é, portanto, tirando essa parte social e de contacto visual, e... pronto esse contacto social entre professor e alunos é o mais vantajoso no ensino presencial, é sempre preferível a outra situação qualquer, seja ela qual for, pronto. As vantagens que eu vejo no EDI é proporcionar a alunos, não é, uma

faixa que deve ser reduzida, uma faixa de alunos a possibilidade de adquirir conteúdos, conhecimentos que de outra forma não tinham a possibilidade de os ter, não é.

Para alunos que não tenham a possibilidade de estar a socializar numa escola, ir para uma escola por razões várias, pronto, penso que isso é uma vantagem terem acesso, um mal menor digamos assim, conseguirem terem acesso a graduações, a formação que de outra forma não conseguiriam.

(vantagem – alunos frequentarem a escola, obterem a escolaridade; desvantagem – ausência do contacto físico)

Desvantagem – Para além da ausência contacto físico é a ausência da socialização, uma coisa é estarmos em frente a um computador outra coisa é estarmos com outros alunos e com o professor presencialmente, as formas de interacção são completamente diferentes.

**- É mais fácil ou mais difícil ensinar através de um contexto de ensino a distância?**

Não vejo as coisas mais fáceis ou mais difíceis, vejo as coisas, são diferentes, portanto tudo é diferente, pronto no meu caso não tive muita dificuldade porque a minha interacção com o computador, durante a minha vida profissional tive muitos contactos através do computador, ou seja essa interacção para mim é, já é intrínseca, já tenho uma grande cultura em termos de comunicação com o computador, portanto não foi nada difícil pelo contrário até foi relativamente fácil adaptar-me a esse tipo de comunicação e comunicar com os meus alunos através do computador, são é formas de comunicação completamente diferentes, na interacção, na forma de expor os assuntos, tudo tem de ser diferente.

**- Prefere leccionar no Projecto EDI ou no ensino presencial/regular? Porque razão?**

Pronto, é como eu já disse, eu adapto-me bem às duas situações, não tenho incompatibilidade com nenhuma. Não tenho preferência por uma escola presencial ou por uma escola com o ensino à distância, para mim era igual.

**Bloco 4 - Problemas/Constrangimentos do Projecto de Ensino a Distância para a Itinerância**

**- Que problemas ou constrangimentos identifica neste tipo de ensino?**

Problemas, não, na minha experiência não tive muitas situações assim, o que acontecida muitas vezes é que como não há esse contacto visual com o professor, isso exige também da parte do aluno uma aprendizagem e as situações mais difíceis é quando o aluno não percebe também as suas responsabilidades ou seja o próprio aluno tem que ver as coisas de uma outra forma e empenhar-se talvez até mais do que um aluno normal porque um aluno normal tem sempre o professor, faz isso não adormeças, pronto e este tipo de coisas, não é, enquanto eu tenho muito mais dificuldade em perceber o que é que o aluno está a fazer do outro lado e isso é um problema, pronto e as situações que aconteceram de por vezes eu ficar um pouco apreensivo como é que podia resolver a questão prende-se um pouco com isso mas há situações que eu não consigo controlar logo, imediatamente e se calhar só no outro dia é que posso tentar resolver isso.

## **Bloco 5 - Exercício do “ofício” de professor (concepções de professor)**

**- O que é que o(a) levou a ser professor(a)? (Por exemplo: influência de familiares, amigos e/ou professores; Vocação, estatuto social, remuneração, não ter outra saída)**

Eu não nasci e já era professor, foram circunstâncias da vida que a possibilidade de ser professor surgiu, portanto eu exercia a minha actividade profissional como Designer, trabalhei cerca de 8 anos na PT Comunicações, então fazia o meu trabalho e depois aconteceram determinadas situações que me levaram a sair da PT e a questão que se colocava era o que é que eu vou fazer com este conhecimento, não é, com esta bagagem digamos assim, pronto e em família, portanto, o meu irmão também já era professor e os meus primos também muitos deles eram professores e surgiu essa oportunidade, por família e por circunstâncias.

O projecto EDI é espectacular, foi um desafio que correspondia, digamos ao meu perfil, ou seja não tive, sentia-mo como um peixinho na água, porque é uma disciplina que se adapta bem ao projecto e consigo veicular de uma forma muito esportiva... (perdi o contacto com o colega, a chamada caiu)

A minha vocação, digamos assim, aquilo que eu me sinto mesmo é como um peixinho dentro de água é aquilo que eu estou a fazer neste momento, eu estou aqui a dar também aulas em duas escolas e nessas duas escolas eu estou a dar ao secundário e a cursos profissionais, pronto essa é a minha vocação, digamos assim, aquilo que eu descobri, que acrescentava valor, ou seja, que poderia comunicar de uma forma excelente com os meus alunos e dar-lhes a minha experiência pronto, a minha experiência é, eu também comecei com cursos profissionais...

**Mas sente mais à vontade a trabalhar com este tipo de alunos (profissionais) embora tivesse gostado de trabalhar no EDI?**

Porque as coisas são, é muito por tarefas ou seja, como no ensino profissional, saber fazer e a minha disciplina adapta-se muito bem ao ensino à distância.

**- Na sua opinião, o que caracteriza o “ofício” de professor (actividade de professor)?**

Caracterizar é um bocadinho vago, já disse um bocadinho ... o professor tem, isto é por dimensões ou seja eu neste momento estou a trabalhar também, estou em duas escolas e tenho uma dimensão diferente que tinha o ano passado, ou seja na minha actividade como professor tenho características completamente diferentes, estou a trabalhar em dimensões diferentes, ou seja, eu neste momento estou mais no saber fazer não é, e exijo dos meus alunos determinados comportamentos e determinadas atitudes que o ano passado não se colocavam, ou seja, portanto há aqui dimensões do saber fazer, dimensão do fazer, pronto há a socialização e há várias dimensões no ensino, o profissional é diferente do normal não é, do científico humanístico, o EDI tem outras características, depois, é que o ano passado era director de turma no EDI mas também era director de turma numa escola completamente diferente, uma escola que foi para mim das mais difíceis, um contexto multicultural complicado, com uma turma complicada, só para dizer que alunos dessa turma eram suspensos durante mais de dez dias, tinham comportamentos inadequados, pronto e essencialmente ser professor é

isso, adaptar-se, é tentar perceber o sítio onde está, o contexto cultural, social onde está e exercer, digamos a acção.

(Adaptar-se ao contexto sociocultural onde está a exercer a sua actividade profissional. Para além da transmissão dos conhecimentos o professor deve igualmente ser responsável pela transmissão de valores humanos – “é essencial, porque depois também permite uma adaptação aos vários contextos, exigindo do professor uma parte humana muito rica).

**- Que mudanças significativas no exercício da actividade ocorreram nas últimas décadas?**

**- Quais, foram, na sua opinião, as mais positivas? E as mais negativas?**

Positivas muito sinceramente desconheço, o que eu tenho vindo a sentir é uma degradação cada vez mais radical quer da actividade de professor e quer mesmo com os meus alunos, como é que eu consigo explicar, ou seja, no meu tempo quando eu era estudante, eu sabia que se me esforçasse, e foi isso que a minha família me inculuiu, se eu me esforçasse fosse lá naquilo que fosse mas na minha actividade principal que era ser estudante, se eu me esforçasse eu poderia, tinha um futuro, eu poderia abrir os meus horizontes e ter uma profissão, seja ela qual fosse, neste momento isto foi muito rápido, enquanto estou a assistir a essa degradação, eu vou por aqui, posso ir por vários sítios, mas vou por aqui para falar sobre isto mais profundamente, portanto o que está a acontecer é que isso deixou de existir, de um momento para o outro nestes nove anos houve aqui uma viragem ou seja, claro que há sempre aqueles bons alunos que vale apenas investir nesse esforço, estudar pronto e isso vai acontecer sempre mas na grande generalidade, diria 60 por cento dos alunos isso já não existe, esse elo de que a educação é positiva e serve para haver uma construção para um indivíduo melhor, isso deixou de existir, portanto o que está a acontecer, o que eu estou a presenciar é afastamento dos alunos para esse objectivo.

Hoje é uma grande confusão porque eu entrei num contexto em que havia ensino profissional com algumas deficiências mas que as coisas eram lógicas e agora isso, o que está a acontecer é uma grande confusão, não se percebe onde é que vamos e sem futuro a educação e tudo na sociedade se vai degradando ou seja não à futuro. Não há uma aposta em nada, ou seja por exemplo no ensino profissional em vez de estar em igualdade com os cursos normais, é simplesmente para colocar lá alunos que tenham dificuldades educativas não é, portanto, o que está a acontecer este ano já aconteceu o ano passado em que eu como director de turma coloco aqueles que ficaram retidos, colocava-os imediatamente em cursos de CEF, em cursos de currículos alternativos, portanto há aqui uma falta de visão, uma falta de tudo digamos, que torna a minha actividade, degrada-a sistematicamente, portanto eu agora estou a dar aulas num 10º ano e num 11º ano num curso profissional em que a selecção que foi feita para isso (para a turma), os alunos formam escolhidos a dedo pelo seu mau comportamento, se é mau comportado vai para o curso profissional, se já chumbou vai para o profissional, em vez de ter aulas com alunos que tem determinado perfil, eu gostava de fazer isso ou que seja a sua vocação, não, estou a dar aulas num curso profissional design de moda e outro de comunicação gráfica com alunos que nunca ouviram falar dessas palavras não é. Portanto é muito complicado, depois nós ouvimos dizer coisas, nem sempre a pessoas deste meio, eu por mim já não dou importância a essas pessoas, elas só estão lá não para valorizar o ministério onde foram colocadas mas para fazer de contabilistas, portanto é tirar daqui e daqui e mais tirar daqui e portanto onde o debate de ideias não existe. Não existe estudos, não existe bom, só para termos uma ideia este ministro disse que

aumentar mais cinco alunos nas turmas até havia benefícios pedagógicos, portanto isto é uma coisa completamente absurda. Pronto e a minha ideia, assim as coisas são complicadas porque se fomos a falar de ideias não existem (medidas políticas positivas). Então fico num estado que levo só as coisas pela negativa, não vejo a discutir com ninguém a nível, certo ou errado, uma visão portanto há umas determinadas ideias, há estudos empíricos que indicam que seria melhor isto ou aquilo, vamos por aqui, não existe nada disso. Portanto e praticamente aquilo que eu observo com outros professores é viver o dia-a-dia, estamos numa fase do mundo reduzida, da nossa existência, dedicamo-nos ao dia a dia não existe perspectivas.

**- O que considera ser mais compensador no exercício da actividade docente? O que é que o tem desapontado mais?**

Pronto o que me tem mais desapontado é esta situação toda. Compensador é, ainda ontem falei com os meus alunos, tivemos uma conversa muito séria e isto na turma que eu tenho no 11º, uma conversa muito séria em que eu perguntei mesmo, até estou satisfeito embora pronto os alunos tenham sido escolhidos e não tenham o perfil como eu já me referi, eles de uma forma, eu consegui transmitir-lhes algo, não é, uma construção em que eles já obtêm resultados, ou seja perguntei-lhes, vocês estavam preparados para há três meses atrás para que eu chegasse à aula colocasse um problema e vocês conseguiam fazer como fizeram na passada aula e eles não professor, ou seja eu presenciar essa evolução em três meses de eles conseguirem resolver um problema que há três meses não o conseguiam resolver mas que três depois conseguem-no resolver sem grande dificuldade pronto isso é o mais compensador, essa construção toda, tudo aquilo que aconteceu entretanto, eles estarem preparados para resolver esses problemas que eu lhes tinha colocado, pronto fico muito satisfeito com esses resultados.

**- Sente-se emocionalmente compensado ou desiludido(a) no exercício da profissão? Por favor, justifique a sua resposta?**

Gosto essencialmente daquilo, eu senti-mo privilegiado em falar como falei ontem com os meus alunos e ver esses resultados, pronto. Não estou desiludido de forma nenhuma.

**- Se pudesse, gostaria de exercer outra actividade que não a de professor? Porque razão?**

Agora pronto eu já disse mais ou menos, eu não sei o que é que se vai passar para o ano nem daqui a dois portanto o futuro não existe eu estou a viver o dia-a-dia e aquilo que eu sinto agora e que não estou nada desiludido com a profissão onde estou (que exerço) nem perspectivado mudar de actividade porque eu não explico bem porque, ou seja eu tenho 43 anos e já tenho uma experiência na minha profissão de 20 anos não e nesses 20 anos foram essencialmente virados para o computador e foi logo a partir de 93, portanto apanhei toda essa onda de, o que eu faço mesmo é páginas para a Web, fui web designer portanto apanhei toda essa onda e chegou a uma determinada altura na minha vida que eu pensei assim bom estou 12 horas por dia a comunicar com uma máquina e isto foi aos 35, 36 anos comecei a pensar desta forma, ok estou aqui a perder qualquer coisa na minha vida, pronto, este contacto que eu tenho social, por isso é que eu acho uma coisa muito importante para os alunos estarem inseridos num contexto social do que num contexto de uma máquina, pronto eu também pessoalmente acho que esta experiência de estar, contactar, digamos com âmbitos diferentes e este contacto de transmitir conhecimentos, não através de uma máquina mas com pessoas não é, isso traz-me mais felicidade de contactar com pessoas, portanto neste caso com professores e alunos, eu

creço muito mais rapidamente, sinto-me a crescer e pronto estou muito satisfeito com aquilo que estou a fazer (dar aulas).

**- Comparativamente com o ensino presencial que desafios são colocados aos professores que trabalham no ensino a distância?**

Pronto só essa parte, portanto os professores que eu conheci não é, nunca tiveram essa experiência, ou seja nunca tiveram de comunicar com ninguém através do computador e toda a sua aprendizagem, toda a sua formação foi sempre da forma tradicional, ou seja havia um professor presencial, um professor pronto com as suas características e as suas metodologias, podiam ser mais centrado no professor ou menos centrado no professor mas pronto tiveram só essa experiência, ou seja chegam ao EDI e tem logo essa barreira que é para já esses conhecimentos básicos de interacção com o computador, acho que é aquilo que eu observei, é logo o primeiro impacto que é os conhecimentos muito reduzidos desses professores que foram colocados no EDI em termos de, mesmo de conhecimentos informáticos, mesmo de interacção com o computador e pronto, mesmo a trabalhar nas ferramentas do Office, nas ferramentas mais básicas não é, logo aí à uma grande barreira de pois ainda à outra barreira que é ultrapassar essa interacção professor, homem máquina e conseguir operacionalizar depois ou veicular a comunicação com outras pessoas através da máquina.

A formação hoje em dia requer uma formação e diria mesmo, eu digo que foi fácil mas eu por mim os professores que não têm experiência no mínimo de 6 anos no EDI para comunicarem de uma forma eficaz.

**- Qual o tipo de ensino que considera mais favorável e compensador: o ensino a distância ou o que ocorre em contexto presencial? Por favor, justifique a sua resposta.**

O mais compensador é o presencial por tudo o que eu disse até agora (contacto físico visual imediato dos alunos).

**- Que imagem tem de si próprio(a) como professor(a)?**

Eu acho que sou tudo isso (exigente, autoritário) em quantidade e proporções quase iguais, ou seja a imagem que eu tenho de mim, digamos assim, eu modelo e sou modelado em várias frequências ou seja, vários registos, eu não me apresento aos alunos de uma forma, prefiro tê-los sempre a falar comigo do que eu a falar com eles, ou seja eu não partilho de, até pelas matérias que eu dou não é, eu não tenho a ideia de que o centro do conhecimento sou eu, ou seja para fazer coisas que exigem outras dimensões humanas para além do saber escrever, saber contar, quando precisamos de fazer um projecto, quando precisamos de criar ou seja problemas para resolver, estas três dimensões projectos, criação e problemas, eu não sou a fonte única do conhecimento ou seja, portanto eu depois tenho, sou modelado e vou responder quase individualmente a cada aluno acerca das suas dificuldades e acerca daquilo que eles precisam de fazer para, e está muito centrado neles, na sua capacidade de resolverem problemas, de desenvolver um projecto ou de criarem coisas novas não é. Portanto é-me insignificante autoritário não sei o que é isso, não é essa a minha relação com os alunos mas também posso ser exigente. Mas como o conhecimento, nem acredito que o conhecimento esteja, mas principalmente que os alunos individualmente são universos individuais e cada um na matéria tem de desenvolver o seu próprio conhecimento, porque não há leis, não há, digamos não há uma única metodologia, não há uma única forma de ser eficaz de concluir um projecto, não há uma única resposta. Cada aluno, por exemplo em Design

de Moda eu dou a disciplina de desenho, portanto eles tem que adquirir determinadas competências, determinados conhecimentos mas mentalmente tem que construir o conhecimento individual e a responsabilidade é deles não é tanto minha eu posso é sugerir problemas, eles fazerem uma reflexão. ( O professor deve ser um supervisor da aprendizagem) – Sim eu vejo isso como na minha profissão, ou seja Design é resolver problemas.

### **Bloco 6 - Interação na sala de aula**

**- Numa aula presencial do ensino convencional observamos as interações dos alunos através de reacções, atitudes, gestos, expressões corporais e faciais que dão muitas indicações ao professor. Neste tipo de aulas à distância, como se processa a interação dos alunos com o professor?**

Sim, eu penso que em determinadas situações eu consigo perceber isso pela interacção que eles têm, ou seja, as aulas também não eram no ensino à distância assíncrona, eram síncronas ou seja, tinham um chat para comunicar e havia uma determinada interacção professor aluno através do chat e através do chat percebe-se também, não as consigo racionalizar mas instintivamente eu conseguia perceber, ou pela forma como eles escreviam.

Tem a ver com a concentração, como eu já disse eu comecei logo em 96 a utilizar o Messenger, pronto eu consigo perceber nas entrelinhas, estando concentrado consigo perceber também um pouco o estado de outra pessoa, tenho esse instinto que foi desenvolvido a nível profissional.

**- E entre os alunos?**

Sim também falavam no chat, eles tinham essa necessidade, bom numa criança tentar perceber quem está do outro lado e eles tinham embora houvesse muitos mais retraídos havia também necessidade de eles se conhecerem uns aos outros também, embora basicamente eles também muitos deles fossem da mesma família e se conhecessem das feiras mas tinham também a necessidade de comunicarem entre eles, embora essa situação eu não a permitisse muito porque podia tornar-se depois ruído para a minha interacção com eles, portanto não era muito permitido mas existia, no princípio lembro-me eles diziam bom dia professor depois a determinada altura já diziam bom dia a todos, bom dia professor ou seja já comunicavam entre eles este tipo de comentários, começaram a se aperceber que podiam comunicar com os outros embora eu não permitisse no chat, digamos assim eles entrarem em diálogo individual e paralelo.

**- Considera que é possível trabalhar as aprendizagens de competência sócio afectivas num ambiente de ensino a distância? Por favor, justifique a sua resposta.**

Havia muitas competências também a desenvolver que são as básicas não é, em termos de atitudes e sociais, só essa questão de tentar explicar-lhes que neste contexto as conversas paralelas no chat não eram permitidas não é, nisto eu estou a trabalhar também competências a nível de atitudes sociais.

**- Como caracterizaria a relação pedagógica que desenvolve com os alunos no ensino a distância?**

A relação pedagógica existe obviamente, até pelo simples facto de eu dizer que estava sempre disponível em tal endereço não é, se eles colocassem questões eu iria lá ver e tentar resolvê-las ou tentar desbloquear uma determinada situação, pronto isso é uma

relação pedagógico que eu exerço, não é presencial mas também se desenvolve. Sim ela consegue-se e tem que acontecer, até percebe-se quando um professor tem mais digamos, tem uma capacidade para exercer positivamente, mais abrangente só aquele espaço de comunicação nos 45 minutos, ou seja que eles podem contar com o professor durante mais tempo do que aquilo que está estipulado, portanto essa função pedagógica consegue-se sempre, eles percebem quando um professor esta motivado, desmotivado, quando se interessa pelo problema do aluno.

**- No ensino a distância, verificam-se situações de indisciplina por parte dos alunos?**  
Sim, tive algumas situações de indisciplina, de respostas um pouco secas.

**- Em caso afirmativo, que tipo de situações são essas? E, com que frequência ocorrem?**

Aconteciam com pouca frequência, a principal dificuldade de indisciplina era, pronto o aluno fingir que está na aula e não está pronto. Para mim isso era um comportamento inadequado, era indisciplina, não estava a fazer aquilo que estava na lei portanto o que era suposto fazer.

**- Como é que costuma solucionar essas situações de indisciplina?**

Nós tínhamos depois outra forma de comunicar com eles que era por telemóvel não é, em que podíamos telefonar diretamente para o encarregado de educação e alertá-lo para a situação que estava a acontecer, pronto e envolver um pouco a família e responsabilizá-la.

## **Bloco 7 - Gestão e implementação do currículo escolar**

**- No contexto de ensino a distância, sentiu dificuldades/constrangimentos na implementação do currículo? Em caso afirmativo, identifique-as?**

Concretamente na minha disciplina, o meu programa é bastante vasto e pudemos ir por vários, não senti muita dificuldade em leccionar os conteúdos, agora há coisas que eu não posso fazer que no ensino normal consigo fazer que é os alunos trabalharem com régua e esquadro, compasso não é, desenhar, desenho de observação. (Todos os conteúdos que implicassem trabalhar com esse material, isso não era dado).

**- No Projecto EDI as estratégias metodológicas adoptadas no ensino a distância para a aquisição das aprendizagens indicadas no currículo nacional são diferentes às utilizadas no ensino regular (presencial)? Em caso afirmativo, indique algumas dessas estratégias?**

Não, eu em termos de metodologias basicamente é a mesma coisa pronto, a minha metodologia de ensino passa muito por problemas, passa muito por projectos e essas metodologias aplicam-se muito bem ao ensino à distância, o que eu destacava é depois no currículo há várias alturas em que é preciso uma certa operacionalização com materiais e com materiais riscadores neste caso, seja pintura seja experimentar diversas técnicas, essa operacionalização, agora em termos metodológicos é praticamente a mesma coisa, portanto passa muito por enunciar um problema, haver uma introdução ao problema, experimentar hipóteses, digamos é um pouco aquilo que eu faço no ensino normal e fazia no ensino a distância.

**- No Projecto EDI, as suas práticas pedagógicas foram alteradas?**

Não o que mudou foi a operacionalização das coisas agora a metodologia não.

**- Que tipo de trabalho é, habitualmente, realizado na componente não lectiva pelos professores? (Como por exemplo: planificações das actividades a desenvolver na disciplina; definição e aferição de critérios de avaliação; análise dos resultados escolares entre outros. Quais?)**

Eu tinha componente não lectiva no EDI, eu era tutor da turma do 9º ano, era director de turma pronto, portanto tinha três tempos por semana para dedicar à tutoria. (Tinha reuniões com os professores do EDI?). Sim, nomeadamente essas informações todas eram reunidas com o tutor, ou seja todos os professores semanalmente me indicavam como é que estava a decorrer as coisas em cada uma das disciplinas, ou seja porque a tutoria era um espaço onde os alunos recuperavam algum conteúdo, alguma aula então eu precisava de comunicar sempre com os outros professores a respeito da situação de cada um, de cada aluno para depois poder e rever alguma actividade que tivesse em falta portanto a tutoria era um espaço onde os alunos faziam, passava muito por fazer os trabalhos que tinham em atraso e eu precisava de saber regularmente o que é que estava ou não em atraso e discutir outro tipo de problemas que já falamos, de empenho, de indisciplina, de motivação.

**- Como é que são avaliados os alunos do Projecto EDI?**

Pronto na minha disciplina eram avaliados pela participação, portanto na sua participação nas aulas, e depois o que eu fazia muito para não perder ou seja não perder o ritmo era fazer trabalhos práticos que eles pudessem desenvolver na própria aula, ou seja não prolongar e isso era um bocadinho diferente das aulas normais (ensino presencial), em que eu posso ter um projecto que dure 4 ou 5 semanas não é, aqui é um bocadinho diferente, mesmo que o projecto tivesse 4 ou 5 semanas fazia a que em todas as aulas tivesse um objectivo que eles pudessem concluir na aula e enviar-me logo, portanto eles eram avaliados, na prática, em todas as aulas, em todas as aulas eles tinham um trabalho e a avaliação passava por isso.

## **Bloco 8 – Tutoria**

**- Como é que funcionam as aulas de tutoria?**

(...) a tutoria era um espaço onde os alunos recuperavam algum conteúdo, alguma aula então eu precisava de comunicar sempre com os outros professores a respeito da situação de cada um, de cada aluno para depois poder e rever alguma actividade que tivesse em falta portanto a tutoria era um espaço onde os alunos faziam, passava muito por fazer os trabalhos que tinham em atraso e eu precisava de saber regularmente o que é que estava ou não em atraso e discutir outro tipo de problemas que já falamos, de empenho, de indisciplina, de motivação.

E paralelamente também informações aos encarregados de educação, informações, basicamente semanais para que o feedback com os encarregados de educação dos alunos.

**- Qual é a função do tutor?**

(Orientar os alunos nas actividades em atraso e estabelecer a comunicação com os encarregados de educação). Sim é basicamente isso, é mais exaustivo que um director de turma, eu era director de turma e tinha uma hora para direcção de turma ou seja no espaço de tutoria. A figura do director de turma era só simbólica ou seja só para orientar

depois as reuniões no final dos períodos. O tutor é a figura que fazia de director de turma e ....

**- Neste tipo de ensino, considera importante a figura do tutor? Por favor, justifique a sua resposta.**

Sim de maior importância, é quem pode prevenir nomeadamente em questões de indisciplina e quem faz o contacto com os encarregados de educação e quem vai ligar as coisas que estão mais ou menos soltas.

**- Os seus alunos costumam contactá-la/lo para tirarem dúvidas, pedir-lhe ajuda para os trabalhos ou outra situação depois das aulas?**

Sim era muitas vezes, telefonavam aos tutores para tratar, resolver algum tipo de problema, mesmo fora do espaço da tutoria ou seja fora daquele tempo. Sim com alguma frequência embora tenha tido alunos que fazia com alguma frequência e outros que não, embora se houvesse dúvidas específicas eram direccionados para o próprio professor.

**- Caso a sua resposta tenha sido positiva, como se processa essa comunicação? (Por exemplo, através do correio electrónico, por e-mail; através de uma sala de conversação; outro. Qual?)**

Por telemóvel porque quando há dúvidas convém ser síncrono ou seja fora do tempo das aulas não é, quando não são assuntos urgentes é por computador agora assuntos mais de dúvida, que tem de ser esclarecidos no momento é por telemóvel.

**- E que tipo de assuntos/situações é que normalmente abordam?**

São assuntos da escola, ou seja os contactos com os alunos era para lhe dar a imagem da sua atitude, de como é que eles estão a evoluir, se estão a cumprir ou não as tarefas, portanto a imagem da sua participação, da sua evolução (assuntos relacionados com a escola).

## **Bloco 9 - Relação com os Encarregados de Educação**

**- Como é que se processa a comunicação dos professores/Tutor com os encarregados de educação?**

Os contactos presenciais com os encarregados de educação eram muito complicados, os contactos com os encarregados de educação era sempre por telemóvel a menos que houvesse algum aspecto burocrático em que, lembro-me das inscrições dos exames em que falei com alguns encarregados de educação de que tinham que vir à escola para matricular os alunos nos exames não é, só nesse aspecto é que havia contacto presencial, também no EDI tivemos algumas estratégias que passavam por os alunos estarem alguns dias, semanas a fim de recuperarem alguma disciplina ou disciplinas em que tivessem mau aproveitamento. (o contacto com os encarregados de educação eram maioritariamente por telemóvel).

**- Quais os motivos/situações principais desses contactos?**

Semanalmente, o espaço da tutoria era importante para isso, havia elementos e depois todas as semanas alguns encarregados de educação mais que outros obviamente, normalmente contactávamos o encarregado de educação quando não havia aproveitamento dos alunos, da sua participação, no sentido de os resolver ou então algumas informações genéricas, como que a naquela semana era a semana dos testes,

porque a família destes alunos e eles próprios trabalham e estavam sempre em movimento, era muito complicado outro tipo de contacto que não fosse o telemóvel e essa comunicação também servia para avisar das datas dos testes, fazer um aviso geral de que os alunos teriam que estar essa semana num sítio que tivessem condições para os fazer. Saber onde estavam os alunos, se tinham condições porque havia muitas alturas em que os alunos desapareciam ou seja, iam para Bragança, não tinham cobertura de internet e desapareciam não é, esses contactos eram efectuados para saber o que é que se estava a passar.

### **Bloco 10 - Agradecimentos**

- Agradecer a participação, colaboração e disponibilização do entrevistado.

## *Entrevista ao professor E11(espço público)*

### **Bloco 2 - Caracterização sócio demográfica**

**- Género, Idade;**

Feminino, 61 anos

**- Habilitações académicas (Licenciatura, Pós-Graduação, Mestrado, Doutoramento);**

Licenciatura em Gestão

**- Área de estudos da formação inicial (Ciências Exactas, Ciências Sociais e Humanas, Línguas e Literaturas, Belas Artes, Outra)?**

Ciências Sociais e Humanas

**- Qual é a sua situação profissional? (Efectivo, Efectivo em quadro de zona pedagógica ou Contratado)**

Sou contratada

**- Refira, por favor, os seus anos de serviço?**

11 anos, desde 1995 que dou aulas.

**- Há quanto tempo (número de anos) é que participa no projecto EDI?**

De Novembro a Julho (1 ano lectivo)

**- Indique, por favor, a(s) disciplina(s) que lecciona no Projecto (EDI)?**

Técnicas de Comunicação e Relações públicas (Curso de Marketing e Relações Públicas

- Ensino profissional – 11º ano)

**- Neste ano lectivo apenas lecciona no Projecto EDI?**

Não

**- Em caso de não leccionar apenas no projecto, descreva a sua situação?**

Tinha acumulação com o ensino presencial (profissional e EFA) na Escola Secundária Fonseca Benevides (horário misto). Metade do horário no EDI e a metade no presencial (12 horas)

**- Como é que foi seleccionado para trabalhar neste projecto?**

Substituição de um colega que entretanto se aposentou na Escola Secundária Fonseca Benevides. Fui colocada através de oferta de escola.

### **Bloco 3 - Representações sobre o Projecto EDI e o ensino regular (presencial)**

**- Qual a diferença entre leccionar numa escola convencional (presencial) e ensinar através de um contexto de ensino a distância?**

Uma das desvantagens é a seguinte, acho que é desvantajoso não conseguir explicar de imediato situações de aprendizagens não perceptíveis pelos alunos.

**- Comparativamente com o ensino presencial (convencional), na sua opinião quais são as vantagens de leccionar no Projecto EDI? E as desvantagens?**

Vantagens para os alunos em continuarem os estudos (frequentarem e concluírem a escolaridade básica)

**- É mais fácil ou mais difícil ensinar através de um contexto de ensino a distância?**

No meu caso não é, penso que há disciplinas que será mais difícil como matemática, a educação visual ou tecnológica ou também educação física acho que era difícil, no meu caso como eu tinha todo o material preparado era mais fácil para mim chegar lá, punha lá as informações todas para os alunos realizarem as actividades correspondentes, para mim era relativamente fácil. Penso que ao nível do secundário não será difícil neste tipo de disciplinas (práticas), não é.

**- Prefere leccionar no Projecto EDI ou no ensino presencial/regular? Porque razão?**

Eu prefiro o presencial embora achasse que era uma forma mais calma, é uma contradição é estarmos a ouvir o barulho dos alunos e aquele reboliço não é mas ao mesmo tempo também, por vezes cansa, aquela modalidade de ensino era mais calma apesar de eu ter apenas uma aluna.

**Bloco 4- Problemas/Constrangimentos do Projecto de Ensino a Distância para a Itinerância**

**- Que problemas ou constrangimentos identifica neste tipo de ensino?**

Existe quando o computador falha ou quando a plataforma vai a baixo (em termos técnicos). E em disciplinas como a educação física penso eu.

**Bloco 5- Exercício do “ofício” de professor (concepções de professor)**

**- O que é que o(a) levou a ser professor(a)? (Por exemplo: influência de familiares, amigos e/ou professores; Vocação, estatuto social, remuneração, não ter outra saída)**

Fui uma questão de, eu trabalhava numa empresa privada e a empresa portanto foi vendida e os empregados foram sendo sucessivamente indemnizados ao longo dos alunos e como eu estava um bocado cansada daquele mundo selvagem, daquelas competições pelos lugares de chefia, optei por uma coisa mais calma, ou seja em que eu tinha autonomia para fazer as minhas coisas e então concorri para o ensino (decisão pessoal pela profissão docente). Trabalhou na empresa durante 21 anos

**- Na sua opinião, o que caracteriza o “ofício” de professor (actividade de professor)?**

Para mim o professor é um orientador, um amigo não sendo autoritária mas exijo respeito, não gosto de entrar em conflito com eles mas gosto de cada qual no seu lugar. Considero também que o professor é um transmissor dos conhecimentos. Refere que o professor é também por vezes um confidente para os alunos.

**- Que mudanças significativas no exercício da actividade ocorreram nas últimas décadas? Quais, foram, na sua opinião, as mais positivas? E as mais negativas?**

Negativas, acho que, para já na actividade do professor burocracia a mais, isso também depende das escolas, há assuntos que penso que são de carácter administrativo e é o

professor que os acaba por fazer, não sendo do âmbito do professor. Outro aspecto é o aumento do número de alunos por turma, acho isso péssimo não é (constante alterações de medidas políticas)

Como positivas o aparecimento dos cursos profissionais e dos CEF, acho que é uma mais-valia como alternativa ou ensino regular porque possibilita aos alunos adquirir determinados conteúdos que não estão inseridos no currículo regular.

**- Quais os aspectos/situações em que sente mais dificuldade no exercício da profissão?**

Uma das dificuldades para os professores contratados é que se deparam com 2 situações, 1 é enquanto um professor efectivo tem a possibilidade de escolher as disciplinas que dá ao longo dos anos não tendo de se preocupar muito na minha perspectiva, 1 professor contratado tem que se sujeitar e no meu caso eu já perdi a noção do número de disciplinas que eu já dei ao longo dos anos, portanto por vezes depara-se com alguns entraves com outros professores, não sei se foi em resultado do processo de avaliação de desempenho docente, porque anteriormente havia uma entreajuda entre os professores mesmo dos efectivos e agora isso não se verifica.

Sendo a minha formação em Gestão só houve um ano em que dei uma disciplina específica dessa área, contabilidade ao contrário daqueles que tenho leccionado maioritariamente que são de âmbito social embora a gestão esteja lá englobada, portanto já dei sociologia, economia, introdução ao direito, actividades económicas, psicossociologia, relações públicas, secretariado, legislação laboral e por ai fora.

**- O que considera ser mais compensador no exercício da actividade docente? O que é que o tem desapontado mais?**

O que me tem desapontado são as constantes alterações das medidas políticas. A relação de empatia (afectividade) que desenvolve com os jovens é o que compensa no exercício da profissão (docência).

**- Se pudesse, gostaria de exercer outra actividade que não a de professor? Porque razão?**

Não, apesar das alterações políticas prefiro continuar a desempenhar esta actividade.

**- Qual o tipo de ensino que considera mais favorável e compensador: o ensino a distância ou o que ocorre em contexto presencial? Por favor, justifique a sua resposta.**

Eu estive lá pouco tempo não é, eu acho que isso depende do ponto de vista como professora, mas prefiro o presencial, agora na perspectiva desses alunos acho que é o à distância, sem dúvida mas para o processo de ensino e aprendizagem acho que é mais favorável o ensino presencial.

**- Que imagem tem de si próprio(a) como professor(a)?**

Não sou uma professora autoritária mas numa primeira abordagem eles pensam que vão encontrar uma professora muito autoritária pelo feedback que os alunos me dão quando lhes perguntou o que pensam sobre mim quando me conheceram. Também sou exigente dependendo do nível de ensino, o regular é diferente do profissional, porque a maioria dos alunos do profissional também têm características diferentes.

## **Bloco 6 - Interação na sala de aula**

- Numa aula presencial do ensino convencional observamos as interações dos alunos através de reacções, atitudes, gestos, expressões corporais e faciais que dão muitas indicações ao professor. Neste tipo de aulas à distância, como se processa a interação dos alunos com o professor?

Pela forma como eles respondem no chat, dá logo para perceber se eles estão bem ou se não estão bem ou ainda se os alunos não respondiam.

**- Considera que é possível trabalhar as aprendizagens de competência sócio afectivas num ambiente de ensino a distância? Por favor, justifique a sua resposta.**

Aquilo que for possível acho que é muito pouco no entanto consegue-se, apesar de abertura não ser igual à do ensino presencial (É possível mas mais difícil e complicado do que no presencial).

**- No ensino a distância, verificam-se situações de indisciplina por parte dos alunos?**

Eu ouvi lá (EDI), na minha experiência não havia indisciplina: Indisciplina propriamente dita não, havia dias que a aluna não cria grandes conversas, mas havia em turmas de maior dimensão, não por experiência própria (só tinha uma aluna) mas por aquilo que ouvia de outras colegas.

## **Bloco 7 - Gestão e implementação do currículo escolar**

**- No Projecto EDI as estratégias metodológicas adoptadas no ensino a distância para a aquisição das aprendizagens indicadas no currículo nacional são diferentes às utilizadas no ensino regular (presencial)? Em caso afirmativo, indique algumas dessas estratégias?**

Tive que alterar as minhas estratégias metodológicas (recursos) apesar de também no presencial eu ter preparar os materiais caso surgisse algum imprevisto. Utilizava praticamente os mesmos materiais do presencial no ensino à distância mas no presencial havia mais diálogo com os alunos (questões colocadas pelos alunos).

**- Como é que são avaliados os alunos do Projecto EDI?**

No meu caso eu fazia as fichas, as actividades e depois ela tinha que fazer um teste final ou dois dependia do tamanho do módulo para além daqueles trabalhos práticos que lhe pedia. Utilizava os mesmos critérios de avaliação que os do ensino presencial excepto na percentagem atribuída, ou seja, na sua participação e realização dos trabalhos pedidos.

## **Bloco 8 - Tutoria**

**- Como é que funcionam as aulas de tutoria?**

Na minha opinião a tutoria era uma aula não só de apoio mas como é que está a decorrer a escola.

**- Os seus alunos costumam contactá-la/lo para tirarem dúvidas, pedir-lhe ajuda para os trabalhos ou outra situação depois das aulas?**

Não, às vezes falávamos através da directora de turma.

### **Bloco 9 - Relação com os Encarregados de Educação**

#### **- Como é que se processa a comunicação dos professores/Tutor com os encarregados de educação?**

Sempre que tinha alguma questão ou falava com a Patrícia, com a Andreia ou com a director de turma.

### **Bloco 10 - Agradecimentos**

- Agradecer a participação, colaboração e disponibilização do entrevistado.